

Canindé

Revista do Museu de Arqueologia de Xingó

Canindé

Revista do Museu de Arqueologia de Xingó

Nº 5

2005



MAX

MUSEU DE ARQUEOLOGIA DE XINGÓ

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE

PETROBRAS

CHESF

EDITORIAL

O Museu de Arqueologia de Xingó, continuando a desempenhar seu papel de estimulador e de difusor da cultura arqueológica em sua região e no país, lança o segundo número de sua revista CANINDÉ.

xxxxxxxxxxxxxxxxxx

Canindé

Revista do Museu de Arqueologia de Xingó

EDITOR

José Alexandre Felizola Diniz

MAX, Universidade Federal de Sergipe

COMISSÃO EDITORIAL

Albérico Queiroz	UNICAP
Ana Lúcia Nascimento	UFRPe
André Prous	UFMG
Aracy Losano Fontes	UFS
Beatriz Góes Dantas	UFS
Cláudia Alves Oliveira	UFPe
Emílio Fogaça	UCG
Gilson Rodolfo Martins	UFMS
José Alexandre F. Diniz Filho	UFG
José Luiz de Moraes	MAE/USP
Josefa Eliane de S. Pinto	UFS
Márcia Angelina Alves de Souza	MAE/UDP
Maria Cristina de O. Bruno	MAE/USP
Marisa Coutinho Afonso	MAE/USP
Pedro Augusto Mentz Ribeiro	LEPAN/FURG
Pedro Ignácio Schmitz	IAP/RS
Sheila Mendonça de Souza	FIOCRUZ
Suely Luna	UFRPe
Tânia Andrade Lima	M.N/UFRJ

Pede-se permuta
Ou demande l'échange
We ask for exchange
Pede-se canje
Si richiede lo scambo
Mann bitted um austausch

Home Page: www.museuxingo.com.br

E-mail: paxingo@se.ufs.br

A revisão de linguagem, as opiniões e os conceitos emitidos
nos trabalhos são de responsabilidade dos respectivos autores.

SUMÁRIO

Editorial	5
-----------------	---

ARTIGOS

OS RITUAIS FUNERÁRIOS DOS CEMITÉRIOS. D E C – SÍTIO JUSTINO, CANINDÉ DE SÃO FRANCISCO, ÁREA ARQUEOLÓGICA DE XINGÓ, SERGIPE	11
Vergne, Cleonice	

HUNTER-GATHERER ARCHAEOLOGY INSOUTH AMERICA. ...	51
Vivian Scheinsohn	

REGISTROS RUPESTRES: CONSTRUÇÃO DE TERRITÓRIOS E APROPRIAÇÃO DE ESPAÇO NA PRÉ-HISTÓRIA	83
Daniel de Castro Bezerra	
Gilson Rodolfo Martins	

BREVE REFLEXÃO ACERCA DA IDENTIDADE CULTURAL: A QUESTÃO PATRIMONIAL NO BRASIL E EM SERGIPE	147
Fábio Silva Souza	

RECORRÊNCIAS E MUDANÇAS NO SISTEMA TECNOLÓGICO DO SÍTIO REZENDE, MÉDIO VALE DO PARANAÍBA, MINAS GERAIS – ESTUDO DE VARIABILIDADE ESTILÍSTICA NOS HORIZONTES LÍTICOS DOS CAÇADORES-COLETORES E AGRICULTORES CERAMISTAS	163
Marcelo Fagundes	

SÍTIO DE ÁGUA LIMPA, MONTE ALTO, SÃO PAULO: ESTRUTURAS FUNERÁRIAS E AVALIAÇÃO RADIOLÓGICA DE OSSOS HUMANOS	207
Márcia Angelina Alves	
Antônio Gelis Filho	
Leandro Pellarin	

INSTRUÇÕES PARA OS AUTORES.....	233
---------------------------------	-----

ARTIGOS

OS RITUAIS FUNERÁRIOS DOS CEMITÉRIOS D E C – SÍTIO JUSTINO, CANINDÉ DE SÃO FRANCISCO, ÁREA ARQUEOLÓGICA DE XINGÓ, SERGIPE

VERGNE, CLEONICE*

ABSTRACT

This paper presents the main data about the C and D cemetery showed up in the excavations from Justino site, Canindé de São Francisco, Sergipe, Brazil. Our aim is to demonstrate the mortuary practices and the variability in the way that these groups realized their burial rites. The cemetery D represents hunter gatherers occupations and the cemetery C indicates the more stable occupation, probably from ceramist people.

Palavras-chaves

Práticas mortuárias - sepultamentos – variabilidade – cultura material

* Doutora em Arqueologia MAE/USP. Arqueóloga do Museu de Arqueologia de Xingó/UFS. Este artigo é parte da tese de doutorado intitulada: “Arqueologia do Baixo São Francisco: estruturas funerárias do sítio Justino – região de Xingó, Canindé de São Francisco, Sergipe”; apresentada ao programa de pós-graduação do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo, sob orientação do Prof. Dr. José Luiz de Moraes. Arqueóloga do Museu e Arqueologia de Xingó.

ABORDAGENS TEÓRICAS SOBRE OS RITUAIS FUNERÁRIOS EM ARQUEOLOGIA

O estudo das práticas mortuárias tem recebido a atenção de vários pesquisadores, sobretudo apresentando métodos plausíveis de decodificação e interpretação dos rituais funerários envolvidos, desse modo viabilizando a compreensão dos sistemas sociais dos grupos pré-históricos (Saxe 1970; Brown 1971; Binford 1971; Tainter 1977, O'Shea 1984; Bartel 1982, entre outros).

De qualquer forma acaba sendo senso comum que as práticas mortuárias e os rituais envolvidos expressam os símbolos das diferentes culturas, sendo possível o arqueólogo compreender parte desse sistema por meio do exame minucioso de itens como: densidade demográfica dos sepultamentos; posição do corpo; direcionamento do crânio e da face; local e espaço ocupado pelo sepultamento; patologias; e cultura material associada (mobiliário funerário).

De qualquer forma, como salientado por Aguiar, “(...) a morte, como um fenômeno universal apresenta-se sob aspectos culturais diversos, através dos quais pode-se levantar hipóteses sobre algumas informações da organização social das populações pré-históricas (Aguiar 1986:08). Portanto, a morte em si pode ser considerada uma **construção social**, na medida em que cada sociedade a interpreta de uma maneira distinta, elabora perceptos e conceitos sobre suas causas¹, concede aos mortos distinções pelo papel social que assumiram em vida, refletindo de certa forma os modelos sócio-culturais de um grupo.

Outrossim, a morte e os rituais deflagrados pela “perda” de um membro do grupo são responsáveis pela organização de um novo contexto no seio social, principalmente quando o indivíduo em questão assumia um papel de destaque dentro dos sistemas reguladores, seja político, econômico-produtivo ou sócio-cultural.

O mesmo pode-se dizer sobre a maneira pela qual os enterramentos dos membros de uma comunidade são realizados, isso em relação ao tempo despendido, rituais envolvidos, cultura material associada, tipos de sepultamento etc.

Para O'Shea (1984) todo grupo humano apresenta um modo ca-

¹ Entre os Krahó estudados por Carneiro da Cunha (1975) a morte pode ser causada por três fatores: doença, feitiço ou acidente.

racterístico de enterrar os seus mortos, expressando em meio a um contexto simbólico as relações de ordem social, cultural, histórica e econômica. Do mesmo modo, Sene (1989) acredita que os rituais funerários constituem uma maneira de “renovação social”, um meio que a sociedade encontra para reiterar e reforçar seus valores, regras e costumes.

“(...) os rituais funerários constituem uma verdadeira renovação da sociedade, são ocasiões quando se reforçam as relações entre os membros da comunidade, se reiteram através de representações simbólicas, os aspectos primordiais que justificam a existência do grupo, a fim de mantê-los e reforçá-los” (Sene 1998: 90).

Neste sentido, os rituais funerários refletem as estruturas sociais de um grupo distinto, trazendo consigo traços e características que indicam ao arqueólogo a possibilidade de compreensão da organização social e do universo simbólico dessas sociedades (Cf. Binford 1971; O’Shea 1981; Bartel 1982; Aguiar 1986; Torres 1997; Sene 1998; Monteiro da Silva 2001).

O trabalho de L. R. Binford (1971) sobre a interpretação arqueológica das práticas mortuárias talvez seja uma das mais significativas bases teóricas sobre o assunto para a Arqueologia, tendo grande influência na literatura sobre o assunto (Cf. Bartel 1982).

O autor indica a possibilidade de compreensão do “grau” de complexidade social, distinção social (hierarquização), além de outros fatores de cunho cultural, por meio do exame dos sepultamentos, tendo em vista que o seu caráter simbólico, aliado às características do enterramento (posição do corpo, tipo de cova e acompanhamentos funerários) é possível a compreensão de uma parcela importante da organização social e cultural do grupo em questão².

Para tal, Binford utiliza como categorias analíticas os seguintes pontos:

- Causa da morte;

² Entre os Canela, conforme estudo de Carneiro da Cunha, “(...) a movimentação ritual gerada por uma morte é proporcional à importância social do defunto” (Carneiro da Cunha 1975: 99).

- Localização do corpo;
- Sexo;
- Idade;
- Posição;
- Afiliação social.

Neste caso, há possibilidade empírica de compreensão das estruturas sociais (pelo menos parcialmente), além disso, por meio da observação assídua do ritual mortuário (o que equivale a dizer, utilizando-se de todas as variáveis possíveis de observação arqueológica), somos capazes de indicar características importantes da organização social e da dinâmica do sistema cultural de um grupo, haja vista que a quantidade e complexidade dos procedimentos executados pelos membros do grupo social para a execução de um funeral refletem pontos decisivos para compreensão das relações entre estes membros: cooperação, reciprocidade, distinção social e política, divisão sexual etc (Binford 1971:17).

As práticas funerárias (ou ritos mortuários) trazem consigo um número significativo de atos simbólicos que foram empregados pelo grupo, enraizados dentro do sistema sócio-cultural e, justamente por isso, utilizado distintamente de sociedade para sociedade e elucidando traços importantes da organização social de um grupo, ou seja “(...) *grupos podem compartilhar os mesmos símbolos mortuários, mais empregá-los de forma antagônica, isto é, um grupo crema seus chefes e outro crema seus criminosos*” (Binford 1971:16). Como trazem os restos materiais desse processo, podem ser decodificadas e interpretadas arqueologicamente. Logo, podemos considerar que as práticas mortuárias se enquadram dentro de estudos que pretendem decodificar as estruturas sociais de um grupo, compreendendo aspectos caros relativos aos sistemas social e produtivo, mitos, papéis sociais, cultura, universo simbólico etc (Saxe 1970; Van Gennerp 1970; Binford 1971).

Enfim, acreditamos que realmente exista uma correlação entre a complexidade da estrutura social e o enredamento do tratamento mortuário (Cf. Binford 1971). Tal ocorrência, como veremos, existe no registro arqueológico do sítio **Justino**. Além disso, como salientado por Tainter (1978), podemos indicar que os rituais funerários são acontecimentos específicos dentro do modo de vida dos grupos pré-históricos, momentos pelos quais é despendido um grau maior de energia a fim de que, como salientado por Sene (1998), haja uma reafirmação dos laços sociais que

estruturam a vida em grupo.

Assim, após minucioso exame de todos os enterramentos do **Justino**, chegamos à conclusão de que é possível dentro do rigor científico indicar padrões nos rituais funerários capazes de elucidar o modo de vida das populações pretéritas, evidenciando fatos relacionados a:

- Complexidade social e sistema produtivo (Cf. Binford 1971);
- Diferenciação social entre os indivíduos sepultados (Cf. Binford 1971; Saxe 1971; Tainter 1977; Aguiar 1996; Sene 1998; entre outros);
- Diferenciação etária e sexual;
- Organização social do grupo na medida em que, após avaliadas as variantes acima citadas, poderemos inferir sobre as relações de reciprocidade, tipos de rituais praticados, organização social tecnológica (via estudo da cultura material associada aos sepultamentos), entre outros tantos aspectos caros à observação arqueológica.

OS RITUAIS FUNERÁRIOS NO SÍTIO JUSTINO

O registro arqueológico do sítio Justino sugere que os grupos humanos de Xingó praticavam rituais funerários em áreas previamente estabelecidas, escolhendo para cada indivíduo uma modalidade e um tipo de complemento mortuário com a finalidade simbólica de definir os graus da estrutura social, fato que vai ao encontro as muitas evidências arqueológicas empiricamente comprovadas por pesquisas em todo o mundo (Vide ex. Binford: 1971; O'Shea 1984).

Binford (1971) afirma que um grupo social responde de forma diversificada à morte, de modo que, os rituais funerários estariam intimamente ligados ao *status social* do morto em vida. Outrossim, para o referido autor, existem três variáveis possíveis que diferenciam os enteramentos: sexo; diferenciação por idade; status e filiação social.

De modo geral, essas três categorias analíticas podem vir combinadas com outras de ordem secundária, dando corpo às diferenças prováveis do registro arqueológico. Cabe ressaltar, entretanto que, segundo o grau de importância social do morto, maior será o envolvimento da sociedade nos preparativos e desencadeamento do ritual funerário (Binford 1971: 222).

Para explicar a variabilidade dentro desses rituais, Binford vincula

ao sistema cultural, determinado por mudanças no contexto social e natural, dessa forma, não relacionado exclusivamente à difusão (Binford 1971: 117).

A variabilidade foi um dos pontos cruciais de nossa pesquisa, na medida em que há padrões de diferença nos quatro horizontes aqui identificados, que, entretanto, a diversidade é vista de modo sutil. Temos como exemplo o fato de por maior que fosse a quantidade de sepultamentos nos níveis ceramistas, não houve sobreposição das sepulturas, o que denota um conhecimento particular da existência das demais, seja por marcas deixadas na superfície, seja por uma forte tradição oral.

Logo, entre os fatores aqui valorizados podemos citar:

- Estudo detalhado dos vestígios coletados que compõem o mobiliário funerário da coleção osteológica humana podendo estabelecer conclusões consistentes acerca das populações pré-históricas de Xingó.
- Observação da localização do mobiliário funerário e os aspectos morfológicos, bem como a relação das modalidades de enterramento do esqueleto;
- Estabelecer modelos desses grupos tendo em vista a disponibilidade de um acervo numeroso que possui uma cronologia contínua, o que permitiu estabelecer um quadro referencial.
- Identificar as particularidades a partir da cronologia, tomando-se especial cuidado na verificação dos estágios de sofisticação, de maneira a estabelecer o ritual que caracteriza cada período. As observações serão tomadas individualmente, para cada enterramento, e posteriormente serão integradas, de modo a permitir a interpretação conjunta.

O sítio Justino conta com **167 sepultamentos** divididos em quatro cemitérios cronologicamente espaçados uns dos outros, que convencionamos chamar de³:

- a) Cemitério A – referente às populações ceramistas semi-sedentárias (decapagem 04 a 08), que ocuparam o terraço entre $1.280 \pm$

³ As datações foram realizadas pelo método C14, proveniente de carvão das fogueiras associadas aos sepultamentos.

45 A.P. e 2530 ± 70 A.P.;

- b) Cemitério B – também referente às populações ceramistas semi-sedentárias (decapagens 09 a 14), que ocuparam o terraço entre 2650 ± 150 A.P. e 3270 ± 135 A.P.;
- c) Cemitério C – outra ocupação ceramista semi-sedentária (decapagens 16 a 28), que ocuparam o terraço entre 4790 ± 80 A.P. e 5570 ± 70 A.P.
- d) Cemitério D – ocupação de caçadores-coletores (decapagens 43 a 52), que estiveram no terraço em uma faixa temporal entre 8950 ± 70 A.P.

Desse modo, tendo essas realidades completamente distintas entre os diferentes solos de ocupação, cada cemitério foi analisado separadamente para que, no final, pudessemos verificar a existência ou não de similaridades nos rituais funerários.

Entretanto, nossa maior preocupação foi estabelecer condições empíricas que nos proporcionassem a compreensão de elementos relacionados à organização social dos grupos pré-históricos que ocuparam o Justino.

As categorias analíticas por nós utilizadas foram as seguintes:

- **Idade dos esqueletos** - como nem sempre dispomos de condições para determinar com exatidão a idade em que houve o óbito, classificamos os esqueletos⁴ em: a) crianças (até aproximadamente 15 anos); b) adultos jovens (até aproximadamente 34 anos); c) adultos (acima de 35 anos).
- **Sexo** – nessa categoria os esqueletos foram classificados em: a) masculino; b) feminino; c) indeterminados, quando não foi possível a classificação.
- **Cultura material associada** – todo o material (lítico, cerâmico, ósseo etc) associado aos sepultamentos foi analisado de forma que pudessemos compreender se essa associação poderia estar vinculada: a) distinção social do indivíduo; b) distinção por idade; c) distinção por sexo; d) distinção por condição de saúde, etc.
- **Material zooarqueológico** – em muitos sepultamentos foram

⁴ Baseado nas informações da Profa. Ms. Olívia Alexandre de Carvalho (comunicação pessoal).

evidenciados vestígios de fauna (aves, uma espécie de furão etc). Nossa intenção foi compreender por que esses vestígios são evidenciados em alguns sepultamentos e não em outros.

- **Patologias** - apesar de não ser o fulcro de nosso trabalho, algumas patologias serão apresentadas a fim de obter dados que permitam compreender características culturais do grupo vinculadas a hábitos alimentares, doenças ósseas e dentárias etc.

Essas categorias nos possibilitaram compreender parte do modo de vida dos antigos habitantes do sítio Justino. Neste artigo, entretanto, apresentaremos os dados provenientes das análises dos vestígios culturais associados aos sepultamentos dos cemitérios D e C.

CARACTERIZAÇÃO GERAL DOS CEMITÉRIOS D E C

O **cemitério D** se diferencia muito dos demais evidenciados no sítio Justino. O número de sepultamentos é bem menor, as sepulturas aparecem de maneira mais ou menos espaçada pela área. Concentram-se, preferencialmente, entre as quadrículas FL/41-45; FL/46-50 e AE/41-45; AE/46-50. Não há registro de sepultamentos na mesma camada (como nos demais cemitérios).

Nesse conjunto, portanto, há um padrão espacial disperso e aleatório para os sepultamentos. Logo, há várias hipóteses a serem suscitadas, entre elas que o sítio fosse uma área de passagem, onde os padrões culturais foram mantidos, relacionados à maneira pela qual ritualisticamente o grupo enterrava seus mortos, mas não há subsídios para afirmarmos que haveria um uso concentrado do espaço para tal atividade.

O cemitério seguinte (**C**) está localizado entre as camadas 28 e 15, distribuindo-se entre as quadrículas AE-FL 11/41 e MS 31/41, ocupando quase toda área do sítio entre os quadrantes norte e sul.

Este se inicia no período de transição entre as ocupações pré-cerâmicas e ocupações cerâmicas. Tal prerrogativa também pode ser funda-

Tabela 01 – Orientação do crânio e face dos sepultamentos do cemitério D:

Sepultamento	158	163	160	161	159
Ordem do sepultamento	1	2	3	4	5
Camada de localização	43	47	48	51	52
Crânio	SE	SE	SE	N	NO
Face	NE	NO	NO	SO	NE

mentada pelas associações entre os tipos de sepultamento e a cultura material agregada a eles. Entretanto, o uso do espaço a partir desse cemitério passa a ser padronizado dentro das estruturas culturais do grupo, isto é, o grupo passa a sistematizar a delimitação e o uso de uma área específica para a realização de seus rituais funerários, se assim podemos nos referir.

Está constituído por cinco conjuntos, separados e com poucos enteramentos distribuídos espacialmente seguindo linhas curvas. Partindo da camada mais profunda, esse conjunto inicia com quatro sepulturas. Nas camadas seguintes apresenta crescimento, recebendo mais onze sepulturas e uma concentração de ossos e depois dezoito sepulturas e duas concentrações de ossos. Na última camada dessa estrutura tem-se uma redução, apresentando apenas três sepulturas e duas concentrações de ossos. Assim, os conjuntos estão organizados da seguinte forma:

- **Conjunto 01** – formado pelos sepultamentos 77 (sexo indeterminado/adulto), 78 (sepultamento triplo, todos adultos, sendo 01 de sexo indeterminado, 01 feminino e 01 masculino), 79 (criança de sexo indeterminado) e 125 (sexo indeterminado adulto);
- **Conjunto 02** – formado pelos sepultamentos 84 (indeterminado criança), 83 (masculino adulto), 120 (criança indeterminado), 121 (indeterminado adulto), 134 (feminino adulto), 122 (secundário duplo, sendo 01 adulto de sexo feminino e uma criança indeterminada), 123 (feminino adulto), 124 (indeterminado criança) e 97 (masculino adulto, sendo esse mais afastado de todo conjunto).
- **Conjunto 03** – formado pelos sepultamentos 128 (masculino adulto), 129 (secundário duplo, sendo um indivíduo de sexo indeterminado adulto e uma criança também de sexo indeterminado), 133 (indeterminado adulto), 107 (masculino adulto), 96 (mascu-

lino adulto), 130 (indeterminado adulto), 105 (masculino adulto), 106 (indeterminado adulto), 136 (indeterminado criança) e 115 (indeterminado criança).

- **Conjunto 04** – formado pelos sepultamentos 144 (masculino adulto), 143 (indeterminado adulto), 145 (indeterminado adulto), 146 (indeterminado adulto), 148 (indeterminado criança), 151 (indeterminado adulto), 149 (feminino adulto) e 135 (indeterminado adulto).
- **Conjunto 05** - 108 (masculino adulto), 126 (feminino adulto) e 127 (masculino adulto).
- O sepultamento 147 encontra-se totalmente isolado dos conjuntos, na decapagem 15, sendo o único sepultamento representando a transição do cemitério C para o B.
- O mesmo ocorre com os sepultamentos 157 e 162 que mediante a sua localização estratigráfica (o primeiro camada 25 e o segundo camada 28) não se enquadram dentro dos conjuntos.

Em relação à cronologia, uma fogueira na camada 30 foi datada de 5570 ± 70 (Beta 86744), estratigraficamente abaixo dos sepultamentos, outra fogueira na camada 20 datada de 4380 ± 70 (Beta 86741) encontrando-se estratigraficamente em posição intermediária em relação a eles.

Outrossim, os materiais arqueológicos estão representados por peças líticas (lascadas e polidas), vasilhames cerâmicos completos e fragmentos (simples e decorados, estes últimos muito requintados), conchas, restos faunísticos, fogueiras e manchas escuras associadas a restos alimentares, que podem ser encontrados em camadas abaixo e acima dos sepultamentos.

Da camada 23 a 16, observa-se um aumento progressivo e contínuo da quantidade do material arqueológico acima citado, acompanhando o aumento do número de sepulturas no terraço.

As sepulturas de número 162 e 157 encontram-se estratigraficamente muito abaixo do ápice de enterramentos do cemitério C. A de número 157 é típica de grupos ceramistas. Já a 162 é típica dos enterramentos dos grupos de caçadores-coletores, é um sepultamento primário infantil (com idade entre 04 e 05 anos), localizado na camada 28, com presença de 06 vestígios líticos, a saber:

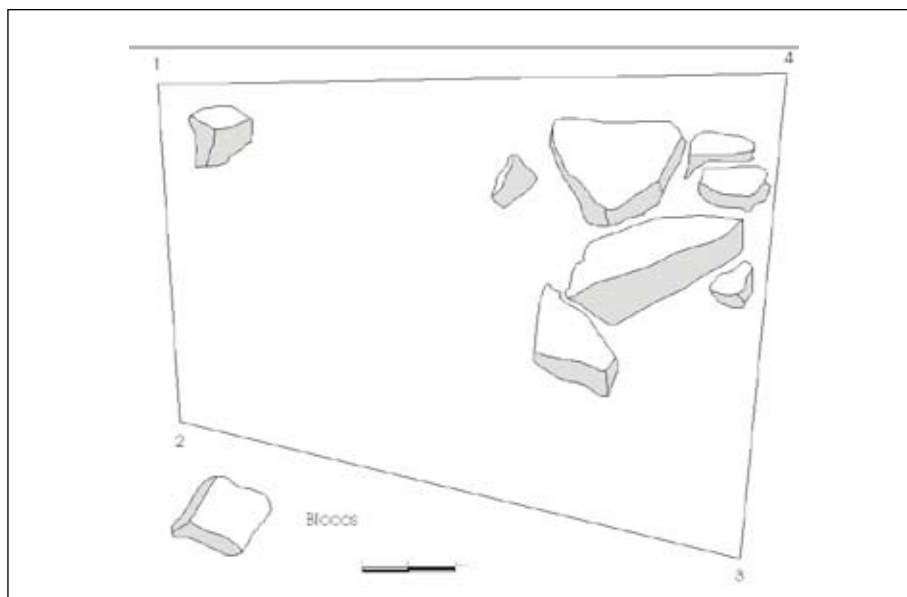


Figura 01 – Fogueira 18 – decapagem 29:

- 01 lâmina de machado polido de hematita;
- 01 recipiente de preparação de pigmento vermelho (óxido de ferro) de granito;
- 01 núcleo de quartzo;
- 01 raspador de quartzo;
- 02 raspadores de sílex.

Este sepultamento pode representar grupos tardios de caçadores-coletores na área. Por outro lado, alguns raros fragmentos de cerâmica, localizados entre as camadas 32 e 24 podem representar as incursões dos primeiros ceramistas que viriam a utilizar o terraço do Justino como cemitério e habitação. Ou mesmo grupos que teriam a cerâmica como um traço cultural menos preponderante.

METODOLOGIA DE ANÁLISE DA CULTURA MATERIAL ASSOCIADA AOS SEPULTAMENTOS:

A cultura material associada aos sepultamentos foi analisada con-

forme seus atributos formais/tipológicos, categorias que permitiriam uma distinção entre os diversos artefatos integrados aos enterramentos. Cabe ressaltar que se trata de análises preliminares, sem a compreensão dos gestos técnicos (Leroi-Gourhan 1984 a, 1984 b) que levaram a cabo as distintas cadeias operatórias de cada conjunto (Balfet 1991; Creswell 1996; Fagundes 2004).

As categorias analisadas para cada conjunto artefactual respondem a princípios classificatórios, a saber:

- **Cultura material cerâmica** - Há dois tipos de materiais cerâmicos associados aos sepultamentos: o primeiro diz respeito aos *fragmentos*, sendo que tudo leva a crer que foram depositados já quebrados junto aos mortos, fato que pode indicar algum tipo de ritualidade ou conceitos não codificados pela análise arqueológica. Estes foram separados em bordas, bojos e bases. O segundo conjunto está constituído por vasilhames completos, daí indicarmos as suas formas (elipsóide, esférica, ovóide, globular etc). Além disso, como critério analítico foi observada a decoração plástica de cada fragmento e dos vasilhames completos, sendo novamente reagrupados em classes distintas, conforme o tratamento dado à superfície (alisado, corrugado, ponteadado, inciso, escovado, pintado, etc).

Em relação aos vasilhames completos observou-se que a grande maioria dos sepultamentos com essa ocorrência estão no cemitério B (71,42%), no A as peças completas acontecem em 23,80% dos sepultamentos e no C apenas em 4,76% dos casos⁵.

- **Material lítico lascado** - Basicamente foram utilizados critérios formais/tipológicos para classificar a cultura material lítica associada aos sepultamentos. Além disso, no material também foi considerado o tipo de matéria-prima (quartzo hialino, quartzo leitoso, sílex, arenito silicificado, quartzito, amazonita, pegma-

⁵ Os procedimentos de análise do material cerâmico foram aqueles utilizados no Laboratório de Pesquisas Arqueológicas do MAX/UFS.

tito, entre outros). Para a análise tipológica foram utilizados os critérios estabelecidos por Moraes (1983, 1987, 1988), sendo o material classificado em: lascas (brutas, utilizadas e retocadas), núcleos, blocos, seixos, batedores, mãos-de-pilão, resíduos, lâminas de machado, raspadores, choppers, chopping tools, ocre, etc⁶.

- a) **Material lítico polido** – diz respeito principalmente às lâminas de machado e aos tembetás, ambos classificados pelo tipo de matéria-prima e forma.
- b) **Adornos** – quando existentes (já que são raros nos sepultamentos) foram classificados pelo tipo de matéria-prima e tipologia (colares, pulseiras, contas, etc).
- c) **Material faunístico** - em muitos sepultamentos ocorreram associações com ossos animais que foram compreendidos como parte dos rituais funerários.

CULTURA MATERIAL ASSOCIADA NO CEMITÉRIO D

O cemitério D está constituído por cinco sepultamentos, a saber:

- Dois masculinos (adultos jovens);
- Um masculino com idade superior a 35 anos;
- Um feminino (adulto jovem),
- Um feminino (adulto com idade superior a 35 anos).

Este é o cemitério que apresenta as maiores rupturas em relação às práticas mortuárias executadas nos anteriores, já que nele existem peculiaridades que expressam claramente que os padrões utilizados para execução dos rituais funerários são outros em referência aos utilizados pelos grupos ceramistas. Por exemplo, o enterramento com presença de maior número e diversidade de cultura material é 161, cujo indivíduo é do **sexo feminino adulto**. Nos cemitérios A, B e C os sepultamentos que continham maior complexidade em relação à cultura material associada eram os masculinos com idade superior a 35 anos.

⁶ A análise do material lítico foi revisada pelo Prof. Ms. Marcelo Fagundes.

Trabalhamos com a hipótese de que as práticas mortuárias elucidam pontos importantes da organização social de um grupo, na medida em que trazem consigo restos materiais desse processo, fato que nos permite interpretar arqueologicamente estes resultados materiais.

Além disso, percebemos que o registro evidenciado no cemitério D enquadra-se nos pressupostos de Binford (1971), quando afirma que em sociedades de caçadores-coletores, mais igualitárias, os enterramentos são mais similares em relação ao tratamento dado ao morto.

Para o referido autor, em grupos menos complexos a estrutura do mobiliário funerário e dos rituais envolvidos centra-se nas diferenças do sexo, idade ou no papel do indivíduo dentro do sistema produtivo (Binford 1971:20), adicionaríamos mitos, crenças, universo simbólico, estruturas de parentesco entre outros fatores essenciais dentro da organização social de um grupo.

Logo, pudemos observar que nos sepultamentos do cemitério D, as diferenças relacionadas ao mobiliário funerário são muito sutis. Nota-se que nos seis sepultamentos desse conjunto, os mortos apresentam em seus enterramentos cultura material muito similar, a saber:

- Presença de lâminas polidas em todos os sepultamentos;
- Presença de núcleos em todos os sepultamentos;
- Presença de ocre em todos os sepultamentos;
- Presença de artefatos (raspadores e lascas retocadas) em todos os sepultamentos;
- Os tembetás em amazonita ocorrem exclusivamente nos sepultamentos femininos;

Assim, os enterramentos femininos são os que apresentam maior quantidade e diversidade de cultura material, sobretudo o 161. De qualquer modo, cabe ressaltar que há presença dos elementos diferenciadores em todos os enterramentos; a diferença entre eles estaria vinculada sobretudo à quantidade de material.

CULTURA MATERIAL ASSOCIADA NO CEMITÉRIO C

Este cemitério está constituído por 37 enterramentos, dos quais 33 são individuais, 03 duplos e 01 triplo.

Tabela 02 – Sepultamentos do cemitério D:

Sep	Total de Vestígios	Cultura de Material Associado
160	21	01 colar branco, 02 ocre, 02 raspadores em sílex, 02 lascas retocadas em sílex, 01 lasca bruta em quartzo, 01 lasca retocada em quartzito, 01 raspador em arenito silicificado, 02 raspadores em quartzito, 03 núcleos em quartzo, 03 batedores em quartzito, 01 lâmina polida em granito, 01 tembetá em amazonita e 01 recipiente.
161	27	03 raspadores em sílex, 01 lâmina polida em quartzito, 01 bigorna em granito, 01 bigorna em quartzito, 01 núcleo em granito, 01 núcleo em sílex, 01 lasca retocada em quartzo, 01 lasca bruta em granito, 01 lasca retocada em granito, 01 lasca bruta em quartzo, 01 chopper em quartzo, 01 bloco em granito, 03 batedores em quartzo, 01 batedor em arenito, 02 resíduos em sílex, 01 tembetá amazonita, 02 ocre, 01 alisador, 01 lasca utilizada em quartzo, 01 lasca retocada em sílex e 01 lasca bruta em granito.
158	18	03 lascas brutas em quartzo, 01 lasca bruta em arenito silicificado, 02 lascas brutas em sílex, 01 batedor em arenito silicificado, 01 raspador em sílex, 01 batedor em quartzo, 01 chopping tool em arenito silicificado, 01 batedor em granito, 01 ocre, 01 chopping tool em sílex, 01 raspador em quartzo, 01 núcleo em sílex, 02 lâminas polidas em granito e 01 lasca retocada em sílex.
159	20	01 batedor em granito, 04 lascas retocadas em quartzo, 01 lasca bruta em quartzo, 01 núcleo em sílex, 03 núcleos em quartzo, 04 batedores em quartzito, 01 lâmina polida em quartzito, 01 batedor em arenito silicificado, 01 cabo de machado em granito, 02 raspadores em sílex, 01 ocre e 01 lasca bruta em quartzito.
163	10	02 lascas brutas em sílex, 02 lascas brutas em quartzo, 01 raspador em quartzo, 01 núcleo em sílex, 01 resíduo em quartzo, 01 lâmina polida em granito, 01 batedor em arenito e 01 ocre.

Neste cemitério existem alguns casos onde notoriamente há distinção social (tendo como base a cultura material depositada junto aos enterramentos). Entretanto, entre as diferentes classes de idade e sexo esta característica não fica tão óbvia. Nos sepultamentos infantis, por exemplo, nos cemitérios A e B era clara a posição que estes ocupavam na organização social dos grupos, seus enterramentos eram mais simples, com poucos vestígios (tanto em número quanto na variedade); no cemitério C, no entanto, não há distinção entre os infantis e dos jovens adultos.

Os sepultamentos infantis do cemitério C:

No cemitério C há 13 sepultamentos infantis (entre 0 e 14 anos), sendo que um trata-se de um enterramento secundário (nº124).

A análise da cultura material associada aos sepultamentos demonstra que nesse subgrupo há uma maior diversificação de vestígios (tanto numericamente quanto a morfologia/tipologia), que o distingue dos outros cemitérios de ocupação ceramista A e B.

É possível observar a presença dos elementos diferenciadores⁷ em 75,0% dos casos, que apresentam cachimbos, ocre, núcleos, adornos corporais, mãos-de-pilão etc.

Em todos os enterramentos foram registradas as presenças de fragmentos cerâmicos, na maioria decorados, sendo que apenas no sepultamento 106 não houve registro de peça com decoração (apenas fragmentos alisado/alisado). Não houve registro de vasilhames completo.

O enterramento 147 entre todos é o que apresenta o mais diversificado mobiliário funerário e diferencial no tratamento do corpo do cadáver. Trata-se de um sepultamento primário individual com idade entre 07 e 08 anos, em posição decúbito dorsal, com membros inferiores levemente flexionados, crânio voltado para leste e face oeste. Além dos vestígios materiais comuns aos sepultamentos foram evidenciados ossos longos de aves ao lado do úmero esquerdo.

Outra característica diferenciadora desse enterramento foi que a

⁷ Convencionou-se de chamar de elementos diferenciadores aqueles itens da cultura material que são raros nos sepultamentos, encontrados em poucos mobiliários funerários.

própria deposição do corpo na fossa funerária foi um ato muito complexo: o crânio encontra-se na posição ântero-lateral e a caixa torácica horizontal; o esqueleto estava em decúbito lateral esquerdo, com membro superior direito alongado e antebraço parcialmente flexionado. As pernas estavam levemente dobradas, havendo diferença de nível entre os dois fêmures conectados à bacia.

Inegavelmente, as características desse enterramento indicam a possibilidade de diferenciação tanto em relação ao conjunto de que faz parte, como as demais que compõem esse cemitério.

Outra exceção diz respeito ao sepultamento 162, localizado na decapagem 28. Foi o último enterramento localizado desse cemitério, distante do cemitério D 15 decapagens. Trata-se de um sepultamento primário individual posição decúbito dorsal com os membros inferiores

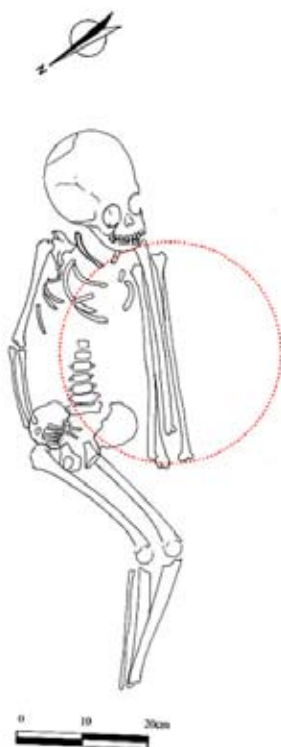


Figura 02 – Sepultamento 147:
Santiago/2004.

flexionados, localizado na quadrícula AE26/30 camada 28, sexo indeterminado, idade entre 5 a 6 anos, com orientação do crânio nordeste face noroeste.

Apresenta em seu mobiliário funerário um recipiente em granito relacionado à preparação de pigmento vermelho (óxido de ferro), lâmina polida em hematita, 02 lascas retocadas em sílex, 01 raspador em quartzo e 01 núcleo em quartzo, totalizando 06 vestígios, não apresenta vestígios cerâmicos. Difere-se dos sepultamentos desse cemitério tanto pela quantidade quanto pelos tipos de cultura material associados.

Várias hipóteses podem ser levantadas sobre esse sepultamento, entretanto a mais provável seja que se trate de um enterramento efetuado por um grupo de caçador-coletor tardio em período anterior à ocupação ceramista. Entretanto, para confirmação de tal fato devemos recorrer às análises tecnológicas do material lítico, compreendendo se há ou não variabilidade entre os conjuntos. Infelizmente este dado não fora possível constatar nesta tese.

Os sepultamentos de adultos jovens masculinos do cemitério C:

Esse subgrupo está composto por quatro indivíduos, dos quais dois são enterramentos primários e dois secundários.

Nos enterramentos secundários não houve uma preocupação com

Tabela 03 – Sepultamentos individuais infantis do Cemitério C:

Sep	Total de Vestígios	Cultura de Material Associado
147	15	03 lascas brutas em quartzo, 02 raspadores em sílex, 02 lascas retocadas em sílex, 01 ocre, 03 lascas retocadas em quartzo, 01 batedor em arenito silicificado, 01 Bracelete de Búzio, 01 Fragmento Bojo/Roletado/Alisado e 01 Fragmento Bojo/Corrugado/Alisado. Presença de ossos longos de ave.
106	22	01 lasca retocada em sílex, 03 lascas brutas em quartzo, 01 furador em quartzo, 01 raspador em quartzo, 01 núcleo em sílex, 01 Fragmento Bojo/Corrugado/Alisado, 01 Fragmento Bojo/Ponteador/Alisado, 01 Fragmento Bojo/Inciso/Alisado, 01 Fragmento Base/Alisado/Alisado e 12 Fragmentos de Borda/Bojo/Base/Alisado/Alisado.

Tabela 03 – Sepultamentos individuais infantis do Cemitério C:

Continuação

Sep	Total de Vestígios	Cultura de Material Associado
148	12	01 lasca bruta em sílex, 01 raspador em sílex, 01 lasca bruta em quartzo, 01 lasca retocada em quartzo, 01 lasca bruta em sílex, 01 lasca retocada em sílex, 01 Fragmento Bojo/Alisado/Alisado, 01 Fragmento Base/Alisado/Alisado, 01 Fragmento Bojo/Escovado/Alisado, 01 Fragmento Bojo/Roletado/Alisado e 02 Fragmentos Bojo/Inciso/Alisado.
121	16	01 raspador em quartzo, 01 mão-de-pilão em quartzo, 02 lascas brutas em sílex, 01 lasca bruta em quartzo, 01 batedor em granito, 02 núcleos em quartzo, 01 raspador em sílex, 01 ocre, 01 afiador em arenito, 03 Fragmentos Bojo/Inciso/Alisado e 02 Fragmentos Bojo/Roletado/Alisado.
79	11	01 furador em sílex, 01 lasca retocada em quartzito, 01 lasca bruta em quartzito, 01 lasca retocada em sílex, 01 batedor em granito, 01 núcleo em sílex, 01 Fragmento Base/Alisado/Alisado, 01 Fragmento Bojo/Alisado/Alisado e 03 Fragmentos Bojo/Impresso/Alisado.
120	10	01 raspador em quartzo, 01 furador em sílex, 01 lasca bruta em sílex, 01 lasca bruta quartzo, 02 Fragmentos Base/Alisado/Alisado, 03 Fragmentos Bojo/Impresso/Alisado e 01 Fragmento Bojo/Inciso/Alisado.
130	16	01 lasca bruta em sílex, 01 lasca retocada em sílex, 01 polidor em arenito silicificado, 02 lascas em quartzo brutas, 01 raspador em sílex, 01 lasca retocada em quartzo, 05 Fragmentos Bojo/Roletado/Alisado, 01 Fragmento Bojo/Engobo Vermelho/Engobo Vermelho, 01 Fragmento Bojo/Alisado/Alisado e 01 Cachimbo.
84	08	01 lasca retocada em sílex, 01 lasca retocada em quartzo, 01 lasca em quartzo, 01 Fragmento Borda/Alisado/Alisado, 02 Fragmentos Borda/Alisado/Engobo Vermelho, 01 Fragmento Bojo/Inciso/Alisado e 01 Fragmento Bojo/Escovado/Polido.

Tabela 03 – Sepultamentos individuais infantis do Cemitério C:

Continuação

Sep	Total de Vestígios	Cultura de Material Associado
133	14	01 lasca retocada em quartzo, 01 raspador em sílex, 03 lascas brutas em quartzo, 01 Fragmento Bojo/Base/Alisado/Alisado, 02 Fragmentos Bojo/Alisado/Alisado, 01 Fragmento Bojo/Impresso/Alisado, 01 Fragmento Bojo/Roletado/Alisado, 01 Fragmento Bojo/Entalhado/Engobo Vermelho, 01 Fragmento Borda/Inciso/Alisado, 01 Fragmento Borda/Inciso/Ponteador/Engobo Vermelho e 01 Cachimbo.
136	14	01 lasca bruta em sílex, 02 lascas retocadas em sílex, 01 lasca bruta em arenito, 01 raspador em quartzito, 01 furador em quartzo, 03 lascas em quartzo, 01 Fragmento Bojo/Alisado/Alisado, 02 Fragmentos Bojo/Base/Alisado/Alisado, 01 Fragmento Borda/Escovado/Alisado e 01 Cachimbo.
157	13	01 lasca bruta em quartzo, 01 lasca bruta em arenito silicificado, 01 raspador em sílex, 01 furador em quartzo, 01 núcleo em quartzo, 01 pilão em granito, 01 mão-de-pilão em arenito silicificado, 01 Fragmento Base/Alisado/Alisado, 02 Fragmentos Bojo/Alisado/Alisado, 01 Fragmento Bojo/Impresso/Alisado e 02 Fragmentos Bojo/inciso/Alisado.
115	07	01 mão-de-pilão fragmentada em quartzo, 01 lasca em sílex, 01 lasca bruta em granito, 01 Fragmento Bojo/Alisado/Alisado, 01 Panela Borda/Bojo/Base/Alisado/Alisado, 01 Fragmento Bojo/Corrugado/Engobo Vermelho e 01 Fragmento Bojo/Roletado/Alisado.
124	05	01 lasca em granito, 01 lasca bruta em quartzo, 01 Fragmento Base/Alisado/Alisado, 01 Fragmento Base/Roletado/Alisado e 01 Fragmento Bojo/Impresso/Alisado.
162	06	01 recipiente em granito, 02 lascas retocadas em sílex, 01 lâmina polida em hematita, 01 raspador em quartzo e 01 núcleo em quartzo.

mobiliário funerário; junto ao morto foram depositados poucas peças líticas (geralmente lascas brutas em quartzos) e alguns fragmentos cerâmicos (tanto liso como decorados).

Nos sepultamentos primários, pelo contrário, há um enxoval funerário bem diversificado, com presença dos elementos diferenciadores (chopping tools, lâminas polidas, cachimbos, batedores, artefatos etc), em quantidade significativa.

Não há grandes mudanças na tipologia e número de vestígios materiais quando comparado às demais classes de sepultamentos desse cemitério, o que pode indicar uma menor hierarquização por sexo e idade em relação ao que foi verificado pela prática mortuária dos grupos anteriores.

Os sepultamentos de adultos jovens femininos do cemitério C:

Ao todo foram evidenciados 02 enterramentos femininos no cemitério C. São sepultamentos com enxoval funerário diversificado, porém

Tabela 04 - Sepultamentos de adultos jovens masculinos

Sep	Total de Vestígios	Cultura de Material Associado
108	12	01 lasca retocada em quartzo, 01 lâmina polida em quartzito, 02 lascas brutas em quartzo, 01 lasca bruta em sílex, 01 nucleiforme em quartzito, 01 nucleiforme em granito, 01 batedor em granito, 01 batedor em quartzo, 01 Fragmento Borda/Alisado/Alisado, 01 Fragmento Bojo/Alisado/Alisado, e 01 Fragmento Bojo/Impresso/Alisado.
107	12	04 lascas em quartzo todas brutas, 01 Fragmento Borda/Polido/Introvertida/Alisado, 01 Fragmento Bojo/Engobo Vermelho/Alisado, 01 Fragmento Bojo/inciso/Alisado e 05 Fragmentos Bojo/Impresso/Alisado.
144	11	03 lascas brutas em quartzo, 02 raspadores em sílex, 01 núcleo em quartzo, 01 mão-de-pilão de batedor em quartzo, 01 Fragmento Bojo/Polido/Polido, 01 Fragmento Bojo/Entalhado/Alisado, 01 Fragmento Borda/Corrugado/Alisado e 01 Cachimbo.
83	08	01 lasca retocada em quartzo, 01 lasca bruta em sílex, 02 lascas brutas em quartzo, 01 Fragmento Borda/Escovado/Alisado, 01 Fragmento Bojo/Escovado/Alisado, 01 Fragmento Bojo/Roletado/Alisado e 01 Fragmento Bojo/Engobo Vermelho/Engobo Vermelho.

sem grandes inovações quando comparado, por exemplo, aos sepultamentos infantis desta jazida ou aos da mesma classe nos cemitério A e B. Em relação aos sepultamentos masculinos também não há grandes diferenças, sendo que em um exercício dedutivo é muito complicado inferirmos o possível sexo do indivíduo tendo como base exclusivamente o mobiliário funerário.

Tabela 05 – Sepultamentos individuais femininos jovens do cemitério C:

Sep	Total de Vestígios	Cultura de Material Associado
134	14	01 furador em sílex, 01 batedor em quartzito, 01 núcleo em quartzo, 01 raspador em sílex, 02 batedores em granito, 01 lasca em arenito silicificado, 01 lasca em sílex utilizada, 01 bloco em pegmatito, 01 Fragmento Borda/Alisado/Alisado, 01 Fragmento Bojo/Alisado/Alisado, 01 Fragmento Borda/Extrovertida/Roletado/Engobo Vermelho, 01 Fragmento Bojo/Roletado/Alisado e 01 Fragmento Borda/Ponteado/Alisado.
126	13	01 furador em quartzo, 01 lasca bruta em sílex, 01 raspador em sílex, 01 lasca bruta em arenito silicificado, 02 lascas brutas em quartzo, 01 núcleo em sílex, 01 batedor em arenito, 01 Fragmento Borda/Alisado/Alisado, 02 Fragmentos Bojo/Alisado/Alisado, 01 Fragmento Bojo/Roletado/Alisado e 01 Fragmento Bojo/Escovado/Alisado.

Os sepultamentos de adultos jovens com sexo indeterminado:

Este conjunto está composto por 07 sepultamentos, sendo apenas um secundário (nº146), que, como os demais apresentam mobiliário funerário mais simples.

Em relação à observação empírica sobre os rituais funerários, via cultura material, não há como diferenças em relação às demais classes, isto quer dizer, numericamente são similares o mesmo ocorrendo com os tipos de vestígios. Cabe ressaltar que todos apresentam os elementos diferenciadores.

Em relação ao exercício de inferência de sexo por meio do enxoval fúnebre, por sua vez, graças à presença de lâminas polidas, distintivo

dos sepultamentos masculinos até então, podemos supor que os enterramentos 77, 125 e 151 são de indivíduos do sexo masculino.

Outro fato importante é a inexistência de cerâmica no enterramento 135, fato que até então não havia ocorrido. Trata-se de um sepultamento primário localizado na quadrícula FL/M36/40, camada 19, do tipo individual em posição de decúbito dorsal com os membros inferiores bem flexionados no sentido da bacia, com orientação do crânio norte face sul. Não houve nenhuma patologia clínica constatada ou qualquer outra característica que o diferenciasse do conjunto.

O sepultamento 77 apresenta características sutis que podem enquadrá-lo na categoria de indivíduos com idade superior a 35 anos. É um sepultamento primário em decúbito lateral esquerdo com membros inferiores flexionados, com direção do crânio nordeste e face sudeste. Não apresentou patologia ou qualquer outra característica diferenciadora.

Os sepultamentos de adultos masculinos com mais de 35 anos:

Este conjunto está composto por quatro sepultamentos; apenas o 128 é do tipo primário, todos os demais são secundários.

Os secundários, por sua vez, não apresentam grande diversidade no mobiliário funerário, estando este restrito a poucas peças sem a presen-

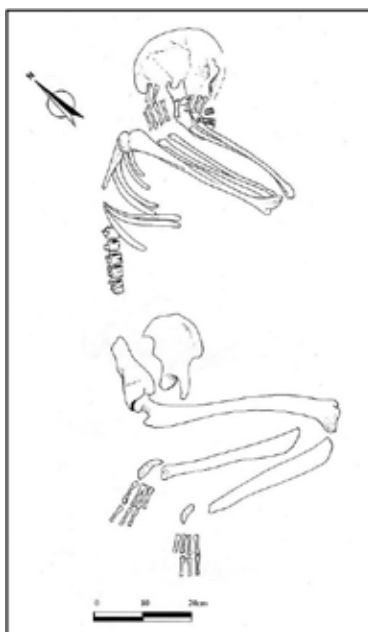


Figura 03 – Sepultamento 77:

Tabela 06 - Sepultamentos de adultos jovens com sexo indeterminado do cemitério C:

Sep	Total de Vestígios	Cultura de Material Associado
125	14	01 raspador em quartzo, 01 lasca bruta em sílex, 01 lâmina de granito, 02 furadores em quartzo, 02 lascas brutas em quartzo, 02 núcleos em quartzo, 01 afiador em arenito, 01 batedor em granito, 01 Fragmento Bojo/Alisado/Engobo Vermelho, 01 Fragmento Bojo/Inciso/Alisado e 01 Fragmento Borda/Roletado/Alisado.
135	11	01 polidor em quartzito, 01 raspador em sílex, 01 batedor em granito, 01 batedor em arenito, 01 lasca bruta em pegmatito, 03 lascas brutas em quartzo, 01 lasca retocada em quartzo e 01 núcleo em quartzo.
145	20	01 furador em sílex, 01 batedor em granito, 03 lascas brutas em quartzo, 02 raspadores em sílex, 01 núcleo em quartzo, 01 núcleo em sílex, 02 raspadores em quartzo, 01 Fragmento Bojo/Corrugado/Alisado, 01 Fragmento Borda/Entalhado/Alisado, 04 Fragmentos Bojo/Inciso/Alisado, 01 Fragmento Bojo/Inciso/Alisado, 01 Fragmento Bojo/Alisado/Alisado e 01 Cachimbo tubular.
77	20	01 lâmina polida em quartzito, 01 lasca em quartzito, 01 lasca bruta em granito, 01 lasca bruta em quartzo, 01 raspador em quartzo, 02 raspadores em sílex, 01 furador em quartzo, 01 batedor em granito, 03 Fragmentos Bojo/Alisado/Alisado, 03 Fragmentos Borda/Inciso/Alisado e 05 Fragmentos Bojo/Roletado/Alisado.
151	15	01 lasca em sílex, 01 lasca bruta em sílex, 03 lascas brutas em quartzo, 01 raspador em quartzo, 01 núcleo em quartzo, 01 batedor em quartzo, 01 lâmina polida em granito, 03 Fragmentos Borda/Alisado/Alisado, 01 Fragmento Bojo/Inciso/Alisado e 02 Fragmentos Bojo/Roletado/Alisado.
143	19	02 raspadores em sílex, 02 batedores em granito, 02 núcleos em quartzo, 01 furador em quartzo, 01 furador em sílex, 01 lasca em quartzito, 01 lasca retocada em quartzo, 01 lasca bruta em quartzo, 03 Fragmentos Borda/Corrugado/Alisado, 05 Fragmentos Bojo/Corrugado/Alisado e 02 Fragmentos Base/Alisado/Alisado.
146	11	02 lascas brutas em sílex, 01 raspador em sílex, 01 batedor em granito, 01 furador em quartzo, 03 Fragmentos Borda/Alisado/Alisado, 01 Fragmento Bojo/Alisado/Alisado, 01 Fragmento Borda/Alisado/Alisado e 01 Fragmento Bojo/Roletado/Engobo Vermelho.

ça dos chamados elementos diferenciadores.

O Sepultamento 128 está localizado na quadrícula MN31/35 camada 18, é do tipo primário individual em posição decúbito lateral esquerdo com os membros inferiores flexionado, com orientação do crânio para norte e face leste. O membro superior direito encontra-se entre os inferiores, as falanges inferiores estão quase na altura da bacia, com a rótula quase na altura das costelas.

Tabela 07 - Sepultamentos de adultos masculinos com mais de 35 anos do cemitério C:

Sep	Total de Vestígios	Cultura de Material Associado
128	16	03 lascas brutas em quartzo, 01 batedor em quartzo, 01 raspador em sílex, 01 furador em quartzo, 02 ocos, 01 núcleo em sílex, 01 chopper em quartzo, 02 lasca retocadas em quartzo, 01 lâmina de machado polida em quartzo, 01 Fragmento Borda/Bojo/Base/Alisado, 01 Fragmento Bojo/Alisado/Alisado e 01 Fragmento Bojo/Engobo vermelho/Engobo Vermelho.
96	12	01 lasca em arenito silicificado, 02 raspadores em sílex, 01 raspador em quartzo, 03 Fragmentos Bojo/ Corrugado/ Engobo Vermelho, 02 Fragmentos Base/Alisado/Alisado, 01 Fragmento Bojo/Alisado/Erodido, 01 Fragmento Borda/Inciso/Alisado.
105	10	01 lasca retocada em quartzo, 01 lasca bruta em sílex, 01 raspador em quartzo, 01 raspador em sílex, 01 Fragmento Borda/Pintado de Vermelho/Pintado de Vermelho, 02 Fragmentos Bojo/Pintado de Vermelho/Pintado de Vermelho, 02 Fragmentos Bojo/Inciso/Alisado e 01 Fragmento Bojo/Impresso/Alisado.
97	13	01 lasca bruta em arenito silicificado, 01 lasca retocada em quartzo, 01 lasca em quartzo bruta, 01 raspador em quartzo, 02 Fragmentos Borda/Alisado/Alisado, 01 Fragmento Bojo/Alisado/Alisado, 01 Fragmento Borda/Engobo Vermelho/Alisado, 01 Fragmento Base/Alisado/Alisado, 03 Fragmentos Bojo/Inciso/Alisado e 01 Fragmento Borda/Inciso/Alisado.

Os sepultamentos de adultos femininos com mais de 35 anos:

Ao todo são dois sepultamentos engajados neste conjunto. Não há nenhuma mudança entre o que já tem sido discutido sobre essa classe tanto em relação ao cemitério A como no B, isto é, o mobiliário funerário

é diversificado, com presença de mais de um elemento diferenciador por sepultamento, sobretudo no que se diz respeito aos núcleos e batedores, culturas materiais sempre presente nos sepultamentos femininos.

O sepultamento 149 é do tipo primário individual posição fetal, localizado na quadrícula Q40/45, camada 21, com orientação do crânio oeste e face norte. Já o 123 é um sepultamento primário individual em posição decúbito lateral esquerdo com os membros inferiores flexionados, com orientação do crânio leste face sul localizado na quadrícula AE21/25 camada 21, apresentando idade entre 40 e 45 anos.

Os sepultamentos duplos e triplos do cemitério C:

Ao todo, os sepultamentos duplos e triplos desse cemitério equiva-

Tabela 08 – Sepultamentos femininos individuais com mais de 35 anos:

Sep	Total de Vestígios	Cultura de Material Associado
149	15	01 raspador em granito, 02 lascas brutas em sílex, 02 lascas retocadas em quartzo, 01 lasca utilizada em quartzo, 01 lasca bruta em quartzo, 01 raspador em sílex, 01 batedor em granito, 01 Fragmento Bojo/Alisado/Alisado, 01 Fragmento Bojo/Inciso/Alisado, 01 Fragmento Borda/Inciso/Alisado, 01 Peça Cerâmica Alisada/Alisada, 01 Cachimbo e 01 Peso fragmentado.
123	28	02 raspadores em quartzo, 01 bigorna em arenito, 01 mão-de-pilão em granito, 02 chopping tool em quartzo, 01 batedor em granito, 01 núcleo em sílex, 01 chopper em quartzo, 01 núcleo em quartzo, 01 ocre, 01 lasca bruta em sílex, 01 lasca bruta em quartzo, 06 Fragmentos Base/Alisado/Alisado, 07 Fragmentos Bojo/Alisado/Alisado, 01 Fragmento Bojo/Roletado/Alisado e 01 Fragmento Bojo/Inciso/Alisado.

lem a 11,11% do total, com a presença de três duplos e um triplo.

O enterramento 122 é do tipo duplo; nele foram depositados dois indivíduos: um adulto do sexo masculino, enterrado em decúbito dorsal com os membros inferiores flexionados⁸, e o outro de uma criança entre 0-5 anos, enterrado em decúbito lateral esquerdo. Em relação ao mobiliário funerário, este apresentou uma grande variedade de instrumentos em número significativo, com presença de uma lasca bruta em granito, uma retocada de granito, uma lâmina polida em granito, um chopper em quartzo, um ocre, um batedor em quartzito, cinco lascas brutas em quartzo, um raspador em sílex, três bojos alisado/alisado, três bojo roletado/alisado, um bojo pontado/alisado, um bojo incisivo/alisado, dois vasilhames alisado/alisado.

O enterramento 127 também é do tipo duplo. O primeiro é um indivíduo masculino, com idade entre 26 e 32 anos, em posição decúbito dorsal, com orientação do crânio nordeste e face sudeste. O outro está em decúbito lateral direito com os membros inferiores flexionados, com crânio norte e face oeste, apresenta sexo e idade indeterminados. O mobiliário funerário é bem diversificado, representado por 02 raspadores em quartzito, 02 chopping tools um em quartzo e outro em sílex, 01 batedor em quartzo, 02 lascas brutas em quartzo, 05 bojos corrugados/alisados, 01 borda roletada/alisada, 01 bojo roletado/alisado, 01 borda, inciso/alisado e 01 vasilhame completo corrugado/alisado.

O último sepultamento duplo é o 129. Na verdade, trata-se de um enterramento secundário duplo com os ossos longos em torno de um crânio, sendo que outro esta após o círculo feito pelos ossos, localizado na quadrícula FL31/35 camada 18, ambos com sexo indeterminado, um com a idade 35 anos, o outro com 08 meses, orientação do crânio do adulto é sudeste e da criança sul face de ambos noroeste. A cultura material associada, como ocorre nos sepultamentos secundários, está representada por poucas peças, a saber: 01 lasca bruta em quartzito, 01 raspador em sílex, 03 bojos inciso/alisados e 03 bojos alisados/alisados.

O sepultamento 78 é do tipo triplo, localizado na quadrícula FL11/15 camada 18, dois masculinos ambos com idade superior a 40 anos e um

⁸ Esse indivíduo apresentou infecção óssea durante a vida, estima-se que sua altura média foi de 1,65m.

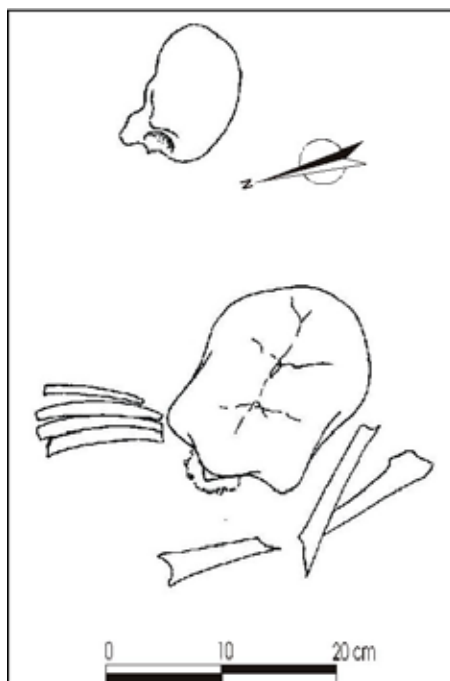


Figura 04 – Sepultamento secundário duplo 129:
Santiago/2004

feminino idade 30 anos. Todos com orientação do crânio leste e face sul. A cultura material associada está representada por: 04 lascas brutas em quartzo, 01 lasca retocada em sílex, 01 batedor em granito, 01 chopper em sílex, 01 núcleo em sílex, 06 bojos impressos/alisados, 01 bojo alisado/alisado, 03 bojos alisado/alisado, 01 bojo inciso/engobo vermelho.

CONSIDERAÇÕES FINAIS:

Neste *paper* tivemos como preocupação central a tentativa de indicar possíveis padrões que pudessem cooperar para a compreensão das práticas mortuárias das populações que ocuparam o sítio Justino nas primeiras ocupações, representadas pelos cemitérios D e C.

As categorias de hierarquização social, gênero e idade não foram constatadas no cemitério D. O cemitério C, por sua vez, trouxe características de transição de grupos de caçadores-coletores para os ceramis-

tas.

A partir do cemitério C pudemos constatar que o mobiliário funerário associado aos diferentes tipos de sepultamentos (segundo critérios de sexo e idade) passa a ter maior semelhança, não nos sendo possível tão claramente inferirmos sobre a hierarquização ou diferenças por gênero e idade, sendo que tal característica se torna ainda mais marcante no cemitério D (Cf. pressupostos de Binford 1971).

As principais características observadas para o cemitério C foram:

- Presença de material cerâmico liso e decorado em todos os sepultamentos, exceto o 135, adulto com sexo indeterminado, que não possui nenhum fragmento cerâmico em seu enxoval funerário;
- Não houve distinção entre os sepultamentos infantis e de jovens adultos, sendo que na categoria “idade” apenas a variabilidade é observada quando comparados os enterramentos primários masculinos com idade superior a 35 anos com os demais conjuntos;
- Não pudemos observar distinção por gênero nos sepultamentos adultos;
- As lâminas de machado polidas foram os únicos itens em que se pode atribuir gênero, sendo comum aos sepultamentos masculinos;
- Há claramente indivíduos que receberam tratamento diferencial em função de seu funeral, entretanto não dispomos de base empírica que possa distingui-los via cultura material.
- Nos sepultamentos secundários o número e variedade de cultura material utilizada como mobiliário funerário é bem menor que nos demais tipos de enterramentos.
- Existência de um sepultamento (162) que não se encaixa nas características desse conjunto, provavelmente proveniente de grupos de caçadores-coletores tardios.
- Neste cemitério, não foram evidenciados sepultamentos onde vasilhames completos estivessem sobre o esqueleto e apenas 149 (feminino com idade acima de 35 anos) apresentou uma vasilha inteira.

O cemitério D foi aquele que apresentou uma realidade adversa. Nele foram evidenciados os enterramentos de cinco indivíduos, ambos apresentando um enxoval funerário diversificado, com presença dos elementos diferenciadores em todos os enterramentos não havendo dados

empíricos que evidenciem hierarquização social.

Portanto, há distinções e especificidades claras dentro dos registros dos cemitérios aqui apresentados, o que nos permite afirmar que o modo pelo qual os rituais foram levados a cabo conjectura com as estruturas sociais dos grupos pré-históricos, a maneira em que constituem seus modos de vida.

Anexos:
Prancha 01 – Sepultamentos dos cemitérios D e C:

Cemitério C



Sepultamento 77



Sepultamentos 78 e 79



Sepultamento 136

Cemitério D



Sepultamento 159



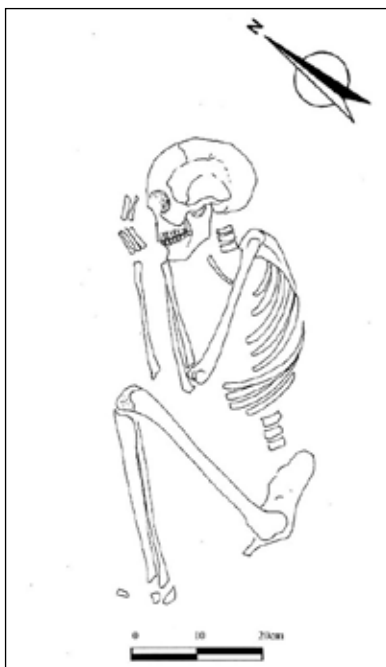
Sepultamento 160



Sepultamento 162

Fotos: acervo do MAX

Descrição dos sepultamentos do Cemitério D:



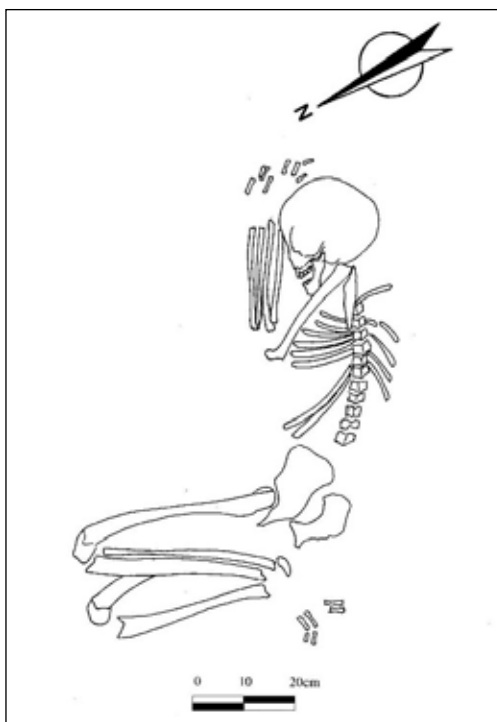
Enterramento 158

Sepultamento primário individual posição fetal direito, localizado na quadrícula AE41/45, camada 43, sexo masculino, idade de 35 anos, orientação do crânio nordeste face noroeste.



Enterramento 163

Sepultamento secundário individual, localizado na quadrícula AE46/50 camada 47, sexo masculino, idade entre 25 e 30 anos, orientação do crânio sudoeste face noroeste.



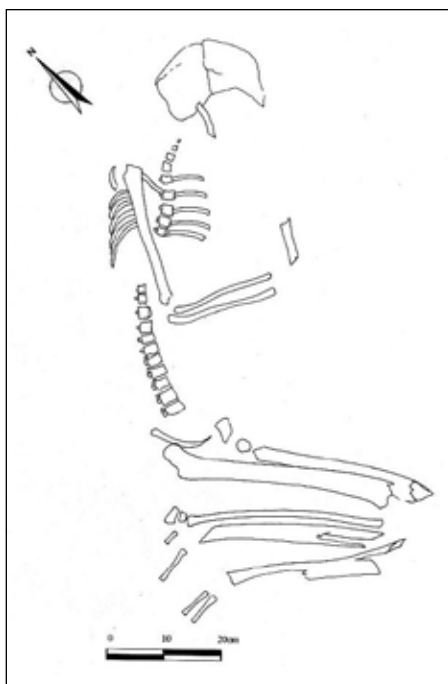
Enterramento 160

Sepultamento primário individual posição decúbito lateral direito com os membros inferiores, localizado na quadrícula AE21/25 camada 48, feminino, idade entre 40 e 45 anos, orientação do crânio sudeste face nordeste.



Enterramento 161

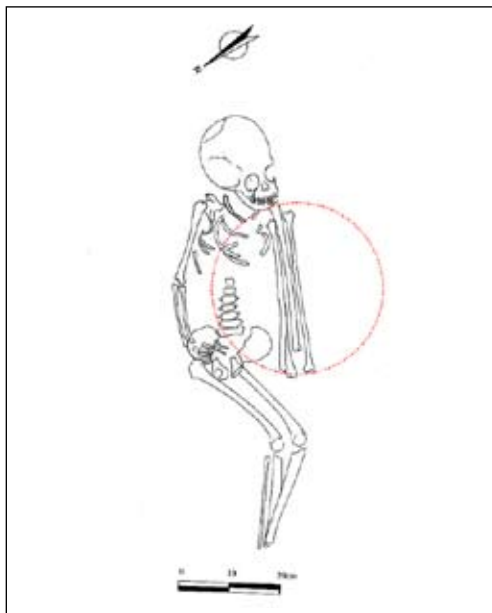
Sepultamento primário individual posição decúbito lateral direito com os membros inferiores flexionados, localizado na quadrícula FL41/45 camada 51, sexo feminino, idade adulto, orientação do crânio oeste face sul.



Enterramento 159

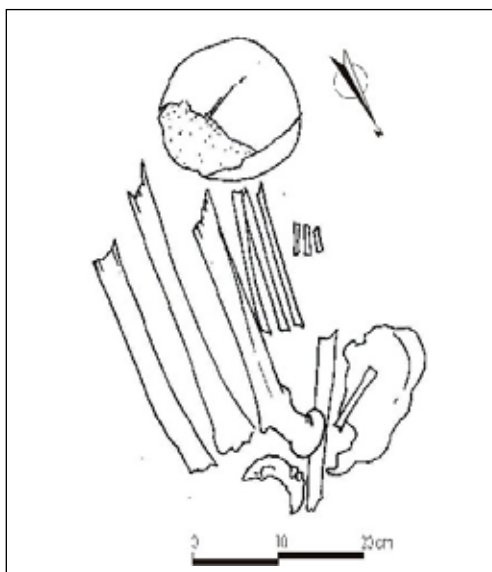
Sepultamento primário individual posição decúbito lateral esquerdo com os membros inferiores flexionados estatura 1,65 cm, localizado na quadrícula AE21/25, camada 52, masculino, idade 30 anos, com orientação do crânio leste e face sul.

Descrição dos sepultamentos do cemitério C:



Enterramento 147

Sepultamento primário individual posição decúbito dorsal esquerdocommembros inferiores levemente flexionados, localizado na quadrícula MR-FL6/10 camada 15, sexo indeterminado, idade entre 7 e 8 anos, orientação do crânio leste face oeste. Apresenta um bracelete de material malacológico.



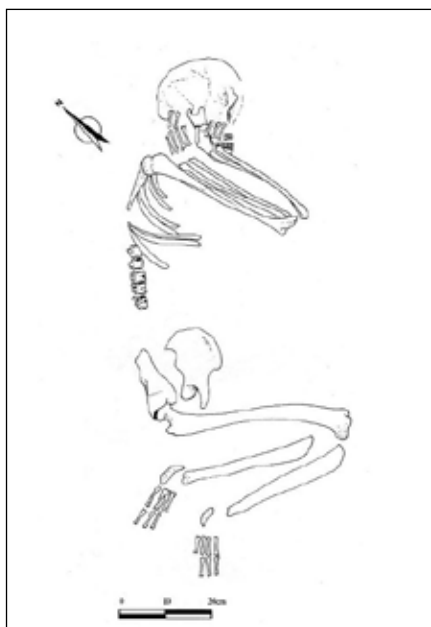
Enterramento 97

Sepultamento secundário individual, localizado na quadrícula FL26/30 camada 16, sexo masculino idade 35 anos, orientação do crânio oeste face norte.



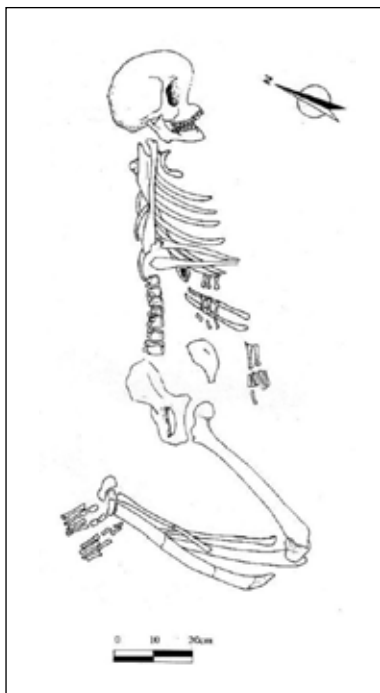
Enterramento 108

Sepultamento primário individual posição decúbito lateral esquerdo com os membros inferiores flexionados, localizado na quadrícula FL51/55, camada 16, sexo masculino, idade 30 anos, orientação do crânio nordeste face sudeste.



Enterramento 77

Sepultamento primário individual posição decúbito lateral esquerdo com os membros inferiores flexionados, localizado na quadrícula FL11/15 camada 17, sexo indeterminado idade adulto, orientação do crânio nordeste face sudeste.



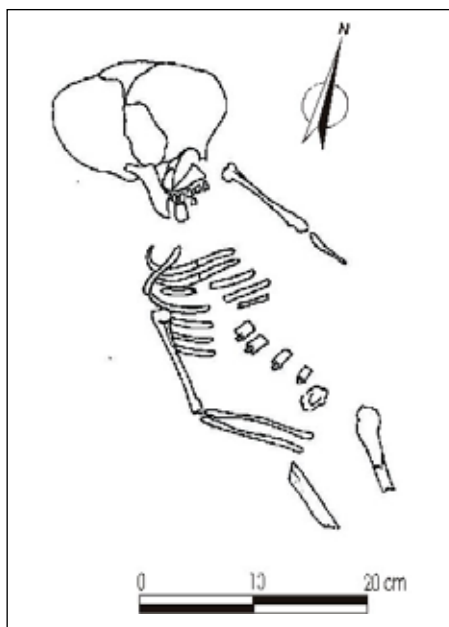
Enterramento 78 - 78/1 - 78/2

Sepultamento primário individual em decúbito lateral esquerdo e dois secundários localizados durante a escavação para o estudo da antropologia física em camada posterior ao desenho, motivo pelo qual não estão representados na figura. Estão localizados na quadrícula FL11/15 camada 18, dois masculinos e um feminino, todos adultos, com orientação do crânio leste face sul.



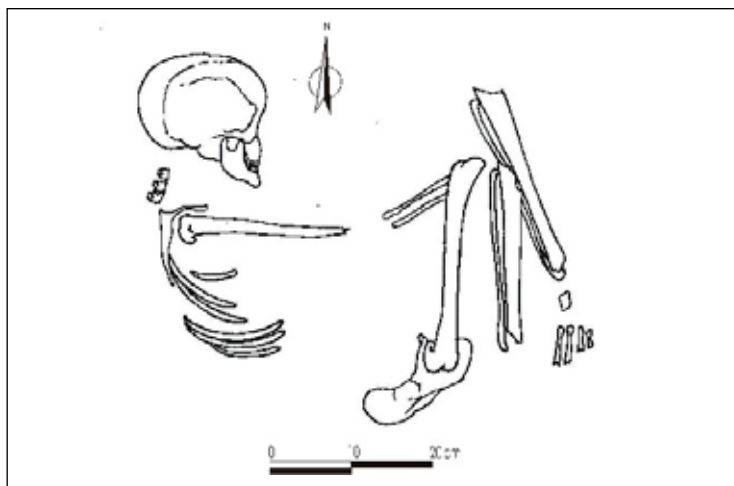
Enterramento 83

Sepultamento secundário individual, localizado na quadrícula AE16/20 camada 18, sexo masculino idade 30 anos, orientação do crânio oeste face sul. Polimento e corte nos ossos longos.



Enterramento 84

Sepultamento primário individual posição decúbito dorsal, localizado na quadrícula AE16/20 camada 18, sexo indeterminado idade 5 anos, orientação do crânio norte face leste.



Enterramento 128

Sepultamento primário individual posição decúbito lateral esquerdo com os membros inferiores flexionados, localizado na quadrícula MN31/35 – FL31/35, camada 18, sexo masculino idade 35 anos, orientação do crânio norte face leste.

REFERÊNCIAS CITADAS:

AGUIAR, N.V.O. *Paleodemografia, morfologia, e práticas funerárias: um estudo de dois sítios arqueológicos do litoral de Santa Catarina, Brasil*. São Paulo, FFLCH, dissertação de mestrado, 1986.

BALFET, H. *Des chaînes opératoires, pour quoi faire?* IN: BALFET, H. Observer L' action Technique – Des chaînes opératoires, pour quoi faire? **Paris, CNRS, pp.11-19, 1991.**

BARTEL, B. *A historical review of ethnological and archaeological analyses of mortuary practices.* **Journal of Anthropological Archaeology**, v.01, pp.32-58, 1982.

BROWN, J. A. *The dimensions of status in the burials at Spiro.* IN: Brown, J. A. (ed.). **Approaches to the social Dimensions of Mortuary Practices. Memoirs of the Society for American Archaeology**., v.25, IN: American Antiquity, v.36, pp. 92-112, 1971.

BINFORD, L. R. *Mortuary practices : their study and their potencial.* *Approaches to the social dimensions of mortuary practices.* **Memoirs of society American Archaeology**, New York, n.25, p.208-43, 1971.

CARNEIRO DA CUNHA, M. M. L. *Uma análise do sistema funerário e da noção de pessoa entre os índios Krahó.* Campinas, Unicamp, **Tese de doutoramento**, 1975.

CRESWELL, R. *Prométhée ou Pandore? Propos de technologie culturelle.* Paris, Editions Kimé, 1996.

FAGUNDES, M. *Sítio Rezende - das cadeias operatórias ao estilo tecnológico: um estudo de dinâmica cultural no médio vale do Paranaíba, Centralina, Minas Gerais.* São Paulo, Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo, dissertação de mestrado, 2004.

LEROI-GOURHAN, A. *Evolução e técnicas (o homem e a matéria).* Lisboa, Edições 70, 1984a.

_____. *Evolução e as técnicas (o meio e as técnicas).* Lisboa, Edições 70, 1984b.

MONTEIRO DA SILVA, S. F. *Um olhar sobre a morte: arqueologia e imagem de enterramentos humanos no catálogo de duas coleções – Tenório e Mar Virado, Ubatuba, São Paulo.* São Paulo, FFLCH/MAE/USP, **dissertação de mestrado**, 2001.

MORAIS, J.L. *A utilização dos afloramentos litológicos pelo homem pré-histórico brasileiro: análise do tratamento da matéria-prima.* São Paulo,

Fundo de pesquisa do Museu Paulista da Universidade de São Paulo, tese de doutoramento, 1983.

_____. *A propósito do estudo das indústrias líticas*. São Paulo, **Revista do Museu Paulista**, v. XXXII, pp.155-184, 1987.

_____. *Estudo do sítio Camargo 2 – Piraju – SP: ensaio tecnotipológico de sua indústria lítica*. São Paulo, **Revista do Museu Paulista**, v. XXXIII, pp.41-128, 1988.

O'SHEA, J.M. *Mortuary variability – na archaeological investigation*. London – New York, Academic Press, 1984.

SAXE, A. *Social dimensions of mortuary practices*. **PhD Dissertation**, Department of Anthropology, University of Michigan, 1970.

SENE, G. A. M. *Rituais funerários e processos culturais: os caçadores-coletores e horticultores pré-históricos do nordeste de Minas Gerais*. São Paulo, FFLCH-MAE/USP, Dissertação de Mestrado, 1998.

TAINTER, J. A. *Social inference and mortuary practices: an experiment in numerical classification*. **World Archaeology**, v.7, n. 1, p.1-15, 1974.

TORRES, A. C. *Rituais funerários pré-históricos. Um estudo antropológico*. **Clio – série arqueológica**, n.12, Recife, UFPE, 169-175, 1997.

UCKO, P. J. *Ethnography and archaeological interpretation of funerary remains*. **World Archaeology**, n. 01, v. 02, pp. 262-280, 1969.

VAN GENNEP, A. *The rites of passage*. Chicago, University of Chicago, 1996.

HUNTER-GATHERER ARCHAEOLOGY IN SOUTH AMERICA

VIVIAN SCHEINSOHN*

ABSTRACT

A general overview of hunter-gatherer archaeology in South America is given by recognizing the main problems in a South American context. Environmental framework and Paleoecological changes are summarized. Pleistocene and Holocene archaeology is reviewed in terms of these particularities. With respect to the Pleistocene, I review Pre-Clovis human presence in South America, technological differences between North and South America, variability in South American subsistence strategy, colonization and demographic models, and migratory routes. The Holocene archaeology is divided into Early and Late. For the former, I consider establishment of adaptive strategies (as marine adaptations), new artifact designs, and mortuary behaviors. For the latter, I consider exchange networks, emergence of complex hunter gatherers, mortuary behavior, origins of food production, and the contact with European populations.

Key Words Pleistocene, Holocene, Pre-Clovis, adaptive strategies

* Consejo Nacional de Investigaciones Científicas y Técnicas (CONICET)/ Instituto Nacional de Antropología y Pensamiento Latinoamericano (INAPL), 3 de Febrero 1370, 1426 Capital Federal, Buenos Aires, Argentina; email: scheinso@mail.retina.ar

INTRODUCTION

South American hunter-gatherer archaeology has been strongly influenced by North American archaeology. Automatic application of North American models in South America and a tendency to overemphasize similitude on both continents were the consequences (see discussions in Anderson & Gilliam 2000; Borrero 1997b, 1999, 2001; Dillehay 2000; Gnecco 1990; Muñoz & Mondini 2002; Pineau et al. 2000; Politis 1999, 2002). In the North American sequence, the first colonizers, “Paleoindian,” were big game hunters, and more generalized “Archaic” hunter gatherers followed. I intend to show that the North American Paleoindian and Archaic labels mask the diversity of South American hunter gatherers. Many South American archaeologists have been criticizing this sequence with little impact on their North American counterparts. In addition, most North American archaeologists have discussed South American archaeology as it appears in English language publications. Because South American archaeologists have investigated much of the record of South American hunter gatherers and most of their papers are written in Spanish, the North American view is at best partial (Ardila & Politis 1989).

The recognition of these problems has guided me in writing this paper. It would be vain to present a detailed inventory of hunter-gatherer archaeology. Several books deal with this subject (e.g., Dillehay 2000, Fiedel 1992, Sanders & Marino 1970, and Schobinger 1969 among others). Two excellent works also deal with research history, sociopolitical factors, and theoretical frameworks (Politis 2002, Politis & Alberti 1999). I have decided to describe the main trends and subjects that have arisen when discussing hunter-gatherer archaeology in South America. I establish three criteria for review. First, I assess South American particularities (cf. Pineau et al. 2000) in order to evaluate the challenges and opportunities that South America posed to humans. Second, I abandon traditional archaeological periodifications made on the basis of North American archaeology (see Gnecco 2000) and use only a chronological separation between Pleistocene and Holocene. And third, I focus this review on general trends and more recent works.

The New Archaeology has relied heavily on the concept of hunter gatherer. In spite of the current criticisms, some authors still consider the term to be useful (e.g., Dunnell 1994, Kelly 1995). Then, for practical

purposes and following Kelly (1995), I consider hunter gatherers to be those groups who procure most of their food from hunting, gathering, and fishing, even while growing some food, trading with agriculturists, or participating in cash economies as complementary activities.

HISTORY OF RESEARCH

Archaeological research in South America began almost contemporaneously with the development of scientific archaeology in the OldWorld, but only at the middle of the twentieth century was it included as a subject in university studies (Politis 2002). This research has been characterized as empiricist (Politis 2002). The main theoretical frameworks were North American culture history, German *kulturkreise* (Politis 2002), and the French school (López Mazz 1999). Social Archaeology was the only theoretical development originated locally (Arenas & Sanoja 1999, Bate 1977, Lumbreras 1974), which achieved only a limited repercussion. Processualism arrived at the beginning of the 1980s and became especially strong in the Southern Cone. Postprocessualism arrived at the beginning of the 1990s and slowly began to add more proponents. Today, in spite of a still-dominant empiricism, some theoretical variability exists among South American archaeologists, but serious pitfalls also prevented the development of original elaborations. First, publications in South America often take a long time. Some papers are published long after they were written, which renders their content old even before they are read. Second, little information flows between South American researchers. At the present time, some researchers are trying to avert this tendency. Several countries have organized many meetings jointly, and researchers from different countries attend national congresses held in neighboring countries.

THE SOUTH AMERICANWAY: ENVIRONMENTAL FRAMEWORK

South America (Figure 1) lies mainly in the Southern Hemisphere, stretching from $12^{\circ}\pm$ N to $55^{\circ}\pm$ S (Morello 1984), and shows high latitudinal variation, going from tropics to subpolar regions. More than half

the surface is located between intertropics; its maximum W-E width is located over the Equator (Morello 1984). Its main characteristics are:

- 1) Three great river basins (Orinoco, Amazonas, and Paraná) covering 10,000,000 km² (Clapperton 1993) presenting then the biggest hyperhumid space in the world, provided by the Orinoco and Amazonas basins (Morello 1984).
- 2) A large arid and semiarid surface that goes from Caribbean Coast to Caatinga on the NE and the Diagonal Arreica de América del Sur (South American Arid Diagonal) stretching N-S, from the Equator to $54 \pm$ S (Morello 1984).
- 3) The Cordillera de Los Andes organizing the South American space. The Andes create, in a short distance, mosaics of different ecosystems at different altitudes (Morello 1984). Also there are other more ancient and lower highlands (Brasilia, Guyana, Tandilia, Ventania, and Southern and Northern Patagonian) with lesser effects on the continent (Clapperton 1993).
- 4) A great oceanic influence in the Southern Cone: The shape of the continent presents a narrowing. This coincides with the more temperate and colder latitudes, where marine influence is stronger, thus moderating summer and winter extreme temperatures. This results in environments that are less harsh than expected by latitude alone. Thus we can find gradients of increasing oceanicity, decreasing interoceanic distances, and a more ecosystemic and morphostructural simplicity in the southern portion (Morello 1984). This explains the lack of subpolar conditions and the current lack of tundra and permafrost in ice-free zones (Morello 1984).
- 5) Existence of unexpected natural phenomena derived from climatic anomalies (e.g., ENSO; see below) or unpredictable events (e.g., volcanic activity).

Phytogeographically we can define three main zones (Clapperton 1993):

- 1) East of Andes:
 - a) Tropical vegetation: as Caatinga (low arboreal deciduous scrubland, NE of Brazil), Cerrado (savanna grassland and forest, around Amazon rainforest and Brazilian planalto), Transition forests (belt



Figure 1 Map of South America showing regions mentioned in the text.

- between rainforest and Cerrado), Inundated and Terra rainforest
 - b) Subtropical vegetation: palm trees, parkland, and savanna, Pantanal (SW Brazil)
 - c) Temperate vegetation: Pampas and Chaco (grasslands and thorn forest)
 - d) Patagonian steppe: semidesert with dry resistant grasses and shrubs
-
- 2) West of Andes (from North to South):
 - a) Tropical rainforest in NW coast
 - b) Tropical desert from South Ecuador to Northern Chile
 - c) Evergreen broadleaf forest and maquis from Central Chilean Valley to 38±
 - d) Valdivian rainforest and deciduous forest in Southern Andes
 - e) Magellanic moorland in Southern Chile
-
- 3) Mountain vegetation:
 - a) Páramo: high-altitude grassland in Northern Andes
 - b) Puna: high-altitude grassland in Central South Andes
 - c) Andean and subandean forest belt in Southern Andes
 - d) Planalto (Brazilian Highlands): Tropical and subtropical forest and grasslands

PALEOECOLOGY

During the Pleistocene, South American glaciations were milder and more restricted than in the Northern Hemisphere and occurred only in the Southern Andes (Clapperton 1993).

The Late Glacial Stage began between 19,000 and 14,000 BP and ended between 11,000 and 10,000 BP (Dillehay 2000). Paleoforms suggest that the climate was drier, cooler, and windier than at present. The most important influences attributed to glaciations were:

- 1) in the Lowlands: There is persuasive evidence of aridity in the Orinoco savannas, western Amazonia, and wide areas of the Chaco-pampas plains. The presence of rainforest in Amazonia during glacial times is still under discussion. Some researchers argued that wet tropical lowlands could be transformed into dry

savannas and that the rainforest receded to isolated refugia. Others concluded that, although tropical rainforest underwent change during the glaciations, no data demonstrate aridity. Clapperton (1993) considers both perspectives and proposes a substantial rainforest reduction in transitional zones with preservation of coverage in zones with high precipitation.

- 2) in the Uplands/Highlands: Glaciations were denoted by geocryogenic, solifluction, and rock-wasting processes. Southern Patagonian Highlands show eolian relic features that suggest dryness, stronger and persistent winds, and less effective evaporation. Permafrost occurred south of $51 \pm S$ (Clapperton 1993).
- 3) in the Andean cordillera: Features related to glacial activity and geocryogenic processes exist in periglacial zones. Icefields were created as a result of glaciations

For the Late Pleistocene, Clapperton (1993) differentiates the following glacial cycles:

- 1) Early Late-Glacial Interval: Full glacial conditions returned worldwide between 15,000 and 14,000 BP.
- 2) Termination 1: Temperate conditions existed in southern South America between 14,000 and 12,000 BP.
- 3) Late-Glacial Interval (12,500–10,000 BP) equivalent to Younger Dryas from NW Europe. Most scientists continue to argue about the existence of this deterioration in South America. There is an extensive debate about the effects on the vegetation. According to Clapperton (1993), if a Late-Glacial cooling occurred in South America, it did not reach more than $2 \pm$ below current temperatures.

During the Holocene a wide record of fluctuations occurred that should have influenced human populations. A thermally optimum climate is implied at most sites for the Middle Holocene centered around 8500–5500 BP, warmer and drier than at present (Clapperton 1993). Three neoglaciation advances have been modeled, following a scheme similar to the one suggested for the Northern Hemisphere, but new research suggests additional events. Re-advances were dated between 4700 and 4200 BP, 2700 and 2000 BP, and the last, known as the Little Ice Age, between 1340 and ca. 1850 AD (see Clapperton 1993, Villalba 1994). In

spite of the poor resolution of polinic records (Clapperton 1993), there is a broad agreement from different sources (Rabassa 1987, Villalba 1994) to confirm this model. The effects of the global warming event known as the Medieval Warm Epoch were recognized in South America and dated between 1080 and 1250 AD.

Also, after 5800 BP, with the return to Neoglacial conditions, the phenomenon called El Niño Southern Oscillation (ENSO) was onset first less frequent and weak, then increased in frequency and intensity around 3200–2800 BP (Sandweiss et al. 2001).

LIVING IN THE FRONTLINE: LATE PLEISTOCENE ARCHAEOLOGY

A set of main subjects could be followed in the available literature about this period.

Pre-Clovis Human Presence in South America

Currently, an intense debate exists regarding when and how South America was peopled. Once determined, the evaluation of South America's first settlement would directly impact the evaluation of North America's first settlement, given the current view of America's human peopling that sustains an entry from Beringia, going from North to South. At present, more pre-Clovis sites exist in South America than in North America, which challenges the view that Clovis was among the first settlers of North America (Clovis First Model). Thus, South American sites that are contemporaneous with or pre-dating Clovis have been subjected to intense scrutiny (Politis 2002). This scrutiny explains the interest and direct participation of some North American researchers in early site research in South America, though from different positions [e.g., Bryan 1973; Bryan & Gruhn 1992; Lynch 1974, 1990a,b; Roosevelt (see Roosevelt et al. 1996), and others]. Because a detailed account of these early sites can be found in Dillehay (2000), I use only two of the best known cases to show different appreciation: Monte Verde and Pedra Furada.

The 12,500 BP component of Monte Verde, situated in Central Chile, represents a forest-adapted economy, based on the collection of plants

and hunting. Evidence indicates a low-density colonizing population, adapted to cool temperate wetland and forest environment with a unifacial industry, bipointed projectile points, and bola stones. A wide variety of plants remains and wooden objects were recovered, along with features that were interpreted as tent structures (see Dillehay 1997, among others). After initial rejection followed by a long debate (e.g., Borrero 2001, Politis 2002), archaeologists finally accepted Monte Verde as pre-Clovis. This site also presents a deeper component dated to 33,000 BP, but even Dillehay doubts its anthropogenic nature (Dillehay 2000).

The situation in Pedra Furada, located in NE Brazil, is different and has been severely criticized. The sociopolitical aspects of these critics were detailed in Politis (2002). The fact that artifacts are made from quartzite obtained on a gravel bar situated 100 m above the site is among the more important of the scientific criticism. The chutes from this gravel bar could be seen from either side of the site, which renders it difficult to distinguish geofacts from artifacts (Dillehay 2000, Politis 2002). There is no megafauna or conclusive evidence of human activity at this site before 11,500 BP (Dillehay 2000).

Despite the rejection of other sites (e.g., Alice Boer, Toca da Esperanza), many are now accepted, and a growing record provides firm evidence of pre-Clovis sites. These are very different from what should be expected under the Paleoindian label. Even in Amazonia, where old models assumed that the lack of resources made life difficult for foragers (Politis 2002), early sites are being recovered (Roosvelt et al. 1996). Today, some researchers support the idea that, during the Pleistocene, people created their own patches of resources in order to increase their effectiveness in that environment (Gnecco 2000, Politis 2002).

TECHNOLOGICAL DIFFERENCES BETWEEN NORTH AND SOUTH AMERICA

Unifaciality and bifaciality Traditionally, the absence of bifacial artifacts (Pre-Projectile Point Stage formulated by Krieger, see Gnecco 1990) identified sites as early, but currently strong evidence exists of early bifacial artifacts. Debitage analysis documents the presence of bifacial reduction in southern South America (Nami 1993) and contemporaneous bifacial and unifacial industries (Dillehay 2000; see Ardila &

Politis 1989, Aschero 2000, Borrero 2001), with one predominating over the other according to necessity. The presence of one or the other could be related to site function, transportability (*sensu* Nelson 1991), and raw material availability (see Kuhn 1994).

Projectile points Early sites include a variety of projectile points, such as El Jobo, Paján, triangular, willow, and fishtail points (Gnecco 1990), albeit their sequence is still unclear (Dillehay 2000).

Lanceolate El Jobo points show a limited distribution (northern South America) with the exception of those registered in Monte Verde, Argentinean Northwest, and Northern Chile (Bryan 1999). However, a case of convergence could be argued based on the generality of its design (Borrero 2001).

Fishtail points or *cola de pescado* are stemmed points with an end similar to a fish tail. Between 11,600 and 10,200 BP, they were widespread in South America from Southern Patagonia to the Pampas and Central Chile. They were discovered for the first time in the Cueva Fell site, in the southern tip of the continent, and characterized the first archaeological period termed Bird or Magallanes I (see Aschero 2000, Bryan 1999). Since many of them present fluting, some investigators have linked them with Clovis points (*i.e.*, Morrow & Morrow 1999), regardless of differences in their morphology (Politis 1991) and reduction sequences that suggest separate origins (Nami 1996). Other researchers interpreted the dispersion of fishtail points as the result of functional effectiveness and a shared technology among different highly mobile populations, in which circulation of information played an important role (Aschero 2000, Politis 2000).

Bryan (1999) postulated a model explaining the dispersal of these points. Whereas Clovis projectile points thrived in North America (10,900–11,200 BP) and then spread to the South, fishtail, almost contemporaneously, dispersed to the North from the Magallanes Strait. Both traditions converged in Ecuador and Central America around 9000 BP. In contrast, Dillehay (2000) considers that El Jobo points and unifacial industries were developed between 13,000 and 11,000 BP and that regional cultural variation was in place between 11,000 and 10,500 BP, resulting in the use of fishtail, Restrepo, willowleaf (a kind of projectile point with a willowleaf-like morphology), and triangular projectile points. Politis (1999) has questioned such models considering it risky to

propose relationships or connections between different sites based on similar traits of only one class of artifacts. Cultural transmission models could help explain the dispersion of such artifact types, as Cardillo (2002) had proposed to do with lanceolate forms in the Puna.

VARIABILITY IN SUBSISTENCE STRATEGIES

Although guanaco is the main prey species in many contexts, humans were developing several subsistence strategies from the very beginning.

Beside the sea Current evidence supports an early exploitation of marine resources on the Pacific Coast (Bryan 1999, Richardson 1998), as shown by Peruvian sites (e.g., Talara, Quebrada Tacahuay, Pampa de los Fósiles, and Quebrada Jaguay). Some sites have evidence of transhumance between the coast and the interior (Richardson 1998). They include a unifacial industry (Amotope), as well as Paiján and fishtail points. Paiján developed as an adaptation to a grassy coastal plain. Lizards, snails, deer, birds, and fish were recorded in these sites, but not marine mammals (Chauchat 1988). In contrast, Southern Peruvian and Northern Chilean sites represent seasonal coastal exploitation. Fish remains suggest net fishing, given the lack of other specialized equipment (Dillehay 2000, Llagostera Martínez 1999).

The beast must die? Megafauna role In spite of the reliable association between artifacts and megafauna at many sites (e.g., Tibitó, Tagua-Tagua, Piedra Museo, Cueva del Medio, Cueva Lago Sofía), the place of these fauna remains in the early hunter-gatherer diet is still unclear. Megafauna presence could merely indicate contemporaneity between humans and large animals (as in Gruta del Indio, Argentina, Aschero 2000), or human bone exploitation (as Borrero 2001 suggested for Monte Verde). In any case, it is not the same kind of exploitation argued for the Clovis case.

In those sites where evidence of consumption is clear, megafauna is an opportunistic resource not highly ranked and may have been obtained by scavenging or hunting (Borrero 2001, Mengoni 1988). For

instance early sites in Patagonia with megafauna—Los Toldos Cueva 7 and AEP1 at Piedra Museo are among the best known, the latter presenting the most ancient occupation of Patagonia at almost 13,000 BP (see Miotti et al. 1999)—present those remains in the context of a hunting strategy that preferred camelids (Aschero 2000). Also, some authors explain megafauna extinction through multicausality instead of human pressure alone (Borrero 1984, 1997a; Mengoni 1988; among others). In any case, most agree that hunting was an additional but not definitive factor.

Between a Rock and a Hard Place: Altitude adaptation

Highlands occupation appears after 10,500 BP, although Lauricocha, Guitarrero, and Pachamachay have questionable evidence of earlier occupation (Dillehay 2000). In these regions, the physiological adaptation to hypoxia (low oxygen density) was critical and probably took some time (Bonavía & Monge 1999). Aschero (2000) suggests that people in Argentinean and Chilean Puna may have optimized the use of resources from three environments (Puna, quebradas, and valleys), located at different altitudes. Resources from valleys and forests were recorded in various archaeological Puna sites, in spite of the lack of sites in those areas where these resources came from (Aschero 2000). Puna exploration and later colonization are characterized by: (a) lack of unifacial or core flake tradition; (b) triangular and later willow-shaped projectile points; (c) camelid remains dominating the archaeofaunal record but with the important presence of rodents and Cervidae; and (d) lack of megafauna consumption (Aschero 2000).

The Secret Garden: Importance Of Plant Resources

Colombian La Elvira and San Isidro sites (Gnecco 2000) were located in the tropical forest. Gnecco (2000) believes these sites date back to the end of the Pleistocene, and exploitation or perhaps early manipulation of plant resources has been interpreted from evidence of tree clearance and artificial concentration of useful plants in certain areas. Lithic raw material was locally available in all of these early sites. Some Colombian early sites indicate sporadic and specialized use (Tibitó), but others, such as San Isidro, show non-specialized occupations and a wide variety of activities (Gnecco 2000).

COLONIZATION AND DEMOGRAPHIC MODELS

Dillehay (2000) developed a model considering different stages of human dispersion, migration, and colonization. At least three different populations may have existed: (a) populations equipped with a bifacial stone tool technology adapted to hunting in multiple habitats—their archaeological traces are El Jobo, fishtail, and Paiján projectile points, and they fed on megafauna and camelids; (b) populations possessing unifacial and bifacial technologies, adapted to multiple resources in specific habitats—they exploited environmental boundaries such as ecotones; and (c) populations with unifacial and curated bifacial technologies, who adapted to one environment and curated technology for specialized tasks with intensively occupied sites.

Borrero (2001) developed expectations for the Patagonian case, though they could be applicable to the entire continent for the same time period. Assuming that all exploring groups need to maintain contact with their groups of origin, he proposed that it takes time to successfully colonize a continent and that some failed attempts must have occurred. Low population density may have resulted from environmental instability in Patagonia in the Late Pleistocene and caused a discontinuous distribution of settlement and artifacts (Borrero 2001).

In sum, population density was probably low in Pleistocene times. Neighbors would have been few or none, but relationships with the original group would need to have been maintained, in order to ensure the group's survival. Therefore, the expected archaeological record should be scattered and hard to locate but should present some common characteristics in distant places.

MIGRATORY ROUTES: THE SOUTHERN HIGHWAY

Migratory routes may be recognized by knowing site distribution (Dillehay 2000). Bonavia & Monge (1999) proposed an oriental migratory route into Amazonia and another that followed the Cauca and Magdalena river valleys into other Andean valleys and further south. But this model assumes such a pace that the route should have remained as part of an intergenerational memory by oral tradition (Bonavia &

Monge 1999, p. 347). Because “first human populations moved along the Pacific and Atlantic coasts” (Dillehay 2000, p. 63), this situation should have determined a genetic isolation that could have caused differences between eastern and western cultures. This isolation ended when the glaciers receded, thus establishing the first horizon trait, namely the fishtail point (see above).

These models are hard to test archaeologically. Factors such as site visibility are not contemplated, and the “routes” are not stated from chronological gradients or technological sequence but by diffusionist mechanisms (Politis 1999). Currently new models, postulated from an ecological perspective (i.e., Anderson & Gilliam 2000, Steele et al. 1998, see below), are testable. Also, instead of considering migratory routes, it would be more fruitful to consider increases in range size predicted by biogeographical models (see Ruggiero et al. 1998), which should result in testable archaeological predictions.

WARMING UP: THE HOLOCENE

Following the Pleistocene patterns, the beginning of the Holocene presents a wide diversity of hunter-gatherer adaptations in South America. After 10,000 BP the archaeological signal becomes so intense that it is difficult to talk about hunter gatherers on a continental scale because of the record richness that is generated. The Pleistocene/Holocene transition should not have made an important impact on human populations because they were in the process of adjusting to new environments (Borrero 2001). In fact, human populations thrived. From the Middle Holocene onward, humans had acquired a certain sedentarism and had developed complex hunter-gatherer societies (see below), had given place to a new way of life based on food production and, finally, had developed chiefdoms and states. This process changed the hunter gatherers’ social environment. Their neighbors were not solely hunter gatherers anymore. Given this varied social environment, most of this section focuses on two regions where hunter gatherers remained until historic times, notably the Southern Cone and Brazil.

The richness of the archaeological record has resulted in the use of various periodifications, most of them revolving around the term archaic or preceramic and based on regional idiosyncrasies. Industries,

traditions, and phases flourished in the literature. Most of them departed from an essentialist and/or cultural-historical perspective. Following Borrero (2001), I divide the Holocene into Early (10,000–5000 BP) and Late (5000 BP to present).

GETTING BETTER: EARLY HOLOCENE

By 9000 BP, the marked increase in temperature that started the Holocenewas clear. This climatic amelioration prompted many researchers to postulate a demographic increase and resource exploitation intensification. Thus, a steady proliferation of industries and a faster rate of culture change, along with increases both in size and complexity of settlement growth and overall population levels, took place, especially in the coastal zones and arid grasslands (Dillehay 1993). In Patagonia, this intensification was expressed as changes in mobility, with less extensive circuits that would, in turn, take advantage of strategic sites for guanaco hunting, coupled with the emergence of blade technology, saving raw material and standardizing production (Aschero 2000). We should expect decreasing home ranges as well as founder effects and a high rate of innovation (Borrero 2001).

Although population expansion was taking place in some areas, the increasing temperatures showed different effects in other areas. For example, in the Chilean Puna (Atacama), a *silencio arqueológico* (archaeological silence) (see Nuñez et al. 2002) is postulated. This archaeological silence refers to the lack of human occupation between 8000 and 5500 BP, when aridity increased. Some authors (e.g., Aschero 2000, Nuñez et al. 1999) maintain that this *silencio arqueológico* should not be attributed to the abandonment of the region but instead to a retreat to strategic sites with concentrated resources. Seasonal programming, transhumant mobility with complementary resource use between high and low areas, information flow in wide ranges, and symbolic systems followed (Aschero 2000, Nuñez et al. 2002).

At a continental level, the most outstanding characteristics of this period are:

- 1) Establishment of adaptive strategies. Certain dominant adaptive strategies began to delineate. The most outstanding are the maritime coastal adaptations and some of them would set the

foundations for the ulterior appearance of complexity and sedentarism (see below). Three main areas show this adaptation:

- a) Peru, Ecuador, and Northern Chile: Marine hunter gatherers were established by 9700 BP (see above); they started exploiting deep sea resources, at first with simple hooks made of shell and then with composite hooks (shell and Cactacea thorn), nets, and harpoons. The traditional literature suggests that these resources allowed the development of complexity, as in the Complejo Chinchorro (Northern Chile, see below). The Peruvian Coast shows this adaptation represented in Las Vegas (9700–8000 BP) and Nanchoc, among others (Dillehay 2000).
- b) The Brazilian Atlantic Coast: *Sambaquí* is the term that describes the shell mounds that proliferated here from 6500 BP. People living there were specialized gatherers and fishers (see below).
- c) Southern South America: According to Orquera & Piana (1999, 2000), specialized gatherers and fishers existed from 6000 BP at many sites of the southern tip of Patagonia (T´unel I, Grandi I, Englefield, etc.). Their main staples were pinnipeds, albeit included in shell mounds (Orquera&Piana 2000). A characteristic of this kind of adaptation was the abundance of bone tools (Scheinsohn 1997).

Other hunter gatherers, especially those living in the Andean Highlands and Patagonia, focused on camelids, particularly guanaco (*Lama guanicoe*). Since then, coevolutionary relationships developed between humans and camelids, first as wild prey (guanacos, see L’Heureux 2002) and eventually as domesticated camelids (llama) in the Andean region. The guanaco is one of the biggest herbivores in South America and was commonly available in various environments (Borrero 2001, Muñoz & Mondini 2002). Thus, in some South American sites (e.g., Pampas and Patagonia) faunal diversity decreased, reflecting megafauna extinction and a concomitant increase of guanaco exploitation (i.e., Miotti et al. 1988).

- 2) A great variety of new artifact designs. In Patagonia, fishtail points were apparently replaced by bola stones, which were found in many grassland sites and even recorded in rock art at Cueva de las Manos.

Hunting strategies probably changed (i.e., collective versus individual) and explain the lack of projectile points in open environments, though projectile points should be expected in forested environments (Aschero 2000). Also, on the whole continent plant-processing tools increased in frequency and variety. They are associated with both wild plant exploitation and the development of the first cultigens. For instance, in Central Chile, the lithic polyhedron or indented circular coggled stones are conspicuously as long as *piedras de tacita*, interpreted as mortars (Mostny 1971). Also, in northern South America unifacial technology is associated with plant resource exploitation (Correal Urrego 1990, Uribe 1999). As mentioned for Patagonia, in terms of lithic production, behaviors tending to save and standardize lithic artifacts, such as blade production, also emerged (Borrero 2001). Finally, related to marine adaptations, new bone tools and special techniques adapted to this raw material were developed (Scheinsohn 1997, 2002).

- 3) Emergence of complex mortuary behavior, in contrast with the scarcity of human burials in Late Pleistocenec times (for an explanation on this last subject, see Barrientos 2002). Climax was reached with artificial mummification in Complejo Chinchorro. This practice started around 7000 BP. Individuals were skinned, butchered, eviscerated, dried, and then reconstructed, stuffed with wool and plant fibers, and modeled with clay forming a complex *fardo funerario* or funerary bundle (Mostny 1971, Llagostera Martínez 1999). These techniques allowed the conservation of bodies, which were accompanied by abundant offerings such as textiles, mats, and feather bundles. *Fardos funerarios* are also recorded in the Puna (Incacueva and Huachichocana) and Northern Argentina (Tarragó 1999), albeit without artificial mummification.

HERE, THERE, AND EVERYWHERE: LATE HOLOCENE

Increased density of sites and intensification of resource exploitation characterize the Late Holocene period. The increased density is evident, for instance, in Patagonia, where some sites are constantly re-occupied [e.g., Cerro de los Indios I (Aschero 2000)]. Humans were irregularly distributed not only along rivers and lakes but also in lowlands,

exploiting the highlands (Borrero 2001) and forests (Bellelli et al. 2000). Few places remained without human populations.

The intensification process was accompanied by the development of sedentarism based in pastoralism and agriculture. One debated issue is why humans in certain places developed agriculture or domestication, whereas in other places they remained as hunter gatherers. Food production arose within a narrow time range in many parts of the world and in different environments. Many have sought to explain this phenomenon (see, among the classics, Binford 1968, Braidwood 1960, Childe 1952, Cohen 1977, Rindos 1980), but there is no single answer. Environmental changes or population pressure are not the only factors. It should be taken into account that the hunter-gatherer intensification affects the impact of the changes in the resource through time on the human population (Winterhalder & Goland 1993). Clearly, in South America, as in other parts of the world, post-Pleistocene environmental changes were influential. For instance, the confluence of humans and animals at certain favorable points [ecorefugia (sensu Nuñez et al. 1999)] during the arid interval, which caused *silencio arqueológico* in the rest of the Puna, could lead to a logistic strategy, which in turn stimulated animal domestication, as was registered in Puripica-1 and other Puna sites (Nuñez et al. 1999, Yacobaccio et al. 1994).

However, environmental factors will not lead all human populations into food production. As mentioned earlier, increasing temperature produced different effects in other areas. Also, the human answer was variable. In any case, domestication started at the beginning of the Holocene and gradually increased but did not initially produce important changes (Politis 2002, see below). Because these developments took place in non-hunter-gatherer societies they are reviewed only in terms of their influence on hunter-gatherer societies, since many of them incorporated some agricultural products. In Figure 2, which corresponds to ca. 1000 BP, the areas with hunter gatherers (<20% food production), mixed hunter gatherers and horticulturists (20%–80% food production), and agriculturalists and pastoralists (>80% food production) are presented (specific zones of complex hunter gatherers are omitted).

Main characteristics for this time period are:

- 1) Wide exchange networks. A study where obsidian artifacts from Chubut (Patagonia) were chemically analyzed (Stern et al. 2000) established that obsidian was transported from different sources

located at moderate distances (200 km); however, at least in the case of one artifact, the source was located 800 km away from the site of discovery. In one burial site from Rawson (Patagonian Atlantic Coast), dating back to the Spanish arrival in this area, a bronze ax similar to those produced in northwestern Argentina was found about 2000 km away (Gómez Otero & Dahinten 1997–1998). Exchange took place between hunter-gatherer populations and their nonhunter-gatherer neighbors. The relationships between them should take the form not only of interchanges but also of oscillations between foraging and production, symbiosis and dependence (Layton 2001), and those options should be explored archaeologically. For instance, the process called *arauca-nización* (the cultural expansion of Chilean Mapuches over Pampas and Patagonian populations initiated around the sixteenth century), documented ethnohistorically, should express some of those relationships and deserves archaeological treatment (for an example see Be'ón 1999).

- 2) Cultural complexity among hunter gatherers became widespread after the Pleistocene (Dillehay 2000). Recent studies suggest the development of complexity with dense settlements and earthworks in Amazonia, Venezuela Llanos, Upper Magdalena River, Sierras de Tairona, and southern *cerritos* [SE Brazil and E Uruguay (Politis 2002)]. Also, after 1000 BP, earthen burial mounds and small hamlets or agricultural villages appeared in the cool temperate rainforests of the Central Chilean region (Dillehay 1993). But this complexity is related to sedentarism (which takes place first in coastal areas) and food production (Politis 2002). In the northern Pacific Coast, Preceramic Ceremonial Centers developed and were related to the climatic change that took place between 8000 and 5000 BP, which resulted in coastal desertification and increasing use of oceanic resources (Richardson 1998). In the Central Andes and toward 3000 BP, the sedentary centers were followed by Chavin, the first Pan-Andean Horizon, Tiawanaku-Wari Horizon (400 AD to 1000 AD), and finally the Inca State (1470 to 1536 AD).
- 3) In the Brazilian Atlantic Coast, *sambaqui* sites are conspicuous, and in the South they rise up to 30 m. These mounds were built

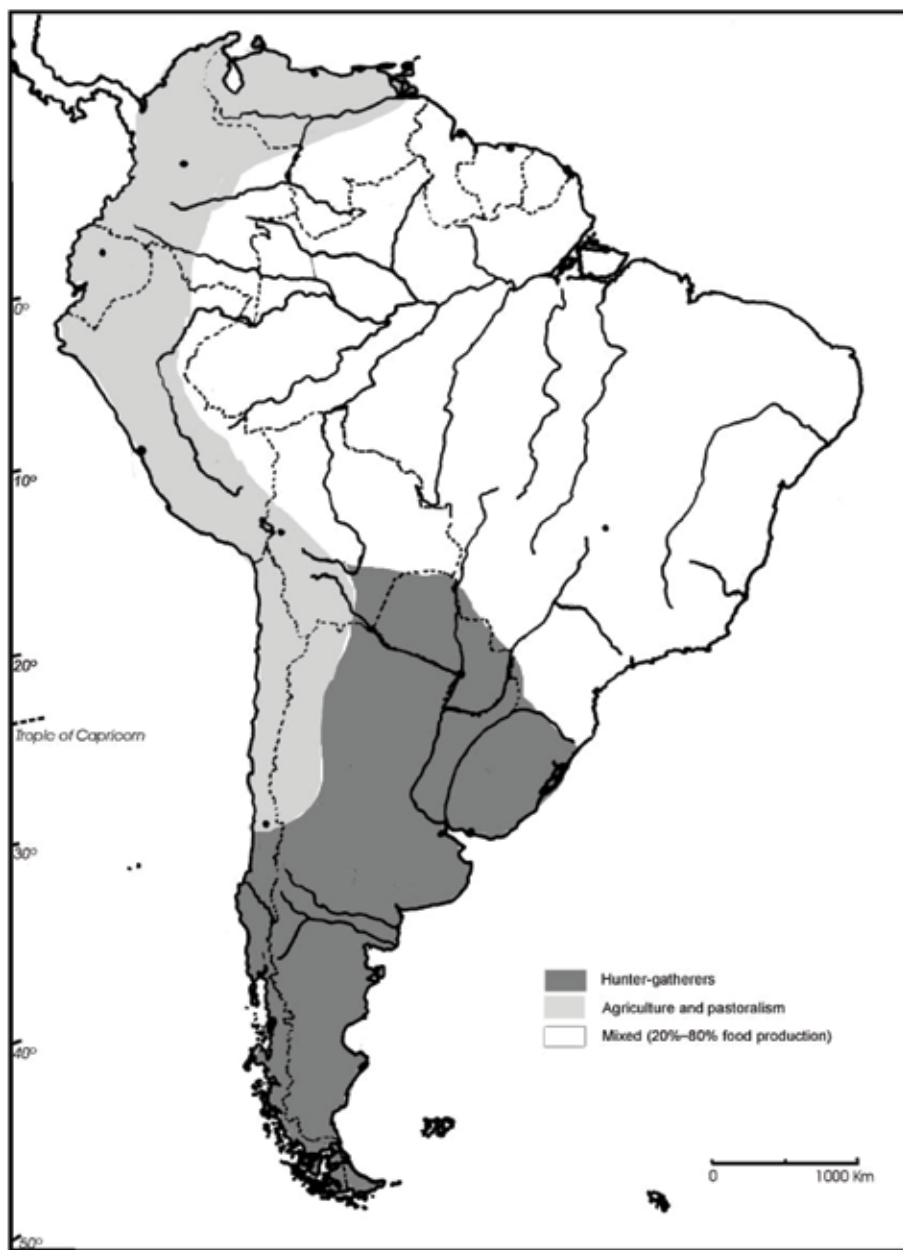


Figure 2 Estimated distribution of South American hunter gatherers, agriculturalists, pastoralists, and horticulturalists in the late Holocene.

by complex hunter gatherers and date back to between 6000 and 1000 BP. Many were interpreted as burial structures but others were semi- or permanently residential. Larger mounds could indicate the emergence of territorial circumscription (De Blasis et al. 1998).

- 4) Complex burial practices became widespread. In Patagonia, for instance, *chenques* (i.e., stone mounds marking single or multiple burials) were constructed and cemeteries can even be found (see Berón et al. 2000, Castro & Moreno 2000, Goñi & Barrientos 2000).
- 5) Food production. In Central Andes, people handled early forms of cultigens at least by 8000 BP. In other areas, early cultigens also appeared in a huntergatherer context (e.g., Huachichocana, in Argentinean Puna). By 4500 BP, cultigens were widespread. Camelid domestication took place in Central Andes between 6000 and 5000 BP. Also Puna de Atacama has been proposed as a peripheral center of domestication by 4300 BP (Llagostera Martínez 1999, Nuñez 1982). But even herding control did not imply abandoning hunting. In sites where food was abundant wild camelids were still present during this period. Thus, hunter-gatherer societies did not end; instead forager and production practices complemented each other (Yacobaccio et al. 1994).
- 6) European contact. European presence affected hunter gatherers in many ways, some of which had an archaeological expression. Before direct domination occurred, European presence was felt as a scarcity of traditional prey [as in the southern tip of South America owing to European whaling and pinniped overexploitation (see Orquera & Piana 1999, 2000)] and the appearance of new prey (European livestock). Originally, Spanish settlers in the Pampas did not thrive and they returned home, abandoning their livestock to become *cimarrón* (wild). By the sixteenth century, wild cattle became so widespread that native populations, and later new Spanish settlers, adopted them as their main staple, hunting them intensively in what was called *vaquerías*. Between the eighteenth and nineteenth centuries, when this

wild cattle population began to dwindle, native populations took their prey from the growing *estancias* (ranches) by means of *malones* [Indian raids (Palermo 2000)]. They kept some and sold the rest in Chile to acquire new products (see below). The archaeological signal of this commercial circuit was found by Goñi (1986–1987) in Malleo River Valley (Northern Patagonia). The evidence consists of a chain of stone constructions, which can be seen one to the next, as geared to territorial surveillance.

Among the European livestock, which was quickly incorporated by native populations (Politis 2000), the horse was critical. What North American anthropologists called the “horse complex” also appeared in South America, owing to the introduction of European habits related to the horse, coupled with the development of new inventions. Goñi (2000) studied the archaeological signal of the horse incorporation. Because horses require special care (constant access to grasslands and water), according to Goñi, human population home ranges increased, but in what Binford (cited in Goñi 2000) has called extensification. This term refers to an intense use of wide home ranges out from more permanent settlements. Thus, while home ranges were widening, a certain degree of sedentarism was developing.

The exchange of foreign goods generated a dependence (among hunter gatherers) on European settlers and promoted changes in local technologies. For instance, in comparing Tierra del Fuego bone tool samples obtained by nineteenth-century travelers and from archaeological excavations, important differences are observed. The nineteenth-century sample presented raw material and design impoverishment. The sample was composed almost exclusively of harpoon heads, which exhibited larger sizes than the archaeological ones. This increase must have negatively affected their effectiveness. Thus, some tools may no longer have served a technological function but instead as a commodity to obtain European goods. The increase in size may have made those harpoons more attractive to European travelers (Scheinsohn 1993).

When Europeans settled, hunter gatherers reacted in different ways. Some in need of the new European goods (weapons, iron, alcohol, etc.) were attracted by these first settlements, and they made long trips to reach them (see Musters 1997). Others, like Fuegian Selk’nam, avoided contact (Borrero 2001). European appropriation saturated the

available spaces (*sensu* Borrero 2001) and, along with the spread of new illnesses, resulted in the disappearance of hunter gatherers. Currently their descendants are trying to recover their ethnic identity. Most are rural wage workers, but some still practice hunting and gathering.

CONCLUSION

South America presents particular characteristics that make difficult the application of concepts and models created for North American archaeology. For instance, South America is a more oceanic continent, presenting more variety of biomes and milder Pleistocene glaciations. It is not that comparisons are useless but rather that cultural sequences may not be the correct basis for them. Archaeological comparison would be more fruitful in areas that were ecologically similar, as for example Great Basin and Patagonia (Morello 1984).

Additionally, new theory is needed. As Politis notes in *South American Archaeology*, "There is a technical and methodological progress unaccompanied by a parallel theoretical development" (Politis 1999, p. 45). South American huntergatherer archaeology could and should contribute to hunter-gatherer archaeology in general. In this sense, I wish to mention some interesting results obtained by applying ecological models. Among them, the peopling model put forward by Borrero (Borrero 1989–1990) has been regularly applied in Patagonia (Borrero 1994–1995), and much work has been developed from it. On a continental scale, other interesting proposals based in ecology are those of Steele et al. (1998) and Anderson & Gilliam (2000). In the latter case, the results are of particular interest because the peopling model proposes that the main path into South America leads through the central part of the continent, east of the Andes, a region that has received minimal archaeological attention (Anderson & Gilliam 2000).

However, much ecological and biogeographical work is waiting to be applied. For instance, Ruggiero et al. (1998) have modeled an environmental resistance index (used to infer the effects of physical and biological barriers on the size of the geographical distributions) and an anisotropy index (which quantifies the extent to which the perimeter:area ratios of geographical ranges depart from a circle) for South American mammals. Their results could generate some archaeological expectations for hunter

gatherers on a continental scale. For instance, the following could be expected: (a) smaller home ranges for human populations in the tropics; (b) fewer differences in a N-S direction (especially along the Andes) than E-W; and (c) a wider dispersal in environments that have less variation in their environmental resistance index. Thus, dispersal could be modeled in neighboring environments with equal or similar environmental resistance [Steele et al. (1998) had proposed something similar]. These research fields should provide new insight. In spite of the challenges that still remain, a lot of work has been done, elaborated on by many archaeologists for more than a century. New perspectives arising in South American archeology will profit from it, under the insight of more and better theory.

ACKNOWLEDGMENTS

To acknowledge all the people who helped me in this work would be almost imposible, but I would like to express my gratitude to my South American colleagues who informed me about their current research. For brevity's sake, I could not include all the information they shared with me. My apologies for that. I also wish to acknowledge the help of Silvia Chinen in tracking the literature, M'onica Ber'on for her recommendations, and Luis Borrero for his comments on a previous version of this paper. Thanks also to the anonymous *ARA* reviewer who helped to improve this paper. My appreciation is endless for the hard work of María José Figuerero and Victoria Horwitz in the translation revision. And thanks to Silvia Gataffoni for the figures. Finally I wish to thank Cristina Bellelli, Rafael Goñi, Daniel Olivera, and the colleagues who integrated the Archaeology and Evolution Group (Alejandro Acosta, Ramiro Barberena, Marcelo Cardillo, Isabel Cruz, Pablo Fernández, Mariana Mondini, Sebastián Muñoz, Hernán Muscio, Virginia Pineau, Atilio Zangrando). Their discussions oriented me on many issues. Part of this work was developed with the help of CONICET and Fundación Antorchas.

The *Annual Review of Anthropology* is online at <http://anthro.annualreviews.org>

LITERATURE CITED

- Anderson DG, Gilliam JC. 2000. Paleoindian colonization of the Americas: implications from an examination of physiography, demography, and artifact distribution. *Am. Antiq.* 65(1):43–66
- Ardila G, Politis G. 1989. Nuevos datos para un viejo problema. Investigación y discusión en torno del Poblamiento de América del Sur. *Bol. Museo Oro* 23:2–45
- Arenas I, Sanoja M. 1999. Archaeology as a social science: its expression in Latin America. See Politis & Alberti 1999, pp. 59–75
- Aschero C. 2000. El poblamiento del territorio. In *Los Pueblos Originarios y la Conquista, Nueva Historia Argentina*, ed. M Tarragó, Tomo I:17–60. Buenos Aires: Sudamericana
- Barrientos G. 2002. The archaeological analysis of death-related behaviors from an evolutionary perspective: exploring the bioarchaeological record of early American hunter-gatherers. See Martínez&Lanata 2002, pp. 221–54
- Bate LF. 1977. *Arqueología y Materialismo histórico*. México: ed. Cultura Popular
- Belardi J, Carballo Marina F, Espinosa S. 2000. Desde el País de los Gigantes. *Perspectivas Arqueológicas en Patagonia*. Río Gallegos: UNPA
- Belardi J, Fernández P, Goñi R, Guráieb A, De Nigris M. 1999. *Soplando en el Viento, Actas de las III Jornadas de Arqueología de la Patagonia*. Neuquén: Univ. Nac. Comahue, Inst. Nac. Antropología Pensam. Latinoam.
- Bellelli C, Scheinsohn V, Fernández P, Pereyra F, Podestá M, Carballido M. 2000. Arqueología de la Comarca Andina del Paralelo 42. Localidad de Cholila. Primeros resultados. See Belardi et al. 2000, pp. 587–602
- Berón M. 1999. Contacto, intercambio, relaciones interétnicas e implicancias arqueológicas. See Belardi et al. 1999, pp. 287–302
- Berón M, Baffi I, Molinari R, Barrientos G, Aranda C, Luna L. 2000. Estructuras funerarias de momentos tardíos en Pampa-Patagonia. El Chenque de Lihué Calel. See Belardi et al. 2000, pp. 123–40

- Binford L. 1968. Post-Pleistocene adaptations. In *New Perspectives in Archaeology*, ed. SR Binford, LR Binford, pp. 313–41. Chicago: Aldine
- Bonavia D, Monge C. 1999. El hombre Andino. See Rojas Rabiela & Murra 1999, pp. 343–58
- Borrero LA. 1984. Pleistocene extinctions in South America. *Quat. S. Am. Antarct. Penins.* 2:115–215
- Borrero LA. 1989–1990. Evolución cultural divergente de la Patagonia Austral. *An. Inst. Patagonia* 19:133–40
- Borrero LA. 1994–1995. Arqueología de la Patagonia. *Palimpsesto* 4:9–55
- Borrero LA. 1997a. La extinción de la megafauna en la Patagonia. *An. Inst. Patagonia* 25:89–102
- Borrero LA. 1997b. *Paleoindians Without Mammoths and Archaeologists Without Projectile Points?: the Archaeology of the First Inhabitants of the Americas*. Presented at Annu. Meet. Soc. Am. Archaeol., 62nd, Nashville, Tenn.
- Borrero LA. 1999. The prehistoric exploration and colonization of Fuego-Patagonia. *J. World Prehist.* 13:321–55
- Borrero LA. 2001. *El Poblamiento de la Patagonia. Toldos, Milodones y Volcanes*. Buenos Aires: Emecé
- Braidwood RJ. 1960. The agricultural revolution. *Sci. Am.* 203:130–41
- Bryan A. 1973. Paleoenvironmental and cultural diversity in Late Pleistocene South America. *Quat. Res.* 3(2):237–56
- Bryan A. 1999. El Poblamiento originario. See Rojas Rabiela & Murra 1999, pp. 41–68
- Bryan A, Gruhn R. 1992. La discusión sobre el Poblamiento Pleistocénico de América del Sur. *Revista Arqueol. Americana* 5:233–41
- Cardillo M. 2002. Transmisión cultural y persistencia diferencial de rasgos. Un modelo para el estudio de la variación morfológica de las Puntas de Proyectoil Lanceoladas de San Antonio de los Cobres, Provincia de Salta, Argentina. See Martínez & Lanata 2002, pp. 97–120
- Castro A, Moreno E. 2000. Noticia sobre enterratorios humanos en la costa norte de Santa Cruz, Patagonia, Argentina. *An. Inst. Patagonia* 28:225–31
- Chauchat C. 1988. Early hunter-gatherers on the Peruvian Coast. In *Peruvian Prehistory*, ed. RW Keating, pp. 41–66. Cambridge, UK: Cambridge Univ. Press
- Childe VG. 1952. *New Light on the Most Ancient East*. London:

Routledge&Kegan Paul

Clapperton CM. 1993. *The Quaternary Geology and Geomorphology of South America*. Amsterdam: Elsevier
Cohen MN. 1977. *The Food Crisis in Prehistory*. New Haven: Yale Univ. Press

Correal Urrego G. 1990. Evidencias culturales durante el Pleistoceno y Holoceno de Colombia. *Revista Arqueol. Americana* 1:69–89

De Blasis P, Fish S, Gaspar M, Fish P. 1998. Some references for the discussion of complexity among the Sambaqui mound-builders from the southern shores of Brazil. *Revista Arqueol. Americana* 15:75–106

Dillehay TD. 1993. Archaeological trends in the southern cone of South America. *J. Archaeol. Res.* 1(3):235–66

Dillehay TD. 1997. *Monte Verde: a Late Pleistocene Settlement in Chile. The Archaeological Context*. Washington, DC: Smithsonian Inst. Press. Vol. II

Dillehay TD. 2000. *The Settlement of the Americas*. New York: Basic Books, Perseus Book Group

Dunnell R. 1994. Why is there a hunter-gatherer archaeology? See Lanata & Borrero 1994, pp. 7–16

Fiedel S. 1992. *Prehistory of the Americas*. Cambridge, UK: Cambridge Univ. Press. 2nd ed.

Gnecco C. 1990. El paradigma Paleoindio en Suramérica. *Revista Antropología Arqueol.* VI(1):37–78

Gnecco C. 2000. *Ocupación Temprana de Bosques Tropicales de Montaña*. Popayán: Editorial Univ. Cauca

Gómez Otero J, Dahinten S. 1997–1998. Costumbres funerarias y esqueletos humanos: variabilidad y poblamiento en la costa nordeste de la Provincia de Chubut (Patagonia Argentina). *Relaciones XXII–XXIII*:101–24

Goñi R. 1986–1987. Arqueología de sitios tardíos en el Valle del río Malleo, Provincia del Neuquén. *Relaciones XVII*(1):37–66

Goñi R. 2000. Arqueología de momentos históricos fuera de los centros de conquista y colonización: un análisis de caso en el sur de la Patagonia. See Beraldi et al. 2000, pp. 283–96

Goñi R, Barrientos G. 2000. Estudio de chenques en el Lago Salitroso, Provincia de Santa Cruz. See Belardi et al. 2000, pp. 141–60

Kelly R. 1995. *The Foraging Spectrum. Diversity in Hunter-Gatherer Lifeways*. Washington, DC: Smithsonian Inst. Press

Kuhn S. 1994. A formal approach to the design and assembly of mobile

toolkits. *Am. Antiq.* 59(3):426–42

Lanata JL, Borrero LA. 1994. *Arqueología de Cazadores-Recolectores. Límites, Casos y Aperturas*. Special Issue of *Arqueología Contemporánea* 5. Buenos Aires: PREP

Layton R. 2001. Hunter-gatherers, their neighbours and the nation-state. In *Hunter-Gatherers. An Interdisciplinary Perspective*, ed. C Panter-Brick, R Layton, P Rowley-Conwy, pp. 292–321. Cambridge, UK: Cambridge Univ. Press

L'Heureux G. 2002. *Estudio arqueológico del proceso coevolutivo entre las poblaciones humanas y las poblaciones de guanacos en Magallania (Patagonia Meridional y Norte de Tierra del Fuego)*. Presented at XIV Congreso Nac. Arqueol. Argentina, Rosario

Llagostera Martínez A. 1999. Sociedades del Sur Andino: los desiertos del norte y el centro húmedo. See Rojas Rabiela & Murra 1999, pp. 445–64

López Mazz JM. 1999. Some aspects of the French influence upon Uruguayan and Brazilian archaeology. See Politis & Alberti 1999, pp. 38–58

Lumbreras L. 1974. *La Arqueología Como Ciencia Social*. Lima: Ediciones Hístar
Lynch T. 1974. Early man in South America. *Quat. Res.* 4(3):356–77

Lynch T. 1990a. Glacial-age man in South America: a critical review. *Am. Antiq.* 55:12–36

Lynch T. 1990b. El hombre de la edad glacial en Suramérica: una perspectiva Europea. *Revista Arqueol. Americana* 1:141–85

Martínez G, Lanata JL. 2002. *Perspectivas Integradoras Entre Arqueología y Evolución. Teoría, Métodos y Casos de Aplicación*. Serie Teórica, Volumen I. Olavarría: INCUAPAUNC

Mengoni G. 1988. Extinción, colonización y estrategias adaptativas paleoindias en el extremo austral de Fuego-Patagonia. In *Precirculados de las Ponencias Científicas Presentadas a los Simposios del IX Congreso Nacional de Arqueología Argentina*, pp. 119–29. Buenos Aires: Facultad Filosofía Letras, Inst. Cienc. Antropológicas, Univ. Buenos Aires

Miotti L, Salemme M, Menegaz A. 1988. El manejo de los recursos faunísticos durante el Pleistoceno Final y Holoceno Temprano en Pampa y Patagonia. *Precirculados de las Ponencias Científicas Presentadas a los Simposios del IX Congreso Nacional de Arqueología Argentina*, pp.

102–18. Buenos Aires: Facultad Filosofía Letras, Inst. Cienc. Antropológicas, Univ. Buenos Aires

Miotti L, Vázquez M, Hermo D. 1999. Piedra Museo, un Yamnagoo pleistocénico de los colonizadores de la meseta de Santa Cruz. El estudio de la arqueofauna. See Belardi et al. 1999, pp. 113–36

Morello J. 1984. *Perfil Ecológico de Sudamérica. Características Estructurales de Sudamérica y su Relación con Espacios Semejantes del Planeta*. Barcelona: ICI–Ed. Cultura Hispánica

Morrow J, Morrow T. 1999. Geographic variation in fluted projectile points: a hemispheric perspective. *Am. Antiq.* 64(2):215–30

Mostny G. 1971. *Prehistoria de Chile*. Santiago: Editorial Universitaria

Muñoz S, Mondini M. 2002. *Long term human/animal interactions and their implications for hunter-gatherer archaeology in South America*. Paper presented at CHAGS 9, Edinburgh

Musters GC. 1997. *Vida Entre los Patagones*. Buenos Aires: El Elefante Blanco

Nami HG. 1993. Observaciones sobre desechos de talla procedentes de las ocupaciones tempranas de Tres Arroyos (Tierra del Fuego, Chile). *An. Inst. Patagonia* 22:175–80

Nami HG. 1996. Investigaciones actualísticas para discutir aspectos técnicos de los cazadores-recolectores del tardiglacial: el problema Clovis-cueva Fell. *An. Inst. Patagonia* 25:151–86

Nelson M. 1991. The study of technological organization. *Archaeol. Method Theory* 3:57–100

Núñez L. 1982. Asentamientos de cazadoresrecolectores tardíos de la Puna de Atacama. *Chungara* 8:137–38

Núñez L, Grosjean M, Cartajena I. 1999. Un ecorefugio oportunístico en la Puna de Atacama durante eventos áridos del Holoceno Medio. *Estud. Atacameños* 17:125–74

Núñez L, Grosjean M, Cartajena I. 2002. Human occupations and climate change in the Puna de Atacama, Chile. *Science* 298:821–24

Orquera LA, Piana EL. 1999. *Arqueología de la Región del Canal Beagle (Tierra del Fuego, República Argentina)*. Buenos Aires: Publ. Soc. Argentina Antropología

Orquera LA, Piana EL. 2000. El extremo austral del continente. In *Nueva Historia de la Nación Argentina*, Tomo I: 233–57. Buenos Aires: Academia Nac. Historia-Editorial Planeta

Palermo MA. 2000. A través de la frontera. Economía y sociedad indígenas desde el tiempo colonial hasta el siglo XIX. See Tarragó 2000, pp. 343–82

Pineau V, Zangrando A, Scheinsohn V, Mondini M, Fernández P, et al. 2000. Las particularidades de Sudamérica y sus implicancias para el proceso de dispersión de *Homo sapiens*. In *Análisis, Interpretación y Gestión en Arqueología*, ed. R Curtoni, ML Endere. Serie teórica, Volumen 2. Olavarría: INCUAPA, UNCPBA

Politis G. 1991. Fishtail projectile points in the southern cone of South America: an overview. In *Clovis. Origins and Adaptations*, ed. R Bonnichsen, KL Turnmire, pp. 287–301. Corvallis: Cent. Stud. First Am., Oregon State Univ.

Politis G. 1999. La estructura del debate sobre el poblamiento de América. *Bol. Arqueol.* 14(2):25–51

Politis G. 2000. Los cazadores de la llanura. See Tarragó 2000, pp. 61–104

Politis G. 2002. South America: in the garden of forking paths. In *Archaeology. The Widening Debate*, ed. B Cunliffe, W Davies, C Renfrew, pp. 193–244. Oxford, UK: Oxford Univ. Press

Politis G, Alberti B. 1999. *Archaeology in Latin America*. London: Routledge

Rabassa J. 1987. The Holocene of Argentina: a review. *Quat. S. Am. Antarct. Penins.* 5:269–90

Richardson J III. 1998. Looking in the right places: pre-5000 BP maritime adaptation in Peru and the changing environment. *Revista Arqueol. Americana* 15:33–56

Rindos D. 1980. Symbiosis, instability and the origins and spread of agriculture: a new model. *Curr. Anthropol.* 21:751–72

Rojas Rabiela T, Murra J. 1999. *Historia General de América Latina*. Paris: Editorial Trotta, Ed. Unesco. Vol. I. 660 pp.

Roosevelt AM, Lima da Costa C, Lopes Machado M, Michab N, Mertier H, et al. 1996. Paleoindian cave dwellers in the Amazon: the peopling of

the Americas. *Science* 272:373–84

Ruggiero A, Lawton JH, Blackburn TM. 1998. The geographic ranges of mammalian species in South America: spatial patterns in environmental resistance and anisotropy. *J. Biogeogr.* 25:1093–103

Sanders W, Marino J. 1970. *New World Prehistory: Archaeology of the American Indian*. Englewood Cliffs: Prentice Hall

Sandweiss D, Maasch K, Burger R, Richardson J III, Rollins H, et al. 2001. Variations in Holocene El Niño frequencies: climate records and cultural consequences in ancient Peru. *Geology* 29(7):603–6

Scheinsohn V. 1993. El sistema de producción de los instrumentos óseos y el momento del contacto: un puente sobre aguas turbulentas. *Relaciones* XVIII:121–38

Scheinsohn V. 1997. *Explotación de materias primas óseas en la Isla Grande de Tierra del Fuego*. PhD thesis, Univ. Buenos Aires, Buenos Aires

Scheinsohn V. 2002. Un modelo evolutivo en Argentina. Resultados y perspectivas futuras. See Martínez & Lanata 2002, pp. 187–204

Schobinger J. 1969. *Prehistoria de Suramérica*. Barcelona: Editorial Labor
Steele J, Adams J, Slickin T. 1998. Modelling paleoindian dispersals. *World Archaeol.* 30:286–305

Stern C, Gómez Otero J, Belardi J. 2000. Características químicas, fuentes potenciales y distribución de diferentes tipos de obsidiana en el Norte de la Provincia del Chubut, Patagonia Argentina. *An. Inst. Patagonia* 28:275–90

Tarragó M. 1999. Las sociedades del Sudeste Andino. See Rojas Rabela & Murra 1999, pp. 465–80

Tarragó M. 2000. *Los Pueblos Originarios y la Conquista, Nueva Historia Argentina*. Tomo I, Buenos Aires: Sudamericana
Uribe MV. 1999. Las sociedades del norte de Los Andes. See Rojas Rabela & Murra 1999, pp. 315–42

Villalba R. 1994. Tree-ring and glacial evidence from the Medieval Warm Epoch and the Little Ice Age in Southern South America. *Clim. Change* 26:193–97

Winterhalder B, Goland C. 1993. On population, foraging efficiency and plant domestication. *Curr. Anthropol.* 34:710–15

Yacobaccio H, Elkin D, Olivera D. 1994. El fin de las sociedades Cazado-

ras? El proceso de domesticación animal en los Andes Centro-Sur. See Lanata & Borrero 1994, pp. 23–32.

REGISTROS RUPESTRES: CONSTRUÇÃO DE TERRITÓRIOS E APROPRIAÇÃO DE ESPAÇO NA PRÉ-HISTÓRIA

DANIEL DE CASTRO BEZERRA*

GILSON RODOLFO MARTINS**

ABSTRACT

If we look the archeology as a child that passed by maturation phases towards maturity it will see besides the technique the method study the theoretical formulation arrived in the search and explanation of the facts and the building of the prehistory. The analysis of the **registros rupestres** of Serra da Aldeia even that it is not this the objective, initially it starts to where and when to have a database, that can insert it analyzes of the graphic registrations in the sphere of the how end where. Hydrology, geology, geomorphology, vegetation and the **registros rupestres**, pass to be seen, each one, as a part of a whole without association and that, therefore can't be seen separately. Of this way, with this perspective happens the study of the **registros rupestres** aiming to answer, or before, to obtain data that can answer or indicate how the appropriation Enclave Serra da Aldeia space happened and that forms it happens the territory construction in this appropriate space. Dipped of perspective of the accomplishment about a contextual analysis of the **registros rupestres** of the Archeological Enclave Serra da Aldeia, that it is inserted in the Archeological Area of Cariris Velhos. They are seen as cultural/territorially markers and consequently as agents of cultural transmission bearers of a singular characteristic; they are significant without meaning and, therefore, they can be noticed about a cultural unit that being related with other raising with the evidence a same pattern that makes possible that *the space of virtualidade is shared actively by the subjects for time besides the observer*, independent of the temporary dimension.

Palavras-chave: Correlação Enclave arqueológico, Território, Marca-

* Professor do Departamento de História/UFS. Mestre em Geografia UFS/NPGEO Area de concentração: Estudos Arqueológicos. E-mail para contato: castro@ufs.br e/ou dcastrobezerra@bol.com.br

** Professor de Arqueologia pré-histórica do Departamento de História/UFMS. Doutor em Arqueologia USP. Presidente da SAB (Gestão 2003-2005). E-mail para contato: lpa@min.ufms.br

INTRODUÇÃO

Tradição, sub-tradição, Nordeste, Agreste, Itaquiara, grafismo geométrico, grafismo puro, registro rupestre, arte rupestre, entre tantas outras denominações, são muitas vezes resultado muito mais da nossa incompreensão da totalidade que está implícita no marcador cultural (mais uma denominação) que é o registro rupestre, do que da impossibilidade da extração de respostas subjacentes ao registro gráfico.

Esta condição muitas vezes passa a ser externada textualmente: *“Acreditamos tratar-se de uma mistura, nos mesmos sítios, de grafismos das duas tradições ‘Nordeste’ e ‘São Francisco’, provavelmente pintados em épocas diferentes”* (PROUS 1992, p. 525). Do mesmo modo, ao serem feitas referências aos grafismos que não são identificados nas tradições estabelecidas para o Nordeste brasileiro e estando inseridos em sítios filiados a uma destas tradições, considera-se que: *“não temos elementos ainda para separá-los e incluí-los noutra tradição já que temos dúvidas sobre a existência de uma tradição geométrica ocupando os mesmos abrigos da tradição Agreste”* (MARTIN 1997, p. 284-285).

Considerando que existe um conjunto de registros rupestres que não apresentam as características suficientes e necessárias que permitam situá-los em uma das tradições rupestres, partimos da premissa que, se continuarmos formulando as mesmas questões, as respostas invariavelmente serão as mesmas, em virtude desta constatação resolvemos mudar o foco das atenções, saindo da busca do onde e do quando para, neste estudo, inserir a análise dos registros rupestres na esfera do como e do por que.

Neste sentido ao se mudar o enfoque – que necessariamente não busca responder o onde que corresponde à modalidade (de análise) visual, nem o quando implícito na modalidade temporal – desta e com o mesmo sentido, a inserção ou a não inserção de um conjunto gráfico em uma ou mais de uma tradição vai abrir espaço para a formulação de questionamentos que perpassam a materialidade existencial das pinturas e gravuras fixadas nas paredes de granito que lhe servem de suporte e são remetidos aos processos socioculturais intrínsecos a vida em comunidade.

Parte-se, desta forma, a se considerar aspectos pertinentes à modalidade visual-espacial (distribuição de sítios em uma área e de painéis com registros rupestres dentro de sítios) e a temporalidade (comparações

com tradições já fixadas cronologicamente e sobreposições) não como um fim em si, mas como elementos voltados para o porque da sua existência da forma como se apresenta não isolados, cada conjunto identificado na sua respectiva tradição, mas sim em relação a sua configuração social na busca da satisfação das necessidades inerentes ao *homo* que se insere na esfera da sobrevivência, entendidas e reduzidas nesta concepção de análise como alimentação e segurança.

O que seriam então estes registros gráficos? Independentes de serem filiados a uma tradição ou não, o questionamento se volta para se saber se dentro da busca da satisfação das necessidades humanas estes registros gráficos poderiam nos fornecer informações sobre a ocupação do espaço onde elas estão agenciadas.

Para tanto se fez necessário conhecer e reconhecer o espaço, sua relação com os sítios e conseqüentemente compor o contexto envolvendo os aspectos físicos que envolvem a presença humana em um determinado ambiente.

A outra questão que norteou esta pesquisa se voltou, naturalmente como um desdobramento da constatação da ocupação do espaço, para a possibilidade de estarem inseridos nos registros rupestres dados envolvendo a percepção de uma construção territorial.

Sendo assim se procurou ir além do vestígio e buscar a dimensão social, mesmo que fragmentada, da sua existência. A pesquisa desenvolvida não tem como finalidade responder qual grafismo corresponde a tal tradição e/ou sub-tradição, nem resulta na fixação cronológica do *corpus* rupestre da Serra da Aldeia.

O que se fez, ao filiar as pinturas e as gravuras as suas correspondentes tradições, foi abrir as portas do questionamento para que pesquisas futuras, envolvendo escavações, possam, aproveitando-se do fato de se saber que, neste espaço através dos vestígios gráficos pertencentes a uma determinada tradição, grupos se apropriaram desta área resultando daí em construções territoriais, a priori identificadas nos marcadores culturais subjacentes nos registros rupestres e que desta forma também podem estar implícitos nos outros vestígios que venham a ser evidenciados, resultando disto à possibilidade de adensar as considerações desenvolvidas ou, refutar o resultado que foi obtido nesta pesquisa com a apresentação de novos dados.

O MEIO

A partir dos dados descritivos, pertinentes a área em estudo, é possível identificar que os sítios estão localizados em uma área com um ecossistema definido e delimitado por feições geológica, geomorfológica e hídrica particulares. Aqui pleiteado como um enclave dentro de uma área arqueológica, doravante denominado de *Enclave Arqueológico Serra da Aldeia*.

A Serra da Aldeia está localizada geograficamente na microrregião do Cariri Oriental Paraibano, orientada no sentido Sul-Nordeste constituindo-se como a fronteira natural entre os atuais municípios de Cabaceiras e Boa Vista (Mapa 1).

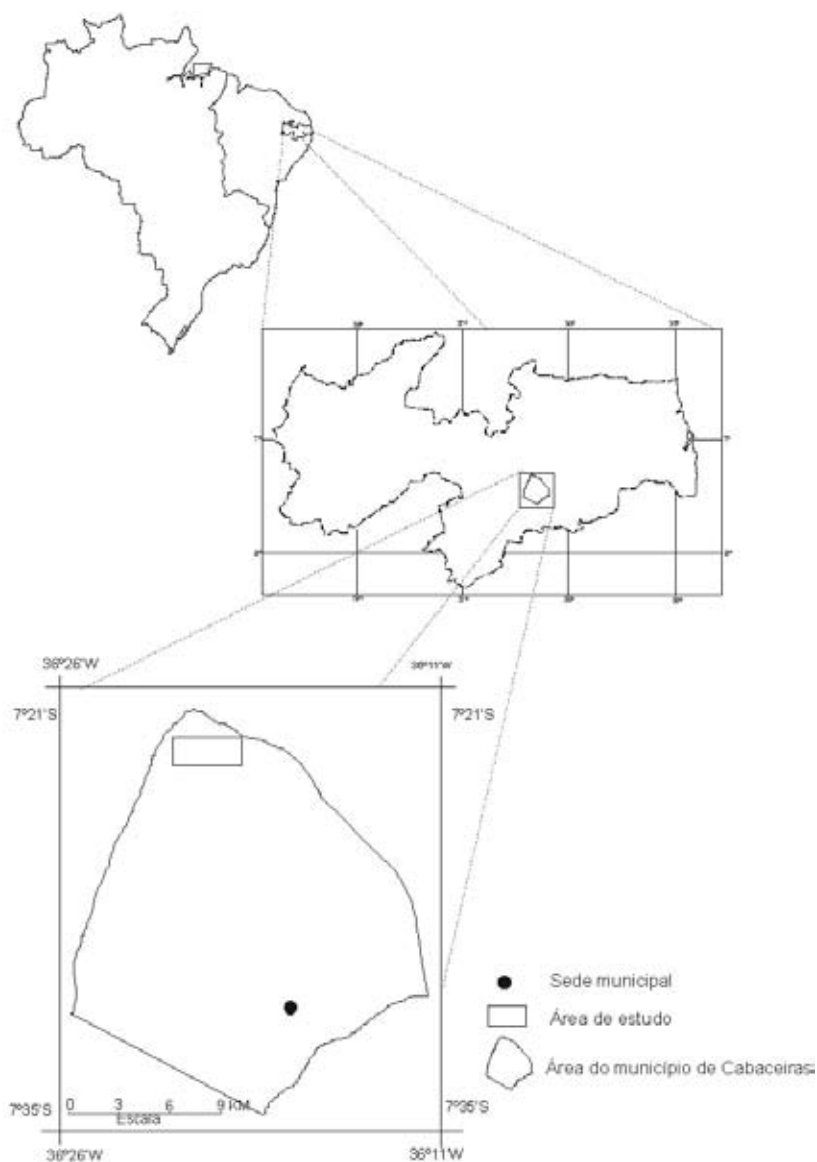
Formando um complexo cristalino da Era Pré-Cambriana a Superfície Aplainada do Maciço da Borborema apresenta-se no Cariri da Paraíba através de rochas magmáticas e metamórficas (gnaisses, migmatitos, xistos, filitos e granitos).

No estado da Paraíba, esta Superfície é denominada de serra da Borborema e atinge dois níveis altimétricos correspondente a uma ampla área planáltica que *“geomorfológicamente, foram classificados como Superfície da Borborema com cotas entre 600 e 750 metros e Superfícies dos Cariris cuja cotas estão entre 400 e 500 metros”* (CARVALHO, 1982, p. 46).

Ao sul da Superfície Aplainada do Maciço da Borborema, na fronteira com o Estado de Pernambuco, existem testemunhos de um nível altimétrico mais elevado sob a forma de cristas alinhadas atingindo a cota de 800 a 900 metros.

Plotada em uma cota altimétrica de 400 600 a metros, a Serra da Aldeia, geologicamente de formação pré-cambriana, é composta por rochas granitóides como granitos e granodioritos que afloram como lajedos e matacões como consequência da erosão diferencial. Um desses afloramentos da Serra da Aldeia é o lajedo de Pai Mateus onde está situado o sítio arqueológico do mesmo nome, no município de Cabaceiras.

A Serra da Aldeia se configura como uma exceção no domínio morfológico da região circundante, em virtude de que *“Em sua feição local, o maciço da Borborema apresenta uma superfície aplainada, apoiada em bases cristalina. No planalto encontramos três formas de relevo: as serras, os peneplanos e as várzeas (...) via de regra são serras isoladas”* (VILAR, 1999, p.4).



Fonte: Atlas Geográfico do Estado da Paraíba
Elaboração: Ronaldo Melo e Daniel de Castro

Mapa 1 Localização da área de estudo

Os solos se apresentam com uma variação que vai ser representativa em relação aos índices pluviométricos e que podem ser divididas em duas. A primeira classificada como Sub-região árida e apresentando índices pluviométricos anuais da ordem de até 400mm/ano apresenta solos litólicos eutróficos e uma vegetação predominantemente composta por espécimes da Caatinga herbácea.

A Segunda, ordenada como Sub-região semi-árida cujos índices pluviométricos anuais estão entre 400 e 800mm possui solos brunos não cálcicos intermediários para vertissolos e solos litólicos sendo que a vegetação correspondente é a da Caatinga arbustiva.

BACIA HIDROGRÁFICA DO RIO TAPEROÁ

A bacia hidrográfica do rio Taperoá, localizada na porção sul da Superfície Aplainada no Maciço da Borborema, encontra-se fisiograficamente na microrregião do Cariri da Paraíba, entre as coordenadas geográficas: 06º 51' e 07º 32' de latitude sul e 30º 15' e 37º 15' de longitude oeste (mapa 2).

Apresentar-se-á alguns dados sobre a bacia do rio Taperoá para logo após tecer algumas considerações sobre a utilização desta malha hídrica como via de contato e dispersão entre grupos humanos.

Ocupando uma área de 5.668 Km², a bacia do rio Taperoá, composta por nove sub-bacias, deságua no açude público Epitácio Pessoa (Boqueirão) e tem como fronteira hídrica ao sul, o rio Paraíba que também deságua no mesmo açude, daí seguindo para o oceano Atlântico.

A malha hidrográfica da bacia do rio Taperoá tem como principal característica geomorfológica a presença de *grandes avenidas* (CARVALHO, 1982) e ausências de meandros. Por possuir uma drenagem exoréica, o processo de salinização excessiva dos seus ecossistemas tem sido evitado.

Caminhos naturais de dispersão e de contato entre povos, os rios assumem, no Nordeste do Brasil, um caráter essencial, quando se reporta às possíveis vias de migração em uma região que apresenta um quadro semi-árido composto predominantemente por uma malha hídrica de rios intermitentes e sazonais (AB'SABER 1991).



Mapa 2 Localização da Bacia do rio Taperoá

O rio Taperoá, que tem as suas cabeceiras na porção ocidental da superfície aplainada do maciço da Borborema. Após cortar no sentido oeste/leste o Cariri paraibano, tem na altura do atual açude de Boqueirão (açude público Epitácio Pessoa) ponto de encontro com o rio Paraíba que, desde os primeiros contatos dos colonizadores com os grupos indígenas, tem sido utilizado como via de comunicação. É do historiador Horácio de Almeida a seguinte assertiva:

Transpondo-se essa serra por seus aclives menos acidentados, entra-se no território da Paraíba, na altura do município de Monteiro, onde o Paraíba tem as suas nascentes. E foi descendo por esse rio que chegou finalmente ao teatro da guerra, em fins de 1584 ou mais provavelmente em princípios de 1585 (ALMEIDA *apud* MAIA, 1978, p. 14).

A citação faz referência ao episódio do deslocamento de uma tribo de índios Tabajaras das margens do São Francisco para o litoral paraibano na época das guerras de conquista da capitania real da Paraíba no século XVI.

Em relação à utilização dos rios, como via de locomoção em terras paraibanas por povos nativos, este é o mais antigo fato registrado do qual se tem conhecimento. Outros relatos históricos acrescentam mais alguns dados sobre o uso dos rios do Cariri paraibano como vias de comunicação.

Foi Antônio de Oliveira Ledo que procedente da Bahia atravessou o São Francisco e chegando ao Pajeú, entra na Paraíba através do rio Sucuru e prossegue pelo rio Paraíba até atingir a região do Boqueirão (...) Não se deixou estagnar-se na aldeia que acabara de fundar. Espírito aventureiro. Saiu marginando o Paraíba, passou para Taperoa. Desceu a Borborema, entrou nas Espinharas, estacionou no lugar onde se expande a cidade de Patos (ALMEIDA *apud* SEIXAS, 1985, p. 162).

De forma semelhante os catequizadores católicos utilizaram-se dos rios como via de acesso às novas povoações que os colonizadores iam estabelecendo em consequência da sua penetração pelo interior.

...em 1670 quando o padre Martin de Nantes vindo de Olinda, alcançou o rio Paraíba, depois de Bom Jardim, nas alturas de Umbuzeiro e por ele subiu até o arraial do Carnoió, hoje cidade de Boqueirão onde já se encontrava o sertanista Antônio de Oliveira Ledo, advindo das margens do São Francisco (ALMEIDA *apud*, MAIA, 1978, p.17).

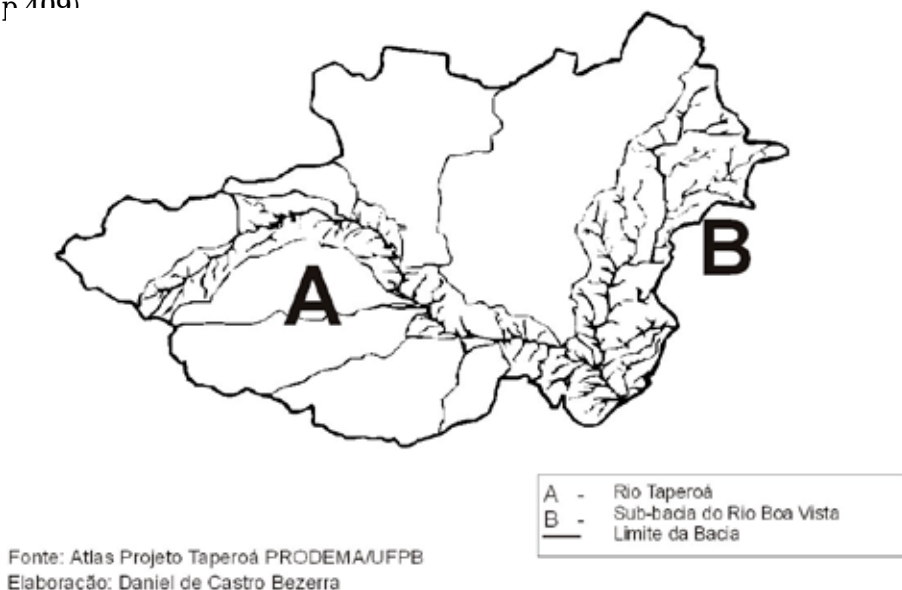
Os relatos citados revelam a utilização dos rios como caminhos que resultou na penetração do elemento colonizador para o interior das terras do atual Estado da Paraíba fato este que teve como consequência imediata ou a expulsão dos povos nativos que ocupavam a região ou o seu extermínio através da prática da chamada guerra justa.

SUB-BACIA RIO BOA VISTA

A sub-bacia rio Boa Vista (mapa 3) possui uma superfície de 877,04 km² e tem como principais formadores riachos que, como nos relata Joffily contribuem para formar o rio Santa Rosa (denominação dada ao rio

Boa Vista em fins do século XIX) e estão ordenados desta forma:

Os três grandes riachos, Algodão, nascendo umas três léguas ao norte da fazenda que lhe dá o nome, Carotá e o de Pocinhos formam o rio Santa Rosa, o qual depois de banhar a povoação de Boa-Vista e de atravessar a **Serra da Aldeia**, lança-se no rio Taperoá acima da vila de Cabaceiras. O seu curso é quase todo no termo de Campina Grande, e suas nascentes servem de pendor das águas do Curimataú ao norte e do Paraíba ao sul, e este é o rumo de sua corrente (**o grifo é nosso**. 1892, p. 109)



Mapa 3 Localização da sub-bacia do rio Boa Vista

Todos os rios existentes nesta bacia são caracterizados como rios temporários, entretanto, devido à variabilidade da precipitação anual é possível estabelecer a existência de dois regimes hidrológicos para estes rios um denominado de temporário e outro de efêmero. A diferença pode ser caracterizada pelo fato de que:

Os rios temporários estão marcados pela presença de um fluxo de água superficial maior ao longo do seu ciclo hidrológico, e um perí-

odo de seca estacional, os rios efêmeros apresentam fluxo de água superficial somente após uma precipitação não previsível. Esta marcha estacional pode variar anualmente, dependendo do modelo de precipitação anual (frequência, intensidade e duração). Um rio de características temporárias em um ano úmido pode tornar-se um rio efêmero em um ano excessivamente seco (MALTCHIK Coord., 1998, p.1).

Dentro deste panorama de variação hídrica entre temporário e efêmero está inserida a sub-bacia do rio Boa Vista que banha a Serra da Aldeia. O rio Boa Vista em seu curso desde a sua nascente, no limite nordeste da bacia do Taperoá seguindo a conformação da Superfície Aplainada do Maciço da Borborema, até a sua foz, quando deságua no rio Taperoá, revela-se ser um rio com um considerável potencial de dissecação.

OS SÍTIOS NO CONTEXTO FÍSICO

A existência de sítios arqueológicos neste meio transforma este contexto, físico, em um biogeográfico deslocando a discussão da relação homem-meio para homem-meio-homem a partir da perspectiva da existência dos marcadores culturais subjacentes aos sítios.

Os dados que seguem dizem respeito direto à localização e ao entorno dos sítios descrevendo cada sítio abordado na pesquisa. Esta descrição tem a função de apresentação do espaço estudado, bem como fornecer a outros pesquisadores os elementos mínimos necessários para a localização dos sítios.

Descrições sobre evidências arqueológicas no Estado da Paraíba têm sido um fato constante desde o século XVII quando o capitão-mor da Paraíba Feliciano de Carvalho relatou que:

... fazendo guerra ao gentio Petiguar, aos 29 dias do mês de dezembro do ano de 1598, se achara junto a um rio chamado Arasoagipe, (...) alguns soldados, que foram por ele abaixo, toparam nas suas fraldas, com uma cova, na banda do poente, composta de três pedras, que estavam conjuntas umas com as outras, (...) e ali por toda a redondeza que fazia na face da pedra se achavam umas molduras, que demonstravam, na sua composição, serem feitas artificialmente

(BRANDÃO, 1977, p.46).

Este principia uma série de relatos e descrições entre os quais destacamos o trabalho da professora Ruth Trindade de Almeida que desenvolveu uma pesquisa na Microrregião dos Cariris Velhos cujo resultado foi a publicação de um livro onde a autora descreve 49 sítios e afirma em determinado momento “*nosso trabalho foi o primeiro passo dado no sentido de coletas de dados*” (1979, p. 26). Apesar de trabalhar na microrregião dos Cariris Velhos da Paraíba, os dados referentes aos sítios aqui expostos não foram contemplados no trabalho de Almeida.

O sítio Pai Mateus está situado na porção sul da Serra da Aldeia, no Lajedo de Pai Mateus, que é uma serra granítica com mais de 5 Km² de extensão (sítio1) está localizado a 16 Km a norte da sede do município de Cabaceiras. O acesso ao Lajedo de Pai Mateus, após a chegada à sede da fazenda Tapera, ocorre tomando-se a estrada que liga esta com a fazenda Gangorra, do mesmo proprietário, seguindo-se para leste após percorrer um espaço de 2 Km. Na margem esquerda da estrada avista-se o lajedo onde se localiza o sítio.

Este sítio possui um conjunto de seis painéis com registros rupestres localizados em abrigos e em blocos de granito compondo um conjunto de 62 figuras, sendo que destas 8 são gravuras e as restantes pinturas todas em vermelho. Os registros são compostos por grafismos puros, mãos e um zoomorfo.

Dentro do conjunto de características que compõem o sítio, tem-se na vertente leste do lajedo, remanescentes da vegetação nativa compreendida por Jatobás, Juremas, Umbuzeiro, Angico, Macambira, Umburana. Destas espécies algumas são fontes de proteína vegetal e outras possuem propriedades fitoterápicas.

Por entre a vegetação pode-se encontrar vasta concentração de blocos de granito alguns dos quais formam abrigos. Trata-se de abrigos com possibilidades de sondagens, entretanto nestes abrigos não foram encontrados registros rupestres.

O sítio Manoel de Sousa (sítio2) está situado na porção central da Serra da Aldeia a uma altitude de 500 metros. Denominado de Lajedo pelos habitantes locais, este sítio, encontra-se encravado em uma porção da Serra da Aldeia que se apresenta bastante trabalhada pela ação erosiva, o que resultou na completa ausência de sedimento e vegetação e na formação de vários abrigos escavados em blocos de granito.

Neste sítio o conjunto rupestre é composto por um total de 203 figuras, pinturas em vermelho e gravuras, distribuídas em quatro painéis em dois abrigos. Os painéis um e dois estão localizados na parte externa de um abrigo que tem ao longo do seu teto um painel (o de número 3) com grafismos puros, círculos concêntricos e antropomorfos. O quarto painel se encontra em um abrigo com os registros ocupando também o teto.

O acesso a este sítio pode ser realizado por dois pontos o primeiro deles tem por referência a sede da fazenda Tapera e segue para norte na estrada vicinal que vai dar na base da serra na vertente sul, seguindo por uma trilha que leva a uma passagem para o topo da serra e conseqüentemente ao sítio.

O segundo caminho é realizado partindo-se da propriedade do senhor Veneziano Cesário da Cunha, na comunidade denominada de Tapera, até chegar ao leito do Rio Boa Vista, a partir do qual volta-se para leste após caminhar 1800 metros, até o ponto de confluência da vertente norte da serra com o leito do rio, para então iniciar a subida que levará ao sítio com os seus painéis de registros rupestres.

Para se ter acesso ao Sítio Tanque Entre Serras (sítio 3), o procedimento a ser adotado é o mesmo descrito para o sítio Manoel de Sousa (a primeira opção de acesso), observa-se, no entanto, que ao se aproximar do ponto onde a serra sofre o rebaixamento ou solução de continuidade se deve para lá seguir, ao invés de seguir adiante, após uma breve caminhada para a superação dos 600 metros que separam a estrada vicinal do local do tanque chega-se ao sítio.

Este sítio possui painel único composto de em série de manchas distribuídas ao longo do suporte e de 44 figuras pintadas em vermelho que foram classificadas como grafismos puros.

Existe na face norte da serra uma rampa de colúvio que com o acúmulo de sedimentos desenvolveu uma vegetação atualmente da caatinga arbustiva com resquícios de árvores de médio porte. Outro aspecto relacionado com o sítio é a existência de um tanque natural com grande capacidade de abastecimento de água, fato este que foi constatado *In loco*.

O sítio Furna dos Caboclos (sítio 4) é composto de um conjunto de três painéis em blocos isolados e distantes de si algo em torno de 50 a 100 metros. Entre os blocos existe sedimento resultante de um terraço que outrora foi o leito do Rio Boa Vista. Atualmente em relação ao leito do rio os blocos encontram-se na seguinte situação: o mais distante deles está a 40 metros do rio e a uma altura de 10 metros em relação ao leito

atual ao passo que os outros dois estão em um terraço na margem a uma altura de 2 a 3 metros do leito.

Os registros foram realizados em três blocos de granito e se encontram em relação ao meio, expostos a intempéries, a exceção de um painel no interior de um abrigo, que não apresenta na sua base sedimento. O sítio dista do sítio Manoel de Sousa em 500 metros. Escolheu-se como ponto de partida e chegada para a delimitação da distância, a menor proximidade entre dois painéis, de um sítio para o outro. Portanto para se ter acesso até a Furna dos Caboclos basta ir até o Manoel de Sousa e deste localizá-lo com o auxílio de um GPS observando-se as coordenadas pertinentes ao sítio.

O conjunto de registros deste sítio tem um total de 71 figuras pintadas em vermelho composto por grafismos puros, mãos e uma ave estilizada.

O Sítio Lajedo Grande (sítio 5) recebeu esta denominação justamente por estar situado na fração da Serra da Aldeia que conta com a maior extensão em termos de área segundo a folha SB.24-Z-D III (Boqueirão) produzida pela SUDENE. Este sítio tem seis painéis com registros rupestres dois deles estão em abrigos e os outros quatro ao ar livre, um dos painéis foi confeccionado em preto e os outros em vermelho e são compostos por grafismos puros, mãos e círculos concêntricos perfazendo um total de 86 figuras.

Os painéis estão separados entre si por uma distância de mais de 50 metros o que em um primeiro momento pode-se acreditar que se trata de mais de um sítio. Esta primeira impressão que este sítio oferece ao pesquisador ocorre em consequência da existência dos painéis em blocos de granito situados em cotas altimétricas diferenciadas.

O acesso a este sítio é feito a partir do Sítio Manoel de Sousa após descer a sua vertente norte chegando ao leito do Rio Boa Vista caminhando 1000 metros seguindo o seu curso chega-se ao Lajedo Grande que está situado na sua margem direita. No entorno do sítio existem vários abrigos com possibilidades de escavação sendo que nos locais onde os painéis foram executados, não existe essa possibilidade, já que os blocos que servem de suporte tem a sua base assentada sobre a rocha matriz.

O Sítio Casa de Pedra do Roçado (sítio 6), situa-se na porção norte da Serra da Aldeia, estando distante do sítio arqueológico Lajedo Grande por uma distância superior a 1000 metros.

Composto por dois blocos de granito separados entre si, como tem

sido verificado nos demais sítios existentes na Serra da Aldeia, exceto o Sítio Tanque Entre serras, este sítio recebe esta denominação devido à existência de um abrigo que já foi utilizado como depósito de ferramentas agrícolas.

Neste abrigo formado pela queda de blocos, as pinturas foram realizadas na parte externa do suporte, apresentando grafismos puros na cor vermelha com presença de espirais e grafismos puros podendo ser observada algumas manchas vermelhas.

O conjunto rupestre se resume a 5 figuras, sendo quatro pinturas em vermelho e uma gravura, o destaque para este conjunto é para o tamanho das figuras.

O procedimento para se ter acesso a este sítio é o mesmo sugerido para o sítio Lajedo grande. A utilização de um aparelho de G.P.S. para a localização exata dos blocos com os painéis é recomendável.

O sítio Lagoa dos Mudos (sítio 7) tem seu acesso só possibilitado com o auxílio de moradores locais, pois, encontra-se circundado entre elevações que dificultam a sua localização. No Sítio existem vários blocos de granito, entre os quais três foram utilizados como suporte para painéis de registros rupestres.

Este sítio tem no seu entorno imediato dois reservatórios naturais de água um deles está situado imediatamente abaixo de um dos blocos onde foram realizados os grafismos. Este matacão fica situado em uma base granítica, que possui uma concavidade onde ocorre acúmulo de água, tal concavidade atua como reservatório de água para a população local.

O segundo está situado na área circundante compondo o que os moradores locais chamam de “lagoa” que pelas condições do local permite o acúmulo de considerável quantidade de água quando ocorrem às cheias do rio Boa Vista, que tem a sua margem localizada a uma distância de 500 metros e que devido à configuração do relevo circundante promove a inundação da área.

Dos matacões onde foram realizados os registros rupestres, um deles está a salvo da ação direta das águas por estar situado em um plano mais elevado em relação à lagoa. O mesmo não ocorrendo com os outros. O conjunto gráfico do sítio é composto por gravuras e pinturas em vermelho com um total de 30 figuras sendo 22 pintadas e 8 gravadas compostas por grafismos puros.

Quanto ao estado de conservação, as pinturas encontram-se par-

cialmente cobertas por uma camada de pátina. Não existe possibilidade para a realização de sondagens, visto que o sítio encontra-se sobre uma base granítica com completa ausência de sedimentos.

O sítio Lagoa da Cunha (sítio 8) encontra-se em uma depressão, conhecida pelos moradores como “Lagoa da Cunha”, que faz parte de uma propriedade rural cujo objetivo da proprietária é transformá-la em uma área de preservação ambiental (APA), fato este que vem ajudando a preservar os painéis.

O acesso ao sítio, pode ser feito apenas com prévia autorização da sua proprietária que reside na cidade de Campina Grande como nos informou o administrador da fazenda. Obtida a permissão segue-se do sítio Lajedo de Pai Mateus para a sede da fazenda Salambaia, onde se encontra o sítio, sendo que o restante do percurso é realizado com o auxílio de moradores da fazenda.

Neste sítio cinco painéis se espalham nos blocos de granito que lhe servem de suporte, com um total de 160 registros que envolvem pinturas em vermelho e gravuras, compostas por grafismos puros, antropomorfos, mãos e círculos concêntricos.

O sítio no seu entorno apresenta uma vegetação nativa em bom estado de conservação o que contribui para a existência de um ambiente favorável à proliferação de espécies animais pertencentes à fauna local.

Em relação à malha hídrica circundante ao sítio, apresenta-se como parte da mesma, já que as águas acumuladas na sua ‘lagoa’ quando atingem o seu ponto máximo escoam para o leito do rio Boa Vista que tem suas margens a Norte e Noroeste do sítio.

No local onde foram realizados os registros rupestres, o sítio não apresenta condições para se realizar sondagens, visto que, os blocos rochosos estão assentados sobre um afloramento rochoso, porém, existem três abrigos a noroeste desse sítio que possuem condições propícias a sondagens.

Como foi dito no início deste capítulo, a descrição dos sítios cumpre uma das etapas do estudo dos sítios existentes no enclave da Serra da Aldeia. Esta descrição é introdutória e, cumpre uma função didática, tendo-se em vista esta necessidade, com a utilização de um G.P.S. os sítios foram plotados e as suas coordenadas estabelecidas, a partir da tomada de um ponto equidistante entre os vários blocos com registros rupestres que compõem cada sítio, com exceção do sítio Tanque entre Serras, já que este é composto de um único bloco. O resultado deste procedimento

Quadro 1: Localização Geográfica dos sítios da Serra da Aldeia

Nº	SÍTIOS	COORDENADAS	
		Latitude Sul	Longitude Oeste
1	Pai Mateus	07º 22' 56,6"	36º17'51,4"
2	Manoel de Sousa	07º22'25,4"	36º19'13"
3	Tanque Entre Serras	07º22'09,7"	36º18'29,8"
4	Furna dos Caboclos	07º22'15"	36º19'20"
5	Lajedo Grande	07º22'31,5"	36º19'32"
6	Casa de Pedra do Roçado	07º22'30,2"	36º19'49,8"
7	Lagoa dos Mudos	07º22'16,1"	36º19'26,7"
8	Lagoa da Cunha	07º21'00,4"	36º18'01,5"

Fonte: Trabalho de campo
Autor: Daniel de Castro Bezerra

está sintetizado no quadro 1.

A distribuição dos sítios pode ser observada na figura 1, permitindo

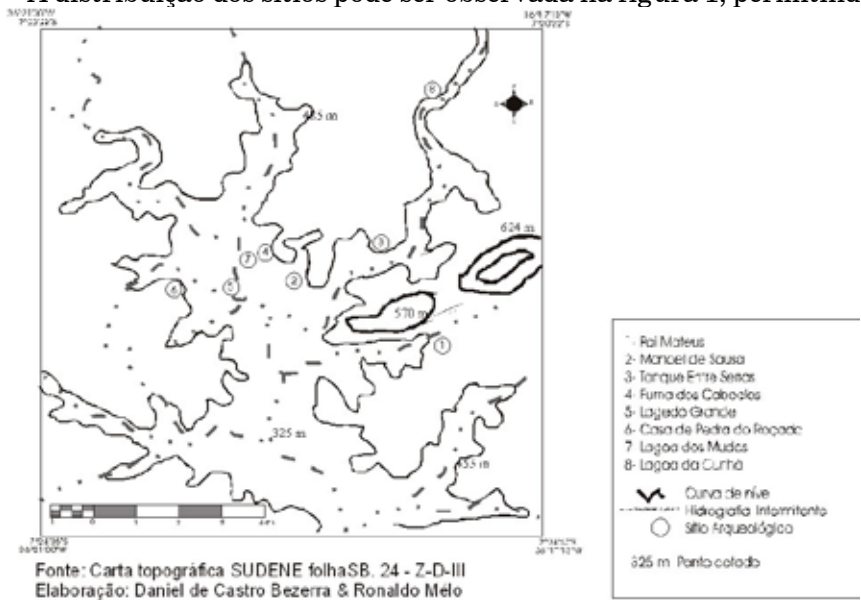


Figura 1 Distribuição espacial dos sítios em estudo

desta forma uma visualização ampla da área de estudo.

Como resultado da identificação dos sítios do enclave arqueológico da Serra da Aldeia surgiram alguns questionamentos que são descritos nos seguintes termos:

Com base no registro da evidência de um conjunto de sítios com registros rupestres, espalhados em blocos de granito, pode-se determinar se existe relação de semelhança, bem como o grau, entre estes sítios?

Ao serem considerados outros fatores como, a análise das correlações culturais - correlação cultural, para este estudo, é entendida como a dependência entre dois ou mais registros rupestres, em que a ocorrência de uma característica em um dos registros favorece a ocorrência de um conjunto de valores nos outros registros - subjacentes à existência das pinturas e gravuras identificadas nos vários sítios o resultado será o mesmo?

Em relação a estes questionamentos, parte-se da premissa que os vestígios são um dos vários aspectos que diz respeito à complexidade do cotidiano dos grupos humanos pré-históricos. Dessa forma, os problemas levantados a partir da identificação dos vestígios revelam parte dessa complexidade que envolve o conhecimento e a (re)construção da pré-história.

Tomando-se por base o pressuposto de que, as condições de sobrevivência para os habitantes deste ambiente, o enclave da Serra da Aldeia, estavam sendo atendidas. A pesquisa volta-se para a análise dos dados pertinentes aos registros rupestres, tendo-se em vista o estabelecimento de parâmetros que possam delinear a ocupação desse espaço, bem como, a construção de um território, ou antes, com o estabelecimento do processo de territorialização que envolve o espaço.

Um aspecto que resulta naturalmente do contato cotidiano entre humanos é a sociabilidade, que tem na transmissão dos conhecimentos comuns, um dos aspectos que envolvem a manutenção da própria comunidade.

Nesse campo da análise pré-histórica o processo torna-se restrito e bastante dificultado já que das formas de transmissão de conhecimentos na pré-história tais como, a oralidade e a gestualidade não se pode dispor. Porém, os registros rupestres nas formas de pinturas e gravuras, sendo uma das várias fontes de informação arqueológica, são considerados nesta proposta como um veículo de comunicação pré-histórica que encerra em si um longo alcance envolvendo duas modalidades iniciais

uma visual e outra temporal.

A modalidade visual está representada pela existência dos conjuntos gráficos nos sítios arqueológicos que foram categorizados como sendo possuidores de uma propriedade voltada para o detalhe no visual.

Esses tipos de grafismos foram relacionados à tradição Nordeste, por sua vez outros como no caso das pinturas filiadas a tradição Agreste, causadores de uma *espécie* de impacto ótico, já que:

Alguns são de considerável tamanho. Como é o caso do painel I, da Pedra do Tubarão em Venturosa (PE), que mede 1,50 cm de altura ou os grafismos puros da Pedra da Buquinha, no mesmo município (Figuras 88 e 89). A presença desses grafismos nos levou a separar uma variedade que, provisoriamente, foi chamada de ‘geométrica elaborada’ (MARTIN, 1997, p. 284).

Independente do enfoque dado para o aspecto visual existente, essa modalidade tem uma conotação espacial à medida que permite a constatação da distribuição dos painéis dentro de um sítio e/ou dos sítios dentro de um enclave e de enclaves dentro de uma área.

A modalidade temporal, apesar das restrições impostas pelas dificuldades envolvendo a realização de datações para as pinturas e gravuras, pode ser vislumbrada a partir de uma análise da existência de sobreposições de grafismos em um mesmo painel.

Pode-se, desta forma, obter uma cronologia para a execução desses grafismos em particular, pois permite o desenvolvimento de afirmações de que certo tipo de grafismo filiado a uma determinada tradição rupestre foi executado depois de outro pertencente à outra tradição, sem que seja determinado quando um dos painéis em análise foi executado.

Desta forma, obtém-se elementos necessários para situar cronologicamente em ordem seqüencial qual tradição foi primeiro executada. Análises químicas envolvendo resíduos orgânicos que cobrem parcial ou totalmente os grafismos podem fornecer datações relativas há quanto tempo esses painéis estão envoltos por esse invólucro, permitindo tecer inferências e conjecturas sobre sua provável antiguidade.

Um terceiro aspecto a ser observado referente à modalidade temporal, que envolve os grafismos rupestres, é a possibilidade de datações envolvendo vestígios e sedimento que em alguns sítios cobrem painéis

com pinturas e gravuras como relata Martin:

Cronologicamente, pelos dados que até agora se conhecem, a tradição Agreste, posterior a Nordeste, aparece no SE do Piauí em torno de 5.000 anos antes do presente. Essa data se obteve na Toca da Boa Vista I, em São Raimundo Nonato. Trata-se de mais um caso de boa sorte, compensando a tradicional dificuldade para se datar registros rupestres; antropomorfos típicos dessa tradição foram pintados numa saliência da rocha, da qual a tinta escorreu em quantidade suficiente para deixar, no sedimento, restos do pigmento utilizado. Carvão procedente desse sedimento forneceu a data citada de 5.000 anos (1997, p. 280).

Essas possibilidades fornecem elementos necessários para o pesquisador, por similaridade, atribuir a possibilidade de filiação entre os vestígios datados e aqueles que não consegue datar mesmo que estes estejam em outra área. Fixando-os cronologicamente ao desenvolver os estudos de correlações sobre os grafismos:

Em Pernambuco, foram obtidas quatro datações radiocarbônicas relacionadas com pinturas rupestres de tradição Agreste, que as situam em torno dos 2000 BP. Duas, no sítio Peri-Peri, em Venturosa, foram obtidas de duas fogueiras nas quais foram coletados fragmentos de ocre com marcas de ter sido raspado de modo a formar pequenos recipientes onde se teria preparado o pigmento. As outras duas procedem do Sítio Alcobaça, em Buíque, obtidas do sedimento que cobria parte das pinturas. Além dos fragmentos de ocre foram obtidas também lascas e raspadores com restos de tinta vermelha (MARTIN, 1997, p. 281).

Partindo-se desta abordagem em que os registros rupestres são parte de um sistema de comunicação e como tal, transmitem as características do grupo cultural que os realizou, torna-se pertinente estabelecer o seguinte questionamento:

Até que ponto os registros rupestres da área em estudo podem fornecer informações sobre o processo de territorialização que envolve o espaço?

Pode esse conjunto de registros fornecer informações sobre a di-

menção material, que é necessária para caracterização da ocupação de um determinado espaço e conseqüentemente da construção territorial?

REGISTROS RUPESTRES

Os sítios analisados neste estudo foram considerados como tal a partir da ordenação dos registros rupestres e da menor proximidade dos painéis entre si sendo que, os blocos e/ou matações de granito com pinturas e/ou gravuras existentes em um mesmo lajedo ou terraço foram considerados como pertencentes a um mesmo sítio.

Desta forma foram identificados ao longo da Serra da Aldeia oito sítios, arqueológicos com vinte e nove painéis (29). Na figura 1, pode-se observar a distribuição espacial dos mesmos. Na seqüência, relacionar-se-á os dados sobre os registros rupestres pertinentes a cada sítio.

A - Pai Mateus

Neste sítio existem seis painéis com registros rupestres (pinturas e gravuras). Todos os painéis têm como suporte blocos de granito fato este que os deixa expostos a ação direta da luz solar e da ação da chuva. Em relação à fonte de água atual a distância é de 10 - 15 m onde depressões na rocha granítica formam tanques.

No seu conjunto os painéis deste sítio têm sua abertura voltada para o oeste e apresentam um estado de alteração, que vai de médio para forte, no que diz respeito ao pigmento. O número das figuras chega a um total de 62.

Em relação à técnica de execução dos registros as figuras pintadas foram realizadas com instrumento de médio porte, dedos e carimbos de mãos. Por sua vez as gravuras foram executadas através da técnica de desgaste seguida de polimento.

Os registros foram classificados em grafismos reconhecidos, reconhecíveis e puros sendo que os registros pintados foram executados com tinta vermelha. As figuras identificadas possuem as seguintes dimensões:

- a) Maiores 70 x 26 cm
- b) Menores 10 x 12 cm

Foram identificados no painel 1 (figura 2), que está em um abrigo,

grafismos reconhecíveis, mãos carimbadas, e no mesmo suporte na parte externa um zoomorfo que foi considerado como um painel sendo denominado de painel externo.

As mãos estão agenciadas em relação ao suporte na parte superior, compondo um cenário de quatro agrupamentos de mãos, em um total de 29 figuras, com espaços vazios entre cada um dos grupos. Devido às condições de esfoliação do suporte, em relação ao estado de conservação, os registros se encontram em adiantado estado desgaste o que dificulta a observação e requer medidas voltadas para retardar o processo de destruição que está em curso.

O painel 2 (figura 2) é composto por 4 grafismos puros com 117 cm de largura X 60 cm de altura. Os grafismos foram pintados com tinta na cor vermelha e estão situados em um matacão de granito a uma altura de 140 cm do solo podendo ser facilmente alcançado.

O painel 3 (figura 2) tem 528 cm de largura e 280 cm de altura sendo composto por um total de 15 figuras classificadas como grafismos puros, no qual há uma tendência de denominá-los de *faixas vermelhas*, estas *faixas* estão situadas na face externa de um abrigo. Este painel em relação ao solo está situado a 127 cm de altura na porção central do painel e 50 cm na parte direita de quem fica de frente para o suporte. Os grafismos foram pintados com tinta na cor vermelha.

O painel 4 (figura 2) é composto por gravuras classificadas como grafismos puros, confeccionadas a partir da técnica de raspagem sem apresentar indícios de posterior polimento, os registros que perfazem o total de 8 figuras estão no teto de um abrigo formado pela rocha suporte. No solo deste abrigo existem 3 moissas com diâmetro de 12 cm e profundidade de 6 a 8 cm apresentando um acabamento a partir da técnica de polimento que não demonstra existir nem uma ranhura cortante nas suas bordas. No entorno deste abrigo existem outros sem a presença de registros rupestres, porém com sedimento o que possibilita a realização de escavações.

O painel 5 (figura 2) é composto por grafismos puros pintados na cor vermelha e estão localizados no lado exterior de um matacão que forma um abrigo de pequeno tamanho que só permite ser ocupado por duas ou três pessoas deitadas. De uma extremidade a outra o painel possui 420 cm de largura X 180 cm de altura, entretanto existe entre os grafismos um considerável espaço sem grafismo algum, que agenciados dentro da composição do painel tende a ser visto como espaço vazio, mas

Conjunto Rupestre do Sítio Pai Mateus

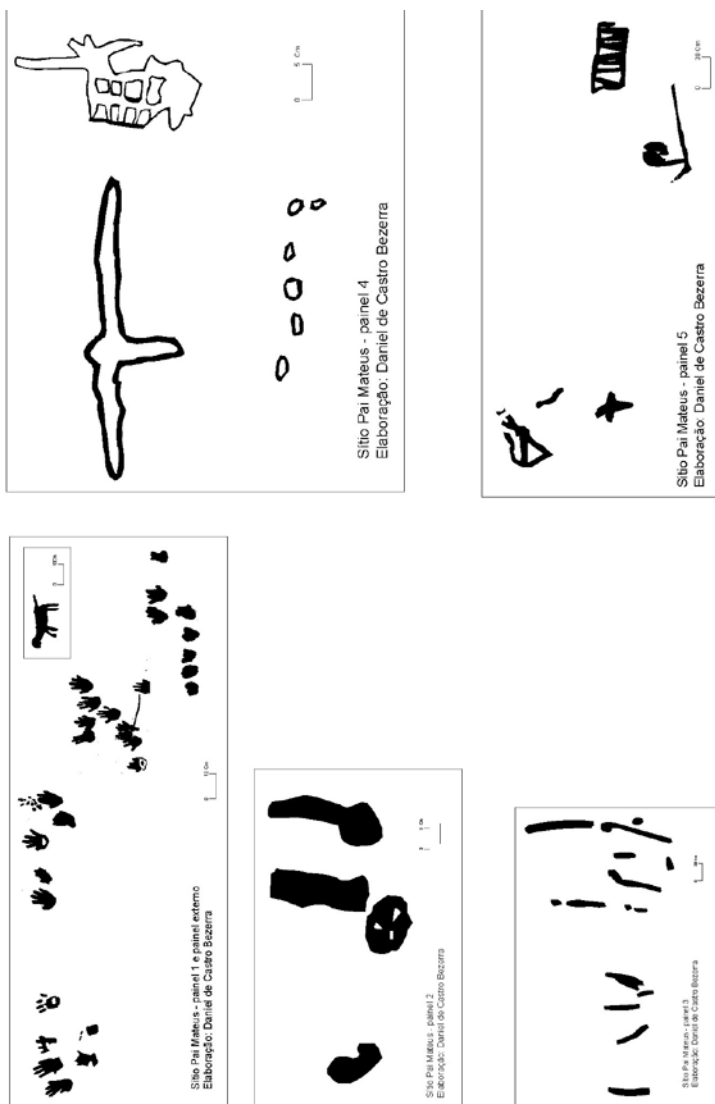


Figura 2: Conjunto Rupestre do Sítio Pai Mateus

que pode ter um sentido em relação ao conjunto gráfico do painel.

Como se trabalha com significantes sem significados tais inferências pouco contribuem para a re(construção) da pré-história.

B - Manoel de Sousa

Trata-se de um conjunto gráfico realizado em dois matacões de granito, situados em um lajedo no cume da serra, os quais tem forma arredondada e na parte inferior tem formato côncavo, com gravuras e pinturas. Em relação à técnica foi identificado que, para a execução das pinturas foram utilizados instrumentos de médio e fino porte além da utilização dos dedos como instrumento. As gravuras por sua vez foram confeccionadas com raspadores sem a posterior realização de polimento.

No entorno imediato dos abrigos e blocos com registros rupestres a partir do mais oriental dos painéis que existem no sítio, à distância no que diz respeito à fonte de água é de 200m, estando o sítio situado na margem esquerda do rio Boa Vista.

Na direção N-NE temos a abertura da maior parte dos abrigos e painéis o que faz com que a partir das 15 horas o sol incida diretamente sobre os registros, a vertente deste ponto da serra tem um declive de 45º que após uma descida de 200 metros nos põe em contato com o leito do Rio Boa Vista, não sem antes termos passado por uma rampa de colúvio coberta por vegetação de caatinga arbórea inclusive com árvores como o Jatobá.

Para sul, a serra continua no mesmo plano altimétrico em que se encontram os painéis rupestres, estendendo-se por um quilometro, após o que inicia a declividade do conjunto granítico desta feita chegando a atingir entre 45º e 60º e uma altitude de 100 a 150 metros.

A oeste após um percurso de 300 metros um corte abrupto da serra gera um declive de 90º impossibilitando por aí avançar mais. A face leste do entorno deste sítio em relação as demais, tem outra configuração com a elevação altimétrica a medida que se segue nesta direção, registra-se uma diferença na cota de mais de 100 metros. Paralelo a esta mudança ocorre uma diminuição na distância entre as vertentes sul e norte da serra seguida da formação de camadas de sedimento e conseqüentemente de uma vegetação mais densa proporcionando inclusive a existência de palmeiras nos pontos mais altos.

Os registros gráficos deste sítio estão distribuídos em 4 painéis em

dois abrigos O conjunto gráfico é composto por um total de 203 figuras sendo que destas, 190 são pinturas, confeccionadas com tinta vermelha e 13 são gravuras. No seu conjunto os registros gráficos foram classificados em grafismos reconhecíveis e puros tendo como motivos círculos concêntricos, tridígitos, linhas, manchas, zoomorfos e antropomorfos.

Em relação às dimensões das figuras, entre as pinturas as maiores têm 170 x 22 cm e as menores 12 x 11 cm. As gravuras por sua vez têm registros com tamanho de 44 x 26 cm entre as de maior tamanho e 26 x 14 cm entre as de menor tamanho com profundidade de 0,5 cm e largura do traço de 0,5 a 6 cm.

Em um dos dois suportes, que são abrigos sob rocha, existem três painéis, este abrigo tem duas aberturas sendo que a abertura maior, que permite o acesso para o interior está voltada para norte.

Na face externa da abertura norte do abrigo existe dois painéis à esquerda e a direita de quem fica de frente para o suporte e foram denominados de painéis externos 1 e 2 (figura 3) respectivamente. No Painel 3 (figura 3) o autor - ou os autores - responsável pela execução dos registros, valeram-se, na composição das pinturas e das poucas gravuras existentes, das paredes internas e do teto. Foi verificada a existência de sobreposição de gravura sobre pintura em partes do painel.

No painel de número 4 (figura 3), deste sítio, o autor ou os autores, da mesma forma que no painel 3, utilizaram-se das paredes internas e do teto de um abrigo para a execução dos registros. Cumpre ressaltar que este abrigo tem duas aberturas sendo que a abertura maior, que permite o acesso para o seu interior está voltada para sul.

Neste painel foram identificados, grafismos puros compostos por linhas, manchas e tridígitos compondo o conjunto gráfico do painel que possui um total de 66 figuras pintadas e 9 gravadas. Em algumas partes do painel ocorre a sobreposição das pinturas por gravuras.

C - Tanque Entre Serras

Como resultado do processo de formação da Serra da Aldeia, que é de origem pré-cambriana e da ação constante dos fatores erosivos que moldam o relevo ocasionando a dissecação progressiva da rocha mais friável na porção central da serra, entre os seus dois pontos mais altos ocorreu o rebaixamento do que teria sido outrora a sua ligação natural.

Conjunto Rupestre do Sítio Manoel de Sousa

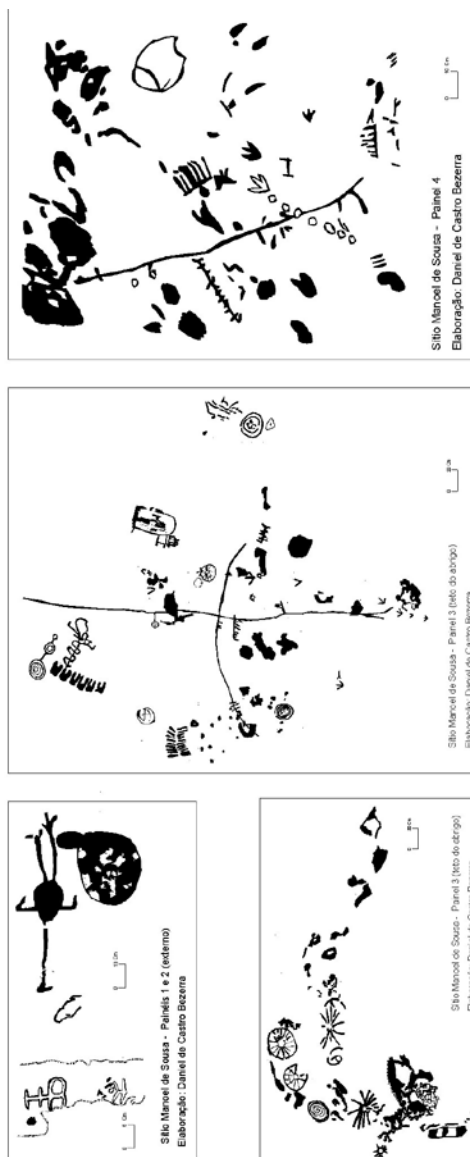


Figura 3: Conjunto rupestre do sítio Manoel de Sousa

Um fator a ser observado é a existência na superfície da área dissecada, de um reservatório d'água que os moradores locais denominam de *tanque entre serras* bem como de um conjunto de matacões com formação de alguns abrigos. Em um destes blocos de granito vamos encontrar o único painel deste sítio.

O painel (figura 4) tem a sua abertura para oeste ocasionando assim durante todo o período da tarde a ação direta do sol sobre os grafismos. O conjunto gráfico do sítio é constituído por grafismos puros na cor vermelha, a maior parte do painel é composta por manchas, sendo que várias delas encontram-se cobertas por pátina, e por grafismos puros compondo o conjunto gráfico um total de 44 figuras.

D - Furna dos Caboclos

Este sítio é composto por três matacões de granito que se encontram separados entre si, entretanto, como estão no mesmo terraço foram considerados como pertencentes ao mesmo sítio, em cada um dos matacões encontra-se um painel.

No seu conjunto o sítio tem um total de 71 figuras pintadas sendo que a maior delas possui 80 x 66 cm e a menor 10 x 10 cm, foram classificadas como grafismos reconhecíveis e puros todas realizadas na cor vermelha.

O painel 1 (figura 5) foi pintado em um matacão que está sobre uma base granítica. Os grafismos encontram-se sem muita nitidez e partes do painel estão cobertos por patina. Este painel tem a altura de 4,50m e largura de 1,60m todos os grafismos foram confeccionados na cor vermelha. Ocorre, neste painel, uma grande variação tanto no tamanho quanto no traço dos vários grafismos existentes.

O painel 2 (figura 5) está localizado em uma rocha granítica que está sobre outras duas rochas, formando um pequeno abrigo. Os grafismos encontram-se em uma concavidade da rocha, para se ter acesso a eles é preciso deitar-se sobre a rocha base. O painel possui pinturas na cor vermelha composta de grafismos puros e um zoomorfo (uma ave estilizada).

Em um abrigo formado por queda de blocos e intemperismo físico, se encontra o painel 3 (figura 5) que apresenta pinturas na cor vermelha, o estado atual do painel revela um acentuado desgaste dos grafismos,

Conjunto Rupestre do Sítio Tanque Entre Serras

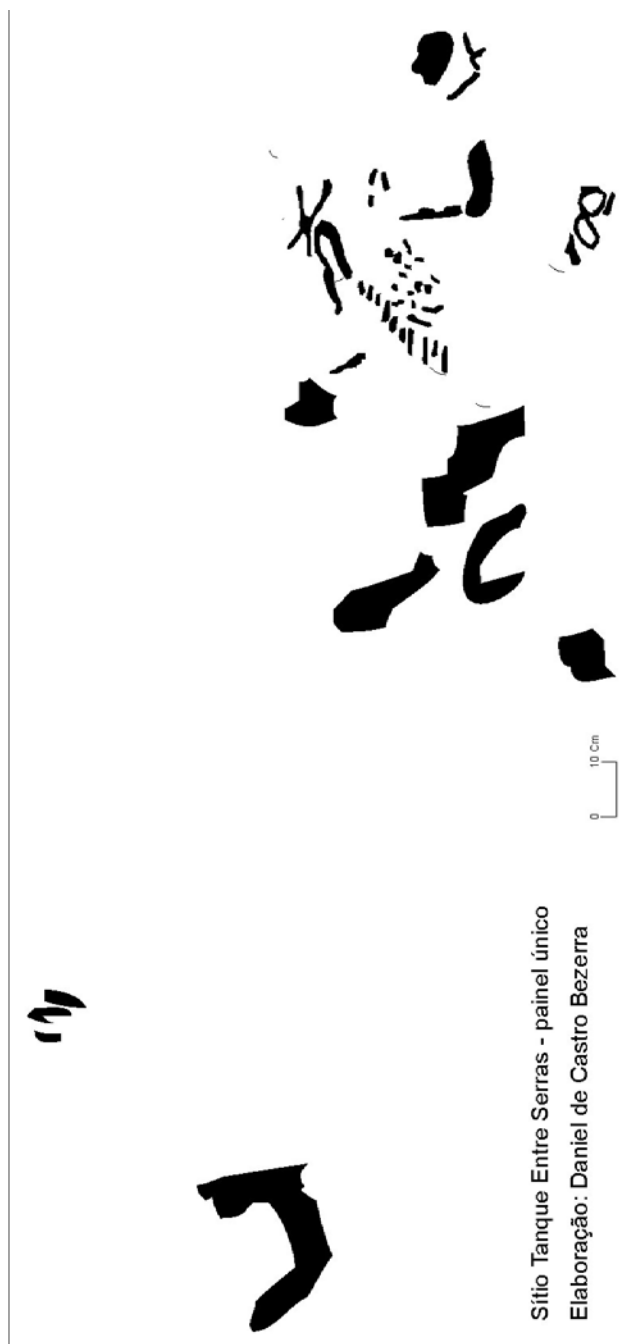


Figura 4: Conjunto rupestre do sítio Tanque Entre Serras

Conjunto Rupestre do Sítio Furna dos Caboclos

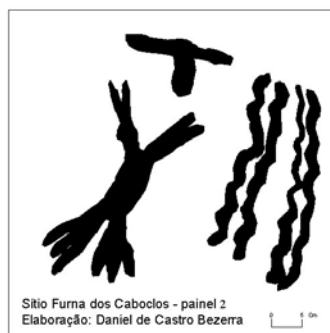


Figura 5: Conjunto rupestre do sítio Furna dos Caboclos

classificados como grafismos puros e mãos.

De uma forma geral o sítio não apresenta possibilidade de escavação visto que os abrigos com painéis estão assentados sobre uma base granítica. Entretanto, como estes estão localizados em um terraço, o entorno imediato dos suportes dos painéis possibilita o desenvolvimento de escavações já que a área imediata não corre risco de ser inundada pelas cheias do rio Boa Vista.

Em relação aos aspectos hidrográficos pertinentes a este sítio cumpre ainda assinalar que os blocos com os registros rupestres encontram-se a margem direita do Rio Boa Vista, no curso de sua correnteza.

E - Lajedo Grande

A feição deste sítio é dominada por uma grande quantidade de blocos de granito espalhados por toda a vertente da elevação, aspecto este que, auxiliado por uma declividade abaixo dos 30º é favorecido pela grande dimensão da base rochosa.

Base esta propícia à existência de abrigos que repousam sob uma extensa camada de colúvio, favorecendo em alguns abrigos o acúmulo de sedimentos e em outros a sua completa ausência especialmente quando a declividade aumenta abruptamente variando dos 50º a 70º graus dificultando o acesso até seus pontos mais altos.

O conjunto rupestre possui um total de 86 figuras pintadas que estão distribuídas por entre 6 painéis, em um dos painéis as figuras foram realizadas com tinta preta e nos outros com vermelha. Os grafismos foram classificados como grafismos puros, reconhecíveis e reconhecidos.

O painel 1 (figura 6) está em um abrigo formado por dois blocos graníticos. O conjunto rupestre apresenta grafismos puros na cor preta, sendo este o único painel em todo o conjunto gráfico da Serra da Aldeia confeccionado com esta cor. Em relação às dimensões o painel tem 45 cm de largura x 50 cm de altura. Foi utilizado na confecção dos registros instrumento de porte fino e médio. No abrigo onde se encontram os registros não há possibilidade de sondagens.

No painel 2 (figura 6) os grafismos foram classificados como puros com o predomínio de traços finos e muitas mãos carimbadas todas as figuras foram pintadas em vermelho. O suporte está sobre uma base granítica sem a presença de sedimentos o que impossibilita a realização

de escavações, em relação ao estado de conservação o suporte se encontra bastante esfoliado.

O painel possui 2,62m de largura por 2,25m de altura e tem no seu conjunto 37 figuras compostas por grafismos puros e mãos, os grafismos no que diz respeito ao estado de conservação se encontram em estado regular, observando-se a progressiva descoloração do pigmento vermelho.

O painel 3 (figura 6) tem como motivos, também, grafismos puros e mãos perfazendo um total de 18 figuras este painel tem cerca de 1,00 m x 0,50 m. Neste painel as mãos, diferente do que ocorre com os outros, tem os dedos apontados para baixo o que sugere uma predisposição comunicativa quando da sua idealização.

O painel de número 4 recebeu a denominação de 4A (figura 6) e 4B (figura 6) devido ao fato de que dividem o mesmo suporte. Em seu conjunto os dois painéis possuem 22 figuras entre grafismos puros e reconhecíveis todas pintadas na cor vermelha. Em relação às dimensões os painéis possuem respectivamente: painel 4 A – 110 cm de largura x 90 cm de altura. Painel 4 B – 160 cm largura X 100 cm de altura. Como os suportes dos painéis 1, 2 e 3 deste sítio, o suporte se encontra sobre a base granítica do lajedo sem presença de sedimentos.

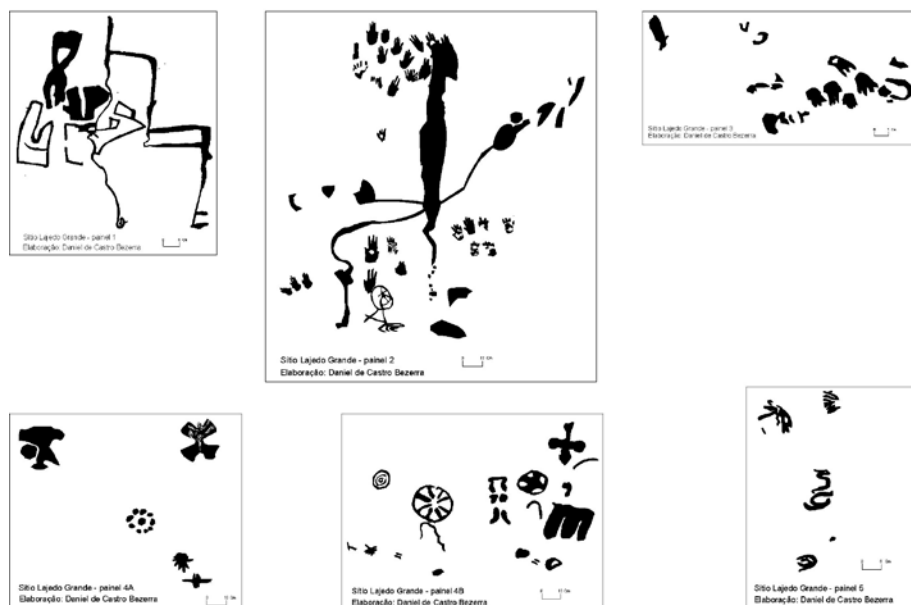
O painel 5 (figura 6) por sua vez foi confeccionado na parede de um abrigo. As figuras, no total de 6, foram classificadas como grafismos puros, tendo o painel 15 cm de largura X 30 cm de altura com os motivos pintados na cor vermelha. O abrigo possui uma camada de sedimento resultante da atuação dos agentes naturais de erosão que neste caso favoreceram a sua deposição, permitindo em um momento oportuno a realização de escavações.

F – Casa de Pedra do Roçado

Este sítio possui dois painéis compondo o seu conjunto gráfico com ou total de 4 figuras pintadas na cor vermelha e 1 gravada estando a gravura sobreposta à pintura no painel 2; que possui a particularidade de ser de grande tamanho podendo ser vista a distância.

Os suportes dos painéis estão separados entre si por pouco mais de 50 metros. Apesar de estarem alinhados com o leito do rio Boa Vista a possibilidade de inundação dos suportes é remota e só ocorrerá caso o rio chegue a receber um volume de água que possa superar os dois metros que separam o leito atual do antigo que agora forma um terraço, onde os

Conjunto Rupestre do Sítio Lajedo Grande

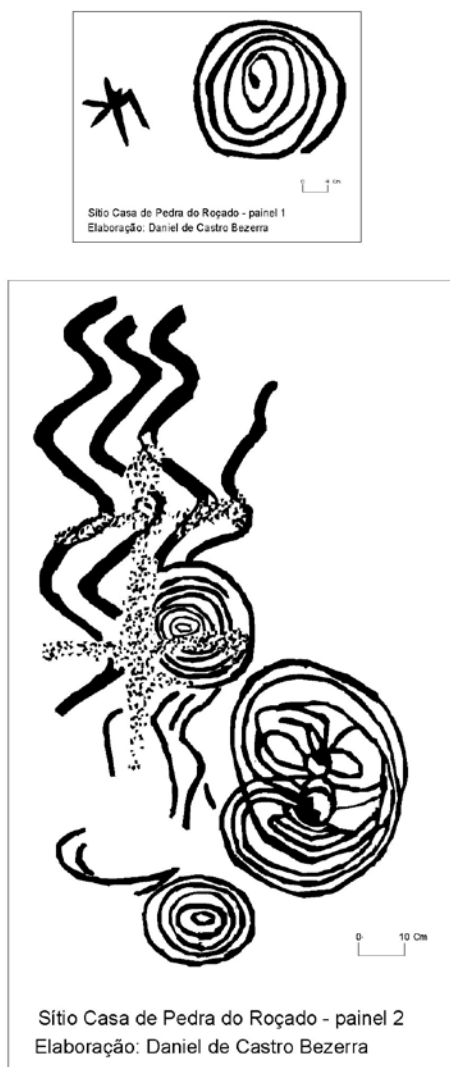
**Figura 6:** Conjunto rupestre do sítio Lajedo Grande

blocos estão assentados, mesmo assim, os painéis não correm o risco de serem inundados, pois estão localizados na parte superior dos mesmos.

No painel 1 (figura 7) as pinturas foram realizadas na parte externa de um abrigo e se resumem a duas figuras classificadas como um grafismo puro e um grafismo reconhecível, pintados na cor vermelha. O abrigo possui sedimento bastante perturbado devido à presença de vários formigueiros, mas mesmo assim há condições de efetuar escavações.

O painel 2 (figura 7) por sua vez esta localizado em um bloco que faz parte de um conjunto de rochas graníticas que estão situadas às margens do rio Boa Vista. O conjunto rupestre tem 90 cm de largura X 150 cm de altura e é composto por grafismos puros e reconhecíveis (zoomorfo).

Conjunto Rupestre do Sítio Casa de Pedra do Roçado

**Figura 7:** Conjunto rupestre do sítio Casa de pedra do Roçado

G - Lagoa dos Mudos

Os registros rupestres do Sítio Lagoa dos Mudos são compostos de um conjunto de três painéis realizados em blocos de granito distantes 30 metros uns dos outros. Existe a possibilidade de inundação de parte da área do sítio quando do período das chuvas, pois, dependendo da variabilidade pluviométrica ocorre o transbordamento do rio Boa Vista.

Em virtude deste processo um dos suportes, onde foi confeccionado um dos painéis e que está situado sobre uma concavidade onde ocorre acúmulo de água, atua como marco para tal reservatório de água que serve, inclusive, atualmente para a população local. Os outros suportes onde foram realizados os registros rupestres estão a salvo da ação direta das águas por inundação por estarem situados em um plano mais elevado em relação à lagoa.

O conjunto gráfico do sítio é composto por gravuras e pinturas estas confeccionadas na cor vermelha, compondo um total de 30 figuras das quais 18 são pinturas, 8 gravuras e 4 casos de superposição de pinturas por gravuras. Os registros gráficos foram classificados como grafismos puros e reconhecíveis. Em relação à execução dos painéis para a pintura foi utilizado um instrumento de grosso porte (pincel, dedos) e para gravura foi utilizada a técnica de raspagem.

Em relação ao painel 1 (figura 8) que se encontra livre de inundações, os registros são compostos de grafismos puros e reconhecíveis todos pintados de vermelho. Os registros encontram-se parcialmente cobertos por uma camada de pátina. Neste painel existe um total de 8 figuras o painel tem 115 cm de altura X 90 cm de largura.

No painel 2 (figura 8) que está situado na área do sítio sujeita a inundações, observa-se a existência de pinturas e gravuras ocupando o mesmo suporte sendo que em alguns locais do mesmo ocorre a superposição das pinturas pelas gravuras. Composto por grafismos puros em adiantado estado de desgaste devido à esfoliação do suporte. O painel tem 260 cm de largura X 100 cm de altura.

O painel 3 (figura 8) também composto de grafismos puros pintados em vermelho se resume a 3 figuras uma das quais corresponde, no nosso universo de conhecimento, a uma mancha disforme. O painel tem 48 cm de largura X 36 cm de altura.

H - Lagoa da Cunha

Neste sítio 5 painéis espalham-se nos blocos de granito que lhe servem de suporte com uma profusão de registros, em um total de 160 figuras, que envolvem pinturas realizadas com tinta na cor vermelha e gravuras, em alguns pinturas e gravuras aparecem isoladamente em outros, em estado de superposição em relação às gravuras existindo também casos de superposição das gravuras pelas pinturas.

No que diz respeito aos locais onde foram realizados os registros rupestres o sítio não apresenta condições para se realizar sondagens visto que os blocos de granito, que servem de suporte para os registros, estão assentados sobre um afloramento rochoso, porém, existem três abrigos a noroeste desse sítio que possuem condições propícias a sondagens.

O painel 1 (figura 9) possui um total de 61 figuras sendo duas pinturas três gravuras e 56 casos de superposição de pinturas por gravuras. Este painel tem 215 cm de largura X 120 de altura os registros foram classificados como grafismos puros, reconhecíveis e reconhecidos com destaque para uma dezena de figuras humanas, algumas com representação de movimento.

O painel 2 (figura 9) tem 170 cm de largura X 120 cm de altura e possui no seu conjunto 51 figuras compostas por grafismos puros, reconhecíveis (círculos concêntricos) e reconhecidos (mãos). Também neste painel, realizado em um bloco de granito, ocorrem casos de superposição de figuras com as pinturas superpostas as gravuras. Como ocorre em outros sítios existentes na Serra da Aldeia as mãos pintadas estão agenciadas na parte superior do painel.

O painel 3 (figura 9) possui um conjunto de 26 figuras sendo que destas 22 são pinturas e 4 gravuras sem que ocorra superposição de figuras. Neste painel existe uma particularidade na utilização do suporte quando da confecção dos grafismos e que diz respeito direto ao agenciamento das figuras no espaço pictural.

Pinturas e gravuras se encontram diametralmente em pontos distintos do suporte, as pinturas foram classificadas em grafismos puros, resumindo-se a um conjunto de 22 figuras enfileiradas dada uma com 2,5 cm de largura cm e 12,5 cm de altura. As gravuras por sua vez classificadas em grafismos reconhecíveis estão agrupadas compondo um conjunto com: 150 cm de largura X 90 cm de altura.

Deixando-se de lado as particularidades, se for levado em conside-

Conjunto Rupestre do Sítio Lagoa dos Mudos



Figura 8: Conjunto rupestre do sítio Lagoa dos Mudos

ração o conjunto rupestre como um todo, o painel tem 537 cm de largura X 100 cm de altura (painel 3).

O painel 4 (figura 9) tem um conjunto de 6 figuras sendo quatro pintadas na cor vermelha e duas gravadas sem ocorrer superposição dos grafismos. Classificados como grafismos puro e reconhecível o painel possui 176 cm de largura X 72 cm de altura. Uma das figuras sugere a representação de um antropomorfo.

No painel 5 (figura 9) existem 16 gravuras distribuídas ao longo do suporte que foram classificadas como grafismos puros. Excetuando-se 4 figuras as outras 12 são círculos simples que estão distribuídos na parede do suporte entre as duas figuras maiores. Os grafismos foram confeccionados com a utilização da técnica de raspagem estando todas as figuras atualmente em adiantado estado de desgaste, devido à esfoliação do suporte. O painel tem 200 cm de largura X 70 cm de altura.

Área, enclave e sítio arqueológicos; a definição destes conceitos e o estabelecimento destes em algo concreto, possível de ser analisado medido e quantificado, passa pela análise da evidência dos vários aspectos condicionantes que os envolvem e neste sentido, a (re)construção da pré-história é o resultado do estudo dos dados que os vestígios podem apresentar.

Desta forma as descrições compreendem, por sua vez, dados sobre aspectos culturais subjacentes aos sítios que através dos vestígios estudados e das correlações realizadas, podem resultar no estabelecimento ou identificação de um *padrão cultural*.

Este *padrão cultural* decorre da aplicação direta do conceito de correlação cultural, envolvendo vestígios intra e inter sítios, e que é vista como a dependência entre dois ou mais registros rupestres, em que a ocorrência de uma característica em um dos registros favorece a ocorrência de um conjunto de valores nos outros registros.

Para tanto se parte da premissa de que os registros rupestres são um veículo de comunicação, pré-histórica, que encerra em si um longo alcance envolvendo duas modalidades iniciais uma visual e outra temporal.

A proposta de análise dos registros gráficos da Serra da Aldeia tem como princípio básico o fato de que, ao serem segregados os marcadores culturais, próprios de um determinado grupo através das análises dos fatores técnicos, cenográficos e cronológicos pode-se, ao filiar estes marcadores a uma determinada tradição ou tradições, se identificar no enclave estudado à construção de um ou mais territórios.

Conjunto Rupestre do Sítio Lagoa da Cunha



Figura 9: Conjunto rupestre do sítio Lagoa da Cunha

MARCADORES CULTURAIS, TERRITÓRIO E ESPAÇO

Da mesma forma que o registro rupestre é um entre vários vestígios que evidenciam, através de um sítio ou um conjunto de sítios, a presença humana, estes por sua vez também não se encontram isolados no ambiente, antes fazem parte de um conjunto de estratégias desenvolvidas tendo-se em vista a manutenção e a sobrevivência do grupo que ocupou aquela área em determinado momento.

Sendo o registro rupestre um dos vários vestígios que permeiam a existência de determinado grupo pré-histórico em um ambiente e, que, como tal tem em si implícito os valores próprios de quem os realizou, tanto no nível coletivo quanto no pessoal, desta forma, e, observando-se estes parâmetros foi desenvolvida a análise do conjunto gráfico da região em estudo.

Ao adotar esta abordagem antropológica para os registros rupestres, o procedimento adotado deixa transparecer que, para a realização do seu estudo, a descrição apesar de ser necessária, torna-se obsoleta, cedendo lugar para o desenvolvimento de um estudo analítico em níveis, tomando-se como critérios-base os aspectos temáticos, técnico, gráfico e cenográfico à medida que os registros permitirem.

O procedimento inicial para a análise dos registros rupestres em níveis é a segregação dos dados que permitam filiar os mesmos a uma das tradições que foram estabelecidas para o Nordeste do Brasil, que são as tradições Nordeste e Agreste para as pinturas e Itaquatiara para as gravuras.

Bem aceito e arraigado no Brasil para as macro-divisões de registros rupestres, apesar de que nem todos os autores estejam de acordo com a sua conceituação, o termo tradição é também utilizado para as indústrias líticas e cerâmicas. Existe um conceito equivalente que tem a sua aplicação utilizada em outros países do continente e que no Brasil está presente nas análises históricas muito mais do que nas abordagens arqueológicas que é o conceito de horizonte cultural.

Em seguida, passa-se para um outro nível, envolvendo a estrutura de apresentação dos grafismos a partir de divisões em torno dos condicionantes técnicos, cenográficos e cronológicos desta forma particularizando a análise e passando de um nível a outro. Esta ação vai resultar na abordagem dos grafismos no sentido de ordenação das variadas formas de apresentação gráfica dentro de uma tradição em torno da aplicação do

conceito de *sub-tradição* que segundo Martin tem como função, “*definir o grupo desvinculado de uma tradição e adaptado a um meio geográfico e ecológicos diferentes, que implica na presença de elementos novos*” (1997, p. 241).

Por tradição entende-se como sendo “*a representação visual de todo um universo simbólico primitivo que pode ter-se transmitido durante milênios sem que, os sítios pré-históricos de uma tradição pertençam aos mesmos grupos culturais, além de estarem separados por cronologias muito distantes*” (AGUIAR, 1986, p. 12).

Valentin Calderón, na década de 1970, passou a utilizar o termo tradição aplicado à arte rupestre para definir “*o conjunto de características que se refletem em diferentes sítios associados de maneira similar, atribuindo cada uma delas ao complexo cultural de grupos étnicos diferentes, que as transmitiam e difundiam, gradualmente modificadas através do tempo e do espaço*” (AGUIAR, 1986, p. 11).

Por sua vez, Pessis e Guidon na década de 1990, definem tradição considerando “*os tipos de figuras presentes nos painéis, as proporções relativas que existam entre esses tipos e as relações que se estabelecem entre os diversos grafismos que compõem um painel*” (MARTIN, 1997, p. 241).

Concomitantemente, PROUS vai conceber o conceito de tradição a partir da percepção de que este pode ser percebido como o resultado da atividade de grupos humanos, onde: “*As unidades rupestres descritivas receberam nomes variados, sendo que a categoria mais abrangente é geralmente chamada ‘tradição’, implicando uma certa permanência de traços distintivos, geralmente temáticos*” (1992, p. 511).

Desta forma segundo PROUS em relação à aplicação do conceito de tradição:

Trata-se evidentemente de uma aproximação, já que existente sempre uma certa variabilidade intra-regional, que pode demonstrar evoluções culturais no tempo, no espaço, ou funções distintas. Além disto, se reconhecemos grandes tradições regionais, suas manifestações podem se misturar ou se superpor, particularmente nos territórios fronteiriços, por exemplo, no estado de Goiás (*Ibid*, p. 511).

Como pode ser apreendido, existe uma certa diversidade de concepções oriundas das definições, este estado reflete de uma forma geral o

conjunto das dificuldades com as quais se defrontam os pesquisadores no sentido de (re)conhecer o universo gráfico do registro rupestre. Universo este do qual raramente possui contexto, fato que é redundante em relação aos grafismos rupestres da pré-história.

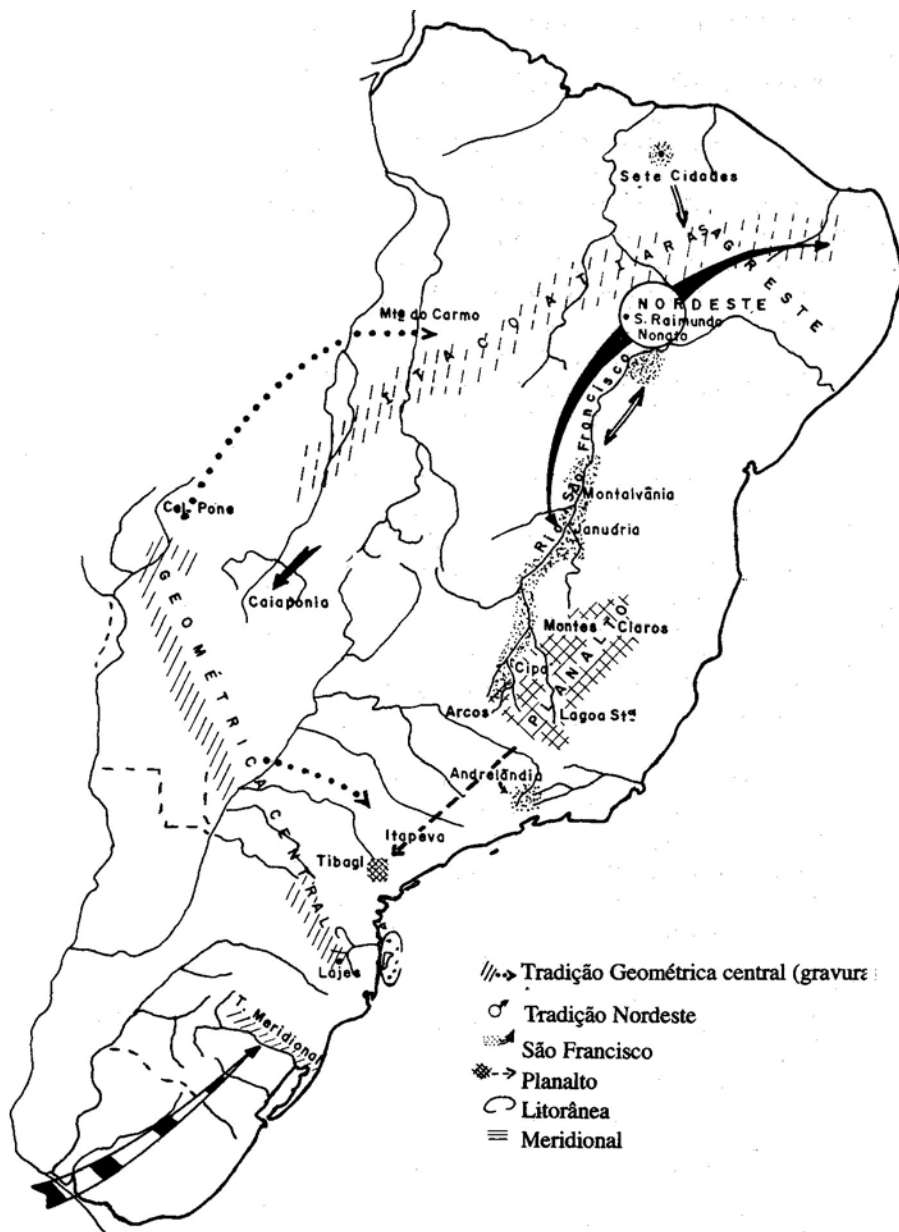
Entretanto, quando se trata de analisar estes registros gráficos, há unanimidade em torno de elementos classificatórios de uma tradição rupestre que pode ser centrada em função da temática e da forma como essa temática vem a ser representada, identificando-se nela certos grafismos “*que representam uma ação não reconhecível que se repete em numerosos sítios. Concede-se também ao conceito de tradição, sem discrepâncias, grande abrangência geográfica*” (MARTIN, 1997, p. 241).

Como pode ser visualizado no mapa 4, foram definidas para o leste do Brasil seis tradições rupestres que correspondem aos pressupostos estabelecidos pelos autores anteriormente citados. Observe-se que existe entre a legenda do mapa e os dados contidos no mesmo uma discrepância quanto às informações apresentadas. Exemplo desta situação é a ausência das tradições Itacoatiara e Agreste na legenda mesmo elas estando no mapa isto é um reflexo direto da diversidade anteriormente citada, pois segundo o autor do mapa no que diz respeito à tradição Agreste “*por nossa parte, achamos que a realidade desta ‘tradição’ deva ser ainda comprovada. Acreditamos tratar-se de uma mistura, nos mesmos sítios, de grafismos das duas tradições ‘Nordeste’ e ‘São Francisco’, provavelmente pintados em épocas diferentes*” (PROUS, 1992, p. 525).

AS TRADIÇÕES RUPESTRES DO NORDESTE DO BRASIL

De forma geral, pode-se esquematizar o conhecimento sobre os registros rupestres para o Nordeste do Brasil da seguinte forma:

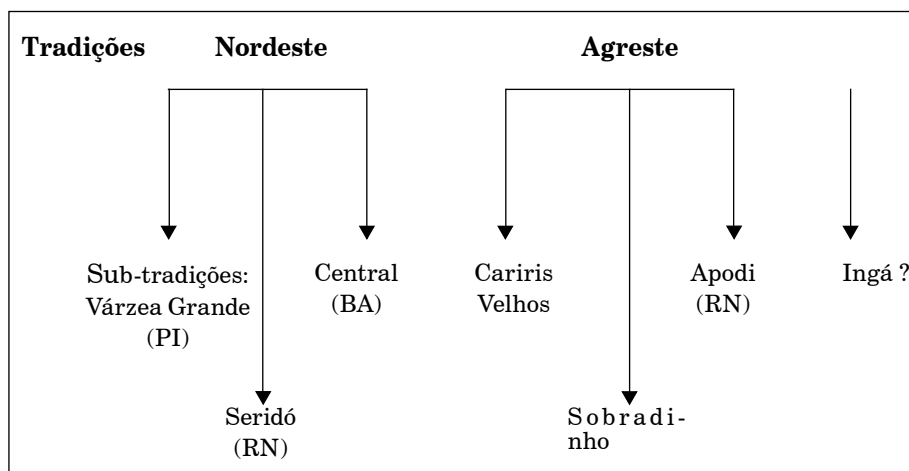
Dentro da proposta de estudo dos registros rupestres existentes na Serra da Aldeia, os quais pretende-se analisá-los a partir de uma abordagem por níveis, passando-se de um nível para outro. Este procedimento vai resultar na abordagem dos grafismos no sentido de ordenação das variadas formas de apresentação gráfica dentro de uma tradição em torno da aplicação do conceito de *sub-tradição*. Esta metodologia envolve a avaliação da estrutura de apresentação dos grafismos a partir de divisões em torno dos condicionantes técnicos, cenográficos e cronológicos, e, desta forma, particulariza-se a análise em torno dos marcadores culturais subjacentes à existência dos registros rupestres.



Mapa 4 Tradições Rupestres no Brasil

Fonte: PROUS, 1992, p. 512.

Os sítios rupestres identificados como da tradição Agreste em uma área que vai do município de Campina Grande, no estado da Paraíba até o município de Arcoverde no estado de Pernambuco (mapa 5) foram filiados a uma sub-tradição que recebeu a denominação de *Cariris Velhos*. Os sítios desta sub-tradição:



Fonte: FERREIRA, 1998, p. 62.

Modificado por: Daniel de Castro Bezerra.

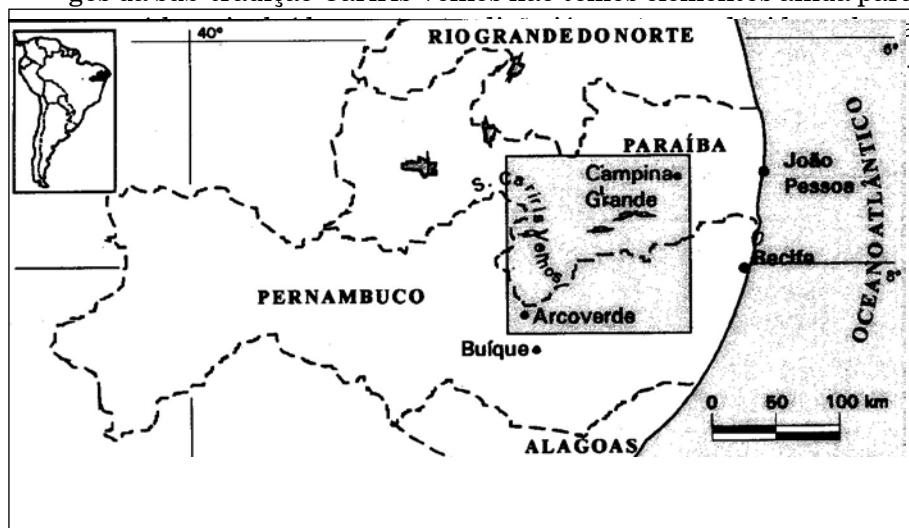
Esquema 1: Tradições rupestres do Nordeste do Brasil.

Nunca aparecem em abrigos e paredões no alto das serras e, tanto na Paraíba como em Pernambuco, os lugares preferidos são os matacões arredondados de granito que emergem pela erosão, nas rochas mais brandas, nos vales e nas encostas das serras, destacando-se na paisagem. Não é raro encontrar esses sítios dentro de fazendas, às vezes utilizados como currais ou como lugar de descanso dos agricultores e dos canteiros que extraem granito, (...) Aparecem também sobre o arenito em várzeas e ‘brejos’. Os sítios da sub-tradição Cariris Velhos, que apresentam indícios de ocupação, formam estruturas bem definidas que consideramos como o ‘habitat’ típico dos caçadores dessa sub-tradição rupestre. São conjuntos formados por abrigos com pinturas rupestres. Permanente ou temporariamente ocupados como acampamento ou habitação, com um cemitério nas proximidades, e sempre perto de fonte d’água, tais como caldeirões, olhos d’água ou pequenos riachos, ou seja, sítios com

pinturas, cemitério e água, em um pé de serra, que são os elementos que caracterizam basicamente os sítios arqueológicos da sub-tradição Cariris Velhos na Paraíba e em Pernambuco (MARTIN, 1997, p. 281-284).

Os sítios que foram assim definidos como pertencentes à tradição Agreste, sub-tradição Cariris Velhos apresentam, no que diz respeito aos registros rupestres, todo um *corpus* gráfico que vai ser, de uma forma geral, o caracterizador da tradição Agreste. Entretanto os registros rupestres da sub-tradição Cariris Velhos em alguns abrigos:

Apresentam grafismos puros muito elaborados, de cuidadoso desenho com intenção aparente de representar algo complicado e labiríntico que lembra a pintura corporal indígena ou a modo de carimbos. Alguns são de considerável tamanho como é o caso do painel I, da Pedra do Tubarão em Venturosa (PE), que mede 1,50 cm de altura ou os grafismos puros da Pedra da Buquinha, no mesmo município. A presença desses grafismos nos levou a separar uma variedade que, provisoriamente, foi chamada de ‘geométrica elaborada’. Como acompanham e estão situados nos mesmos abrigos da sub-tradição Cariris Velhos não temos elementos ainda para



Mapa 5: Área de ocorrência da Tradição Agreste

gos da tradição Agreste (*Ibid*, p. 284 285).

Em 1598 o capitão-mor da Paraíba Feliciano Coelho de Carvalho, vai registrar a mais antiga referência, que se tem conhecimento, sobre gravuras rupestres no Brasil. Segundo Ambrósio Fernandes Brandão no livro *Diálogos das grandezas do Brasil* “*junto a um rio chamado Arasoagipe, (...) em uma cova, composta de três pedras (...) se achavam umas molduras, que demonstravam, na sua composição, serem feitas artificialmente*” (1977, p.46).

Deste momento em diante durante os séculos que se seguiram a este primeiro relato as notícias sobre gravuras rupestres, bem como sobre pinturas, tornaram-se cada vez mais freqüentes chegando mesmo a despertar vivo interesse sobre o assunto como ocorreu com o caso da Itaquatiara de Ingá, na Paraíba.

Como resultado mais imediato deste interesse sobre gravuras rupestres pré-históricas, há o estabelecimento de grandes tradições de Itaquatiaras que se fundamentam em divisões, resultantes de estudos sobre a técnica e estilo, para a sua definição.

Desta forma, em termos classificatórios, existem no Brasil três grandes tradições de gravuras rupestres uma denominada de *Grande Tradição Amazônica*, uma outra conhecida como *tradição Geométrica Central*, estudada especialmente em Minas Gerais e a terceira ligada às gravuras, existentes no Nordeste do País que foi classificada como *Tradição Itaquatiara*.

A tradição Itaquatiara, como as outras duas, possui sua base de determinação em um conjunto de características que de forma genérica se repetem ao longo do território nordestino; o que terminou resultando na configuração quase padronizada em relação às gravuras, já que:

Nessa tradição, predominam grafismos puros, porém deve-se registrar a presença de antropomorfos, alguns muito elaborados, inclusive com atributos, (...) há marcas de pés, lagartos e pássaros em grandes paredões, sempre próximos d'água, e também desenhos complexos (MARTIN, 1997, p. 299).

Deixando-se de lado a questão do estabelecimento de uma tradição rupestre com base em aspectos geográficos e dados técnicos e estilísticos, devido à inevitabilidade da impossibilidade da associação destes

registros rupestres com um contexto arqueológico oriundo de escavações que possam filiar os registros a um determinado grupo étnico, a segregação e fixação de alguns grafismos que se repetem de forma sistemática em vários sítios (enquanto procedimento técnico de execução e não necessariamente de repetição por duplicação do mesmo motivo ou grafismo) pode conduzir ao estabelecimento de sub-tradições para a tradição Itaquatara.

O caso mais marcante deste processo ocorre em torno da pedra de Ingá ou da Itaquatara de Ingá, cujo impacto para quem a observa é marcante e ao mesmo tempo desafiador. Sendo assim o desenvolvimento de pesquisas cada vez mais sistemáticas e pautadas em hipóteses de trabalhos bem definidas poderiam resultar que:

No futuro, quando se tenha um levantamento completo dos sítios de itaquataras situados entre Campina Grande e o Seridó Oriental, poderemos falar de uma ‘sub-tradição Ingá’ de gravuras rupestres cujas características *a priori* seriam o posicionamento ao longo de cursos d’água, a forma curva e complexa dos grafismos, pontos ou pequenas formas circulares gravadas ordenadamente e que dão a impressão de linhas de contagem, denso preenchimento dos painéis nos quais se aproveita a maior parte do espaço disponível, com tendência ao *horror vacui*, além da técnica de raspado e polido contínuo na elaboração dos grafismos (*Ibid*, 1997, p. 305).

No município de Campina Grande o desenvolvimento de pesquisas de mapeamento de sítios arqueológicos resultou na evidencia de um sítio que foi denominado de Itaquatara do Estreito que apresenta todas as características acima listadas destacando-se entre elas “*a existência de 69 depressões circulares com três cm de diâmetro e meio cm de profundidade com perfeito acabamento nas bordas através de polimento*” (BEZERRA, 1995, p.63).

Neste ponto, faz-se necessário um questionamento: tendo-se em consideração o conjunto de dados existentes em relação às gravuras rupestres e em especial àquelas identificadas como associadas a uma provável *sub-tradição Ingá*, de que forma as gravuras rupestres existentes no enclave arqueológico da Serra da Aldeia poderiam ser inseridas neste contexto?

Apresentadas às tradições que foram definidas para o Nordeste

brasileiro, na seqüência deste trabalho, os dados pertinentes aos registros gráficos da Serra da Aldeia serão trabalhados em conjunto com as características próprias destas tradições para desta forma se poder falar da existência de um *corpus* gráfico na Serra da Aldeia inserido em um contexto maior envolvendo a área arqueológica dos Cariris Velhos.

CARACTERIZAÇÃO DO *CORPUS* RUPESTRE DA SERRA DA ALDEIA

Como procedimento metodológico os sítios, seguindo-se a disposição contida no quadro 1, foram agrupados através de uma tabela onde são observados a freqüência dos tipos de grafismos e em uma série de quadros com os dados referentes aos elementos da análise cenográfica, técnica e cronológica dos diversos registros rupestres. Desta forma, foram analisados os marcadores culturais pertinentes aos sítios da Serra da Aldeia. Esta abordagem vai ser dividida em dois momentos:

O primeiro voltado para a apresentação dos aspectos que dizem respeito ao conjunto gráfico sem a preocupação da segregação em uma tradição específica.

O segundo vai apresentar os aspectos técnicos subjacentes aos registros gráficos iniciando o processo de segregação em torno de marcadores culturais; por fim as considerações sobre cronologia e grafismos e sua(s) tradição(ões).

Em relação às tabelas de apresentação dos registros gráficos da Serra da Aldeia, na primeira coluna está discriminado o elemento de análise com as suas respectivas variantes, se existirem, os números em algarismos romanos da primeira fila correspondem a cada um dos sítios analisados, sendo esta a seqüência:

I – Pai Mateus	V – Lajedo Grande
II – Manoel de Sousa	VI – Casa de Pedra do Roçado
III – Tanque Entre Serras	VII – Lagoa dos Mudos
IV – Furna dos Caboclos	VIII – Lagoa da Cunha

Foram identificadas 665 figuras nos 29 painéis existentes nos 8 sítios arqueológicos da Serra da aldeia. A tabela que se segue aborda a freqüência em termos numéricos e percentuais dos grafismos segundo a

classificação, estabelecida para registros rupestres, das tradições rupestres para o Nordeste brasileiro.

Como pode ser constatado, o conjunto gráfico da Serra da aldeia apresenta grafismos identificados como os caracterizadores da tradição Agreste para as pinturas e Itaquiara para as gravuras. Principalmente pela abundância dos grafismos puros, da quase total ausência de movimento das figuras classificadas como grafismos reconhecíveis, como no caso dos antropomorfos e zoomorfos. Entretanto estas não são as únicas características que permitem a filiação do conjunto gráfico da Serra da Aldeia com estas tradições.

Ao realizar um cruzamento dos dados referentes às características dos *sítios agreste e itaquara*, expostas anteriormente, envolvendo o seu agenciamento no espaço, tipo de suporte, técnica (quadro 1) e dimensões dos registros (quadro 2), pode-se constatar a filiação do conjunto gráfico, no que diz respeito às pinturas e gravuras, respectivamente, as Tradições Agreste e Itaquiara.

Em relação aos aspectos técnicos os dados revelam que: em 100% dos sítios existem pinturas sendo que em 62% destes também existem gravuras. Foram identificados como instrumentos de execução dos registros para as pinturas pincéis, mãos, dedos e para as gravuras, raspadores e percutores.

Dos oito sítios identificados no enclave da Serra da Aldeia, cinco apresentam gravuras. Na composição do conjunto gráfico destes tipos de grafismos, a técnica de raspagem corresponde a 80% dos sítios com gravura. Já em 40% destes, é possível identificar a existência de polimento o que corresponde às gravuras dos sítios Pai Mateus e Lagoa da Cunha onde coexistem no mesmo painel grafismos raspados e polidos (quadro 1).

Entretanto no sítio Casa de Pedra do Roçado, o que corresponde em termos percentuais a 20% do conjunto gráfico de gravuras existentes na Serra da Aldeia, a técnica de execução do único grafismo gravado existente neste sítio foi a de percussão por picoteamento.

No que diz respeito às dimensões dos registros a análise revelou que existe um predomínio dos grafismos de tamanho grandes e muito grandes estando presentes nos dois casos em 75% dos sítios (quadro 2).

As figuras classificadas como de pequenas dimensões, entre 3 e 10 cm, dizem respeito as gravuras, representadas por: círculos simples,

Tabela 1: Frequência dos tipos de grafismos na Serra da Aldeia

Aspectos gráficos	I	II	III	IV	V	VI	VII	VIII	Total	%
Grafismo Puro	32	170	44	68	49	4	30	82	480	72,1
Mãos	29			1	32			6	68	10,2
Círculos simples		8			1			48	57	8,6
Antropomorfos		1		1	1			13	16	2,5
Círculos raiados		6			2			5	13	1,9
Círculos concêntricos		6			1	2		3	12	1,8
Tridígitos		9						1	10	1,5
Zoomorfos	1	1			1	1			4	0,6
Geométrico (carimbo)				1				2	3	0,4
Espirais		2				1			3	0,4
TOTAL	62	203	44	71	87	8	30	160	665	100

Fonte: Trabalho de campo

Autor: Daniel de Castro Bezerra

pontos ou depressões circulares (capsulares).

Ao filiar o corpus rupestre da Serra da Aldeia as tradições: Agreste para as pinturas e Itaquiara, para as gravuras; automaticamente se tem delineado dois aspectos a serem considerados em relação à modalidade temporal.

O primeiro deles está relacionado com o conjunto das pesquisas desenvolvidas em torno dos registros gráficos no Nordeste brasileiro, que tem como resultado o estabelecimento cronológico de que a tradição Agreste é posterior em relação à tradição Nordeste aparecendo “*no SE do Piauí em torno de 5.000 anos antes do presente*” (MARTIN, 1997, p.280).

Desta forma, aceitando-se este resultado como base referencial de análise, tem-se para os grafismos filiados à tradição Agreste um marco cronológico não anterior ao referido período e pautado por datações obtidas em sítios situados em Pernambuco que situam os grafismos da tradição agreste para algo “*em torno de 2000 BP*” (Ibid, p.281).

O segundo aspecto a ser considerado diz respeito às gravuras. Em relação a este tipo de registro gráfico o processo passa a ser o inverso, sem que existam marcadores cronológicos tão precisos quanto os que existem para as tradições de pintura.

Para a região Sul e Oeste do Brasil existem datações relativas em Canindé, Xingó, nº 5, Junho de 2005

Quadro 1: Aspectos técnicos do *corpus* gráfico da Serra da Aldeia

Aspectos Técnicos	I	II	III	IV	V	VI	VII	VIII
Pintura	x	x	x	x	x	x	x	x
Pintura e Gravura	x	x				x	x	x
Raspagem	x	x					x	x
Picoteamento						x		
Polimento	x							x

Fonte: Trabalho de campo

Autor: Daniel de Castro Bezerra

relação às pinturas estabelecendo-se que as gravuras são posteriores. Para a região Norte, mais precisamente, o Noroeste do Pará e Amazônia Brasileira, não existem referências sobre datações para as gravuras.

Em relação ao Nordeste brasileiro, a tradição Itaquatiara do Oeste foi datada de 12.000 B.P. na região de Goiás sendo que existe uma cronologia para a sua chegada em São Raimundo Nonato em torno de 5.000 ou 4.000 anos B.P., enquanto a tradição Itaquatiara do Leste está associada

Quadro 2: Dimensões das figuras do *corpus* gráfico da Serra da Al-

Dimensões	I	II	III	IV	V	VI	VII	VIII
Pequenas entre 3 e 10 cm				x			x	
Médias entre 11 e 20 cm	x	x	x		x			x
Grandes entre 21 e 50 cm	x	x			x	x	x	x
Muito Grandes acima de 51 cm	x	x	x	x		x		x

Fonte: Trabalho de campo

Autor: Daniel de Castro Bezerra

a culturas de caçadores-coletores, porém sem datações estabelecidas (GUIDON, 1989 e 1991).

No estado de Pernambuco, em termos de cronologia a situação se configura da seguinte forma. Existe para um conjunto rupestre com datações da ocupação de um sítio entre 1.200 e 6.000 anos B.P. no qual foram coletados fragmentos de rocha gravados (MARTIN, 1997). No estado da Paraíba, não existem, até o momento, dados referentes à fixação cronológica de gravuras.

Diante do exposto depreende que, em relação às gravuras, como consequência da dificuldade de contextualização dos conjuntos gráficos

gravados, as datações diretas são praticamente inexistentes ou insuficientes, tendo-se em conta o alcance da dispersão das tradições estabelecidas (mapa 4).

Como procedimento de fixação cronológica de um conjunto gráfico gravado resta como alternativa a realização de datações relativas, sempre que as condições do sítio assim permitam.

Para o corpus rupestre da Serra da Aldeia, no Cariri da Paraíba, a filiação dos grafismos pintados com a tradição Agreste, associado às condições de superposição das pinturas pelas gravuras em 50% dos sítios estudados (quadro 3) nos permite afirmar que nestes sítios, cronologicamente, o corpus gráfico de gravuras é posterior ao das pinturas.

REGISTROS RUPESTRES ESPAÇO, TERRITÓRIO E CORRELAÇÃO CULTURAL

A existência humana está associada ao espaço, seja ele vivido, apreendido, mitificado, apropriado, utilitário, individual, coletivo, social, político, cultural ou construído, já que:

De um espaço natural modificado para servir às necessidades e às possibilidades de um grupo, pode-se dizer que este grupo se apropria dele. A posse (propriedade) não foi senão uma condição e, mais frequentemente, um desvio desta atividade ‘apropriativa’ que alcança seu ápice na obra de arte. Um espaço apropriado lembra uma obra de arte sem que ele seja seu simulacro (LEFEBVRE *In*: HAESBAERT, 2002, p. 120).

A perspectiva da transformação de um espaço natural em um espaço construído pressupõe a sua inserção em um contexto mais amplo que procura romper com a análise do comportamento humano a partir da relação bipolar homem-meio, pois na medida que ao se apropriar de um determinado espaço este é territorializado sendo que a execução deste processo envolve, “*três elementos: senso de identidade espacial, senso de exclusividade e compartimentação da interação humana no espaço*” (SOJA *In*: RAFFESTIN, 1993, p. 162).

Este espaço territorializado resulta assim na criação de uma realidade, na materialidade de uma virtualidade intrínseca a comunidade e expressa através de “*intensidade, sentido e duração, onde o espaço da*

Quadro 3: aspectos cronológicos do corpus gráfico da Serra da Aldeia

Aspectos Cronológicos	I	II	III	IV	V	VI	VII	VIII
Tradição Agreste	x	x	x	x	x	x	x	x
Tradição Itaquatara	x	x				x	x	x
Gravura sobre pintura		x				x	x	x

Autor: Daniel de Castro Bezerra

Fonte: Trabalho de campo

sua virtualidade seja ativamente compartilhado, pela realidade do mundo e dos sujeitos, inclusive do observador” (MAGALHÃES, 1993, p. 83).

Seria então, o território um espaço virtualmente materializado através de um processo de relação comunicacional rompendo com a relação homem-meio, alterando-a para homem-meio-homem na medida que toda comunicação interfere tanto no comunicante quanto no comunicado. Desta forma resulta que:

Evidentemente, o território se apóia no espaço, mas não é o espaço. É uma produção, a partir do espaço. Ora, a produção, por causa de todas as relações que envolve, se inscreve num campo de poder. Produzir uma representação do espaço já é uma apropriação, uma empresa, um controle portanto, mesmo se isso permanece nos limites do conhecimento. Qualquer projeto que é expresso por uma representação revela a imagem desejada de um território, de um local de relações (RAFFESTIN, 1993, p. 144).

A distinção entre espaço e território pode ser evidenciada a partir da percepção de que ao se atribuir uma função a um objeto, materialmente falando, como uma pintura ou uma gravura, o produtor ao inserir neste ato um sentido e, por sua vez, dar a este objeto um significado transformando-o em um veículo de comunicação, desenvolve uma relação cultural na medida que seu ato está contido em um sistema sêmico.

E isto implica em repetir que toda unidade cultural pode tornar-se significativa de outra unidade cultural, pois toda forma superior está implícita na forma inferior imediatamente anterior, desde que

ambas estejam inseridas dentro da mesma rede intensiva. Ou seja, os níveis diferenciados reconhecíveis em cada variável cultural, são os conteúdos possíveis à um mesmo padrão comum subjacente à uma rede intensiva de longa duração, que é a forma padrão partilhada (MAGALHÃES, 1993, p. 113).

Esta relação cultural pode ser apreendida quando se possui os códigos que conduzem o observador a interagir com os significantes e apreender os significados, ou seja, desencadear um processo de correlação cultural. Neste sentido no que diz respeito à relação espaço/território:

É essencial compreender bem que o espaço é anterior ao território. O território se forma a partir do espaço, é o resultado de uma ação conduzida por um ator sintagmático (ator que realiza um programa) em qualquer nível. Ao se apropriar de um espaço, concreta ou abstratamente (por exemplo, pela representação), o ator “territorializa” o espaço (RAFFESTIN, 1993, p. 143).

Os registros rupestres desta forma, neste estudo, são vistos como um veículo de comunicação onde, os atuais observadores, possuem apenas o significante sem o significado resultando conseqüentemente na impossibilidade de desencadear um processo de identificação no sentido da apreensão cultural dos signos, da leitura desta escrita, da identificação do seu simbolismo. Já que, “*é absolutamente impossível conceber o significado sem a ordem*” (LEVI-STRAUSS In: CRUZ, 2000, p.37). O resultado é que enquanto escrita os registros rupestres são para quem não possui os códigos como uma *escrita indecifrável*, entretanto para quem os possui resulta que:

Assim os pais poderiam ler aos filhos e netos a epopeia vivida pelo seu povo, transformando num ciclo sucessivo que se transmitia de geração em geração, aprendendo técnicas de caça, distinção de espécies, ciclos de reprodução das mesmas (importante para a sobrevivência da comunidade), ciclos da lua, equinócios e solstícios, reaproveitamento do mesmo suporte ‘gráfico’, independentemente do significado do que estava anteriormente escrito (CRUZ, 2000, p. 36).

Diante da impossibilidade de identificação e compreensão dos as-

pectos semióticos dos registros rupestres associados à constatação da sua existência em um determinado espaço territorializado, a correlação cultural a ser desenvolvida, o que vai além da quantificação e classificação do registro, está inserida em um contexto mais amplo na medida que:

El Arte Paleolítico al aire libre podría ser definido como la manifestación gráfica habitual de los grupos humanos, que en su devenir lo encontrarían con frecuencia y facilidad. Debería ser entonces un buen indicador de territorio y un buen vehículo narrativo. Se encontraría cerca del grupo, en sentido espacial y mental (BALBIN BEHRMANN & BUENO RAMIREZ, 2000 a, p. 96).

Segundo ZARONI & BELTRÃO a pesquisa sobre unidades territoriais passa pela análise dos “*artefatos líticos, ósseos, cerâmicos e pela expressão de práticas culturais demonstradas na arte rupestre*” (2001, p. 122), nesta perspectiva ao se ter uma variedade maior de informações, o pesquisador pode passar a pormenorizar o contexto arqueológico inserindo a discussão em torno da construção territorial e da apropriação do espaço.

Entretanto se o pesquisador não puder dispor de dados provenientes de um conjunto de vestígios e sim apenas de um, os registros rupestres?

Em relação a este questionamento parte-se do pressuposto que este vestígio possa, após a sua classificação e conseqüente filiação a um contexto rupestre entendido como uma *Tradição*, ser visto como um todo e desta forma ser reconhecido como integrante de um *corpus gráfico*, que perpassa da sua existência como figura em um suporte para a de um marcador cultural, o que por sua vez o transmuta em uma *unidade cultural* que passa a tornar-se significativa de outra unidade cultural, tornado-se por sua vez um elemento de um conjunto simbólico com conotações polissêmicas. Já que: “*El espácio por el que se mueven queda marcado por sus referentes gráficos, de modo que resulta reconocible a todo el que transita por él*” (BALBIN BEHRMANN & BUENO RAMIREZ, 2000 b, p. 147).

Resultando daí que, mesmo sem um conjunto de dados provenientes de vários vestígios arqueológicos, os registros rupestres podem fornecer informações sobre o processo de territorialização que envolve o espaço.

Desde que sejam realizadas atividades em torno do desenvolvimento de correlações culturais entre os registros em uma análise intra e inter sítios.

Se aplicássemos a idéia sugerida anteriormente por outros (p. ex. Baldus, 1937), de as pinturas serem também marcadores de lugares nas extensas e uniformes áreas do planalto e Nordeste, talvez avançássemos um passo na sua compreensão (SCHMITZ, 1984, p. 19).

A filiação do conjunto gráfico da Serra da aldeia à tradição Agreste e Itaquiara com a sua conseqüente inserção em um *corpus* gráfico associado aos elementos condicionantes que configuram, para o conjunto sítios-meio, a condição de um enclave arqueológico, remete ao vestígio, existente, à qualificação de marcador cultural o que por sua vez o habilita a ser percebido como uma unidade cultural dentro de um contexto arqueológico sendo, portanto, portador de um “*mesmo padrão*”, que por sua vez está inserido em um complexo de relações conectivas, na medida que:

La presencia de pinturas en territorios próximos a Alcántara y la ubicación de las mismas en sectores de sierras o pie de sierra, además de reiterar esta unidad cultural, señala una selección de soportes en relación con la ubicación de éstos en los distintos territorios de explotación de los pobladores neolíticos y calcolíticos de la zona. (...) Los grabados al aire libre suelen situarse en las proximidades de la orilla del río, proponiendo la señalización del territorio relacionado con agua. Territorio de usos variados: consumo humano, consumo animal, acecho de la caza, control de paso.. etc. A veces, los grabados e incluso las pinturas conectan con el área de habitación, como tenemos detectado en otras zonas (BALBIN BEHRMANN & BUENO RAMIREZ, 2000 b, p. 146).

Em relação ao *corpus* gráfico da serra da Aldeia, deixando-se de lado os aspectos pertinentes à classificação exaustiva dos seus tipos e formas, pois o desenvolvimento desta atividade no sentido de: “*pretender encontrar algum significado lógico em grafismos semelhantes porém separados por cronologias desconhecidas e pertencentes a grupos étnicos também desconhecidos, resulta em uma tarefa inútil*” (MARTIN, 1997,

p. 248), a análise recai sobre a relação intrínseca entre a existência do registro rupestre e a apropriação do espaço.

Foram identificadas para este *corpus* rupestre duas tradições que, simbolicamente, representam “*grupos étnicos*” (aqui entendidos como representações culturais) que, pelas cronologias estabelecidas para estas tradições, não partilham do mesmo padrão cultural.

Desta forma, tem-se como resultado que o enclave da Serra da Aldeia teve, teoricamente, em momentos distintos seu espaço apropriado por culturas dessemelhantes que, subjacente a esta apropriação, construíram cada um de acordo com o seu “*universo cultural*” o seu território semioticamente representado pelas pinturas e gravuras. Neste sentido:

Não estão ainda claras para nós as relações cronológicas entre as pinturas e gravuras; são poucos os sítios em estudo onde encontramos manifestações nas duas técnicas, mais raros ainda os casos em que gravuras e pinturas ocupam o mesmo suporte. Os locais com predominância de gravuras concentram-se na Serra do Aristeu, margem direita do rio Cochá (Lapa do Possêidon, Lapa da Esquadrilha, Vulcano, Bíblia de Pedra, Labirinto de Zeus, Lapa Escrevida) enquanto que os sítios caracterizados pelas pinturas encontram-se em sua periferia (lapas da Mamoneira, do Dragão, da Serra Preta Leste etc.). Essa oposição entre pinturas e gravuras, evidenciada pela distribuição geográfica dos sítios, pode ser percebida também nos próprios locais utilizados pelos autores dessas figuras: um mesmo sítio nunca terá igual número de figuras “Montalvânia” em gravura e pintura, ele será sempre caracterizado essencialmente por gravura (Lapa do Gigante, Mamoneira II, Lapa do Possêidon, Lapa da Esquadrilha, Vulcano, Bíblia de Pedra) ou por pintura (Lapa da Mamoneira I, Lapa do Dragão, Serra Preta Leste) (RIBEIRO & ISNARDIS, 1996/97, p. 262).

A este respeito os sítios da Serra da aldeia possuem uma realidade distinta na medida que, dos oito sítios estudados em cinco deles coexistem pinturas e gravuras não só partilhando do mesmo suporte como sendo regra em quatro sítios a superposição das pinturas pelas gravuras (quadro 3) revelando desta forma, mais um marcador cultural simbolicamente posto, a ausência de relação entre o sistema sêmico intrínseco às pinturas com o seu próprio.

Temos observado a presença de alguns grafismos antropomorfos estáticos, isolados, bem característicos da tradição Agreste, em painéis rupestres da tradição Nordeste, tanto no SE do Piauí como no Seridó, assim como em Sergipe na área de Xingó e no município de Lençóis, no Estado da Bahia. Em alguns abrigos observa-se clara superposição de grafismos de uma tradição sobre a outra. Os achados de sítios com elementos picturais de ambas demonstram também, que temos longo caminho a percorrer na trilha das duas tradições (MARTIN, 1993, p. 54).

Ainda neste sentido de apropriação do espaço e da representação desta apropriação, entendida como a construção de um território que desta forma passa a ser definido e demarcado através de pinturas ou gravuras, na forma de marcadores culturais que representariam um sistema de comunicação:

Na tradição Agreste, tecnicamente, os tipos de pigmento utilizados são predominantemente o vermelho nas diversas tonalidades que o óxido de ferro e o ocre natural podem fornecer, mas **a densidade das tintas usadas e o maior ou menor cuidado no traço e na elaboração dos grafismos mudam muito nas diferentes áreas geográficas**. É possível mesmo encontrar-se numa mesma área ou mesmo entre abrigos vizinhos, grafismos cuidadosamente elaborados com linhas paralelas perfeitas e de traço limpo e outros grafismos nos quais a tinta escorre borrando o desenho original. Algumas manchas de tinta grossa, como se houvesse o propósito intencional de manchar os desenhos depois de pintados, **podem ser também obra posterior com a intenção explícita de apagar o trabalho anterior**, fato que não observei nos painéis da tradição Nordeste (MARTIN, 1997, p. 280, **grifo nosso**).

A análise desta forma de relação com o espaço através da utilização de marcadores culturais, que podem ser vistos como marcadores territoriais, na forma de registros rupestres pode resultar no estabelecimento da constatação de que um sítio, enclave ou área arqueológicos tiveram seus espaços ocupados, apreendidos, mitificados, apropriados, transformados em utilitários e, sobretudo sentidos de forma individual,

ao mesmo tempo em que se tornavam uma posse coletiva, social, política e cultural, um espaço vivido ou construído já que, “*cada sistema territorial segrega a sua própria territorialidade, que os indivíduos e as sociedades vivem. A territorialidade se manifesta em todas as escalas espaciais e sociais*” (RAFFESTIN, 1993, p. 161).

No que diz respeito à cronologia a análise dos dados permitiu se chegar aos seguintes resultados: do conjunto dos sítios estudados em 100% dos sítios existem marcadores culturais pertencentes à tradição agreste, em 50% existem marcadores relativos às gravuras superpostas às pinturas.

Com base nos dados acima expostos podemos inferir que na Serra da aldeia o *corpus* rupestre, representado por gravuras e pinturas revela a existência de dois grupos que ocuparam a mesma área em tempos distintos ou um em substituição ao outro. “*La incorporación del análisis de las grafías y de la ubicación de las mismas, contribuye de modo fundamental a la delimitación del territorio de los grupos productores*” (BALBIN BEHRMANN & BUENO RAMIREZ, 2000 b, p. 152). Tal assertiva decorre da existência das superposições das pinturas por gravuras em metade dos sítios estudados bem como do resultado ótico causado pelos grafismos após a sua realização. Nos sítios onde ocorre o predomínio de sobreposições também existe um impacto ótico causado pelo tamanho dos grafismos, ocorrendo o inverso onde as sobreposições são ausentes ou não predominam.

Neste ponto, retoma-se o questionamento. Até que ponto os registros rupestres da área em estudo podem fornecer informações sobre o processo de territorialização que envolve o espaço?

Como resposta pode-se dizer que no caso do conjunto gráfico da Serra da Aldeia a análise do *corpus* rupestre nos permite direcionar as pesquisas futuras tendo como eixo norteador à existência de mais de um grupo pré-histórico se apropriando do espaço e desta forma construindo um território que, provisoriamente, está sendo denominado de Enclave Arqueológico da Serra da Aldeia.

Em relação ao segundo questionamento, pode esse conjunto de registros fornecer informações sobre a dimensão material, que é necessária para caracterização do processo de ocupação de um determinado espaço e conseqüentemente da construção territorial?

A resposta é não. A análise de dados dos registros rupestres não pode fornecer estas informações ela apenas principia o estudo da área,

o que, entretanto tal análise faz é fornecer mais dados para o direcionamento dos trabalhos futuros envolvendo escavações em busca dos outros vestígios arqueológicos para serem confrontados com os registros rupestres.

Desta forma, os dados aqui apresentados, analisados e discutidos bem como, as considerações desenvolvidas a guisa de resultados, podem ser corroboradas ou refutadas. Independente do resultado que o desenvolvimento de novas pesquisas possa vir apresentar, o resultado final será a ampliação do conhecimento geral sobre os grupos construtores do enclave da Serra da Aldeia e conseqüentemente sobre a pré-história do Nordeste do Brasil.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A arqueologia enquanto área de conhecimento tem como objeto de estudo um elemento, do qual se origina uma infinidade de aspectos, e por causa desta particularidade utiliza-se de todo um arcabouço técnico-teórico oriundo de diversas áreas, não ligadas diretamente ao seu objeto de estudo.

Desta forma, por congregar em uma única atividade tão grande volume de *saberes*, o trabalho do arqueólogo pode, segundo Funari, “*ser interpretado como o ‘conhecimento do poder’, retomando um dos sentidos da palavra **arque**, em grego*” (2003, p. 15).

A partir da percepção de que a análise arqueológica e os resultados que dela são originados tem o poder de (re)construir como povos solucionavam problemas do dia-a-dia, transformavam a natureza, construíam e criavam novas formas de continuar vivos, novas técnicas de produzir alimentos, como legislavam e julgavam os seus pares e os outros, enfim como viveram, e por que não até o que pensaram. Esta pesquisa foi desenvolvida, tendo por objeto de estudo os registros rupestres (pinturas e gravuras), que são um dos aspectos, dentro da infinidade referida anteriormente, que dizem respeito à presença humana em um espaço que recebe a denominação de sítio arqueológico.

Ao longo do percurso do surgimento da arqueologia no século XIX até o presente a relação dos arqueólogos com o seu objeto de estudo em um primeiro momento passa a ser fruto de uma abordagem calcada na percepção de que todo povo é possuidor de uma cultura e que esta evolui

ao longo do tempo. Esta *visão* da arqueologia vai ser questionada dando margem e lugar, em certos centros de pesquisa, a uma nova abordagem em torno do mesmo objeto, o ser humano, a partir da busca de leis gerais do comportamento; o momento mais recente desta relação buscou resgatar a dimensão política da arqueologia na medida, que para seus defensores, ela deveria também buscar a vertente simbólica contida nas manifestações culturais dos povos estudados.

Desta forma, o arqueólogo hoje dispõe de um conjunto de abordagens teóricas e metodológicas que ele pode utilizar dependendo tão somente da sua própria percepção de arqueologia.

Área arqueológica, enclave arqueológico, contexto, espaço, geologia, hidrografia, geomorfologia, relação homem-meio, sobrevivência, sítio arqueológico, vestígio, painel, *corpus* gráfico, registro rupestre, pintura, gravura, arte rupestre, relação homem-meio-homem. Este conjunto de conceitos estão interligados nesta pesquisa, não são os únicos, em torno de um outro conceito que envolve a *criação de uma realidade na materialidade de uma virtualidade intrínseca a comunidade*, ou seja, o **território**, que ao ser analisado a partir da existência de um conjunto de registros rupestres em um espaço foi inserido na busca do simbólico dentro da cultura na medida que se tornou um elemento transmissor de informação e, portanto parte de um sistema de comunicação e criador de uma relação comunicacional que perpassando a barreira do tempo, chega até os seus observadores, como um comunicante sem comunicado.

Como então apreender o simbólico de tal comunicante? De que forma se pode inserir este vestígio em algo mais do que dados estatísticos, de padrão, formas ou traços?

A resposta está na adoção de um procedimento que analise este tipo de vestígio a partir da realização de estudos de correlação entre os vestígios intra e inter sítios que possam filiar este conjunto de registros rupestres a um *corpus* gráfico, a uma tradição.

A análise do conjunto gráfico da Serra da Aldeia com a sua conseqüente filiação a tradição Agreste para as pinturas, e, Itaquiara para as gravuras, transforma estes *comunicantes sem comunicado* em marcadores culturais/territoriais, bem como, em uma unidade cultural, o que por sua vez permite que o mesmo seja relacionado com outros que partilham a mesma condição.

Para tanto no enclave da Serra da Aldeia, tem-se um espaço que foi apropriado por, no mínimo, duas *etnias* (aqui entendidas como ma-

nifestações culturais) diferentes que ao marcar este espaço a partir da utilização de um sistema de comunicação, semanticamente falando, materializou a virtualidade contida no território.

Pode-se dizer que neste espaço onde existiram dois territórios a modalidade temporal foi restrita a relação estabelecida entre os registros rupestres quando da análise dos casos de superposição, o que limita o alcance dos resultados. Entretanto, para o objetivo deste estudo, este procedimento foi tido como suficiente já que permitiu, quando este dado foi confrontado com os outros, a constatação da apropriação do espaço e a existência da construção de territórios.

Que inferências podem ser desenvolvidas a partir dos resultados obtidos do estudo do *corpus* gráfico do enclave da Serra da Aldeia? A resposta a esta questão, no momento, só pode ser respondida com a construção de outras questões e hipóteses que envolvam trabalhos futuros.

De posse dos resultados, limitados e limitantes, que foram obtidos podem ser desenvolvidos, a priori, dois tipos de procedimentos.

O primeiro diz respeito ao desenvolvimento de trabalhos de escavações em abrigos existentes nos sítios do enclave da Serra da Aldeia na busca de novos dados que possam ser confrontados com os que já se possui, e, portanto ampliar a base dos marcadores culturais estudados e analisá-los a partir do seguinte problema:

Se dois territórios foram construídos, os vestígios encontrados durante as escavações, em tese, devem representar estes dois momentos de apropriação do espaço bem como, determinar se os momentos de ocupação foram distintos ou não.

O segundo está voltado para a aplicação da proposta que foi desenvolvida, em uma área maior, tendo como eixo norteador os divisores d'água da bacia do rio Taperoá a partir do enclave da Serra da Aldeia, fundamentado em três problemas que estão circunscritos a se saber até onde vai a amplitude dos territórios construídos e em que direção, e, se os divisores d'água são também fronteiras territoriais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AB'SABER, Aziz Nacib (1991). Problemas das migrações pré-históricas na América Latina **CLIO – Série Arqueologia, nº. 4, extraordinário. Anais do I simpósio de Pré-História do Nordeste Brasileiro. (1987), UFPE, p. 11-14. Recife.**

AGUIAR, Alice. (1986). A tradição agreste: estudo sobre arte rupestre em Pernambuco. **CLIO – Série Arqueologia, nº 8, UFPE, p. 7 a 63. Recife.**

ALMEIDA, Ruth Trindade de. (1979). **A arte rupestre nos Cariris Velhos.** Editora Universitária/ UFPB João Pessoa.

BALBIN-BEHRMANN, R. de & BUENO RAMIREZ, P. (2000 a). El analisis del contexto em arte prehistórico de la península Ibérica. La diversidad de las asociaciones. (p. 90 – 127) **ARKEOS – Perspectivas em diálogos.** Tomar, Portugal.

_____. (2000 b). La grafia megalítica como factor para la definicion del territorio. (p. 128 – 177) **ARKEOS – Perspectivas em diálogos.** Tomar, Portugal.

BRANDÃO, Ambrósio Fernandes (1977). **Diálogos das Grandezas do Brasil.** São Paulo, Melhoramentos. Brasília.

BEZERRA, Daniel de Castro (1995). **Itaquatieras do Piemonte da Borborema Registros Rupestres na Paraíba.** I Mostra de Produção Científica da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB. Campina Grande.

CARVALHO, Maria Gelza R. F. de. (1982). **Estado da Paraíba: Classificação Geomorfológica.** Editora Universitária. João Pessoa.

CRUZ, Ana Rosa (2000). Sentido estético e mitologia: a arte pré-histórica como escrita indecifrável. (p. 32 – 45). **ARKEOS – Perspectivas em diálogos.** Tomar, Portugal.

FERREIRA, Josué Eusébio (1998). **Sítio da Serra do Cachorro, Brejo da Madre de Deus / Pernambuco, Brasil: uma contribuição ao estudo da área arqueológica dos Cariris Velhos.** UFPE, (dissertação de Mestrado). Recife.

FUNARI, Pedro Paulo A. (2003). Teoria e métodos na arqueologia contemporânea: o contexto da arqueologia histórica. **Primeira Versão IFCH/UNICAMP.** Campinas.

GUIDON. Niède (1991). **Peintures Préhistoriques du Brésil. L'art Rupestre du Piauí.** Éditions Recherche Sur Les Civilisations - Paris

France.

_____. (1989). Tradições rupestres da área arqueológica de São Raimundo Nonato, Piauí-Brasil. **CLIO** – Série Arqueológica, nº 5, UFPE, p. 5 - 10. Recife.

HAESBAERT, Rogério (2000). **Territórios alternativos**. Editora Contexto, São Paulo.

JOFFILY, Irineo. (1976). **Notas sobre a Paraíba (1892)**. 2ª ed., The-saurus Editora, Brasília.

MAGALHÃES, Marcos Pereira. (1993). **O Tempo Arqueológico**. Museu Paraense Emílio Goeldi. Belém.

MAIA, Sabiniano (1978). **Caminhos da Paraíba 1500-1978**. Editora Grafset. João Pessoa.

MALTCHIK, Leonardo (1998). Projeto Taperoá – Sub-projeto: **Rios temporários uma proposta de estudo para a região semi-árida paraibana**. PRODEMA/UFPB. João Pessoa.

MARTIN, Gabriela. (1997). **Pré-história do Nordeste do Brasil**. 2ª Ed, 445 p. il. Editora da UFPE, Recife.

_____. (1993). Arte rupestre e registro arqueológico no Nordeste do Brasil. **CLIO** – Série Arqueologia, nº 9, p. 45 – 56. UFPE, Recife.

MOREIRA, Emília de Rodat Fernandes (1998) Projeto Taperoá, **Atlas do sub-projeto uso e ocupação do solo da bacia do rio Taperoá**. PRODEMA/UFPB. João Pessoa.

PROUS, André. (1992). **Arqueologia brasileira**. 605 p. il. Editora da UnB, Brasília.

VILAR, Francisco de Assis (1999). **A geografia dos sítios arqueológicos: o Sabugi e o Cariri Paraibano**. Fundação Casa José Américo, João Pessoa.

RAFFESTIN, Claude (1993). **Por uma geografia do poder**. Ática, São Paulo.

RIBEIRO, Loredana & ISNARDIS, Andrei (1996/97). Os conjuntos gráficos do alto-médio São Francisco (Vale do Peruacu e Montalvania) – Caracterização e seqüências sucessórias. **Arquivos do Museu de História Natural da UFMG**. UFMG, Belo Horizonte.

RODRIGUEZ, Janete Lins (1995). **Atlas geográfico do Estado da Paraíba**. Grafset, João Pessoa.

SEIXAS, Wilson (1985). **Viagem através da província da Paraíba**. Gráfica União. João Pessoa.

SCHMITZ, P. I. (1984 a). **Caçadores e coletores da pré-história do Brasil**. Instituto Anchieta de pesquisas – UNISINOS, São Leopoldo. **SUDENE – “Cartas topográficas” 1: 100.000 (1985). Folha SB.24 – Z – D – III. MI – 1211 (Boqueirão).**

ZARONI, Lígia & BELTRÃO, Maria (2001). **Unidades territoriais e sítios arqueológicos no interior baiano, região arqueológica de central. XI - SAB, Rio de Janeiro.**

BREVE REFLEXÃO ACERCA DA IDENTIDADE CULTURAL: A questão patrimonial no Brasil e em Sergipe¹.

FÁBIO SILVA SOUZA²

ABSTRACT:

In commemoration to the Brazil Independence scenery, was accomplished in 1922 Modern Art Week, in São Paulo. Discussion occurred in that decade marked a stretch that characterized the institution returned to the Brazilian patrimony. In search of a culture “national authentically” were, then, developed ethnographic and literary researches, valorizing Portuguese and colonial inheritance. In Sergipe, patrimony question, seems to represent a preoccupation almost simultaneous the creation of SPHAN. However, in July, 1938 was done a law decree in which changed São Cristóvão town in *monument town* of Sergipe State. In December 28, 1976 is sanctioned law 2026, that “dispose about Art and Historical Patrimony of Sergipe and give it others providences”.

Palavras-chave: Modernismo; SPHAN; identidade; patrimônio.

¹ Este artigo compreende parte do segundo capítulo da dissertação de mestrado intitulada “Arqueologia do cotidiano: um flâneur em São Cristóvão”, orientada pelo Prof. Dr. Rogério Proença de Souza Leite e defendida em 07 de julho de 2004.

² Cientista social (Bacharel e Licenciado), Mestre em geografia (NPGeo - UFS) com área de concentração em ocupação territorial: estudos arqueológicos. Professor de: Antropologia (DCS - UFS); Antropologia Cultural (Seminário Maior Nossa Senhora da Conceição). Pesquisador vinculado ao Laboratório de Estudos Urbanos e Culturais (LABEURC – UFS) - fabiosilvasouza@ig.com.br

1 – PREÂMBULO.

Durante os séculos XVIII e início de XIX, o Brasil passou por profundas transformações, econômicas, político-sociais, proporcionadas pela descoberta do ouro, na região sudeste. Esse movimento, parece ter implicado não só novos sentidos, nos atores sociais, como também novos usos, hábitos etc. Como consequência, sob uma égide modernista, surgiram novas cidades, com características distintas das antigas cidades coloniais.

A descoberta do ouro, durante o século XVIII, foi responsável pelo deslocamento de parte significativa do pólo econômico e cultural da colônia, para a região sudeste. Ainda, como consequência desse surto de desenvolvimento, a cidade do Rio de Janeiro foi elevada à condição de capital do Brasil, em 1763. O início do século XIX, mais especificamente em 1808, ficou marcado por um fato bastante significativo na colônia; a chegada da Corte portuguesa ao Brasil. Esse acontecimento implicou não apenas em um grande surto de desenvolvimento na cidade do Rio de Janeiro, assim como a criação de lugares de memória, a exemplo da Biblioteca Nacional e o Museu Nacional, que vieram reforçar o instrumental da constituição da nacionalidade brasileira após a independência. Mais adiante, em 1838, foram criados o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e o Arquivo Nacional, responsável respectivamente pela criação da história e manutenção da memória histórica nacional.

Essa atitude parece ter preocupado um grupo de intelectuais no Brasil, que perceberam o risco que essas cidades “antigas” estavam correndo, fadadas a total descaracterização em nome da modernidade, racional, secular.

A prática da destruição de antigos espaços, monumentos e obras, pareciam configurar um caminho sem retorno. Surge, então, somente no início do século XX, a necessidade de um projeto específico, que viesse fazer frente a esse processo, que vislumbresse, de algum modo, a necessidade de preservação desses, através de instituições e políticas públicas. Enfim, nasce o SPHAN.

1.1 O IPHAN³ e a Trajetória na Construção de uma Identidade.

Embora houvessem os ditos lugares de memória, a preocupação de modo mais específico com o patrimônio histórico e arquitetônico só veio acontecer, de fato, no século XX, iniciando-se na década de 1910 (FONSECA, 1997; RODRIGUES, 2000). Se por um lado esse momento compreendido entre as décadas de 1910 e 20, ficou marcado por uma crise política e de identidade no Brasil, por outro, autores como Fonseca (1997), Rodrigues (2000) chamam a atenção para a expressiva presença de imigrantes frequentando escolas, sobretudo no sul, onde eram ensinadas suas línguas natais, fato esse que sugere um entusiasmo da educação. Houve ainda, nesse período um forte crescimento de idéias voltadas para o nacionalismo, que vieram caracterizar o ano de 1915 e, manifestada através de diversas publicações, assim como por meio da Liga Nacionalista, fundada em 1916, contando com estudantes da Faculdade de Direito e vários professores de diversas faculdades paulistas, advogados, engenheiros (RODRIGUES, 2000). Um dos pontos-chave desse projeto era a ampliação das cidades voltada para a “febre do cosmopolitismo, característico desse “movimento”, que implicava em negar hábitos rurais tradicionalmente arraigados e a transformação dos espaços urbanos” (RODRIGUES, 2000, p. 17-8). Por fim, houve ainda, a valorização da arte sacra colonial no mercado internacional, fato que provavelmente veio incentivar a pilhagem e a pirataria.

Nesse momento, surge a necessidade de preservar aquilo que ainda restava de representação do passado. A estratégia então adotada foi então proteção de bens culturais, sobretudo as artes barrocas, assentado em um projeto que inicialmente teve por objetivo moldar o povo para uma modernidade. No entanto, contraditoriamente, o próprio povo encontrava-se excluído dessa, só havendo aberturas de inclusão para as elites políticas e intelectuais (FONSECA, 1997; RODRIGUES, 2000). Enfim, o neocolonialismo encontrou um forte aliado na história em sua tentativa de compor uma identidade nacional. Esse grupo de modernistas buscou, de fato, extrapolar o campo restrito da literatura e das artes, definindo limites entre a criação literária e a militância política, enfim, repensando a função social da arte. O “Modelo Progressista”

3 Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.

fundamentado no rompimento com o passado, parece introduzir não apenas o caráter inovador, mas muitas vezes destrutivos, fomentando novos produtos a serem consumidos. Esse modelo, do qual Le Corbusier fez parte, parece ter produzido um estilo arquitetônico no Brasil, o ecletismo, que em linhas gerais “não implicou reconhecimento da tradição anterior, mas foi um repúdio aos vestígios coloniais” (FABRIS *apud* RODRIGUES, 2000, p. 18).

Surge então uma outra proposta, o estilo neocolonial. Ele é resultado da preocupação de uma pequena elite modernista na busca de elementos que, de fato, possibilitassem a construção de uma identidade nacional. Esse grupo elege um estilo com características arquitetônicas genuinamente brasileiras, ao que parece, mais próximos do “Modelo Culturalista” e de sua ampla preocupação em recorrer à história como fundamento de elaboração do seu modelo.

A década de 20 simbolizou um período bastante emblemático na história do Brasil, e o ano de 22, mais especificamente, ficou marcado pelas comemorações do centenário da Independência. A preocupação em valorizar o que era de fato brasileiro passa a ser não apenas sistematizado através da produção de intelectuais modernistas, ela parte de fato para o pragmatismo encontrado na “favorável valorização dos museus históricos brasileiros” (RODRIGUES, 2000, p. 22). A valorização do patrimônio sugere uma atuação pedagógica e uma potencialidade moral, constituindo, assim, elementos formadores da *nação*.

No Brasil, a exemplo de outras nações, as políticas de preservação do patrimônio histórico sempre estiveram relacionadas à consolidação de uma imagem política e cultural de *nação*. Desde a sua fundação, em pleno Estado Novo em 1937, o IPHAN tem desempenhado um certo papel “civilizador” de uma idéia de brasilidade, tão cara à história do pensamento social do Brasil. (LEITE, 2001, p. 13).

Os debates ocorridos durante a Semana de Arte Moderna de 1922 marcam o início do longo trajeto percorrido pelas instituições voltadas para o patrimônio brasileiro. Fortemente influenciados pelas teorias europeias de salvaguarda, esses debates adotaram uma postura em favor da preservação de sítios urbanos. Esse fato se deu não só pela sua relevância, como também pelo seu valor simbólico e pela sua representatividade históricos junto aos habitantes e cidadãos desses locais. Durante

esse período Mário de Andrade desenvolveu pesquisas etnográficas e literárias. O arquiteto Lúcio Costa, que também havia participado do movimento neocolonial, volta-se para a busca da valorização da herança portuguesa e colonial para a composição de uma arquitetura “autenticamente nacional”. As idéias desses intelectuais ganham maior representatividade institucional no final da década de 20 a partir de projetos de lei que propuseram a criação de órgãos de proteção ao patrimônio, apresentados ao legislativo federal e pela criação, na Bahia, em 1927, e em Pernambuco, em 1928, de Inspetorias Estaduais de Monumentos Nacionais, cuja atuação se limitou ao inventário de bens locais (SIMÃO, 2001; SOUTELO⁴, 2004). Enfim, todos esses esforços realizados, em especial, pelo grupo de intelectuais modernistas, no sentido de conhecer, compreender e recriar o Brasil, veio a constituir os alicerces nos quais estão assentadas e foram desenvolvidas as idéias de proteção ao patrimônio.

A atuação desse grupo de modernista passou a contar com o respaldo institucional-legal a partir de 12 de julho de 1933, quando o então chefe do governo provisório federal, Getúlio Vargas, demonstrando conhecer o potencial simbólico dos bens culturais, seu caráter cívico e mnemônico, assinou o Decreto n. 22.928, declarando Ouro Preto como “monumento nacional”, instituindo, assim, o primeiro monumento histórico oficial (RODRIGUES, 2000). Na justificativa, considerou-se não apenas o fato de Ouro Preto ter sido a antiga capital de Minas Gerais, com a também por ter sido esse um “teatro de acontecimentos de alto relevo histórico na formação de nossa nacionalidade e de possuir velhos monumentos, edifícios e templos de arquitetura colonial, verdadeiras obras d’arte, que merecem defesa e conservação” (MEC/SPHAN/FNPM, 1980, p. 89 *apud* SIMÃO, 2001, p. 31-2).

Em 1934, foi criada a Inspetoria dos Monumentos Nacionais, norteada por uma perspectiva tradicionalista e patriótica. O Estado veio adentrar na questão patrimonial no ano de 1936 a partir de um anteprojeto elaborado por Mário de Andrade – atendendo um pedido de Gustavo de Capanema, então Ministro da Educação durante os anos de 1934 a 1945 – voltado para a criação de um instituto preservacionista e das diretrizes

4 Dr. Luiz Fernando Ribeiro Soutelo. Entrevista concedida ao autor, na cidade de Aracaju, em 30 de janeiro de 2004.

para a proteção do patrimônio artístico nacional. A Inspetoria dos Monumentos Nacionais teve atuação restrita e foi desativada em 1937, em consequência da criação do SPHAN.

O primeiro órgão federal dedicado à preservação, SPHAN (Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional), foi então criado no dia 30 de novembro de 1937, através de Decreto-lei n. 25, fundamentado em um anteprojeto de Mário de Andrade. Logo no seu artigo 1º, o patrimônio histórico artístico nacional é definido como “o conjunto dos bens móveis e imóveis existentes no país e cuja conservação seja de interesse público, quer por sua vinculação aos fatos memoráveis da História do Brasil, quer por seu excepcional valor arqueológico ou etnográfico, bibliográfico ou artístico”⁵.

As recomendações da Carta de Atenas⁶, documento internacional datado de 1931 através do qual se privilegiou a proteção de monumentos de valor excepcional, parece ter exercido influência primordial na atuação do SPHAN, em especial na sua preocupação para com as obras do Barroco, nesse momento considerado a essência da brasilidade, assim como para a produção material dos colonizadores, como antigos fortes, engenhos e igrejas (FONSECA, 1997; RODRIGUES, 2000).

A preocupação inicial em preservar o patrimônio, durante esse período, esteve intrinsecamente “relacionada à perpetuidade dos objetos sagrados, essenciais à comunidade” (RODRIGUES, 2000, p. 26), por esse motivo a atenção do órgão federal voltou-se, principalmente, para a proteção de monumentos arquitetônicos, religiosos e civis, do período colonial. A crítica que se faz é a de que,

embora o anteprojeto do SPHAN, elaborado por Mário de Andrade em 1936, contemplasse uma definição abrangente de “obras de arte

5 Disponível em <<http://www.iphan.gov.br/legislac/decretolei25.htm>> acessado no dia 28 de out de 2001.

6 O 4º Congresso Internacional de Arquitetura Moderna (CIAM), ocorrido na capital da Grécia em outubro de 1931, resultou em um documento denominado “Carta de Atenas”. Nesse encontro marcado pelo advento da moderna arquitetura e a redefinição do perfil desse profissional, procurou-se atender aos princípios de salubridade e de justiça social, ficou, então, recomendado a “substituição de antigos conjuntos arquitetônicos e bairros por espaços planejados de tráfego, lazer e moradia”.

Disponível em <<http://www.iphan.gov.br/legislac/cartaspatrimoniais/atenas-31.htm>> acessado no dia 28 de out de 2001.

patrimonial”, a política de preservação do SPHAN (atualmente IPHAN) se inclinou predominantemente para a reestruturação arquitetônica, de cunho fachadista, de bens imóveis de pedra e cal, cujos monumentos expressariam uma versão oficial do patrimônio, compreendendo um conjunto normalmente relacionado à etnia branca [...]. (LEITE, 2001, p. 17).

De fato, parece haver uma relação muito próxima entre um determinado grupo de intelectuais e o Estado durante o Estado Novo. Se, por um lado, os intelectuais atuavam como organizadores da cultura, e se propunham as funções de mediadores entre o Estado e a sociedade, a cultura e o povo, por outro, o SPHAN gozou uma determinada autonomia durante o período getulista interpretada, de certo modo, como um sinal do pouco interesse político que o serviço tinha para o governo federal (RODRIGUES, 2000). Havia, ainda, o interesse na formação de uma imagem de harmonia e de consonância de interesses entre o governo e os intelectuais, de extrema importância através da qual procurou-se evidenciar a percepção que o governo autoritário tinha na vantagem de acolher os intelectuais modernistas. Enfim, o SPHAN atuou como um órgão fundamental durante o período getulista, vindo contribuir de forma decisiva para ratificar uma imagem de coesão social em torno de um projeto nacional. Ele foi, de fato, segundo Fonseca (1997) e Rodrigues (2000), os braços do ministério de Capanema.

Para Rubino (2003), a postura política adotada por essa instituição, dirigida por Rodrigo Mello Franco de Andrade, teve forte influência de Gilberto Freyre, sobretudo a partir de sua aproximação com Lúcio Costa e, posteriormente, com as demais personalidades e intelectualidades do SPHAN, em uma orientação rumo ao abasileiramento através da estima da arquitetura colonial, sobretudo do século XVIII.

Nessa missão, Rodrigo contou com a colaboração de outros brasileiros ilustres, como Mário de Andrade, Manuel Bandeira, Afonso Arinos, Lúcio Costa e Carlos Drummond de Andrade. Intelectual e homem de ação, Rodrigo concentrou seus esforços na proteção dos bens patrimoniais do país, redigindo uma legislação específica, preparando técnicos, realizando tombamentos, restaurações e revitalizações, que asseguraram a permanência da maior parte do acervo arquitetônico e urbanístico brasileiro, bem como do acervo

documental e etnográfico, das obras de arte integradas e dos bens móveis.⁷

Na busca da construção de uma brasilidade, foi primordial a estima à arquitetura colonial, sobretudo do século XVIII, “contudo, não é uma chave que evidencie a vinculação entre a arquitetura colonial e a moderna; tampouco nos auxilia a interpretar a intervenção moderna no espaço urbano” (RUBINO, 2003, p. 272). Ela vem de uma perspectiva na qual a casa grande e a senzala representavam quase um fenômeno social total. Portanto, não era apenas uma questão de estilo, a casa colonial (reunindo a casa grande e a senzala) fundava-se em uma relação complementar no qual se englobava todo um sistema econômico, social, político (RUBINO, 2003).

1.2 A Questão Patrimonial em Sergipe

A preocupação com a cultura e o patrimônio cultural em Sergipe, segundo Soutelo (2004), representa uma experiência quase que simultânea com a criação do SPHAN. A instituição federal surgiu em 1937 e em julho de 38 foi baixado um decreto-lei no qual transformava a cidade de São Cristóvão em cidade-monumento do Estado de Sergipe.

A própria lei, o próprio decreto, ele já estabelece que seria constituída uma comissão para deferir qual seria o sítio histórico mais antigo de São Cristóvão, ou seja, tentar traçar qual seria o contorno do centro histórico de São Cristóvão, o centro original. Que chegou a nomear, se não me engano, uma comissão Manuel de Carvalho Barroso, que era Secretário de Justiça Interior, Oto Altenesh, que é um construtor alguns dizem austríaco outros dizem alemão, e o professor José Calazans Brandão da Silva. Parece-me que essa comissão [...] nunca terminou de fazer este levantamento que era proposto. (SOUTELO, 2004).

⁷ Disponível em: < <http://www.iphan.gov.br/iphan/iphan.htm> > acessado em: 28 de out de 2001.

Nesse momento, o patrimônio volta sua atenção para preservação dos monumentos de pedra e cal. Essa característica passa, então, a caracterizar a década de 60. Já no ano de 1959, o então Governador Luiz Garcia cria o Museu de Sergipe, hoje Museu Histórico de Sergipe, localizado no antigo palácio provincial, na cidade de São Cristóvão. No ano de 1967, ocorreu a transcrição do tombamento estadual da cidade de São Cristóvão nos livros do IPHAN, durante o governo de Lourival Baptista. O seu tombamento federal, no entanto, só irá ocorrer em 1986. Outro fato bastante significativo ocorrido no ano de 1967, foi o surgimento do Conselho Estadual de Cultura, um órgão consultivo, normativo e deliberativo da Secretaria da Cultura. Esse órgão é responsável, a nível estadual, pelos estudos de processos de tombamentos “quer sejam originados na Secretaria, quer sejam originados por particulares ou pelo próprio Conselho, por um conselheiro qualquer” (SOUTELO, 2004). O Conselho é pela Câmara de Ciências e Patrimônio Histórico, esse é o órgão dentro do Conselho responsável por instruir os processos não só de tombamento como também de revogação de tombamentos. Todos esses processos passam obrigatoriamente pela Câmara de Ciências e Patrimônio Histórico antes de irem ao Plenário.

No plano nacional foi realizada no ano de 1970, na cidade de Brasília, uma reunião com os secretários de educação e cultura juntamente com especialistas no patrimônio, através da qual se estabelece a meta de que cada Estado faria uma legislação sobre o patrimônio e criaria um órgão para trabalhar na área. Em face deste compromisso, no dia 04 de abril de 1970, o então governador Lourival Baptista estabelece o Decreto-Lei nº 405. Surge, dessa forma, a primeira Lei sobre patrimônio histórico e artístico em Sergipe. Nesse momento, a Assembléia Legislativa encontrava-se fechada, por conta do regime militar, e o Decreto-Lei nº 405 cria o Departamento de Cultura e Patrimônio Histórico e Artístico, “cuja implementação a rigor só vai ocorrer no governo de João de Andrade Garcez, com o complemento material do governo de Lourival, quando assume o Departamento a professora Beatriz Góis Dantas, que é quem começa a fazer os primeiros levantamentos sobre o patrimônio de Sergipe, dos bens móveis e imóveis” (SOUTELO, 2004). Ainda no ano de 1970, através de uma proposta do conselheiro José Augusto Garcez, o Conselho Estadual de Cultura aprova o tombamento de Laranjeiras como cidade monumento estadual, somente concretizado no decreto de 12 de março de 71, já no final do governo de João de Andrade Garcez.

Em 1972 vem a Sergipe, para proferir a aula inaugural da Universidade Federal, o então ministro Jarbas Passarinho.

Ele faz uma visita a Laranjeiras e São Cristóvão e, em Laranjeiras, pede ao governador Paulo Barreto que crie uma comissão para apresentar ao MEC um projeto de restauração de Laranjeiras. Este projeto, mais os projetos de outros Estados do Nordeste, vai fazer em 73 e 74 que o Governo Federal crie o Programa das Cidades Históricas do Nordeste com a sua utilização para fins turísticos. (SOUTELO, 2004).

O Programa de Cidades Históricas no Nordeste estabelecia que cada Estado deveria designar o órgão que coordenaria o programa a nível estadual. Em Sergipe, o governador Paulo Barreto, vai então designar a EMSETUR (Empresa Sergipana de Turismo S/A). “Enquanto existiu o Programa das Cidades Históricas a EMSETUR foi a responsável pelo programa” (SOUTELO, 2004). Portanto, o ano de 1972 ficou marcado pela criação da EMSETUR e do Festival de Arte de São Cristóvão. No ano seguinte (1973), é criado e instalado o Museu de Arte Sacra de Sergipe.

Entre os anos de 1973 e 74 ocorre a adesão de Sergipe ao Programa Integrado de Reconstrução das Cidades Históricas do Nordeste, com a sua utilização para fins turísticos. No plano nacional, a morte de Rodrigo de Mello Franco em 1969 encerra o período conhecido como pedra e cal. Inaugura-se nesse momento uma nova fase no conceito e nos debates patrimoniais, sobretudo porque este passa a ser visto como algo presente no cotidiano dos atores sociais. Em Sergipe, no ano de 1975, ocorre a extinção do Departamento de Cultura e Patrimônio Histórico e Artístico e a criação da assessoria de Assuntos Culturais da Secretaria da Educação e Cultura, e ainda a adesão de Sergipe ao Programa Nacional de Artesanato.

Em 1975, na passagem do governo Paulo Barreto para o governo de José Rollemberg Leite, Luiz Antônio assume a assessoria cultural da Secretaria de Educação e Cultura. É a partir daí, que ele trabalha em primeiro lugar a lei do patrimônio, trabalha a criação do Museu Afro-Brasileiro em Laranjeiras e a realização do encontro cultural de Laranjeiras voltado para os estudos da cultura popular. A lei surge nesse

momento, então, Luiz Antônio é o pai da lei, ele é quem redige a lei. Ela foi discutida com o doutor Carlos Brito que era o Consultor Geral do Estado e encaminhada à assembléia. Lembro que o deputado Antonio Carlos Valadares foi o relator na assembléia, e o deputado Eliziário Sobral apresentou algumas emendas ao projeto que foi encaminhado pelo governador. A partir daí, é que se institucionaliza pela lei a legislação de patrimônio em Sergipe. A partir de então os tombamentos passam a ser feitos e as ações a partir da lei. (SOUTELO, 2004).

O ano de 1976 é bastante significativo para a cultura sergipana. Marcada pelo I Encontro Cultural de Laranjeiras, essa data celebra também a criação do Museu Afro-Brasileiro de Sergipe, nessa mesma cidade. Em 28 de dezembro de 1976, o então governador do Estado, José Rollemberg Leite, sanciona a Lei nº 2.069, que “*dispõe sobre o Patrimônio Histórico e Artístico de Sergipe e dá outras providências*”. De fato, uma lei restrita basicamente ao monumento de pedra e cal, em todos os seus mecanismos. Na Lei, é nítida a influência do sentido tradicional da fase heróica do SPHAN.

CAPÍTULO I - Do Patrimônio Histórico e Artístico

Art. 1 - Ficam sob a proteção e vigilância do Poder Público Estadual, por intermédio da Secretaria da Educação e Cultura, os bens móveis e imóveis atuais ou futuros, existentes nos limites de seu território, cuja preservação seja de interesse público, desde que se enquadrem em um dos seguintes incisos:

I - Construções e obras de arte de notável qualidade estética ou particularmente representativas de determinada época ou estilo;

II - Edifícios, monumentos, documentos e objetos intimamente vinculados a fato memorável da História local ou a pessoa de excepcional notoriedade;

III - Monumentos naturais, sítios e paisagens, inclusive os agenciados pela indústria humana, que possuam especial atrativo ou sirvam de “habitat” a espécimes interessantes da flora e da fauna local;

IV - Bibliotecas e arquivos de acentuado valor cultural;

V - Sítios arqueológicos.

Lei nº 2.069⁸ de 28 de dezembro de 1976

8 In: **Revista Sergipana de Cultura**, 1978.

Para Soutelo (2004), a Lei nº 2.069 embora esteja voltada para o patrimônio de pedra e cal, em todos os seus mecanismos, ela é fundamental para o Estado de Sergipe não só por possibilitar uma legislação própria, no sentido de proteger os seus bens patrimoniais, como também por direcionar as ações futuras.

De fato, a preocupação central da Lei nº 2.069 está no patrimônio de pedra e cal, no entanto, segundo Soutelo (2004) “quando Luiz Antônio passa a trabalhar a questão dos grupos folclóricos, do fazer folclórico no Encontro Cultural de Laranjeiras e a fazer publicações sobre a área, [...], ele está trabalhando a cultura imaterial”. É importante perceber que mesmo a partir de 1969, ou mais especificamente a partir da morte de Rodrigo de Mello, as questões com o patrimônio imaterial ficam apenas no plano discursivo. Conforme apontado por Fonseca (1997), o grupo hegemônico no SPHAN permanece com suas atenções voltadas para os monumentos de pedra e cal. A preocupação com o imaterial, no plano federal, só vai ser tomada quando Aloísio Magalhães chega à instituição em 1979.

Em Sergipe, durante o Governo de João Alves Filho (1990-1994), por meio de proposta da Fundação Estadual de Cultura, foi criada uma comissão pelo então Secretário Geral do Governo, doutor Dílson Meneses Barreto. O projeto foi terminado no final de 94, tramitou no Conselho de Cultura em 1995, e chegou na atual Secretaria de Governo em 96.

O resultado desse trabalho foi consolidado no Decreto n. 16.607, de 22 de julho de 1997, que regulamenta a Lei 2.069.

A ‘exigência legal de prévia aprovação ou licença para execução e obras ou serviços, edifícios ou outros bens tombados’, e pela resolução nº. 001/97-CEC, de 05 de agosto de 1997 (homologada pelo decreto nº. 16.982, de 09 de dezembro de 1997), a qual ‘dispõe sobre a tramitação dos processos de tombamento’. (SOUTELO⁹, 2001).

Na avaliação de Soutelo (2001), durante o I Fórum Estadual de Secretários Municipais de Cultura Aracaju, ocorrido em 06 de novembro de 2.001, esse projeto inova em alguns pontos quando:

9 Os Serviços Públicos de Cultura: a questão patrimonial. (2001). Texto não publicado. Palestra proferida pelo Doutor Luiz Fernando Ribeiro Soutelo, então Diretor-Geral do Instituto do Patrimônio Cultural da Secretaria de Estado da Cultura e do Turismo, durante o I Fórum Estadual de Secretários Municipais de Cultura em Aracaju. Sergipe, 06 de novembro de 2001.

- estabelece que, no caso de tombamento dos bens pertencentes aos municípios, depende o ato de prévia autorização da Assembléia Legislativa (art. 5º § 2º);
- determina a realização pelo órgão competente (a outrora Secretaria da Educação e Cultural, hoje Secretaria de Estado da Cultura e do Turismo), juntamente com a Fundação Aperipê de Sergipe e outras emissoras de rádio e televisão, *respeitada a legislação pertinente* à radiodifusão, bem como junto aos estabelecimentos de ensino, uma sistemática campanha educativa com vistas a criar, no seio da comunidade e juventude, uma consciência pública sobre o valor e o significado do patrimônio histórico, artístico, etnográfico e paisagístico do Estado e sobre as necessidades de sua preservação. (SOUTELO, 2001).

O projeto é inovador em muitos aspectos. Ao trabalhar a questão

do imaterial, a legislação inova em alguns pontos, por exemplo: não é só o tombamento ela diz que, cada caso, cada tipo de bem ou a especificidade de cada bem, determinará a legislação que deve ser observada. Então, por exemplo, se for o falar sergipano é registrar, gravar e registrar, você não pode tomar o falar. Ela avança, criando uma coisa que não é só o tombamento, chamada declaração de relevante interesse cultural – ao invés de tomar eu posso fazer essas declarações – ela inova em algumas questões quando estabelece que o Estado é obrigado a participar em até 25% do custo da restauração de monumentos de pedra e cal e esse percentual deve ser prefixado na lei de diretrizes orçamentárias a cada ano pelo governo. [...] O Estado pode apenas aconselhar, e aí se diz, por exemplo, na própria legislação que os próprios municípios poderão estabelecer incentivos, que hoje já estão ultrapassados em função de que, a legislação atual de reforma tributária proíbe a concessão de incentivos fiscais a partir de agora, aliás não é nem a reforma tributária, é a lei de responsabilidade fiscal. A lei está parada e nunca foi encaminhada à Assembléia, acredito inclusive que esse projeto já precise ser reavaliado para não ficar obsoleto já de sua própria origem. (SOUTELO, 2004).

Em Sergipe, a década de 70 ficou marcada ainda pela criação do

Sistema Estadual de Arquivos e pela criação do Museu do Homem Sergipano, somente instalado em 1996, ambos datados do ano de 1978. No ano seguinte, em 1979, ocorre I Encontro Cultural de Estância e, ainda, a criação da Fundação Estadual de Cultura. Já no ano de 1980, é instalado o Escritório Técnico do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. No ano de 1989 ocorre a instalação da 13ª Diretoria Regional do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, extinta no ano seguinte, em 1990. Quatro anos mais tarde, 1994, é criada a 8ª Coordenadoria Regional do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.

REFERENCIAL BIBLIOGRÁFICO:

FONSECA, Maria Cecília Londres. **O Patrimônio em Processo:** trajetória da política federal de preservação no Brasil. Rio de Janeiro: Editora UFRJ/ MinC - IPHAN, 1997.

_____. “Para além da pedra e cal: por uma concepção ampla do patrimônio cultural”. In: ABREU, Regina; CHAGAS, Mário (orgs.) **Memória e patrimônio:** ensaios contemporâneos. Rio de Janeiro: DP&A, 2003. p. 56-76.

LEITE, Rogério Proença Sousa. “Entre a nação e os lugares”. In: **TOMO:** revista do Núcleo de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais (UFS). São Cristóvão, 2001. nº 4.

_____. **Espaço Público e Política dos Lugares:** usos do patrimônio cultural na reinvenção contemporânea do Recife Antigo. UNICAMP. 2001. Tese de doutorado não publicada.

_____. “Fora de portas: o sobrado e seus inimigos”. In: KOSMINSKY, Ethel Volfzon; LÉPINE, Claude; PEIXOTO, Fernanda Áreas. **Gilberto Freyre em quatro tempos.** Bauru, SP: EDUSC, 2003. (p. 249-66).

RODRIGUES, Marly. “Preservar e consumir: O patrimônio histórico e o turismo”. In: **Turismo e patrimônio cultural.** FUNARI, Pedro Paulo; PINSKY, Jaime (Org.). São Paulo: Contexto 2001. Coleção Turismo Contexto. (p: 13-24).

_____. **Imagens do passado:** a instituição do patrimônio em São Paulo (1969-1987). São Paulo: Editora UNESP: Imprensa Oficial do Estado: Condephaat: FAPESP, 2000.

RUBINO, Silvana. “Entre o CIAN e o SPHAN: diálogos entre Lúcio Costa e Gilberto Freyre”. In: KOSMINSKY, Ethel Volfzon; LÉPINE, Claude; PEIXOTO, Fernanda Áreas. **Gilberto Freyre em quatro tempos.** Bauru, SP: EDUSC, 2003. (p. 267-286).

SIMÃO, Maria Cristina Rocha. **Preservação do patrimônio cultural em cidades.** Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

SOUTELO, Luiz Fernando. **Os Serviços Públicos de Cultura:** a questão patrimonial. Palestra proferida durante o I Fórum Estadual de Secretários Municipais de Cultura em Aracaju. Sergipe, 06 de novembro de 2001. Texto não publicado.

Entrevista concedida ao autor pelo professor Luiz Fernando Soutelo. Aracaju – SE, em 30 de janeiro de 2004.

RECORRÊNCIAS E MUDANÇAS NO SISTEMA TECNOLÓGICO DO SÍTIO REZENDE, MÉDIO VALE DO PARANAÍBA, MINAS GERAIS – ESTUDO DE VARIABILIDADE ESTILÍSTICA NOS HORIZONTES LÍTICOS DOS CAÇADORES-COLETORES E AGRICULTORES CERAMISTAS¹

MARCELO FAGUNDES*

ABSTRACT:

This paper presents the outcome of the research about lithic industries showed up in the excavations at Rezende site, Centralina city, Minas Gerais state, Brazil. Our aim was to identify the variability using the formal and technological attributes of the products and sub products to reconstruct the operational sequences and to comprehend the variability according to the concept of style.

Palavras chaves: Indústrias líticas – cadeias operatórias – sistema tecnológico – variabilidade estilística.

1 Salvo algumas alterações, o presente artigo é parte da dissertação de mestrado apresentada como parte das exigências para obtenção do título de Mestre junto ao Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo, intitulada: “*Sítio Rezende: das cadeias operatórias ao estilo tecnológico: um estudo de dinâmica cultural no médio vale do Paranaíba, Centralina, Minas Gerais*”. A comissão julgadora foi constituída pelos Professores Doutores Márcia Angelina Alves (orientadora, MAE/USP), José Luiz de Moraes (MAE/USP) e Cláudia Alves de Oliveira (UFPE).

* Mestre em Arqueologia Brasileira pelo Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo. Arqueólogo do Museu de Arqueologia de Xingó. E-mail: fagundes_fgs@yahoo.com.br.

CARACTERIZAÇÃO DO SÍTIO ARQUEOLÓGICO

O sítio Rezende situa-se no curso médio do rio Paranaíba, em terras da fazenda Paiolão², no município mineiro de Centralina, a poucos quilômetros da divisa entre os estados de Minas Gerais e Goiás (Cf. Mapa 01). As coordenadas do sítio são:

- Zona 01 – 22K0687915/ 7948863,
- Zona 02 – 22K0687630/7948902.

Trata-se de um assentamento a céu aberto, depositado em um chapadão tabular a aproximadamente 400 m de altitude, muito próximo dos rios Paranaíba – a noroeste –, e Piedade – a norte, noroeste e leste. Além disso, localiza-se próximo a uma lagoa (face sudoeste), circundada e assoalhada por basalto, permanecendo com água mesmo durante os meses secos do ano (Alves 2002 a: 191).

O sítio Rezende está inserido no *projeto Quebra-Anzol* coordenado há vinte e cinco anos (desde 1980) pela Prof. Dra. Márcia Angelina Alves (MAE/USP). Até o presente momento, dos oito sítios componentes do referido projeto, é o que ocupa a maior área pesquisada perfazendo uma superfície de 20.200 m², dividida em duas zonas de escavação: a **zona 01 (Z₁)**, com 1500m² e a **zona 02 (Z₂)**, com 18.720m².

A escavação teve início no ano de 1988 graças à descoberta fortuita do sítio arqueológico. Durante a aragem do solo o tratorista³ ouviu “barulhos estranhos” sendo obrigado a interromper o trabalho. Após verificação, percebeu que na verdade eram “painéis de barro” quebrando (comunicação pessoal).

O primeiro procedimento assumido foi a prospecção da área, trabalho que de início foi extremamente penoso na medida em que o solo característico do local mascarava os vestígios arqueológicos (latossolo vermelho escuro – terra roxa). Entretanto, após minucioso exame foi possível detectar “(...) *duas manchas escuras, correspondentes a estruturas habitacionais, coletou-se uma lasca, sem retoques em arenito e alguns fragmentos de cerâmica lisa*” (Alves 2002 a: 192).

Desse modo, verificando o potencial arqueológico da área, iniciou-se as

2 Propriedade do Dr. Zaire Rezende, ex-prefeito de Uberlândia-MG (gestão 2001-2004).

3 Sr. Severino Alves, funcionário da fazenda Paiolão.

escavações sistemáticas que perduraram por cinco anos, entre 1988 e 1992, sendo executadas por dois perfis estratigráficos, dezessete trincheiras de verificação, raspagens e decapagens por níveis naturais em manchas escuras e nos solos de horizontes líticos na Z_1 e Z_2 (Alves 2002 a, 1992).

Teve como princípio norteador o método topográfico-etnográfico de ***superfícies amplas em decapagens por níveis naturais*** desenvolvido por Leroi-Gourhan, do Collège de France (1972) e adaptado ao solo tropical por Luciana Pallestrini (1975). Este procedimento apresenta como fulcro compreender as estruturas arqueológicas⁴ em sua diversidade, ou não, por meio da evidenciação e estudo da cultura material na dimensão tempo, espaço, cultura e sociedade (Alves 2002 b, 2004).

Assim, os pressupostos dessa abordagem estão vinculados aos **ataques verticais** que indicam o potencial arqueológico de uma área diante da execução de um *perfil estratigráfico* (para detecção da estratigrafia do sítio) e na execução de *trincheiras* (a fim de evidenciar um diversificado número de vestígios tais como fogueiras, sepultamentos primários e secundários, oficinas ou bolsões de lascamento, etc); bem como os **ataques horizontais** (representados pelas *decapagens*), evidenciando o solo arqueológico e suas estruturas. Logo, por meio de uma abordagem tridimensional com a execução dos perfis estratigráficos e trincheiras associadas ao processo de decapagem por níveis naturais foi possível estabelecer os parâmetros entre o solo arqueológico e relações lógicas entre os vestígios (Alves 1999b: 64; Alves 2004:303).

“Um dos principais objetivos do método topográfico acima descrito é o de gerar informações pela evidenciação (e posterior interpretação) dos *solos arqueológicos* decapados para se obter uma etnografia de sociedades extintas, sem escrita, formadas por populações (nômades e em processo de sedentarização) que ocuparam espaços físicos escolhidos como *habitações* temporárias, semi-permanentes, permanentes, etc. (Alves 2002 b: 11) [grifo da autora].

4 Segundo Alves (2004), o conceito de estrutura foi elaborado por Leroi-Gourhan (1972), centrado nos dados dos solos arqueológicos por ele evidenciados, principalmente nas escavações em Pincevent. Assim estrutura “... refere-se à trama de relações que unem diferentes vestígios em um agrupamento significativo fundado na repetição de situações análogas e/ou na ligação entre os elementos de um mesmo testemunho” (Leroi-Gourhan 1972. APUD: Alves 2004).

Outrossim, o método de Leroi-Gourhan está sensivelmente preocupado com questões relacionadas com espacialidade e estrutura, de modo que o arqueólogo possa vislumbrar a cultura material *in loco* e, desse modo, compreender como foram levadas a cabo as atividades sociais pelos grupos pré-históricos e como o pesquisador pode realizar suas inferências sobre o sistema social do grupo em estudo. Esse tipo de abordagem está inspirado no conceito de **fato social total** (Mauss 1974).

“Detectar todo (ou quase todo) o espaço do sítio arqueológico era e é fundamental para se conhecer o cotidiano das populações pré-históricas, através de provas materiais contextualizadas pelas pesquisas de campo e por inferências com grupos de populações primitivas, do presente, através do método indutivo” (Alves 2002 b: 05).

Em 1988 estabeleceu-se a primeira área que seria submetida à escavação, posteriormente chamada de **zona 01 (Z_1)**, perdurando até o ano de 1990. Nesta superfície foram abertas doze trincheiras, equivalente a 292,0 metros de extensão, com profundidade variável entre 100 e 120 cm, por 60 cm de largura.

Outrossim, foi durante a primeira campanha (1988) que se executou o perfil estratigráfico da zona 01 (Z_1), entre a mancha 05 e imediações da mancha 01, com 10 metros de extensão e 1,50 metro de profundidade. Pôde-se verificar por meio dele apenas um nível de ocupação: o lito-cerâmico (Cf. Alves 2002 a: 193). Neste perfil foi evidenciado um fundo de vasilhame cerâmico, liso, com paredes parcialmente restauradas em campo e sendo retirado por meio do preparo de argamassa e cimento (Alves 2002a).

Nos anos seguintes, com a continuidade da escavação, dois novos níveis de ocupação foram evidenciados, ambos relacionados com ocupações temporárias de caçadores-coletores, a saber:

- a) Na T_{10} foi detectada uma fogueira circular (F_1), a 90 cm de profundidade, com a presença de carvão vegetal associado a um bloco de quartzito, datado por C^{14} em 4.250 ± 50 A.P. [Gif-sur-Yvette, França] (Alves 2002 a: 195);
- b) Na T_2 foi detectada outra fogueira e forma circular (F_2) com profundidade de 95 cm, datada por C^{14} em 4.950 ± 95 A.P., associada a uma lasca bruta [Cena/USP] (Alves 2002 a: 195).

Ainda na zona 01 (Z_1), durante o ano de 1988, entre os 12 e 10 cm

finais do solo arqueológico das manchas 05 e 01, foram realizadas decapagens por níveis naturais, o que possibilitou a coleta contextualizada principalmente de vestígios cerâmicos, sendo muito pouco o material lítico evidenciado, representado por pequenas lascas e fragmentos naturais.

No final dessa campanha, deu-se início a uma nova prospecção ao redor da lagoa, mas foi em uma área arada que ocorreu a coleta de superfície dos vestígios cerâmicos e líticos, estando programada uma escavação sistemática para o próximo ano.

Assim, a **zona 02 (Z₂)** foi limpa e delimitada em uma área equiva-

Tabela 01 – Trincheiras Z1 e Z2:

Zona 01		Zona 02	
Trincheiras	Extensão (m)	Trincheiras	Extensão (m)
T1	20,00	T1	136,00
T2	8,00	T2	28,00
T3	11,00	T3	89,00
T4	11,00	T4	72,60
T5	19,50	T5	86,00
T6	18,50	—	—
T7	22,00	—	—
T8	26,00	—	—
T9	55,00	—	—
T10	51,00	—	—
T11	25,00	—	—
T12	25,00	—	—
TOTAL	292,00	TOTAL	411,60
		TOTAL DA ESCAVAÇÃO	703,60

lente a 18.720 m², quadriculada em 120x140x156m de extensão, dando-se início às escavações sistemáticas que perdurariam pelos anos de 1989 a 1992. Primeiramente foram executadas três trincheiras, totalizando 253 metros de extensão, com 1,00/1,20 metros de profundidade e 60 cm

de largura, assim distribuídas:

- a) T_1 com 136 metros de extensão;
- b) T_2 com 28 metros de extensão,
- c) T_3 com 89 metros de extensão.

Nestas trincheiras foram detectadas três manchas escuras, que foram submetidas à raspagem, pois devido à ação do arado apenas restavam de cinco a sete centímetros finais da ocupação lito-cerâmica (Alves 2002 a: 195). As raspagens, por sua vez, evidenciaram quatro novas fogueiras, todas associadas ao material lítico lascado pertencente a grupo de caçadores-coletores, a saber:

- **Fogueira 01** (F_1), com 0,85 cm de profundidade, datada em 5.620 ± 70 A.P. (CENA/USP);
- **Fogueira 02** (F_2), com 1,00-1,05m de profundidade, datada em 6.950 ± 80 anos A.P. (CENA/USP);
- **Fogueira 03** (F_3), profundidade de 0,95-1,00 m, datada em 6.110 ± 70 anos A.P. (CENA/USP),
- **Fogueira 04** (F_4), com 1,25-1,30 m de profundidade, datada em 7.300 ± 80 anos A.P. (CENA/USP).

O perfil estratigráfico da zona 02 foi executado entre os metros 29 e 34 da trincheira 02 com uma extensão de seis metros e atingindo a profundidade de dois metros por um metro de largura. Cabe destacar que não foi por meio deste perfil que se pode evidenciar os níveis de ocupações mais antigos do Rezende, estes detectados pela presença das fogueiras nas trincheiras 01, 02, 03 e secundariamente no encontro entre a T_1 com a T_2 .

Na quarta campanha de escavação mais duas trincheiras foram executadas: T_4 , com 72,60 metros de extensão e T_5 , com 86,0 metros, ambas com profundidade variante entre 100 e 120 cm por 60 cm de largura. Optou-se por executar um subquadriculamento na extensão do perfil 01 (P_1), junto a T_2 , devido a detecção da camada lito-cerâmica (manchas 01 e 02) e pela antiguidade da ocupação comprovada pela evidenciação da fogueira 01 (F_1), datada de 5.620 ± 70 A.P. e da fogueira 04 (F_4) datada de 7.300 ± 80 A.P.

Assim, o **subquadriculamento 01** (Sub_1) foi realizado por decapagens por níveis naturais em $30m^2$ (6×5), com profundidade que atingiu 130 cm da superfície. Mais quatro fogueiras foram detectadas (F_1 , F_2 , F_3

e F₄), sendo realizadas três decapagens por níveis naturais nesta área.

Finalmente, em 1992, foi realizada a quinta e última campanha de escavação, no intuito de ser realizado o **segundo subquadriculamento** de 36 m², (9x4), também por níveis naturais. A área escolhida foi a trincheira 2 entre os metros 20 e 28, com rebaixamento do solo em até 130 cm de profundidade. Após a realização de três decapagens, mais onze fogueiras foram evidenciadas, associadas ao material lítico e ossos deteriorados (esfarelados).

Assim, todo o processo minucioso de pesquisa executado pela equipe coordenada por Alves pôde evidenciar estruturas associadas ao material lítico (nos níveis mais antigos), detectados pela ocorrência de fogueiras circulares constituídas por tições, associados e circundados por lascas, raspadores e a ossos decompostos de animais, vestígios materiais de ocupações temporárias e descontínuas (Alves 2002 a: 197).

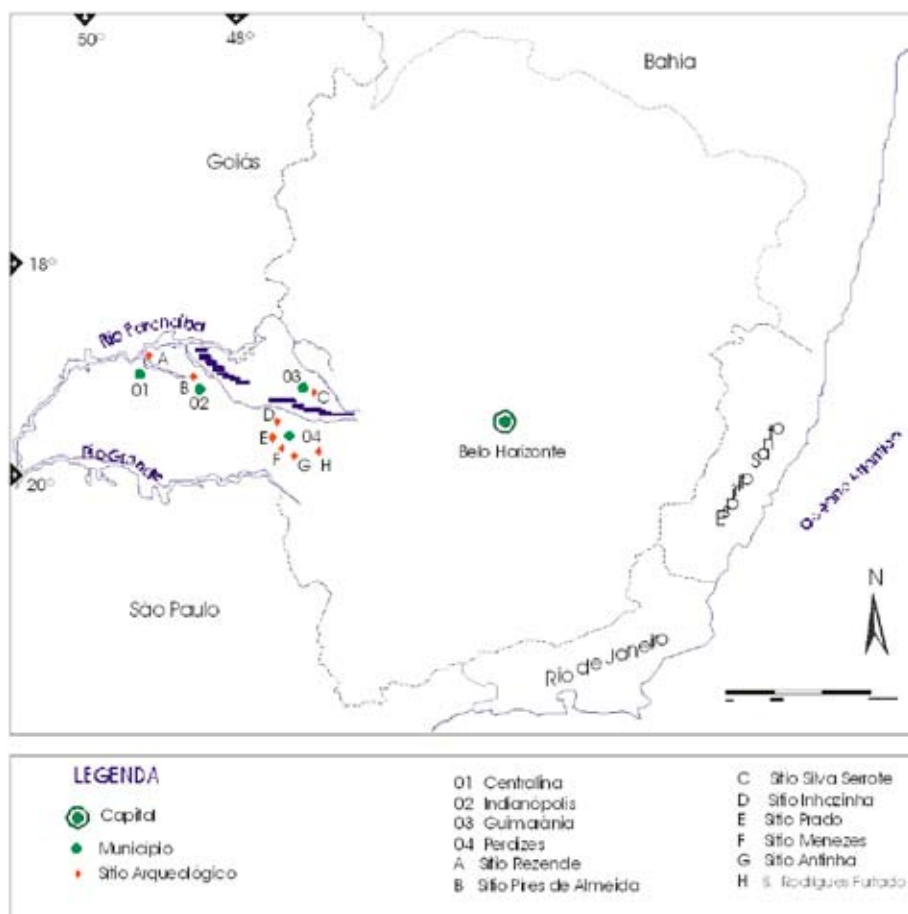
No estrato lito-cerâmico foram coletados vestígios cerâmicos e líticos dentro e fora das manchas escuras (áreas habitacionais, Cf. Alves 1992, 2002a), que foram outras evidências importantes para a compreensão das estruturas das populações que ali habitaram, provavelmente de modo semi-sedentário.

De modo geral, o sítio Rezende acabou por ser o sítio mais complexo em relação à formação do registro arqueológico do projeto Quebra-Anzol, com material lítico de grande variabilidade, comprovada pela diversidade de instrumentos e artefatos evidenciados nas diferentes indústrias existentes no registro arqueológico, desde grupos de caçadores-coletores mais antigos (início das ocupações em torno de 7.300 A.P.) até as ocupações mais recentes relacionadas aos agricultores ceramistas (já próximas ao contato, entre 460 e 480 A.P.).

A cultura material cerâmica não apresentou a variabilidade detectada nas indústrias líticas, representada por vasilhames de uso cotidiano, lisos, sem presença de decoração plástica, pela qual a diversidade observada está relacionada principalmente à forma.

Assim, no âmbito do projeto Quebra-Anzol, o sítio Rezende é uma exceção, não só por apresentar horizontes de caçadores-coletores, mas por apresentar nas indústrias líticas uma diversidade surpreendente, possibilitando inferência sobre a concepção, gestos técnicos e uso desses instrumentos.

METODOLOGIA DE ANÁLISE DOS ATRIBUTOS FORMAIS E TECNOLÓGICOS DAS INDÚSTRIAS LÍTICAS DO SÍTIO



Mapa 01 – Sítios do projeto Quebra-Anzol:

REZENDE

O material lítico coletado nas escavações do *sítio Rezende* passou por minuciosa análise de seus atributos tecnológicos e formais, de forma que pudéssemos compará-los com o intuito de obter o maior número possível de dados para a organização das cadeias operatórias dessas indústrias.

Portanto, optamos em utilizar a ficha tecno-tipológica elaborada por Moraes (1987), por se tratar de um excelente referencial abrangendo itens importantes para uma perspectiva tecnológica, ou, em suas pala-

bras: *"A ficha tecno-tipológica em apreço procura abranger todos os itens de leitura necessários à compreensão de um objeto lítico integrante do conjunto de uma indústria..."* (Morais, 1987:163).

Sob esse viés, o material é passado por uma série de triagens, de forma que todos os itens possam ser analisados em seus atributos individuais da mesma forma que comparados entre si⁵, compreendendo as relações que apresentaram entre eles, ao mesmo tempo em que os resultados entre os diversos conjuntos líticos também possam ser relacionados.

Assim, para análise laboratorial dos cinco horizontes líticos utilizamos um aparato teórico que percorre várias abordagens, mas adotando-se, sobretudo, os procedimentos sugeridos por Moraes por serem mais condizentes à realidade do material evidenciado no *Rezende* (Moraes 1983, 1987, 1988).

As variáveis exploradas buscam prioritariamente as relações entre os conjuntos líticos de modo que possibilitem a compreensão da variabilidade do registro arqueológico dentro de perspectivas vinculadas aos gestos técnicos e aos atributos tecnológicos da indústria, a saber:

- a) Divisão das peças em triagens que apontariam sua morfologia (lascas, núcleos, resíduos de lascamento, blocos, seixos, etc);
- b) Reagrupamento segundo marcas de uso/retoques: peças brutas, peças utilizadas e artefatos;
- c) Análise da superfície da peça: presença de córtex, marcas de fogo, cicatrizes, nervuras, lancetas, etc, e suas relações com a concepção e manufatura do instrumento lítico;
- d) Análise da matéria-prima: busca, transporte e apropriação do material e suas ligações com o sistema cultural do qual faz parte⁶;
- e) Análise do processo de debitação/ talhe: unipolar ou bipolar, lascamento térmico, talhe; visualização do ponto de impacto e

5 Várias tabelas e gráficos comparativos (mais de seiscentos) foram feitos com base nos resultados analisados e anotados nessa ficha. Atualmente estamos nas fases finais da elaboração de um software capaz de catalogar e comparar um banco de dados com mais de 700 mil itens/arquivo, fundamental para elaboração dos dados comparativos entre diversas indústrias líticas.

6 Para melhor compreensão da influência da matéria-prima na manufatura, uso dos artefatos líticos e formação do registro arqueológico vide Bamforth 1986, 1990; Andrefsky 1994; Pecora 2001.

direção de debitagem; observação das ondas de percussão, cicatrizes, nervuras e lancetas e suas relações com as técnicas de lascamento; tipo de talão, preparação e medidas dos ângulos de chasse e de lascamento;

- f) Acidentes de debitagem;
- g) Dimensões das peças (comprimento, largura, espessura e peso);
- h) Análise das retiradas preparatórias e dos retoques⁷;
- i) Análise das características fundamentais dos núcleos componentes do conjunto;
- j) Análise dos resíduos de lascamento: procedência, tipo e dimensões.

Cabe ressaltar que a partir da segunda triagem, as peças foram submetidas às comparações de modo que pudéssemos vislumbrar todas as relações existentes no conjunto, na busca da compreensão de como a tecnologia lítica foi desenvolvida e aplicada pelas populações pré-históricas.

Esse tipo de abordagem nos conduz à possibilidade de reconstrução das *cadeias operatórias* – processo que segue ao longo de uma sequência de fatos, culturalmente passados e repassados de geração a geração pelo processo de ensino-aprendizado, iniciando-se pela procura, obtenção e transporte da matéria-prima até o descarte/perda final dos produtos de debitagem que formam o registro arqueológico (Cf. Fagundes 2004 c)⁸.

Para tal, segundo Fogaça (1995, 1997), exige-se uma **abordagem diacrônica** dos estigmas do lascamento que permanecem registrados nas diferentes categorias de objetos, ou seja, nos produtos e subprodutos do processo de debitagem, de forma que os pesquisadores (diante dessa leitura), consigam remontar os gestos técnicos que deram sequência e origem à indústria (Cf. Leroi-Gourhan 1984 a e b, Tixier, Roche & Inizan 1980).

Portanto, a compreensão de como cada peça se encaixa dentro do ato de lascar a pedra e essa leitura diacrônica dos estigmas do lascamento permitem, ao nosso olhar, a possibilidade de compreender a **variabi-**

7 Para maiores detalhes sobre os atributos analisados e dados comparativos vide Morais (1987, 1988), Fagundes (2004b) Vergne & Fagundes (2004).

8 Para detalhes sobre o conceito etnográfico de cadeias operatórias vide Lemonnier (1986, 1992), Creswell (1996), Sellet (1989), Balfet (1991), Dietler & Herbich (1989), Bleed (2001 a), Fogaça (1995, 2001) entre outros.

lidade em termos estilísticos, relacionando-a as expressões culturais de um grupo (Cf. Fagundes 2004 a e 2004 c).

Conforme estruturado por Sackett (1977, 1982, 1985, 1986, 1990), o exame minucioso dos atributos formais e tecnológicos dos produtos de debitage (que estão associados às escolhas culturais difundidas e vinculadas a um determinado grupo, dentre um leque de oportunidades dispostas aos artesãos), nos permite compreender as escolhas feitas pelo grupo e, destarte, indicarmos um **estilo particular**.

Outrossim, é mediante a compreensão de todas as etapas da cadeia operatória (segundo Sackett, são nelas que reside o estilo, ou seja, em todas as fases em que escolhas estejam envolvidas), que podemos compreender a variabilidade em termos estilísticos. Sendo assim, não são nos pequenos traços de uma indústria que se evidenciam um “estilo”, mas em todos os aspectos possíveis de observação arqueológica, a saber:

- a) Compreensão de como a matéria-prima se relaciona às opções do grupo: disponibilidade, transporte, aptidão ao lascamento, manutenção da tradição, etc;
- b) Compreensão integral da concepção e manufatura dos instrumentos líticos, isto é, as escolhas tecnológicas: Como lascar? Quais padrões utilizar? Para que lascar? Onde lascar?
- c) Leitura integral dos estigmas de lascamento, isto é, da organização dos gestos técnicos.

A todos esses fatos se soma a elaboração dos **dados comparativos** de todos os fatos observados, um diagnóstico do que foi ou não possível na estruturação da indústria em estudo.

Desse modo, busca-se, sobretudo “... *identificar dados repetitivos referentes às técnicas, gestos e métodos que caracterizem padrões recorrentes de comportamento tecnológico*” (Fogaça 1997: 18), partindo-se do pressuposto aqui adotado de que a tecnologia é um *fato social total* e, portanto, fazendo parte das estruturas sociais, capaz de responder a questões sobre a sociedade de que faz parte, inserida nos contextos históricos, culturais e simbólicos (Lemonnier 1986, 1992; Pfaffenberger 1992; Sinclair 1995; van der Leeuw 1993; Gosselain 1998; Fagundes 2004 c).

Assim, todo o exame laboratorial esteve calcado nesses pressupostos, pois estamos particularmente preocupados em compreender as

escolhas culturais e como estas poderiam estar vinculadas a um estilo próprio, particularizado (Fagundes 2004 a, 2004 b, 2004 c).

RESULTADOS GERAIS DA ANÁLISE DOS DADOS COMPARATIVOS NOS HORIZONTES LÍTICOS DO SÍTIO REZENDE

Em todo estudo por nós efetuado nosso objetivo central esteve pautado, grosso modo, na compreensão da dinâmica cultural expressa pela análise dos vestígios materiais evidenciados pelas escavações do sítio Rezende. Essa dinâmica, por sua vez, estaria vinculada aos processos de permanências e mudanças passíveis de leitura por meio do exame das cadeias operatórias das indústrias líticas, assim como da própria organização social tecnológica como um todo, o que implicaria na observação sistemática sobre questões ambientais, disponibilidade de recursos, dieta, mobilidade, territorialidade, entre outros fatores⁹ (vide, por exemplo: Binford 1979, 1982, 2001; Gramly 1983; Gould 1985; Bamforth 1986, 1990, 1991; Bettinger 1987; Rolland & Dibble 1990; Andrefsky 1994, 2002; Kuhn 1994; Gamble 1999; Dillehay 2000; Kelly 1983, 1995, 2000; Pecora 2001; Dias 2003; Mendes 2004).

Em nosso trabalho de pesquisa, no entanto, não cumprimos todos os itens necessários para discutir questões complexas sobre o “modo de vida” dos grupos caçadores-coletores e agricultores ceramistas, sendo focado principalmente a organização tecnológica das diferentes indústrias de modo que pudéssemos indicar o “grau” de variabilidade, o que permitiria a inferência sobre uma possível “seqüência cultural” (Cf. Sackett 1982, 1990; Chase 1991; Close 1978; Gosselain 1998; Oliveira 2000).

Para tanto tivemos a preocupação de detalhar os atributos formais e tecnológicos de cada componente dos conjuntos líticos, tendo como princípio norteador o mapeamento das **escolhas culturais** desempenhadas pelos grupos que ocuparam o assentamento, desse modo compreendendo a variabilidade no registro arqueológico¹⁰.

9 Para detalhes dos dados empíricos das indústrias líticas vide Fagundes 2004c, capítulos 03 e 04.

10 Para maiores detalhes vide: Leroi-Gourhan 1984a e 1984b; Lemonnier 1986, 1990; van der Leeuw 1995; Pfaffenberger 1992, 2001; Schiffer & Skibo 1997; Gosselain, 1998.

Outrossim, ao nosso olhar, a variabilidade não ocorre exclusivamente devido a **questões estratégicas ou funcionais**¹¹, ou seja, os grupos pré-históricos poderiam ter realizado escolhas relacionadas as suas matrizes sociais, o que implicaria em mecanismos de ensino-aprendizado e perpetuação da tradição tecnológica de geração a geração, questões simbólicas, entre outros (Cf. Lévi-Strauss 1989; Pelisser 1991; Karlin & Julien 1995; Sinclair 1995; Schangler 1995; Gosselain 1998). Logo, interpretações tipológicas¹², focadas somente em artefatos acabados sem a compreensão de como esse objeto fora projetado e confeccionado não levam a cabo a compreensão dessas escolhas e, portanto, não são capazes de apontar os dados indicativos da organização tecnológica e social, que ao nosso ver devem ser vislumbradas por meio de um caráter sistêmico (Cf. proposto por Lemonnier 1986, 1992; Dietler & Herbich 1998).

Nessa linha interpretativa, o estilo (ou a variabilidade estilística) está expresso nas escolhas realizadas pelos grupos pré-históricos, sendo estas últimas atreladas às “tradições” difundidas e vinculadas ao comportamento sócio-cultural¹³. O estilo se apresenta de forma sistêmica e deve ser entendido como tal de modo que possamos inferir sobre o comportamento cultural (Dietler & Herbich 1998).

Podemos afirmar que o sítio Rezende foi ocupado, grosso modo, em cinco etapas distintas, a saber (para cronologia do sítio vide tabela 02):

- a) Primeira ocupação por volta de 7000 A.P., representada pela evidenciação da cultura material na 3ª decapagem e trincheiras, totalizando 95 peças líticas;
- b) Segunda ocupação por volta de 6000 A.P., representada pela evidenciação da cultura material expressa na 2ª decapagem e trincheiras, totalizando 105 peças;
- c) Terceira ocupação por volta de 5500 A.P., expressa na 1ª decapagem e trincheiras, totalizando 110 peças líticas;

11 Entretanto cabe ressaltar que elas também desempenham um papel ativo nas escolhas realizadas pelos artesãos pré-históricos, o que discutimos é a improbabilidade de somente estas serem consideradas em um estudo sobre variabilidade artefactual e organização tecnológica.

12 Para trabalhos que utilizam a tecnologia para compreensão de indústrias líticas vide Fogaça 2001 e Dias 2003.

13 Essas escolhas logicamente são realizadas dentro do espectro de oportunidades oferecido pelo meio ambiente, principalmente entre os caçadores-coletores onde a sazonalidade de recursos é marcante dentro do sistema produtivo.

- d) Quarta ocupação que não fora datada, expressa na camada de contato, totalizando 295 peças;
- e) Quinta ocupação entre 500 e 1000 A.P., representada pelos grupos ceramistas, totalizando 645 peças líticas¹⁴.

Entre os conjuntos artefactuais dos caçadores-coletores, poucas são as diferenças, existindo pequenas mudanças ao longo do tempo, que podem ser notadas com maior intensidade na ocupação mais tardia desses grupos; a ruptura, por outro lado, é notada na ocupação ceramista, onde os instrumentos mudam completamente morfológica e tecnologicamente.

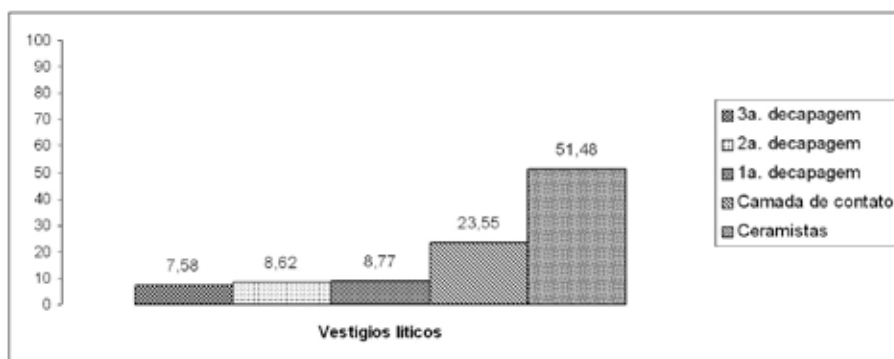


Gráfico 01 – Quantidade, em porcentagem, de material lítico por ocupação:

A recorrência mais explícita nas cinco ocupações diz respeito ao **uso de seixos rolados em arenito silicificado** como principal fonte de matéria-prima para confecção dos artefatos líticos, bem como à utilização de percutores duros para a debitagem. Certamente, tal ocorrência deve-se à disponibilidade dessa rocha no entorno do sítio, aliada às excelentes propriedades ao lascamento oferecidas por ela.

Logo, a organização tecnológica dos grupos que ocuparam a região esteve pautada na **disponibilidade dessa rocha para a manufatura de seus conjuntos artefactuais** (Cf. Andrefsky 1994: 23). Observamos

¹⁴ Acreditamos que não houve um contínuo de ocupação nessa fase dita ceramista, entretanto o material fora evidenciado altamente perturbado pela ação de maquinário agrícola, sendo que apenas os 10 cm finais da ocupação foi evidenciado *in situ*, nesse caso, o material fora analisado de forma distinta, porém sem que houvesse possibilidade de estabelecermos cronologias de ocupações exatas.

claramente no registro arqueológico que a maior parte dos instrumentos utilizados tratavam-se de artefatos expedientes (ou informais como se refere Andrefsky [1994:22]), sendo que poucos foram utilizados até a exaustão. Tal fato estaria ligado à disponibilidade (tanto em relação à abundância quanto à qualidade) de matéria-prima apta ao lascamento, pelo qual os grupos pré-históricos teriam facilidades de encontrá-la em sua área de mobilidade/atuação.

Como proposto pelo citado autor (1994), para o registro arqueológico do sítio Rezende, não fora possível constatar a distinção clássica (Cf. Binford 1979):

Tabela 02 – Datações do sítio Rezende:

Zona de escavação	Estrato	Método	Resultado A.P.	Localização do material datado	Profundidade (cm)	Laboratório
Zona 01	Lito-cerâmico	TL	460 ± 50	Mancha 05	—	Fatec/SP
Zona 01	Lito-cerâmico	TL	480 ± 50	Superfície/ mancha 01	—	Fatec/SP
Zona 01	Lítico	C14	4.250 ± 50 (2)	Fogueira 01/ T ₁₀	90 a 94	Gif-sur-Yvette
Zona 01	Lítico	C14	4.950 ± 70 (1)	Fogueira 02/ T ₁₂ metro 7,70	110 a 120	Cena/USP
Zona 02	Lito-cerâmico	TL	630 ± 95	Superfície/ M ₂	—	Fatec/SP
Zona 02	Lito-cerâmico	TL	830 ± 80	M3/ raspagem	—	Fatec/SP
Zona 02	Lito-cerâmico	TL	1.108 ± 166	Superfície/ M ₁ raspagem	—	Fatec/SP
Zona 02	Lito-cerâmico	C14	1.190 ± 60	Sepultamento 01/ T ₁	75 a 95	Cena/USP
Zona 02	Lítico (1)	C14	5.620 ± 70 (4)	Fogueira 01/ T ₂ metro 18	85	Cena/USP
Zona 02	Lítico (2)	C14	6.110 ± 70 (3)	Fogueira 03/ T ₁ , T ₃ Metro 43,50 da T ₁	95 a 105	Cena/USP
Zona 02	Lítico (3)	C14	6.950 ± 80 (2)	Fogueira 02/ T ₁ Metro 50	100 a 105	Cena/USP
Zona 02	Lítico (4)	C14	7300 ± 80 (1)	Fogueira 04/ T ₂ Metro 29	125 a 130	Cena/USP

a)Artefatos curados (ou formais) – ligados aos grupos nômades (portanto caçadores-coletores), que confeccionariam seus conjuntos artefactuais em antecipação do uso, “(...) *characterized*

as flexible tools, or tools that are designed to be rejuvenated and have the potential to be redesigned for use in various functions (...) The logic behind this association rests with the relation between raw-material availability and tool needs or uses” (Andrefsky 1994:22).

b)Artefatos expedientes (ou informais) - relacionados a populações sedentárias, que confeccionariam seus conjuntos artefactuais conforme necessidade, produzindo ferramentas mais simples (Andrefsky 1994:22).

“I suggest that mobile prehistoric populations would not necessarily produce formal tools if good-quality lithic raw material were readily accessible at needed locations. Similarly, if sedentary populations did not have access to readily available lithic raw materials, the production of wasteful informal tools would not necessarily to be a common practice. Instead, I suggest that the availability of lithic raw materials will influence the kinds of stone tools produced at a site, and that such influences may be only indirectly related to settlement configurations” (Andrefsky 1994: 23).

O registro arqueológico do sítio Rezende enquadra-se nos pressupostos de organização tecnológica fundamentada pela disponibilidade de uma rocha apta ao lascamento, definindo as estratégias de utilização e seu uso dentro do sistema produtivo, somadas as construções sociais, culturais e simbólicas dos diferentes grupos nas diversas ocupações (fator que explica a diversidade, ao nosso olhar).

Portanto, o arenito silicificado estabeleceu as bases dos padrões tecnológicos, sendo que a ele foram correlacionados aos demais integrantes dos sistemas sociais, culturais e produtivos.

Como destacado por Andrefsky (1994: 29-30), em regiões onde há escassez de rochas aptas ao lascamento, os grupos tendem a possuir um conjunto artefactual mais relacionado à curadoria¹⁵, onde as ferramentas tendem a ser mais conservadas e, portanto, o sistema de manutenção/reparo/reciclagem é mais freqüente. Verificamos, assim, que nas cinco

15 No conjunto artefactual dos caçadores-coletores do sítio Rezende, consideramos como artefatos curados os planos-convexos e alguns raspadores unifaciais finamente debitados e retocados.

ocupações do *Rezende*, tanto a questão da curadoria, quanto aos reparos não são tão recorrentes no registro arqueológico, o que leva a constatação empírica dos pressupostos estabelecidos pelo referido autor.

Logo, o arenito silicificado foi responsável pelo estabelecimento de uma organização social tecnológica ligada à **produção de artefatos informais** nas cinco ocupações dessa jazida.

Entretanto, acreditamos que essa matéria-prima foi ao longo do tempo sendo incorporada às tradições tecnológicas e aos sistemas produtivo e cultural dos grupos que ocuparam a jazida, sendo assim compreender o uso do arenito silicificado exclusivamente em relação a sua fácil obtenção não esgota as relações que o mesmo ocupa nas cadeias operatórias líticas, já que sua apropriação está vinculada a tipos de lascamento diferentes, questões de ensino-aprendizado, demandas culturais-simbólicas e o próprio tipo de captação de recursos alimentares (forrageamento¹⁶).

Ao nosso olhar a tecnologia é uma construção social e, portanto, um *signo* que apresenta razão simbólica, uma expressão material das atividades culturais de uma sociedade, subentendendo-se, assim, que ela existe como forma de supressão das necessidades econômicas, físicas, culturais, simbólicas, dentro uma ilimitada rede de significados; logo, não se manufatura um raspador exclusivamente para raspar ou cortar, mesmo que de modo expediente. Ele é construído para uma necessidade prática, aliada às oportunidades oferecidas pelo meio, porém “obedecendo” condições impostas pela cultura do artesão que o manufaturou (Cf. Lemonnier 1986, 1990; Gosselain 1998).

Destarte, o modo de apropriação dessa matéria-prima para a manufatura dos instrumentos líticos não foi o mesmo durante as diversas ocupações (mesmo esta tendo papel preponderante na organização tecnológica desses grupos). Assim, a escolha pelo arenito silicificado pode ser compreendida por meio das relações que essa rocha acaba tendo com os sistemas produtivo e cultural dos grupos, sendo apropriada de maneiras distintas.

Desse modo, não seria apenas utilizar a rocha por essa ser a mais facilmente obtível, entretanto, é utilizar uma rocha que foi incorporada às tradições culturais e tecnológicas.

16 Para detalhes sobre teorias enfocando modelos de captação de recursos entre caçadores-coletores vide Bettinger 1987.

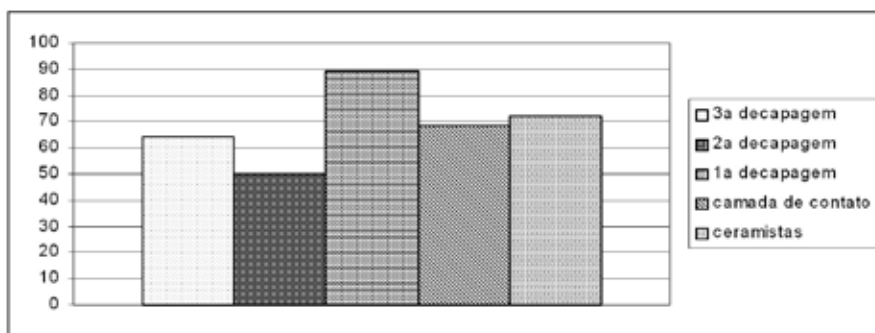


Gráfico 02 – Uso do arenito silicificado por ocupação:

A atividade de coleta da matéria-prima lítica e o transporte¹⁷ para o assentamento se apresentam claros no registro arqueológico tanto dos ceramistas quanto dos caçadores-coletores, entretanto não podemos afirmar com precisão qual a natureza dessa atividade, ou seja, se era **programada/específica** pelo qual os artesãos realizavam prospecções a procura de matéria-prima de melhor qualidade para a manufatura de seus conjuntos artefactuais líticos ou essa procura estaria **aliada a outras atividades produtivas**.

Entretanto, podemos afirmar com certa segurança que nem sempre o processo de debitagem era levado a cabo no sítio arqueológico.

No caso dos ceramistas há características que apontam claramente para debitagem na aldeia: presença de grande número de seixos em estado natural, núcleos em vários estágios, lascas iniciais e de preparo de talão, estilhas e resíduos de lascamento, percutores, lascas com várias morfologias, etc. No entanto, não descartamos a hipótese que muitos dos produtos poderiam ser levados para o assentamento com um pré-preparo, isto é, com descorticação parcial (inclusive para teste de matéria-

17 Segundo Pecora (2001) o modo que a matéria-prima foi transportada tem um grande impacto na formação dos sítios líticos, já que “(...) *the organization of manufacturing trajectories may be variable regardless of site function and settlement (...) all stone-working people employed a manufacturing process that begins with some level of stone procurement and ends with the production, use, and discard of tools. It is generally understood that this process did not occur at a single location (...) The termination of the reduction process is necessary to facilitate the transport of lithic materials*” (Pecora 2001: 175). Assim, muitas respostas podem ser obtidas sobre a formação do registro arqueológico por meio da compreensão da organização tecnológica da indústria, iniciando-se pelo preparo e transporte da matéria-prima.

prima), suportes já estabelecidos, entre outros¹⁸.

Nos conjuntos artefactuais dos caçadores-coletores, por outro lado, não há subsídios suficientes que apontem para uma caracterização exata de onde e como o processo de debitage fora executado. Hipótese mais provável é que devido à facilidade de obtenção da matéria-prima os instrumentos fossem manufaturados em função da necessidade imediata e, por isso, a baixa frequência de estigmas de lascamento no registro arqueológico.

Sabemos que seria necessária a análise **inter-sítios**, inclusive para indicarmos possíveis áreas de atividades específicas, tais como: sítio base, captação de matéria-prima, estações de caça, sítio de oficina, entre outros. Entretanto, focamos nossa pesquisa em um exame **intra-sítio** discutindo as recorrências e diferenças das ocupações nessa jazida, que demonstrou ser fundamental para darmos o primeiro passo em direção a caracterização de um estilo notoriamente regional (como proposto por Dias & Silva 2001).

Dentro desses pressupostos de variabilidade, entre os conjuntos artefactuais dos grupos de caçadores-coletores, o exame laboratorial demonstrou algumas peculiaridades referentes principalmente ao tipo de debitage, havendo suaves diferenças tecnológicas entre os conjuntos artefactuais evidenciados entre a 3ª e 1ª decapagem¹⁹, sendo que a maior ruptura é percebida no conjunto artefactual da camada de contato. A tabela 03 apresenta as principais características desse processo.

Não acreditamos que o sítio tenha sido ocupado pelo mesmo grupo durante os três milênios de uso do espaço. Mesmo havendo algumas semelhanças nos conjuntos artefactuais (sobretudo dos grupos de caçadores-coletores), há uma grande diversidade na organização tecnológica em si.

Em relação a essa questão em específico, há uma vasta discussão na literatura sobre possíveis causas da variabilidade, que poderiam estar vinculadas a vários tópicos, tais como:

18 Não encontramos, entretanto, nenhum local que apresentaria estigmas desse tipo de comportamento. Acreditamos que o teste inicial pode ter ocorrido junto às margens dos principais rios onde eram coletados os seixos, desse modo inviabilizando a formação de um registro arqueológico.

19 Quando nos referimos à 1ª, 2ª ou 3ª decapagens, falamos dos níveis de ocupação evidenciados no sítio arqueológico, incluindo também o material detectado nas trincheiras.

Tabela 03 – Técnicas das indústrias líticas dos caçadores-coletores:

Nível	Técnica de debitação	Local da debitação com base no registro arqueológico
Camada de contato	Unipolar e bipolar, processo de fiação do seixo é observado nesse conjunto.	Provável debitação no assentamento. Presença de lascas com morfologia completa, estilhas, resíduos de lascamento, núcleos e percutores.
1ª decapagem	Apenas a unipolar.	Registro de poucas estilhas de lascamento que apontam para produção expediente. O material pode ter sido transportado previamente debitado para o local.
2ª decapagem	Unipolar, bipolar e talhe.	Ha fortes indícios no registro que apontam que o processo de debitação tenha sido executado no local.
3ª decapagem	Apenas unipolar.	O processo completo de debitação fora desenvolvido em outro local, sendo no assentamento executados “reparos” e produção de material expediente para uso imediato.

- a) Uso diferente do espaço, indicando tanto o uso sazonal do assentamento como sua utilização para atividades específicas (Cf. Binford 1979, 1980, 1982; Kuhn 1994; Mendes 2004);
- b) Matrizes sociais adversas que indicariam a variabilidade em função de escolhas (isocréticas) pautadas em questões sociais e culturais (Cf. Sackett 1982, 1990);
- c) Atividades produtivas diferenciadas que, de certo modo, levariam a apropriações distintas das possibilidades oferecidas pelo meio tanto em relação à caça, coleta, pesca (dieta), como aos recursos minerais ou vegetais (questões tecnológicas), o que implicaria em diferenças em questões relacionadas à mobilidade, transporte de matérias-primas ou das ferramentas, territorialidade e a própria variabilidade no conjunto artefactual (vide, por exemplo, conceitos estabelecidos por diferentes correntes teóricas: Binford 1979, 1980, 1982, 2001; Collins 1975; Sackett 1982, 1990; Bleed 1986; Shott 1986; Bettinger 1987; Miracle & Fisher 1991; Kelly 1983, 1998; Sullivan & Rozen 1985; Bamforth 1986, 1990, 1991; Kuhn 1994; Andrefsky 1994; Dillehay 2000; Pecora 2001).
- d) Questões vinculadas à mobilidade dos grupos, tendo efeito no “design” do conjunto artefactual (Cf. Shott 1986; Nelson 1991; Kuhn 1994);
- e) Obtenção de diferentes tipos de suportes para artefatos, o que pode indicar uma aplicação diferenciada aliada a um sistema pro-

utivo distinto entre os grupos que ocuparam a jazida (Cf. modelo proposto por Dillehay 2000: 250-251).

Assim, a variabilidade poderia ser observada em diversas categorias analíticas, indicando particularidades dentro do comportamento cultural dos grupos pré-históricos. O registro arqueológico do *Rezende*, por sua vez, foi compreendido sob um viés estrutural, alicerçado tanto em relação às questões estratégicas/ funcionais como compreendendo a cultura material como integrante de uma vasta rede de significados vinculados à cultura. Logo, acreditamos que a variabilidade é sim influenciada por questões de facilidade de obtenção e transporte de matéria-prima (Bamforth 1986, 1990, 1991; Shott 1986; Kuhn 1994; Andrefsky 1994; Pecora 2001), mobilidade (Binford 1979, 1980), territorialidade (Mendes 2004), entre outros; mas, sobretudo, ela é resposta ao conhecimento empírico do artesão tanto em relação ao meio como em relação as suas matrizes sociais²⁰, já que ao nosso olhar tecnologia é um ***fato social total*** e, portanto, estruturada pela cultura, sendo esta inerente em todos os aspectos da vida humana.

Entre os quatro conjuntos há também várias recorrências que podem estar vinculadas: a) à exploração do mesmo tipo de matéria-prima aliada aos mesmos processos de debitagem; b) às atividades produtivas semelhantes realizadas em um mesmo ecossistema; c) mobilidade e transporte das ferramentas²¹. As diferenças, por outro lado, podem ser compreendidas como estruturas sócio-culturais diferentes.

Entretanto, mesmo diante dessas regularidades extremamente explícitas nesses conjuntos artefactuais, existem peculiaridades que determinaram uma variabilidade estilística (Cf. modelo por nós utilizado).

O estilo, se assim podemos nos reportar, só pode ser observado além do exame morfo-tecnológico, quando todos os componentes dos conjuntos líticos foram compreendidos de forma sistêmica. Ele reside em todo

20 Como exemplo vide capítulo “*Ciência do Concreto*” IN: Lévi-Strauss, C. (1989) **O pensamento Selvagem**.

21 Kuhn (1994) apresenta pressupostos interessantes sobre os “*mobile toolkits*” (*personal gear*, cf. Binford, 1979), ou seja, um estojo pessoal de ferramentas, que segundo o autor é inerente ao modo de vida caçador-coletor: “*Mobile toolkits are an important component in the technologies of all foraging populations*” (Kuhn 1994:427). Sendo assim, ele apresenta as inter-relações entre tamanho e peso das ferramentas, processo de manutenção/reciclagem, resistência do material (capacidade funcional dos mesmos) e design, sendo estas categorias comparadas ao custo do transporte de modo a assegurar (ou não) atributos formais e tecnológicos diferenciados.

o projeto que **antecede a própria debitagem**, fatores como uso do espaço, técnica específica de caça ou captação de algum recurso, economia, relações sociais, entre outros; indicariam um estilo distintivo²² (Dietler & Herbich 1998).

Deste modo, nosso trabalho apontou para algumas das possibilidades de compreensão da variabilidade estilística e, mais do que isso indica a necessidade dos estudos regionais para a compreensão da organização social tecnológica dos grupos pré-históricos do Brasil, como já nos reportamos anteriormente.

Outrossim, a organização social tecnológica aliada à análise das seqüências operacionais de manufatura demonstrou a variabilidade na concepção e uso desses artefatos, a saber:

a) Tecnologia de debitagem: nos horizontes mais antigos (3^a, 2^a e 1^a decapagens), o processo de debitagem pode ser descrito com a retirada de uma lasca inicial e a partir dessa área descorticada inicia-se o processo de preparo do plano de percussão para a retirada dos suportes que serviram para a manufatura dos artefatos almeçados dentro das estruturas sociais e tecnológicas dos grupos; são raras as peças laminares e longas, sendo mais comuns as peças quase longas. Os núcleos resultantes desse processo são geralmente globulares e cônicos contando com múltiplos planos de percussão. Na camada de contato, por outro lado, tanto é observável o processo descrito acima, como o que foi chamado de fatiagem do seixo (Mello e Alvim 2001; Fogaça 2001). Além disso, na camada de contato e na 2^a decapagem foi possível identificar a técnica bipolar. Outro fato relevante ocorre na 2^a decapagem, com a presença de muitas lascas com dois bulbos, o que não ocorreu em nenhum horizonte do sítio Rezende. Assim, podemos considerar que para cada horizonte há pequenas rupturas no processo de manufatura dos artefatos, geralmente sutis até a camada de contato, mas que apresentam subsídios que demonstram a apropriação da matéria-prima de forma distinta. O uso do arenito silicificado como matéria-prima aliado ao uso de percutor duro e a técnica unipolar terem sido utilizados majoritariamente, dão

22 Logo, seria impossível identificar “estilo” em um objeto isolado, ou seja, o estilo existe no projeto executado pelo artesão, na tecnologia que está vinculada às estruturas sociais dos diferentes grupos culturais.

a falsa impressão de regularidade, entretanto em cada horizonte há discretas formas que evidenciam gestos técnicos diferenciados.

b) Nos quatro horizontes de caçadores-coletores os suportes utilizados para a confecção dos instrumentos líticos foram em sua maioria de tamanho médio, geralmente mais largos e pouco espessos; porém, para cada horizonte tipos diferentes de lascas foram obtidas do processo de debitage e utilizadas como artefatos, a saber:

- Camada de contato: há maior diversidade de artefatos, com presença de três raspadores laterais, uma lâmina de machado lascada, uma pré-forma, três lascas quadrangulares com retoques no bordo direito, uma lasca trapezoidal com retoques no bordo direito, uma lamela quadrangular com retoques inversos no bordo esquerdo e dois fragmentos de artefatos.
- 1ª decapagem: dos seis artefatos evidenciados, as lascas quadrangulares foram as preferidas, recebendo retoques curtos, em escamas, principalmente nos bordos. Há também a presença de uma lasca triangular, e dois raspadores laterais.
- 2ª decapagem: está marcada pela presença de dois plano-convexos (um de arenito silicificado e outro de sílex), e três lascas quadrangulares (sendo duas lamelas retocadas e um raspador);
- 3ª decapagem: a presença de artefatos semicirculares é marcante nesse horizonte (três artefatos), além da presença de duas lascas quadrangulares, uma triangular e dois raspadores laterais.

c) **Uso do conjunto artefactual:** a obtenção de suportes diferenciados entre as cinco ocupações do sítio Rezende aponta para uma maneira particular de apropriação das possibilidades oferecidas pelo meio. Logicamente, a obtenção de recursos alimentares (sejam faunísticos ou vegetais) é extremamente diferente entre os grupos de caçadores-coletores e a ocupação dos ceramistas, inclusive permitindo que estes últimos permanecessem fixados por um tempo mais longo no assentamento. Sendo assim, é esperado que o conjunto artefactual dessas duas realidades sejam distintos entre si. Entre as ocupações de caçadores-coletores, em específico, há uma diversidade bem grande nos instrumentos e artefatos de cada conjunto, a saber:

- **Camada de contato** = presença de poucos artefatos de curado-

ria, sendo a maioria representada por artefatos ou instrumentos de expediência. Os artefatos receberam retoques curtos, geralmente contínuos, em escama, localizados preferencialmente no bordo direito.

- **1ª decapagem** = Houve registro apenas de artefatos de expediência, sendo que as lascas mais largas foram as preferidas desse conjunto. Entre os artefatos, só houve registro de peças em arenito silicificado, que receberam retoques curtos, sempre em escama, tanto nos bordos direito como no esquerdo. Entre as lascas utilizadas houve preferência pelas mais finas com bordos abruptos, aumentando supostamente o poder de corte da peça, dispensando, inclusive, o uso dos retoques; nelas os serrilhados e pequenas quebras foram as marcas de uso mais comuns.
- **2ª decapagem** = Esse horizonte de ocupação foi o que apresentou características particulares, sendo seu conjunto artefactual bem diferente em relação as demais ocupações. Os suportes quadrangulares foram os mais comuns, na maioria com morfologia completa, com ângulo de lascamento superior ao de chasse. Entre as lascas utilizadas houve uma morfologia diversificada, porém todas apresentaram tamanho médio e bordos abruptos (bordos finos e com alto poder de corte), o sílex foi a matéria-prima mais utilizada, seguido pela calcedônia, arenito silicificado e quartzo. Nesse conjunto há grande incidência de artefatos de curadoria (50% do conjunto). Em relação ao exame dos retoques, há uma diversidade muito maior quando comparados aos demais conjuntos artefactuais, com presença de retoques invasores e escalariformes. A maioria foi executada de forma contínua, direta e apresenta-se de maneira semi-abrupta. Nas peças muito largas, os retoques apareceram no distal.
- **3ª decapagem** = nessa ocupação apenas um artefato de curadoria foi identificado, sendo este utilizado a exaustão. Trata-se de um raspador lateral, com retoques escalariformes, diretos, nos bordos direito e esquerdo. Todos os demais são artefatos de expediência.
- d) Apropriação dos núcleos** - Entre os agricultores ceramistas o procedimento de debitagem dos núcleos inicia-se com uma retirada preliminar na qual convencionamos chamar de lasca de calotagem (ou lasca inicial/cortical), apresentando talão cortical

com ângulo de lascamento inferior ao de chasse, este último com medida superior a 100°. Feita essa primeira intervenção há o processo de fatiagem do seixo, dando origem a lascas corticais com talões geralmente preparados do tipo liso-plano; lascas com alguma presença cortical em um dos bordos ou ausência total de superfície cortical; os talões liso-planos são a maioria entre esses suportes, entretanto há grande incidência de talões diedros (geralmente nas fases terminais de apropriação do núcleo). Quando usados a exaustão os núcleos apresentam formas globulares e quadrangulares, com múltiplos planos de percussão, entretanto entre os ceramistas o maior número de núcleos foram os não-esgotados.

Entre os caçadores-coletores, a análise laboratorial do material não pôde estabelecer um perfil preciso sobre as escolhas culturais estabelecidas em cada ocupação, com exceção da camada de contato que contou com um número significativo de exemplares (dezessete exemplares, o que equivale a 5,76% do total de material evidenciado – incluindo os vestígios detectados nas trincheiras). Na camada de contato, a predominância em relação a matéria-prima foi do quartzo (sete peças), seguido pelo arenito silicificado (seis peças), sílex (três peças) e calcita (uma peça); o tipo mais comum foram os globulares, esgotados com um plano de percussão. O fluxograma 03 apresenta detalhadamente a quantidade e características dos núcleos em cada ocupação.

De qualquer forma, tendo como base a apropriação do arenito silicificado em específico, que apresentou exemplares na camada de contato, 1ª e 3ª decapagens (na 2ª decapagem foram evidenciados apenas núcleos em quartzo), podemos inferir que o modo de debitage, os gestos técnicos, foram diferentes. Tais pressupostos se alicerçam em:

- Na camada de contato (como já explicitado), há uma padronização morfológica dos núcleos, resultante de gestos técnicos sistemáticos para a obtenção dos suportes almejados, dando origem a núcleos globulares (82,35% do total de peças), com um único plano de percussão (64,70%), indiferente ao tipo de matéria-prima manufaturada.
- Na 1ª decapagem (e trincheiras) foram evidenciadas 04 peças (02 em quartzo e 02 de arenito silicificado), ambas globulares. Nos núcleos de arenito silicificado, em específico, foram utilizados vá-

rios planos de percussão, muito dos quais apresentando pequenas retiradas sugerindo a preparação do plano de percussão para diminuição de cornija acentuada (fato não observado na ocupação posterior).

- Na 2ª decapagem apenas núcleos de quartzo foram detectados: 01 quadrangular com múltiplos planos de percussão e outro cônico com um plano de percussão.
- Na 3ª decapagem dois núcleos de arenito silicificado foram evidenciados: um cônico com um plano de percussão, ainda não totalmente utilizado, onde podem ser observados vários negativos de retiradas, muito dos quais com preparo do plano de percussão; outro globular com múltiplos planos, esgotado, sem sinais de retiradas preparatórias.

Sendo assim, os poucos núcleos evidenciados nos conjuntos artefactuais dos caçadores-coletores sugerem (por meio da observação dos seus estigmas de lascamento), que a organização social tecnológica dos grupos que ocuparam a jazida são distintas.

e) Tamanho dos artefatos: entre os grupos de caçadores-coletores foi constatado a presença apenas de artefatos de tamanho médio, geralmente não ultrapassando 80mm de comprimento, pouco espessos e leves. Mesmo sendo em sua maioria artefatos expedientes (o que apontaria para ferramentas manufaturadas para uso imediato), a ausência de artefatos mais “robustos” pode estar relacionada as questões de mobilidade (Cf. Shott, 1986; Kuhn, 1994). Já entre os ceramistas, pelo contrário, as ferramentas são robustas, geralmente compridas, espessas e bastante pesadas. Entre os raspadores laterais unifaciais, por exemplo, dos 34 exemplares, 50% apresentaram peso acima de 200g, 41,17% entre 50 e 200g e apenas 8,82% apresentaram peso inferior a 50g.

Assim, mesmo diante das regularidades observadas no registro arqueológico (sobretudo entre os conjuntos artefactuais dos grupos de caçadores-coletores), foi possível observar a variabilidade que, ao nosso olhar, pode ser compreendida como decorrente de escolhas culturais distintas (Cf. Fagundes 2004 a).

Essa variabilidade, por sua vez, aqui foi compreendida como estilística, percorrendo todos os campos possíveis de observação e leitura das cadeias operatórias.

CONSIDERAÇÕES FINAIS:

A abordagem teórica utilizada considera a **tecnologia** e suas interfaces como parte integrante das **matrizes sociais** de dado grupo, portanto vista como um **fato social total** (Cf. Mauss 1974; Leroi-Gourhan 1984; Lemonnier 1992; Pfaffenberger 1992; Gosselain 1998; Dietler & Herbich 1989)²³.

Deste modo, as tecnologias empregadas pelas populações pré-históricas para a execução de suas atividades cotidianas estão vinculadas às teias de significado cultural e simbólico do grupo e ao sistema de ensino-aprendizado, não podendo ser considerada à parte das atividades sociais e, portanto, trazendo consigo traços importantes que permitem a visualização do modo de vida destas populações extintas e sem escrita (Fagundes 2004 c).

Em suma, compreendemos o **sistema tecnológico** como uma **construção social**, vinculado às mais íntimas redes de significado e, por isso, deve ser estudado por meio de sua inter-relação como os demais sistemas culturais componentes de uma sociedade (Cf. Lemonnier 1986). As escolhas efetuadas por estas populações são consideradas culturais e, portanto, definem um estilo tecnológico, inerente e subjacente aos processos de produção de qualquer artefato (Cf. Sackett 1990; para maior detalhamento vide Fagundes 2004 c).

Assim, empregamos o conceito importado da etnologia para observação das atividades tradicionais de grupos atuais, a chamada **cadeias operatórias** (Cf. Bleed 2001 e Creswell 1996). A reconstrução das cadeias operatórias permite a compreensão das escolhas técnicas efetuadas pelos grupos pré-históricos, estabelecendo muitas vezes dedutivamente (Cf. Fogaça 2001), os processos da manufatura de certo artefato: da procura, obtenção e transporte da matéria-prima até o descarte e posterior formação do registro arqueológico (Cf. Collins 1975; Lemonnier 1986; Dietler & Herbich 1989; Balfet 1991; Bar-Yosef et al 1992; Gosselain 1998; Bleed 2001).

Esse conceito oferece condições empíricas que ultrapassam análises puramente tipológicas, apresentando subsídios para a compreensão do mundo material como sistema, avançando a discussão em direção aos

23 Deste modo, trabalho de campo e análise laboratorial estiveram centradas nos mesmos pressupostos.

aspectos cognitivos das técnicas (Cf. Bleed 2001). Além disso, possibilita a compreensão das escolhas culturais que seguem pelo tipo de matéria utilizada, da energia despendida, dos objetos utilizados, dos gestos técnicos, do emprego social dos produtos manufaturados e do próprio universo cultural simbólico das populações pré-históricas.

Como destacado por Dietler & Herbich (1998), “(...) *it requires a dynamic, diachronic perspective founded upon an appreciation of differences in the contexts of both production and consumptions, upon an approach to material style centered on the chaîne opératoire concept, and upon a rigorous examination of the link between objects and techniques in the contexts where they are generated, reproduced, and transformed*” (Dietler & Herbich, 1998:244).

Finalmente, nossa intenção foi vislumbrar a possibilidade de compreender a **variabilidade do registro arqueológico** resgatado nas campanhas de escavação do sítio Rezende (entre os anos de 1988 a 1992), em termos **estilísticos** como proposto nas abordagens de James R. Sackett, ou seja, **o estilo reside em todas as etapas do processo de produção**, estando onipresente nas escolhas efetuadas pelos artefatos pré-históricos²⁴ e nos atributos do artefato, independente de sua capacidade de exibir significado simbólico. Do mesmo modo, buscamos compreender nesta variabilidade os processos de permanências e mudanças passíveis de leitura por meio do exame das cadeias operatórias das indústrias líticas e cerâmicas (**dinâmica cultural**), vislumbrando a própria organização social tecnológica dos grupos que ocuparam o sítio Rezende em diferentes faixas cronológicas.

O estilo só pode ser observado além do exame morfo-tecnológico dos artefatos, quando todos os componentes dos conjuntos artefactuais forem compreendidos de forma sistêmica, já que ele **reside em todo o projeto que antecede a manufatura**, isto significa que ele existe em fatores como uso do espaço, tipo de assentamento, técnicas específicas de caça ou coleta de alimentos, captação de recursos, sistema produtivo,

24 Isto é, tipo de matéria prima, meio de transportá-la, instrumentos utilizados, técnicas de manufatura, emprego social, etc – lembrando que todas as etapas estão interligadas. Como citado por Sackett (1990), uma técnica de descarte converge com um tipo específico de artefato, que é feito com um tipo de matéria-prima, em conjunto com um gesto técnico característico de dado grupo, etc. Assim, todas as etapas estão vinculadas às matrizes sociais desta população.

relações sociais, universo simbólico, etc. Ou seja, não é possível identificar estilo em um objeto isolado de seu contexto cultural (Cf. Sackett 1982, 1990).

Outrossim, priorizamos uma **abordagem diacrônica** dentro do exame minucioso dos atributos formais e tecnológicos dos produtos de debitage (que estão associados às escolhas culturais difundidas e vinculadas a determinada população, dentro do leque de oportunidades disposto aos artesãos - **variação isocréstica**), fato que nos permitiu compreender estas escolhas como resultado de um estilo particular (Sackett 1977, 1982, 1985, 1986, 1990).

Portanto, não acreditamos que nos pequenos traços de uma indústria que se evidenciam um estilo, mas em todos os aspectos possíveis de observação arqueológica.

Dos dados comparativos extraídos destas duas abordagens verificou-se que houve uma variabilidade significativa entre uma ocupação e outra, tendo como alicerce, sobretudo a cultura material lítica.

De forma geral, a **organização tecnológica** nas cinco ocupações esteve centrada na procura, obtenção, transporte, seleção e processamento de **seixos de arenito silicificado** a fim de se obterem os suportes necessários à confecção dos artefatos utilizados no cotidiano social.

Por outro lado, esta rocha foi responsável pelo estabelecimento de indústrias de artefatos informais ou expedientes nas cinco ocupações (Cf. Andrefsky 1994). Assim, o arenito silicificado (disponibilidade e excesso desta rocha na região, facilidade em sua manufatura para obtenção dos suportes, entre outros fatores), pode ser considerado como a característica unificadora entre estas ocupações.

Todavia, o modo de apropriação desta matéria-prima **não foi o mesmo** durante as diversas ocupações. Os dados comparativos que permitiram a reconstrução das várias cadeias operatórias demonstraram que **houve variabilidade**.

Entre os grupos de caçadores-coletores esta variabilidade foi sutil, havendo pequenas mudanças ao longo do tempo; a maior ruptura foi observada entre os conjuntos destes últimos quando comparados aos conjuntos dos grupos ceramistas, o que pode estar relacionado a vários fatores, mas, sobretudo, à mudança no sistema produtivo com a inserção da agricultura, propriamente dita.

Nossa pesquisa contou exclusivamente com uma **análise intra-sítio**, tentando compreender as diversas etapas de produção da cultura

material entre os conjuntos artefactuais. Nosso objetivo era compreender se houve ou não variabilidade.

Podemos afirmar que houve variabilidade em termos estilísticos nas diversas cadeias operatórias dos artefatos líticos, representada por escolhas tecnológicas diferentes, o que evidencia um **estilo próprio para cada ocupação**, ou seja, houve diferenças no modo de obtenção e uso da matéria-prima, tecnologia de debitagem, apropriação dos núcleos, obtenção de suportes, confecção dos artefatos, local onde este processo foi levado a cabo; fatores que podem ser culturais, simbólicos, econômicos vinculados ao sistema produtivo e de captação de recursos alimentícios. Enfim, há uma gama imensa de prováveis causas, fato que não nos permite reportar a **fatores étnicos unicamente**, ou seja, que necessariamente grupos diferentes ocuparam o assentamento ou, ao contrário, que um mesmo grupo étnico ocupou a jazida por vários milênios.

Concordamos quando Sackett (1990) diz que a *etnicidade está contida*, já que ela está presente nos sistemas social, cultural e produtivo das populações pré-históricas e, portanto, a cultura material traz traços culturais do grupo que a produziu.

Entretanto, como esboçado por Hegmon (1998:265-269) culturas arqueológicas não são necessariamente equivalentes a grupos étnicos. Para a autora deve-se ser cauteloso ao utilizar o conceito de etnicidade na pré-história, já que quais são os parâmetros que definem o fator étnico na cultura material?

Assim, quando nos referimos à variabilidade estilística, estamos nos reportando a uma organização social tecnológica baseada nos atributos tecnológicos e morfológicos da cultura material, acreditando que esta traz consigo traços culturais, na medida que a tecnologia é um fato social total vinculada às matrizes sociais de um grupo.

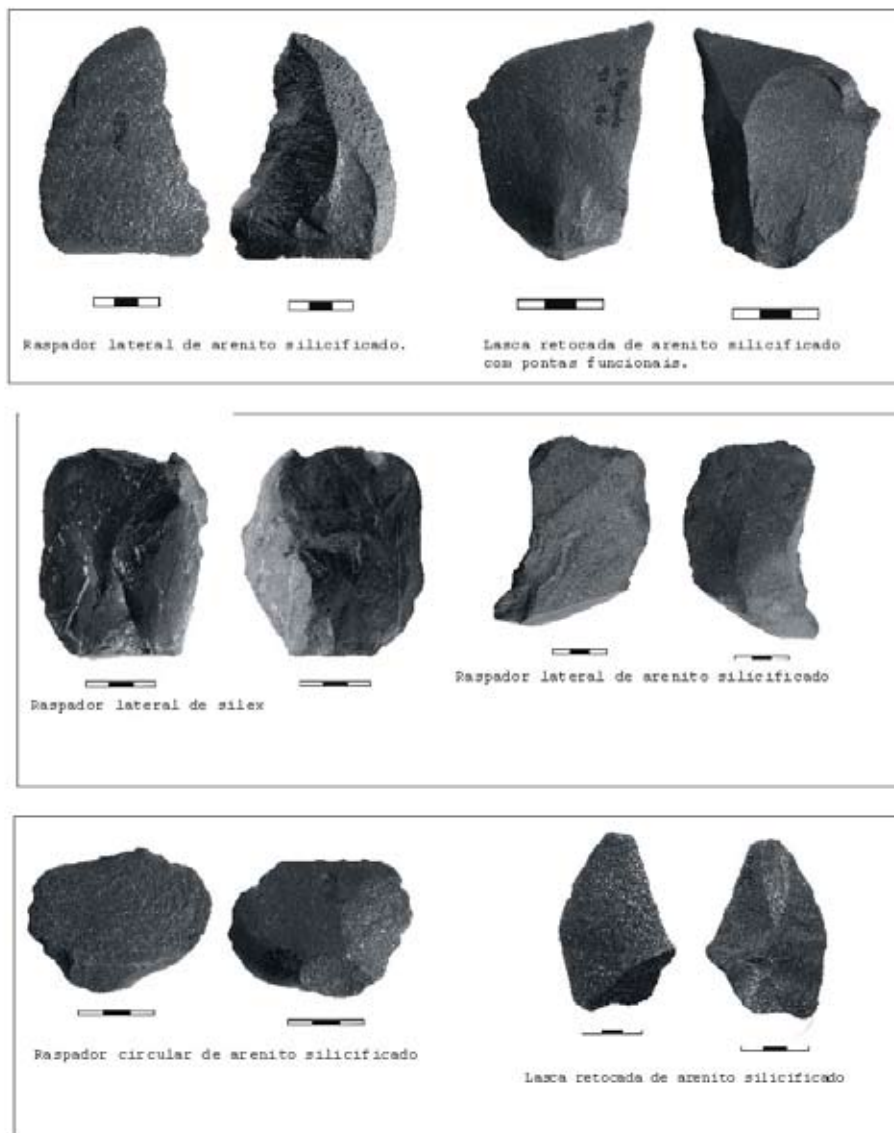
Porém, não há condições empíricas que nos permita afirmar que houve o assentamento foi ocupado ou por grupos étnicos diferentes ou por um mesmo, já que a tecnologia enquanto parte de um sistema está influenciada por fatores diversos (como aqui já citado), não apenas a mudança de grupo étnico é responsável pela variabilidade.

Deste modo, houveram escolhas culturais diferenciadas dentro das cadeias operatórias líticas presentes nas cinco ocupações do Rezende, que, segundo nossa abordagem teórica, estão vinculadas às matrizes sociais do grupo e, portanto, trazendo traços importantes sobre o modo de vida e sistema produtivos destes. Estas diferenças, centradas no modo

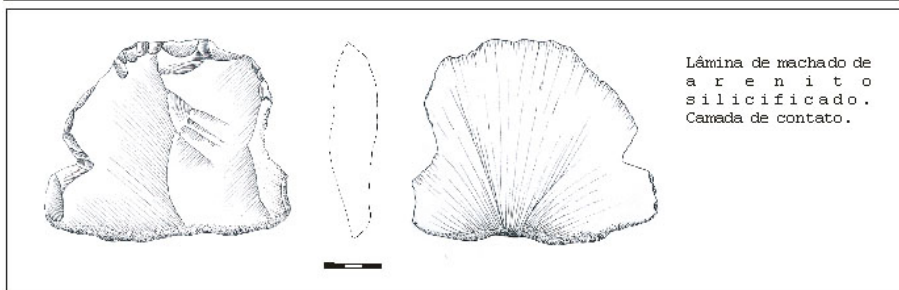
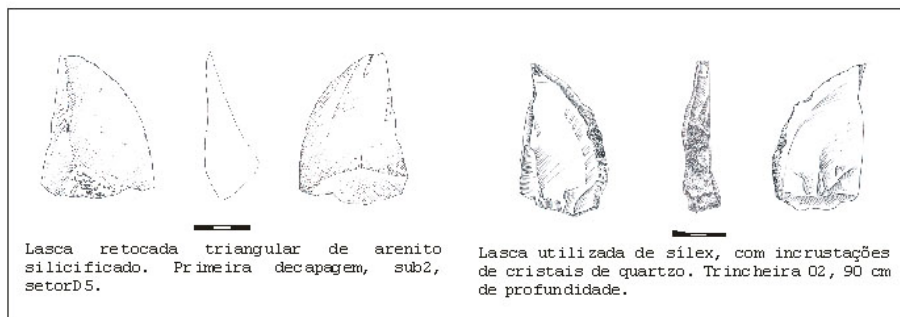
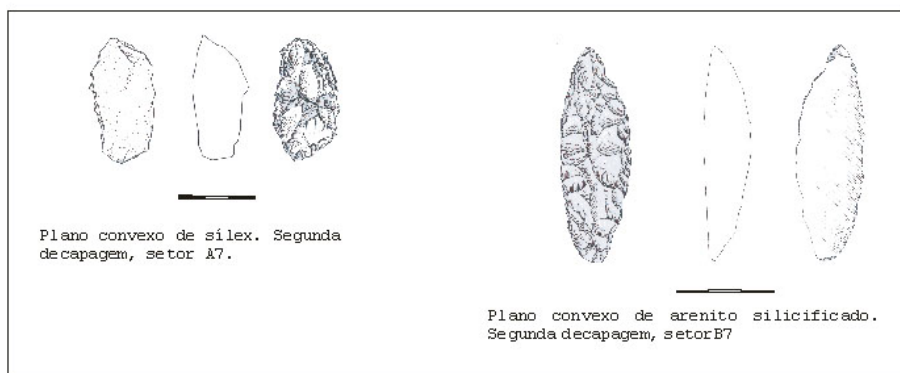
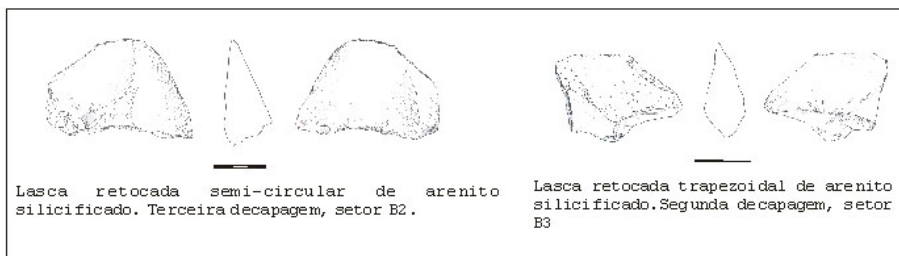
de apropriação dos seixos de arenito silicificado, gerou indústrias sutilmente díspares entre os grupos de caçadores-coletores (quatro primeiras ocupações entre 7000 e 4000 AP, aproximadamente), marcadas por artefatos expedientes, pouco utilizados, geralmente com retoques curtos em escama, porém concebidos e produzidos de formas diversas, gerando produtos morfologicamente diferenciados; e outra completamente distinta das quatro primeiras ocupações, associada a elementos cerâmicos.

A variabilidade, destarte, pode ser decorrente de vários fatores, observadas em diferentes categorias analíticas indicando particularidades dentro do comportamento tecnológico e cultural. Entretanto, ao nosso olhar, esta variabilidade é decorrente de escolhas tecnológicas/ culturais diferentes, apropriadas às necessidades sociais em um contexto cronológico e espacial.

Outrossim, a variabilidade estilística existente no registro arqueológico do sítio Rezende, comprovada pela reconstrução das cadeias operatórias, sobretudo líticas, demonstrou a existência de culturas arqueológicas centrada em escolhas distintas, que podem ser decorrentes de inúmeras causas: culturais, sociais, religiosas, econômicas, simbólicas, etc.

Prancha 01 – Material lítico (agricultor ceramista):

Todas as fotos: Souza e Silva/2003 (MAE/USP). Org.: Fagundes/2005.

Prancha 02 – Material lítico (caçador-coletor):

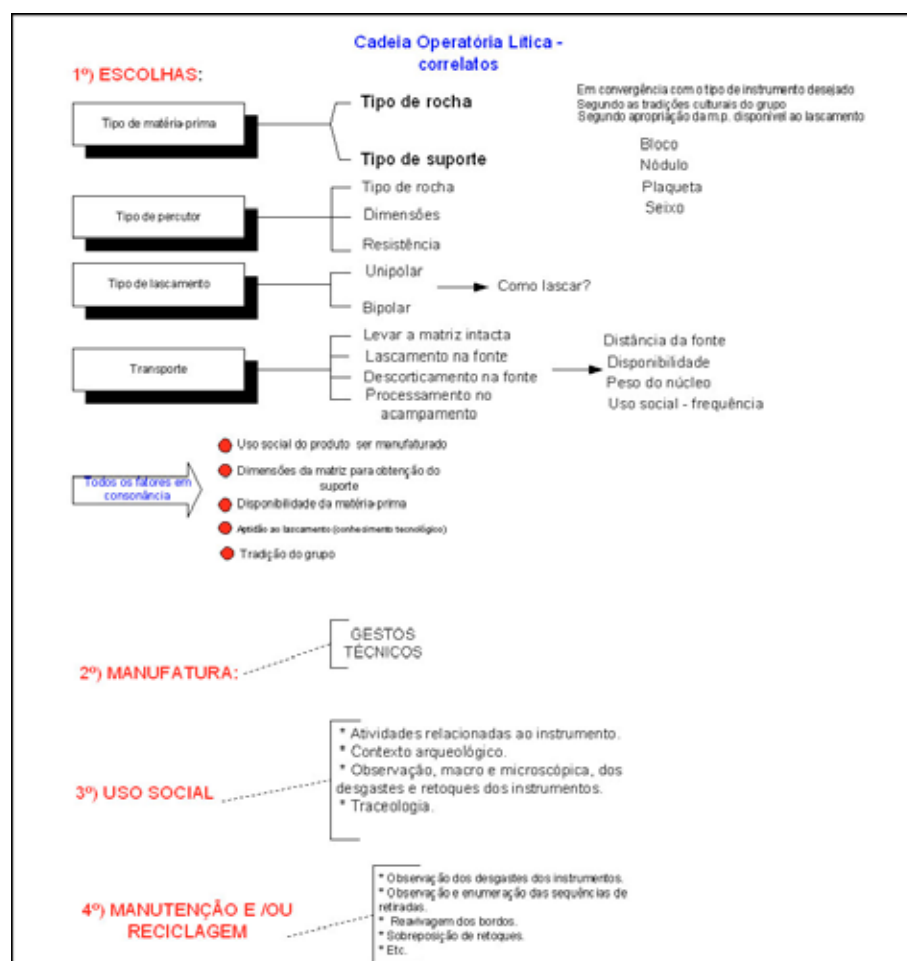
Todas as fotos: Souza e Silva/2003 (MAE/USP). Org.: Fagundes/2005.

Tabela 04 - Etapas das cadeias operatórias e as escolhas tecnológicas das indústrias líticas: agricultores-ceramistas e caçadores-coletores

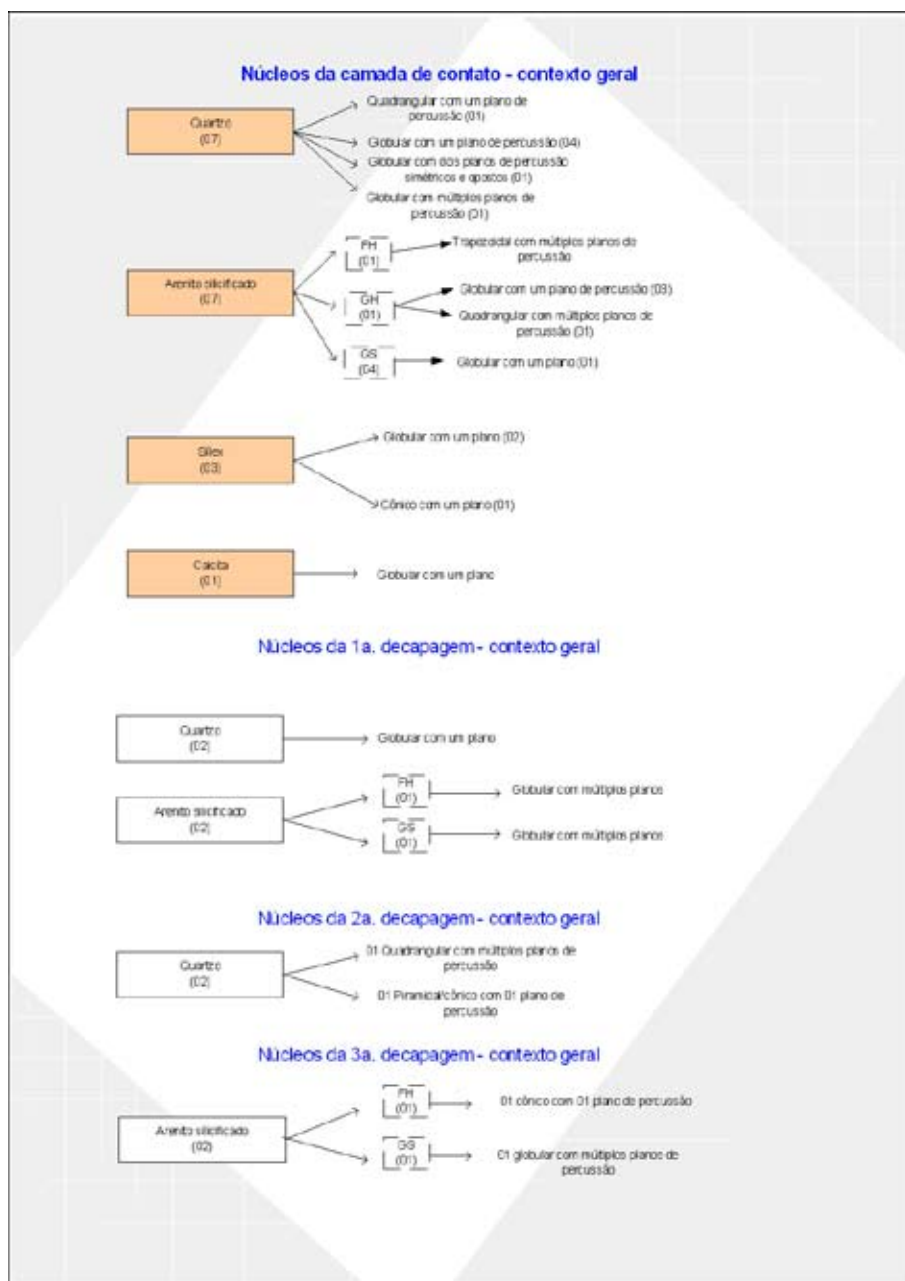
Dados comparativos		Agricultores-ceramistas	Caçadores-coletores
Tipo de percutor	Duro	+++	+++
	Macio		
Marcas de uso no percutor	Nas extremidades		+++
	Nas laterais	+++	
Percussão	Direta	+++	+++
	Indireta		
	Fressão		
Tecnologia bipolar	Presença de núcleos	++	
	Presença de lascas	+	+
Tipo de suporte	Bloco	+	
	Plaqueta		
	Seixos	+++	+++
	Nódulos		
Redução	Lascamento	+++	+++
	Talhe	+	
Escolha da matéria-prima	Homogeneização	++	
	Diversificação		++
Presença de córtex na área de prensão	Lasca com retoques	+	+
	Raspadores	+++	
	Outros artefatos	+	
Marcas de fogo	Seixos	+	+
	Lascas		+
Fraturas	Siret	+++	+++
	Transversal	+	
	Langüeta		
	Reflexos		
Acidentes	Ultrapassagens	++	+
	Negativos de escama bulbar	+	+
	Bulbos côncavos difusos	++	+
Tipos de talão	Liso-plano	+++	+++
	Cortical	+++	+
	Diedro	++	+
	Puntiforme		+
	Parcialmente ausente	+	+
	Enmagado		+
	Ausente	++	++
	Muito largo	++	+
Relação comprimento e largura das lascas	Quase longo	+++	++
	Longo	+	++
	Laminar	+	++
Comprimento das lascas	Pecas grandes	++	
	Pecas Médias	+++	++
	Pecas pequenas	++	+++
	Lascas com retoques	+++	+++
Tipos de artefatos	Raspadores	+++	+
	Plano-convexos	+	++
	Lâminas de Machado	++	+
	Pontas e furadores	++	+
	Núcleos	++	+
Produtos resultados do lascamento	Lascas	+++	+++
	Lamelas	++	+++
	Lâminas	+	
	Resíduos	+	+++

Eixo de debitage	Igual ao morfológico	+++	++
	Diferente do morf.	+	+
Análise dos ângulos	Lascamento $\geq 90^\circ$	+++	+++
	Lascamento $< 90^\circ$	+	++
	Chasse $\geq 90^\circ$	++	++
	Chasse $< 90^\circ$	++	+
	Chasse $<$ lascamento	+	++
	Chasse $>$ lascamento	+++	+++
	Chasse = lascamento	+	+

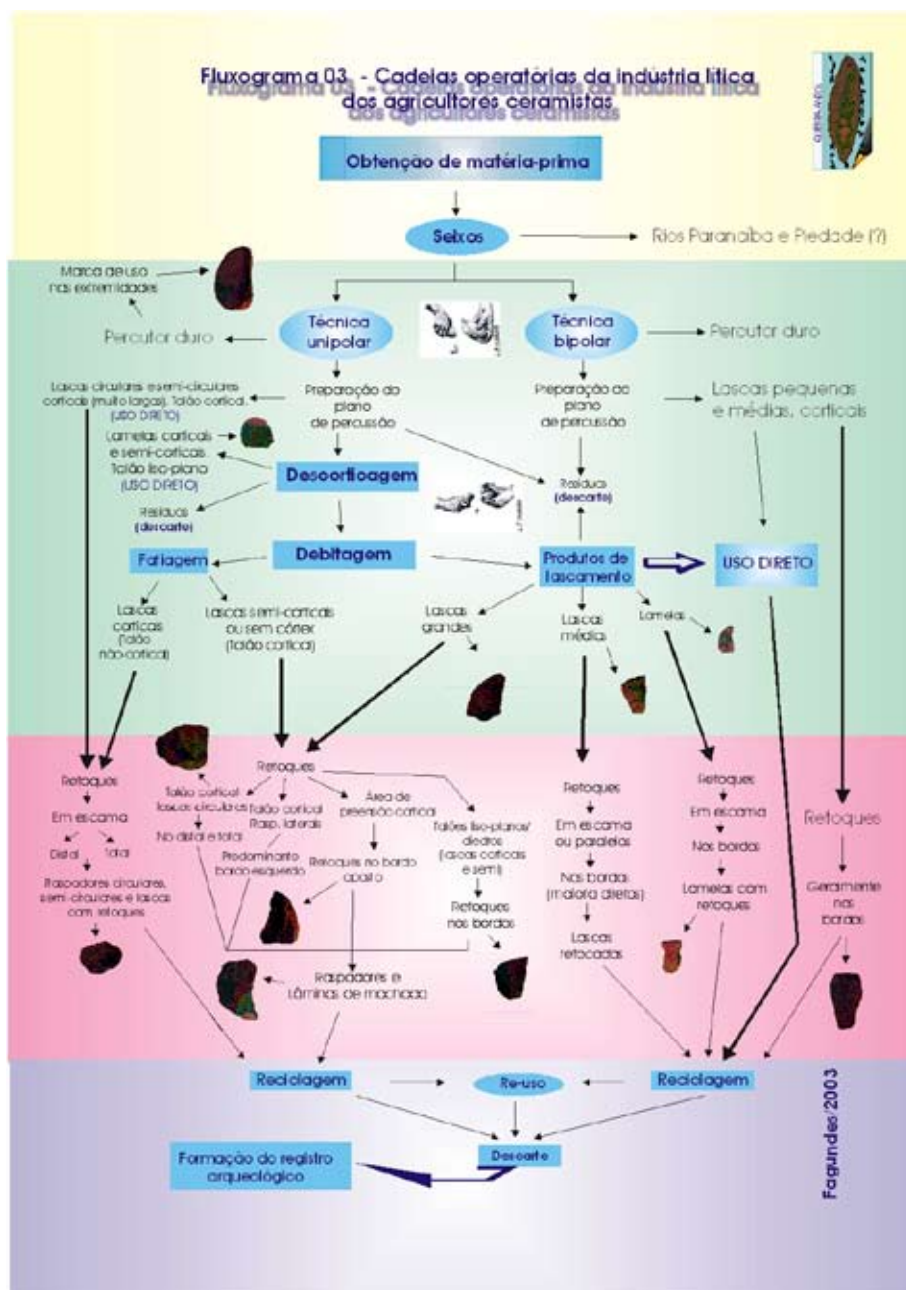
+++ presença significativa; ++ presença média; + presença mínima; em branco, não há registro.



Fluxograma 01 – Metodologia de análise da cadeia operatória lítica (correlatos):



Fluxograma 02 – Núcleos dos conjuntos dos caçadores-coletores:



Fluxograma 03 – Síntese da cadeia operatória da indústria lítica dos agricultores ceramistas:

REFERÊNCIAS CITADAS:

ALVES, Márcia A. *As estruturas arqueológicas do Alto Paranaíba e Triângulo Mineiro – Minas Gerais*. **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo**, 2: 27-47, São Paulo, 1992.

_____. *O sítio Rezende: de acampamento de caçadores-coletores a aldeias ceramistas pré-históricas*. **Anais da X Reunião Científica da Sociedade de Arqueologia Brasileira**, Universidade Federal do Pernambuco, Recife (no prelo), 1999.

_____. *O sítio Rezende: de acampamento de caçadores-coletores a aldeia ceramista pré-histórica*. Recife, **Revista Clio – série arqueológica**, n.15, pp. 189-204, 2002 a.

_____. *Teoria, métodos, técnicas e avanços na Arqueologia brasileira*. **Canindé – Revista do Museu de Arqueologia de Xingo**. Universidade Federal do Sergipe, nº 02, pp. 09-52, 2002b.

_____. *Documentação cerâmica contextualizada e as diferenças de gênero nos sepultamentos primários do sítio Água Limpa, Monte Alto, São Paulo*. **Canindé – Revista do Museu de Arqueologia de Xingo**. Universidade federal de Sergipe, v. 03, pp.275-289, 2003.

_____. *Estratigrafia, estruturas arqueológicas e cronologia do sítio Água Limpa, Monte Alto, São Paulo*. **Canindé – Revista do Museu de Arqueologia de Xingo**, v. 04, pp. 283-324, 2004.

ANDREFSKY Jr., W. *Raw-material availability and the organization of technology*. **American Antiquity**, v.59, n.01, pp.21-34, 1994.

BALFET, H. *Des chaînes opératoires, pour quoi faire?* IN: BALFET, H. *Observer L' action Technique – Des chaînes opératoires, pour quoi faire?* Paris, CNRS, pp.11-19, 1991.

BAMFORTH, D.B. *Technological efficiency and tool curation*. **American Antiquity**, 51 (1), pp.38-50, 1986.

_____. *Settlement, raw material, and lithic procurement in the central Mojave desert*. **Journal of anthropological archaeology**, 9 (1), pp. 70-104, 1990.

_____. *Technological organization and hunter-gatherer land use: a California example*. **American Antiquity**, 56 (2), pp. 216-234, 1991.

BAR-YOSEF, O. et ali. *The excavations in Kebara cave, Mt. Carmel*. **Current Anthropology**, 33 (5), pp. 497-550, 1992.

- BETTINGER, R. LI *Archaeological approaches to hunter-gatherers. Annual Reviews anthropology*, v. 16, pp. 121-142, 1987.
- BINFORD, L. *Organization and formation processes: looking at curated technologies. Journal of anthropological research*, 35 (3), pp. 255-272, 1979.
- _____. *Willow smoke and dogs' tails: hunter-gatherer settlement systems and archaeological site formation. American Antiquity*, 45 (1), pp. 4-20, 1980.
- _____. *The archaeology of place. Journal of Anthropological Archaeology*, n.01, pp. 05-31, 1982.
- _____. *Constructing frames of reference – an analytical method for archaeological theory building using hunter-gatherer and environmental data sets. Berkley, University of California Press*, 2001.
- BLEED, P. *Trees and chains, links or branches: conceptual alternatives for consideration of stone tool production and other sequential activities. Journal of Archaeology Method and Theory*, 8 (1), 2001.
- CHASE, P. G. *Symbols and Paleolithic artifacts: style, standardization, and the imposition of arbitrary form. Journal Anthropological Archaeology*, 10, pp. 193-214, 1991.
- CLOSE, A. *The identification of style in lithic artifacts. World archaeology*, nº2 (01), pp. 223-237, 1978.
- COLLINS, M. B. *Lithic technology as a means of processual inferences. IN: E. H. SWANSON. Lithic technology: making and using stone tools. Chicago University Press*, pp. 15-34, 1975.
- CRESWELL, R. *Prométhée ou Pandore? Propos de technologie culturelle. Paris, Editions Kimé*, 1996.
- DIAS, A. S. *Sistemas de assentamento e estilo tecnológico: uma proposta interpretativa para a ocupação pré-colonial do Alto Vale do Rio dos Sinos, Rio Grande do Sul. São Paulo, FFLCH/MAE/USP, Tese de doutoramento*, 2003.
- DIAS, A.S. & SILVA, F. A. *Sistema tecnológico e estilo: as implicações desta interrelação no estudo das indústrias líticas do sul do Brasil. Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, São Paulo, 11, pp. 95-108, 2001.
- DIBBLE, H. & ROLLAND, N. *A new synthesis of Middle Paleolithic variability. American Antiquity*, 55 (3), pp. 480-499, 1990.
- DIETLER, M. & HERBICH, I. *Tich matek: the technology of Luo pottery production and the definition of ceramic style. World Archaeology*, 21

(1), pp. 148-154, 1989.

_____. *Habitus, techniques, style: an integrated approach to the social understanding of material cultures and boundaries*. IN: STARK, M. **The archaeology of social boundaries**. Washington, Smithsonian Institution Press, pp. 232-263, 1998.

DILLEHAY, T. D. *The settlement of the Americas: a new prehistory*. Washington, Basic Books, 2000.

FAGUNDES, M. *O conceito de estilo e sua aplicação em pesquisas arqueológicas*. **Canindé – Revista do Museu de Arqueologia de Xingó**, v. 04, pp.117-146, 2004a.

_____. *Tecnologia da cerâmica pré-histórica do sítio Rezende, estado de Minas Gerais, Brasil*. Rio IV - Córdoba (Argentina), Anais do **Simpósio de Arqueometria Cerâmica del XV Congreso Nacional de Arqueología Argentina**, 2004b (no prelo).

_____. *Sítio Rezende - das cadeias operatórias ao estilo tecnológico: um estudo de dinâmica cultural no médio vale do Paranaíba, Centralina, Minas Gerais*. São Paulo, Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo, dissertação de mestrado, 2004c, 536 p.

FOGAÇA, E. *A tradição Itaparica e as indústrias líticas pré-cerâmicas da Lapa do Boquete (Minas Gerais- Brasil)*. **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia**, Universidade de São Paulo, v. 05, pp. 145-158, 1995.

_____. *Análise preliminar de algumas indústrias líticas lascadas recuperadas em Xingó*. São Cristóvão, UFS/CHESF/PETROBRAS, Relatório de consultoria, documento 03, 1997.

_____. *Mãos para o pensamento*. Porto Alegre, Pontífice Universidade Católica (PUCRS), Tese de doutoramento, 2001.

GAMBLE, C. *The paleolithic societies of Europe*. Cambridge, Cambridge University Press, 1999.

GRAMLY, R. M. *Raw material source areas and curated tool assemblages*. **American Antiquity**, 45, pp. 823-833, 1983.

GOSSELAIN, 2, O. P. *Social and technical identity in a clay crystal ball*. IN: STARK, M. **The archaeology of social boundaries**. Washington, Smithsonian Institution Press, pp. 78-106, 1998.

GOULD, R. A. *Lithic procurement in central Australia: a closer look at Binford's idea of embeddedness in Archaeology*. **American Antiquity**, 50, pp. 117-136, 1985.

HEGMON, M. *Archaeological research on style*. **Annual Reviews an-**

thropological, 21, pp. 517-536, 1992.

_____. *Technology, style, and social practices: archaeological approaches*. IN: STARK, M.T. **The archaeology of social boundaries**. Washington, Smithsonian Institution Press, pp.264-280, 1998.

KARLIN, C. & JULIEN, M. *prehistoric technology: a cognitive science?* IN: RENFREW & ZUBROW (orgs.) **The ancient mind – elements of cognitive archaeology**. Cambridge, Cambridge University Press, pp. 152-164, 1995.

KELLEY, R. *Elements of a behavioral ecological paradigm for study of prehistoric hunters and gatherers*. IN: SCHIFFER, M. (eds.) **Social Theory**. Utah University Press, pp. 63-78, 2000.

_____. *The foraging spectrum*. Washington, Smithsonian Institution, 1995.

_____. *Hunter-gatherer mobility strategies*. **Journal of Anthropological Research**, v.39, pp. 227-306, 1983.

KUHN, S. L. *A formal approach to the design and assembly of mobile tollkits*. **American Antiquity**, 59 (03), pp. 426-442, 1994.

_____. Blank form and reduction as determinants of Mousterian scraper morphology. **American Antiquity**, 57, pp.115-128, 1992.

LEMONNIER, P. *The study of material culture today: toward an anthropology of technical systems*. **Journal of anthropological archaeology**, 5, pp. 147-186, 1986.

_____. *Elements for anthropology of technology*. Michigan, Museum of Anthropological Research (88), University of Michigan, 1992.

LEROI-GOURHAN, A. *Vocabulaire – fouilles de Pincevent: essai D'anacyse ethnographique d'un habitat magdalenien*. La section 36, CNRS, Paris, 1972.

_____. *Evolução e técnicas (o homem e a matéria)*. Lisboa, Edições 70, 1984a.

_____. *Evolução e as técnicas (o meio e as técnicas)*. Lisboa, Edições 70, 1984b.

LÈVI-STRAUSS, C. *O pensamento selvagem*. Campinas, Papirus, 1989.

MAUSS, M. **Sociologia e Antropologia**. São Paulo, Edusp, 1974.

MELLO, P. J. C. & VIANA, S. A. *Possibilidades de interpretação da cadeia operatória de produção de instrumentos líticos – sítio Pedreira (MT)*. São Paulo, Revista da Museu de Arqueologia e Etnologia da USP, v.11, pp. 109-124, 2001.

MENDES, G.L. *Caçadores-coletores no alto rio das Almas: territorialidade, organização social tecnológica e mobilidade. Documento Antropologia e Arqueologia*, Relatório Final, 2004 (dissertação de mestrado a ser defendida pelo MAE/USP).

MIRACLE, P. T. & FISCHER, I. E. *Introduction hunter-gatherers and their ethnography. Michigan discussions in Anthropology hunter-gatherer studies*, vol. 10, pp. 1-8, 1991.

MORAIS, J. L. *A propósito do estudo das indústrias líticas*. São Paulo, **Revista do Museu Paulista**, v. XXXII, pp.155-184, 1987.

_____. *Estudo do sítio Camargo 2 – Piraju – SP: ensaio tecnopológico de sua indústria lítica*. São Paulo, **Revista do Museu Paulista**, v. XXXIII, pp.41-128, 1988.

NELSON, M.C. *The study of technological organization*. IN: SCHIFFER, M.B. (Ed.) **Archaeology method and theory**, 3, pp.57-100, 1991.

PALLESTRINI, L. *Interpretações das estruturas arqueológicas do estado de São Paulo. Coleção Museu Paulista, Série Arqueológica*, 1, Fundo de Pesquisa do Museu Paulista, USP, Tese de Livre docência, 1975.

PECORA, A. M. *Chipped stone tool production strategies and lithic debitage patterns*. IN: ANDREFSKY, W JR. **Lithic Debitage – context, form, meaning**. Salt Lake City, The University of Utah Press, pp. 173-191, 2001.

PFAFFENBERGER, B. *Social Anthropology of technology. Annual Reviews Anthropological*, 21, pp. 491-516, 1992.

_____. *Symbols do not create meanings – activities do: or, why symbolic anthropology needs the anthropology of technology*. IN: SCHIFFER, M.B. **Anthropological Perspectives on Technology**. Albuquerque, University of New Mexico Press, 2001.

ROLLAND, N. & DIBBLE, H. L. *A new synthesis of middle paleolithic variability. American Antiquity*, 55(3), pp. 480-499, 1990.

SACKETT, J. R. *The meaning of style in archaeology: a general model. American Antiquity*, 42, pp- 369-380, 1977.

_____. *Approaches to style in lithic archaeology. Journal of anthropological archaeology*, 1, pp. 59-112, 1982.

_____. *Style and ethnicity in Kalahari: a reply to Wiessner. American Antiquity*, 50, pp. 154-159, 1985.

_____. *Style, function, and assemblage variability: a reply to Binford. American Antiquity*, 51, pp. 628-634, 1986a.

- _____. *Isochrestism and style: a clarification*. **Journal of anthropological archaeology**, 5, pp. 266-277, 1986b.
- _____. *Style and ethnicity in archaeology: the core for isochrestism*. In: CONKEY, M.W. & HASTORF, C. (editors). **The uses of style in archaeology**. Cambridge, Cambridge University Press, pp.32- 43, 1990.
- SCHANGLER, N. *Mindful technology: unleashing the chaîne opératoire for an archaeology of mind*. IN: RENFREW & ZUBROW (orgs.) **The ancient mind – elements of cognitive archaeology**. Cambridge, Cambridge University Press, pp. 143-153, 1995.
- _____. *Understanding Levallois: lithic technology and cognitive archaeology*. **Cambridge archaeological journal**, 6 (2), pp. 231 – 254, 1996.
- SCHIFFER, M.B. & SKIBO, J.M. *The explanation of artifact variability*. **American Antiquity**, 62 (1), pp.27-50, 1997.
- SHOTT, M. *Technological organization and settlement mobility: an ethnographic examination*. **Journal of anthropological research**, v.42, pp. 15-51, 1986.
- SULLIVAN, A.P. & ROZEN, K.C. *Debitage analysis and archaeological interpretation*. **American Antiquity**, 50, pp. 755-779, 1985.
- TIXIER, ROCHE & INIZAN *préhistoire de la Pierre taillée: terminologie et technologie*. Paris, Cercle de recherches et d'études préhistoriques, 2^a. ed., 1980.
- van der LEEUW, S. *Given the potter a choice: conceptual aspects of pottery techniques*. IN: LEMONNIER, P. **Technological choices, transformation in material culture since the Neolithic**. London, Routledge, pp. 238-288, 1993.
- VERGNE, C. & FAGUNDES, M. *Atributos tecnológicos da indústria lítica do sítio Barragem (decapagens 01 a 06), Xingo, Alagoas*. **Revista do Museu de Arqueologia de Xingo**. Universidade Federal do Sergipe, nº 04, pp. 09-54, 2002.

Agradecimentos: A Profa. Dra. Márcia Angelina Alves pela imensa dedicação na orientação do mestrado. Muito obrigado!

SÍTIO DE ÁGUA LIMPA, MONTE ALTO, SÃO PAULO: ESTRUTURAS FUNERÁRIAS E AVALIAÇÃO RADIOLÓGICA DE OSSOS HUMANOS

MÁRCIA ANGELINA ALVES*

ANTÔNIO GELIS FILHO**

LEANDRO PELLARIN***

ABSTRACT:

Fieldwork done at the Água Limpa site in the scope of the Turvo archaeological project evidenced an area of primary burials direct extended in the land and semi-flexed adult burials and collected two pottery urns with secondary burials (adult and child).

This article focus on the importance of radiology techniques in the investigation of archaeological remains and describes radiological analysis on the bones of primary burials exhumed from Água Limpa site, which did not indicate suggestive radiological signals of pathological processes.

Keywords: archaeological methods, primary burials area, paleopathology, radiology, radiologic methods.

* Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo (MAE-USP).

** Médico radiologista do Hospital Universitário da Universidade de São Paulo (HU-USP).

*** Médico residente, área de neurocirurgia, do Hospital das Clínicas da Universidade de São Paulo (HC-USP).

PESQUISAS DE CAMPO E VESTÍGIOS ARQUEOLÓGICOS:

O projeto *Turvo* compreende um programa sistemático de pesquisas de campo, que desenvolve, desde 1992, prospecções arqueológicas no Município de Monte Alto, São Paulo, que detectaram três sítios: Água Limpa, Anhumas I e Anhumas II. O primeiro foi selecionado para ser escavado de maneira intensiva por ter conservado material faunístico (ALVES, 1995) (Mapa 1).

No sítio de Água Limpa (21° 16'S e 48° 33'W) foram desenvolvidas cinco campanhas de escavações – de 1993 a 2000, baseadas no método de “Superfícies Amplas” de Leroi-Gourhan (1972), do Collège de France, adaptado ao solo tropical do Brasil por Pallestrini (1975), do Museu Paulista da Universidade de São Paulo. Este método centra-se na tridimensionalidade; assim foram executadas trincheiras de verificação, em leque, perfis estratigráficos e decapagens por níveis naturais (Fotos 1, 2, 3 e 4).

As escavações desenvolvidas em Água Limpa detectaram um sítio a céu aberto, em relevo de vertente, banhada pelos cursos de água dos córregos Santa Luzia e Água Limpa, instalada em um vale parcialmente circundado pela Serra do Jabuticabal (Mapas 1 e 2).

A sua estratigrafia é formada por um único nível, o *lito-cerâmico* (Foto 4).

O sítio de Água Limpa ocupa uma vasta área dividida em três zonas de escavações: Zona 1 com 1.200 m²; Zona 2 com 5.865,60m² e Zona 3 ainda sem pesquisa de campo (Mapas 3 e 4).

Nele foram evidenciados espaços habitacionais denominados de “Manchas Escuras” (resultantes da decomposição de antigas cabanas, ovaladas, sustentadas por troncos de árvores e cobertas por material vegetal), dispostas em aldeamento, fogueiras (internas e externas às habitações), associadas a vasilhames fragmentados de cerâmica, lascas, raspadores, ossos (de mamíferos e répteis) e a conchas (de bivalves dulçaquícolas e gastrópodes terrestres) além de restos alimentares depositados dentro e fora das habitações (representados por vestígios faunísticos) (ALVES e CALLEFFO, 1996 e 2000; ALVES, 2004).

Foram coletas grandes quantidades de vestígios faunísticos e malacológicos cujas interpretações resultaram na identificação de vinte e uma espécies de mamíferos, três de répteis, duas de conchas além da identificação, em menor escala, de vértebras de peixe de água doce, da-

dos que reconstituíram a prática de caça, coleta e pesca em menor escala (op. cit.; CALLEFFO, 1999), (Quadro 1).

ESTRUTURAS FUNERÁRIAS:

Na Zona 1 foi evidenciada uma área de sepultamentos primários de indivíduos jovens e adultos estendidos e semi-fletidos, sepultados diretamente na terra, fora das Manchas, nas cercanias da aldeia; nela foram exumados dez esqueletos junto às trincheiras 7 e 8 (Foto 5), (Mapa 3), (Quadro 2).

Os esqueletos de indivíduos jovens estavam, associados, a “bens” sociais (BINFORD, 1972), ou seja, os vestígios cerâmicos indicavam diferenças de gênero e de idade (ALVES e CHEUICHE MACHADO, 1995/96; ALVES, 2003).

Nos sepultamentos femininos – S_4 e S_7 , de jovens, os vasilhames cerâmicos estavam associados aos membros inferiores (Fotos 6 e 7) e nos sepultamentos masculinos – S_6 e S_8 , de jovens, havia uma placa de cerâmica sobre o crânio (op. cit.) (Fotos 7 e 8) (Quadro 2).

Dentre os sepultamentos evidenciados e exumados destacou-se um – S_5 , de um indivíduo adulto, masculino com altura aproximada de 170m., o qual possuía um “desvio” anatômico (Geles Filho e Pellarin). cujo crânio e fêmures foram submetidos a análise radiológica (Foto 9).

O sepultamento 2, de um indivíduo adulto, + de 35 anos, masculino: seus fêmures foram objetos de análise radiológica (Foto 10).

Além dos sepultamentos primários foram coletados (e exumados) dois sepultamentos secundários em urnas de cerâmica lisa, em espaços indefinidos – um, na Zona 1 – Trincheira 2, com tampa (Foto 11) e, outro na Zona 2, Trincheira 3, sem tampa, (Mapas 3 e 4), (Quadro 2).

Foram processadas datações por Termoluminescência em amostras de cerâmica procedentes de fogueiras e de vasilhames associados aos sepultamentos as quais resultaram nos seguintes dados:

- o sítio de Água Limpa foi habitado de 1.524 ± 152 anos antes do Presente até 335 ± 35 anos do Presente (ALVES, 2004);
- a permanência da tradição de se sepultar os mortos jovens e adultos na área de sepultamentos primários ocorreu durante muito tempo conforme indicam as datações do sepultamento 8 – de 1.342 ± 201 anos A.P. até 725 ± 121 anos A.P. – sepultamento 6 (ALVES,

2003);

- tradição de se praticar o sepultamento secundário, sem demarcação definida de espaço, para este tipo de sepultamento, ou seja, de 1.147 ± 182 anos A.P. – Zona 1 a 660 ± 80 anos A.P. – Zona 2 (ALVES, 2003);
- a permanência das atividades sociais de caça, coleta e pesca (em menor escala), de 1.524 ± 152 anos A.P. (datação mais antiga) a 335 ± 35 anos A.P. (datação mais recente), (Foto 12) (ALVES, 2004).

Os dados acima explicitados indicam um dos mais antigos sítios lito-cerâmicos do Estado de São Paulo, com populações em processo de sedentarização (domínio do fogo, da cerâmica, do polimento da pedra, prática de agricultura incipiente, construção de habitações, formação de aldeia) com a conservação da prática de coleta, caça e pesca.

ANÁLISE RADIOLÓGICA:

A arqueologia pré-histórica é a ciência que estuda povos e sociedades desaparecidos através da análise sistemática de seus restos materiais. Em tal análise, métodos diversos podem ser utilizados. O objetivo deste estudo é aplicar a avaliação radiológica aos restos humanos encontrados no sítio arqueológico de Água Limpa, localizado no município paulista de Monte Alto, com datação mais antiga de 1524 ± 152 anos antes do presente.

JUSTIFICATIVA:

Os métodos de análise radiológica de restos humanos (ossos) são ainda pouco utilizados em nosso meio, podendo entretanto fornecer importantes informações a respeito das condições de vida das populações antigas, pois podem revelar traumatismos, deficiências nutricionais, patologias hereditárias e muitas outras.

Entre os métodos radiológicos de utilidade para a arqueologia, destacamos:

- a) *Radiografias simples* – as radiografias simples estão entre os

exames complementares mais realizados em todo o mundo. Particularmente em relação aos ossos, muitas informações podem ser obtidas a partir das radiografias, referentes alterações patológicas como traumatismos, infecções crônicas e agudas, deficiências nutricionais, tumores, patologias congênitas e outras.



Fig. 1 – Radiografia normal da pelve.

b) *Tomografia computadorizada* – a tomografia computadorizada permite a realização de cortes anatomicamente muito nítidos, revelando o interior das estruturas sem danificá-las. Tem sido utilizada para tal fim na análise de múmias, por exemplo.

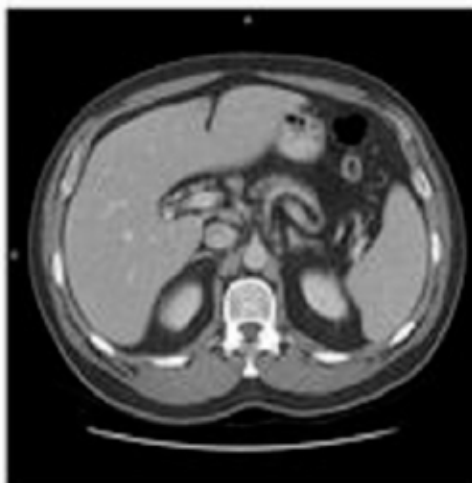


Fig. 2 – Tomografia normal do abdome

Vale notar que os achados radiológicos raramente são específicos e característicos de uma determinada doença (patognomônicos, como se diz em medicina). Antes devemos falar em *padrões radiológicos*, achados que são indicativos da existência de um processo patológico subjacente, mas que devem ser inseridos em um contexto mais amplo para adequada caracterização da patologia específica responsável pela alteração.

OBJETIVO:

O objetivo deste trabalho é a identificação da presença ou não de alterações radiográficas ósseas nas peças estudadas. Não se trata da identificação de determinada doença, mas sim de estudo preliminar visando analisar a viabilidade da utilização, em nosso meio, de técnicas radiológicas para prospecção de restos humanos em arqueologia

PLANO DE TRABALHO:

1. Realização de radiografias das peças selecionadas (cerca de 20 fragmentos de fêmures e crânios)
2. Avaliação da qualidade das imagens obtidas e possível complementação
3. Interpretação dos resultados

ANÁLISE DE RESULTADOS:

As radiografias foram avaliadas por Gelis Filho, autor deste estudo, com a colaboração de Pellegrin sob a orientação arqueológica de Márcia Angelina Alves, docente do MAE - USP.

Vale ressaltar que do ponto de vista arqueológico, tanto o achado de patologias quanto a ausência delas representam informação relevante. Considera-se como achado relevante qualquer um dos seguintes:

- *Lesões ósseas líticas* – caracterizadas pela presença de áreas de destruição óssea, sendo observadas ao estudo com raios-X como áreas escuras. Presentes em um grande número de patologias como tumores ósseos e infecções;
- *Lesões ósseas blásticas* – caracterizadas como áreas de aumento da densidade óssea em regiões não esperadas. Estão associadas a alterações nutricionais, tumores metastáticos, infecções crônicas

e outros.

- *Reação periosteal* – o perióstio é a membrana que envolve os ossos. Está sujeita a diversas formas de agressão patológica, sendo sua alteração mais freqüente o seu espessamento (elevação), sinal de que processos patológicos atingem tal estrutura óssea.
- *Sinais de traumatismos* – a avaliação do padrão de formação dos calos ósseos pode servir de indicação se o resto pertence a um ser humano que morreu em decorrência do trauma, sem ter possibilidade de consolidar a fratura ou se o ser humano em questão sobreviveu ao trauma.

MATERIAIS E MÉTODO:

1. Materiais

- aparelhagem para realização de radiografias, disponível no Departamento de radiologia do Hospital Universitário da USP
- filmes radiográficos

2. Método

- realização de pelo menos duas incidências radiográficas, ortogonais entre si, de cada peça
- interpretação radiológica dos possíveis achados e inserção dos mesmos em um contexto arqueológico

RESULTADOS:

A avaliação radiográfica das peças não revelou sinais sugestivos de patologias conforme descrito no item IV (ver radiografias A-B-C dos fêmures sepultamentos 02 e 05). Não obstante, o emprego de métodos radiológicos como parte integrante da análise de restos humanos mostrou-se adequado e viável, podendo se tornar, a critério dos arqueólogos, um método corriqueiro para as pesquisas laboratoriais. Novos trabalhos neste sentido devem ser desenvolvidos para dar seqüência aos estudos.

Assim, o estudo realizado evidenciou que as populações do sítio de Água Limpa eram muito bem alimentados conforme indicação dos restos alimentares, via análise dos vestígios malacológicos.

AGRADECIMENTOS:

Canindé, Xingó, nº 5, Junho de 2005

Agradecemos o Sr. Dr. Elias Badhur Prefeito de Monte Alto, São Paulo (gestão 1997-2000), pela sua intermediação junto à direção da Santa Casa para fazer raios X do crânio do sepultamento 5 (exposto no Museu Municipal de Arqueologia) e ao Sr. Prof. Dr. Erasmo Tolosa, Superintendente do Hospital Universitário da USP (no período em que foi realizado a análise radiológica – 1998/1999) por permitir a execução de raios X de restos esqueléticos de vários sepultamentos primários exumados do sítio arqueológico de Água Limpa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ALVES, M.A. Projeto Turvo – Vale do Turvo – São Paulo. Painel apresentado na VIII Reunião Científica da Sociedade de Arqueologia Brasileira. Porto Alegre: PUCRS, 11 a 15 de setembro, 1995. **Programação oficial e Resumos**, pág. 112.

_____. Documentação cerâmica contextualizada e as diferenças de gênero nos sepultamentos primários do sítio de Água Limpa, Monte Alto, São Paulo. **Canindé: Revista do Museu de Arqueologia de Xingó**. Aracaju, UFS, n.3, dez. 2003.

_____. Estratigrafia, estruturas arqueológicas e cronologia do sítio Água Limpa, Monte Alto, São Paulo. **Canindé: Revista do Museu de Arqueologia de Xingó**. Aracaju, UFS, n.4, dez. 2004.

ALVES, M.A.; CALLEFFO, M.E.V. Sítio de Água Limpa, Monte Alto, São Paulo – estruturas de combustão, restos alimentares e padrões de subsistência. **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia**, São Paulo, v.6, p.123-140, 1996.

_____. Caça, coleta e pesca entre os horticultores – ceramistas de Água Limpa, Monte Alto, São Paulo. In: CONGRESSO DA SOCIEDADE DE ARQUEOLOGIA BRASILEIRA (IX.: 22 a 27 de setembro 1997: Rio de Janeiro) **Anais**. Rio de Janeiro: SAB, 2000 (em cd-rom).

ALVES, M.A., CHEUCHE MACHADO, L.M. Estruturas arqueológicas e padrões de sepultamentos do sítio de Água Limpa, Monte Alto, São Paulo. In: REUNIÃO CIENTÍFICA DA SOCIEDADE DE ARQUEOLOGIA BRASILEIRA (VIII.: Porto Alegre) **Anais**. Porto Alegre: PUCRS, 11 a 15 de setembro, 1995/96. Volume 2, p.295-310.

AUFDERHELDE, Arthur C.; RODRÍGUEZ-MARTIN, C. **The Cambridge Encyclopedia of Human Paleopathology**. Cambridge: Cam-

bridge University Press, 1998.

BINFORD, L.R. Mortuary practices: their study and their potential – Approaches to the social dimensions of mortuary practices. **Memoirs of the Society for American Archaeology**, New York, n.25, 1972.

CALLEFFO, M.E.V. Vestígios zooarqueológicos no sítio de Água Limpa, Monte Alto, São Paulo. In: REUNIÃO CIENTÍFICA DA SOCIEDADE DE ARQUEOLOGIA BRASILEIRA (X.: 1999: Recife) **Anais**: comunicação. Recife : UFPE, 20 a 24 de setembro de 1999. (no prelo).

LEROI-GOURHAN, A. Vocabulaire. Fouilles de Pincevent: Essai d'analyse ethnographique d'un habitat magdalénien. **Gallia Préhistoire. Supplément**, Paris, v.7, 1972.

PALLESTRINI, L. **Interpretação das estruturas arqueológicas em sítios do Estado de São Paulo**. São Paulo: Fundo de Pesquisas do Museu Paulista / USP, 1975. (Coleção Museu Paulista, Série de Arqueologia, n.1).

ROBERTS, C.; MANCHESTER, K. **The archaeology of human disease**. Ithaca, NY: Cornell University Press, 1977.

Quadro 1 - IDENTIFICAÇÃO TAXONÔMICA

CLASSE	ORDEM	FAMÍLIA	ESPÉCIE
Gastropoda	Pulmonata	Megalobulimidae	<i>Megalobulimus complexo oblongus</i> (ca- ramujo-do-mato) (giant snail)
Bivalvia	Schizodonta	Hyriidae	<i>Diplodon</i> sp. (bivalve dulçaquícola) (freshwater bivalve)
Crustacea	Decapoda		
Pisces			
(Osteichthyes)			
Reptilia	Chelonia		<i>Tupinambis</i> sp. (teiu) (tegu lizard)
	Crocodylia	Teiidae	<i>Boa constrictor</i> (jibóia) (boa snake)
	Squamata	Boidae	<i>Eunectes murinus</i> (sucuri) (common anaconda)
Mammalia	Marsupicarnivora	Didelphidae	<i>Philander oposum</i> (cuíca) (oposum mou- se) <i>Didelphis albiventris</i> (gambá) (common oposum)
	Edentata	Dasyopodidae	<i>Dasyus novemcinctus</i> (tatu-galinha) (nine- banded long-nosed armadillo) <i>Cabassous tatouay</i> (tatu-de-rabo mole) (armadillo) <i>Euphractus sexcinctus</i> (tatu-peba) (yellow armadillo)
	Primates	Cebidae	<i>Cebus apella</i> (macaco-prego) (brown capuchin monkey)
	Rodentia	Cricetidae	(ratos do mato) (rats and mice)
		Erethizontidae	<i>Coendou</i> sp. (porco-espinho) (porcupi- ne)
		Caviidae	<i>Galea</i> sp. (preá) (cavy)
		Dasyproctidae	<i>Dasyprocta azarae</i> (cotia) (Azara's agou- ti)
		Echimiidae	
	Lagomorpha	Leporidae	<i>Sylvilagus brasiliensis</i> (lebre, tapiti) (Brazilian cottontail)
	Carnivora	Canidae	<i>Dusicyon thous</i> (cachorro-do-mato) (cra- bing eating fox)
		Procyonidae	<i>Procyon cancrivorus</i> (mão pelada) (cra- bing eating raccon) <i>Nasua nasua</i> (quati) (coati)
		Mustelidae	<i>Eira barbara</i> (irara) (tayra)
CLASSE	ORDEM	FAMÍLIA	ESPÉCIE
		Felidae	<i>Felis tigrina</i> (gato-do-mato) (small spot-

Continuação

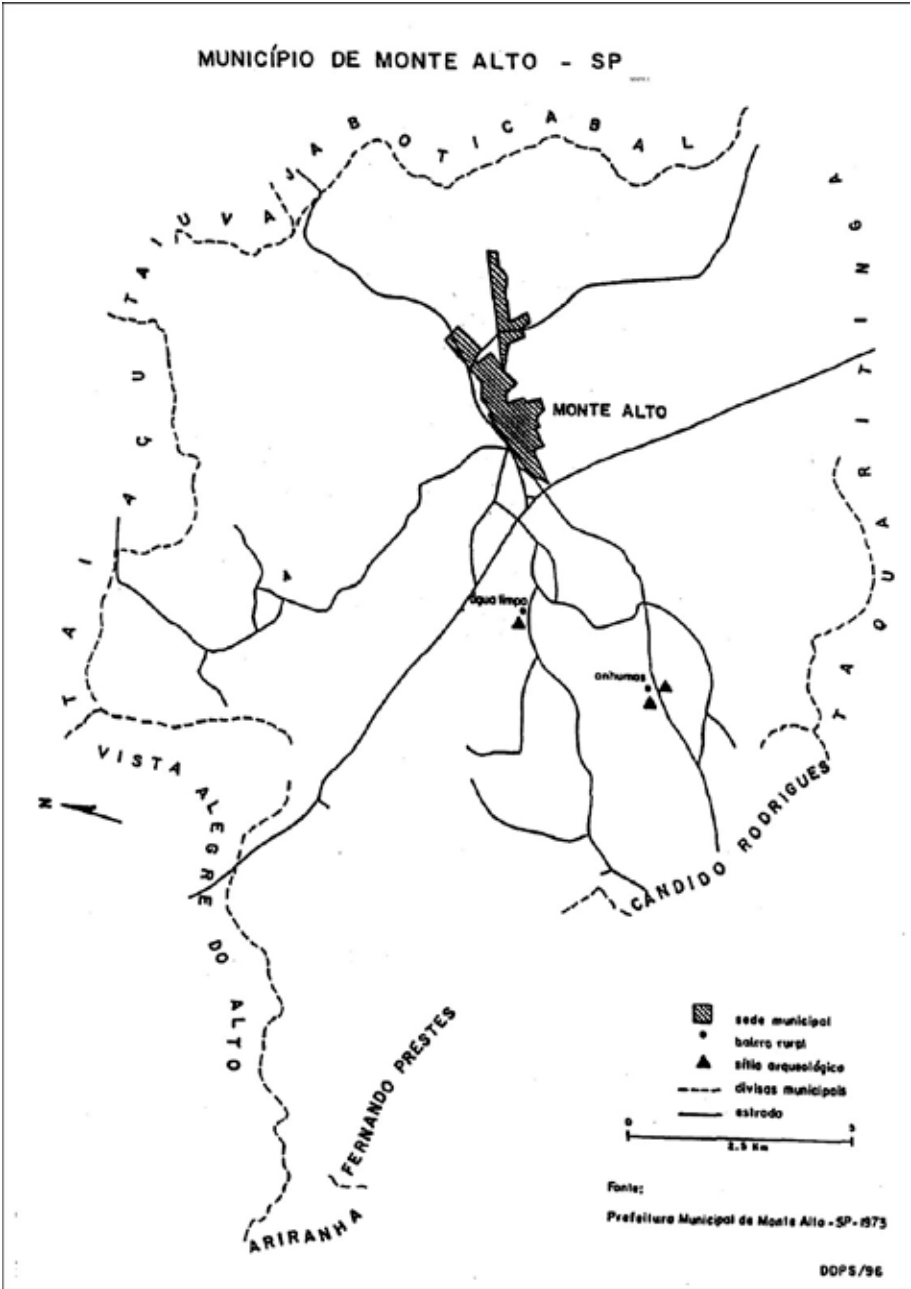
			ted cat or oncilla)
	Artiodactyla	Tayassuidae	<i>Felis pardalis</i> (jaguaririca) (ocelot) <i>Tayassu pecari</i> (queixada) (white-lipped) <i>Tayassu</i> sp. (porco-do-mato, cateto) (colored peccary)
	Perissodactyla	Cervidae Tapiridae	<i>Mazama</i> sp. (veado) (brocket) <i>Tapirus terrestris</i> (anta) (Brazilian tapir)

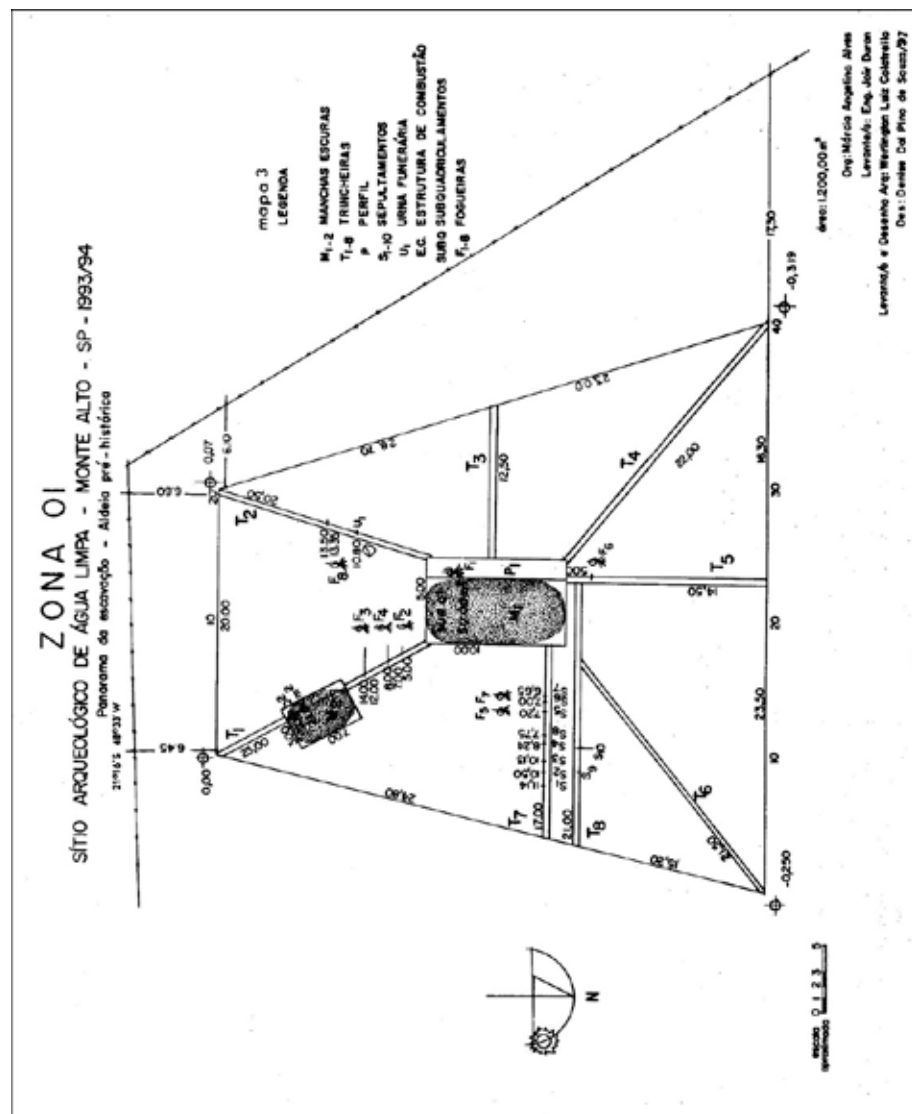
Quadro 2 Características dos Sepultamentos do sítio de Água Limpa, Monte Alto, SP.

Localização Profundidade	Sepultamento	Tipo	Sexo	Idade estimada	Posição do esqueleto	Pontos Cardiais	Orientação Direção Da face	Acompanhamento Funerário	Datação - T.
T7 - 90 cm	01	Primário	Fem	+ 35	Decúbito dorsal	Norte/Sul	-	Sem Ac./Funerário	-
T7 - 93 cm	02	Primário	Masc	+ 35	Decúbito dorsal	Sul/Norte	Cima	Sem Ac./Funerário	-
T7 - 93 cm	03	Primário	Fem	25 - 30	-	-	-	Sem Ac./Funerário	-
T7 - 1,50 m	04	Primário	Fem	Adulto	Decúbito dorsal	Norte/Sul	-	Tigela de cerâmica lisa entre fêmures; Ac. Lâmina de machado polida, ao lado do fêmur D, uma placa de cristal de quartzo ao lado do fêmur E	1243 ± 150
T7 - 90 cm	05	Primário	Masc	+35	Decúbito dorsal	Norte/Sul	Cima	Sem Ac./Funerário	-
T7 - 90 cm	06	Primário	Masc	Adulto	Semi-fletido Lateral dir.	Leste/Oeste	Sul	Fragmentos de cerâmica lisa e escura sobre o crânio	725 ± 121
T7 - 95 cm	07	Primário	Fem	25 - 30	Decúbito dorsal	Leste/Oeste	Sul	Tigela de cerâmica lisa sob os pés	930 ± 175
T7 - 45 cm	08	Primário	Masc	20 - 21	Decúbito dorsal	Leste/Oeste	Cima	Fragmentos de cerâmica sobre o crânio, pequena tigela próxima ao esterno, um seio pequeno sob a mandíbula e um adorno - dente incisivo de cateto (mamífero)	1342 ± 201
T8 - 60 cm	09	Primário	Masc	Adulto	Fletido	Oeste/Leste Norte/Sul	-	Sem Ac./Funerário	-
T8 - 60 cm	10	Primário	-	-	Semi-fletido Lateral esquerdo	Norte/Sul	Cima	Idem sepultamentos 06 e 07	1044 ± 211
Observação: coleta de duas urnas com sepultamentos secundários									
Zona 1	U1	Secundário	-	Adulto	-	-	-	-	-
T2 - 1,00 m	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Zona 2	U1	Secundário	-	10-12	-	-	-	-	-
T3 - 35 cm	-	-	-	-	-	-	-	-	-

Alves e Cheuiche - Machado 1996, 2004

MAPA 1





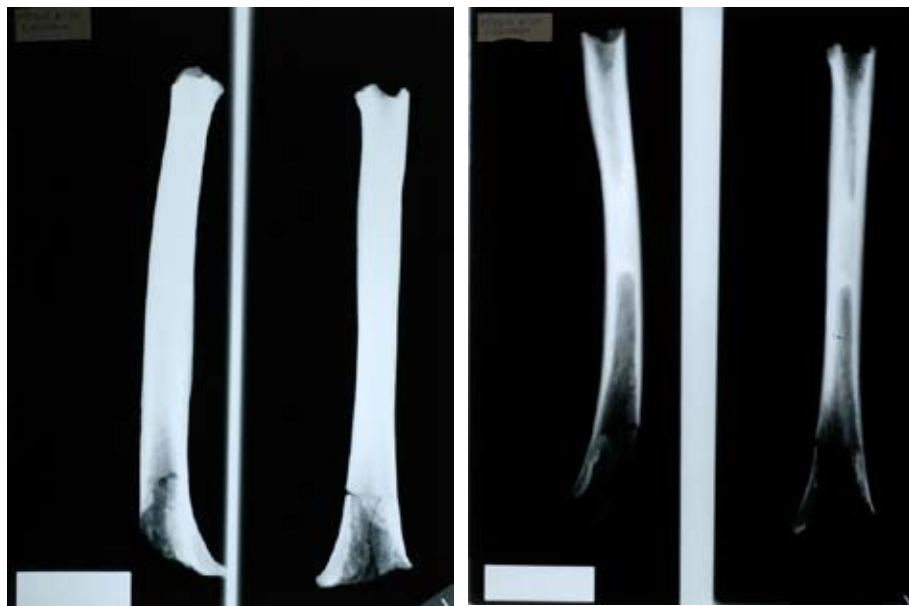
Radiografia A

Sepultamento 02



Radiografia B

Sepultamento 05



Radiografia C

Sepultamento 05



Foto: Márcia Alves

**Foto 1** – Sítio de Água Limpa – Zona 1

Execução de trincheiras em leque (concomitante ao desenvolvimento do perfil estratigráfico e à realização de decapagem, por níveis naturais, na Mancha 2), que evidenciaram várias fogueiras, restos alimentares, uma área de sepultamentos primários e um sepultamento secundário dentro de uma urna de cerâmica com tampa.

**Foto 2** – Sítio de Água Limpa – Zona 2

Execução de trincheiras em leque que evidenciaram a ocorrência de uma grande mancha escura e de uma pequena Mancha – M_2 , um sepultamento secundário dentro de uma urna de cerâmica e fogueiras (com material faunístico), interna e externa à grande Mancha escura que ocupa, aproximadamente quarenta metros de extensão em sentido Leste/Oeste.



Foto 3 – Sítio de Água Limpa – Zona 2

Perfil estratigráfico, com vinte metros de extensão (sentido Leste/Oeste) largura de um metro meio, e dois metros de profundidade que detectou o nível lito-cerâmico – depósito escuro com a ocorrência de vestígios cerâmicos, líticos e faunísticos.



Foto 4 – Sítio de Água Limpa – Zona 2

Desenvolvimento de decapagem por nível natural na Fogueira 1, junto à Mancha 1; ao fundo a Serra do Jaboticabal.



Foto 5 – Sítio de Água Limpa – Zona 1

Área de sepultamentos primários de indivíduos jovens e adultos, sepultados diretamente na terra, com bens sociais funerários de acordo com o gênero e a idade.



Foto 6 – Sítio de Água Limpa – Zona 1

Sepultamento 4 – feminino em decúbito dorsal com tigela de cerâmica lisa entre os fêmures / lâmina de machado polida ao lado do fêmur Direito e uma placa de cristal de quartzo ao lado do fêmur Esquerdo.

(Alves e Cheuiche Machado, 1995/96)



Foto 7 – Sítio de Água Limpa – Zona 1

Sepultamentos 6 e 7 com acompanhamentos funerários (“bens” sociais) de acordo com a idade e sexo:

- feminino S_7 – tigela de cerâmica sobre os pés;
- masculinos S_6 – fragmentos de cerâmica lisa e escura sob o crânio

(Alves e Cheuiche Machado, 1995/96)



Foto 8 – Sítio de Água Limpa – Monte Alto/SP

Sepultamento 8 – sexo masculino, decúbito dorsal, com acompanhamento de fragmentos de cerâmica lisa e escura sobre o crânio, pequena tigela próxima ao osso esterno, um dente de mamífero e um seixo pequeno sob a mandíbula.

(Alves e Cheuiche Machado, 1995/96)



Foto 9 – Sítio de Água Limpa – Zona 1

Sepultamento 5 – masculino, + de 35 anos, em decúbito dorsal e sem acompanhamento funerário e datação, o qual apresentou um desvio anatômico no crânio. Foto

(Alves e Cheuiche Machado, 1995/96)



Foto 10 – Sítio de Água Limpa – Zona 1

Sepultamento 2 – masculino, + de 35 anos, em decúbito dorsal sem acompanhamento funerário e datação.

(Alves e Cheuiche Machado, 1995/96)

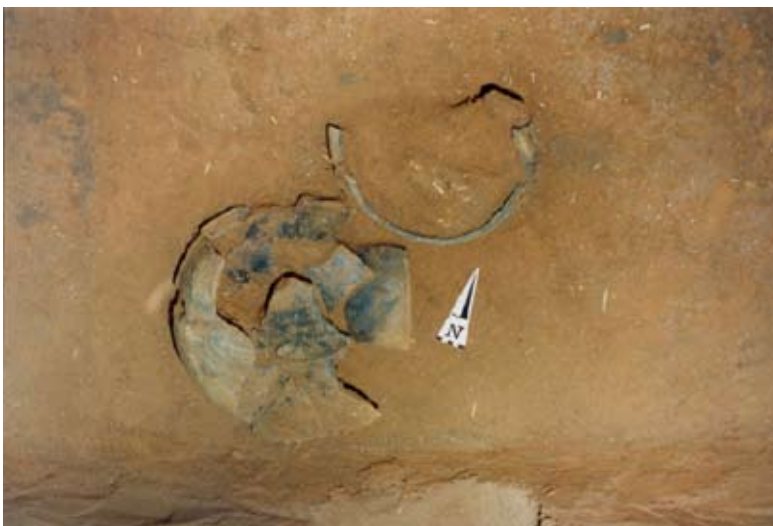


Foto 11 – Sítio de Água Limpa – Zona 1

Evidenciação de um sepultamento secundário, na Trincheira 2, dentro de uma urna de cerâmica com tampa, de indivíduo adulto.



Foto 12 – Sítio de Água Limpa – Zona 1

Evidenciação da Fogueira 1, Perfil 1, que contextualiza o preparo de alimentos: vasilhame de cerâmica fragmentada associada a carvão, a fragmentos de cerâmica, de ossos e conchas e a uma lasca, cuja datação, por Termoluminescência, resultou em 1.524 anos A.P.

INSTRUÇÕES PARA OS AUTORES

Os pesquisadores interessados em publicar na revista **Canindé** devem preparar seus originais seguindo as orientações abaixo, que serão exigências preliminares para recebimento dos textos para análise dos “referees”:

1. Os textos podem ser escritos em português, espanhol, inglês ou francês.
2. Os textos devem ser digitados no processador Microsoft Word, sem formatação dos parágrafos, do espaçamento entre linhas ou paginação com, no máximo, 25 páginas tamanho A4, encaminha-dos em disquete, com duas cópias em papel, uma das quais sem nome do(s) autor(es).
3. O disquete deve ser identificado com o sobrenome do primeiro autor e título do artigo.
4. Além do texto principal, deverão ser encaminhados abstract (ou resumé) de, no máximo 200 palavras em um só parágrafo, título em inglês ou francês, palavras chave (até 5) em português e em inglês ou francês. No caso de o texto estar em língua estrangeira, o resumo deve ser redigido em português.
5. O título deve ser digitado em maiúsculas. Um espaço abaixo dele deve(m) ser digitado(s) o(s) nome(s) do(s) autor(es) seguido(s) de sua filiação institucional e atividade ou cargo exercido, endereço para correspondência e e-mail.
6. Os subtítulos devem ser destacados no texto com um espaço antes e outro depois.
7. As tabelas devem ser digitadas em folha à parte, usando o recurso “tabela” do próprio processador utilizado para o texto. Sua posição de inserção no texto deve ser indicada como abaixo.

TABELA Nº XX

8. As figuras não deverão exceder o tamanho de 17cm x 11cm e poderão ser fornecidas sob a forma de arquivo digital (em branco e preto) ou em original em vegetal, desenhadas a nanquim pre-

to, sem moldura, com escala gráfica (no caso de cartogramas e mapas) e legendas legíveis. Os títulos não deverão estar escritos na figura, mas enviados em folha à parte. As figuras devem ser identificadas por numeração seqüencial e sua posição de inserção no texto marcada como exemplificado abaixo. Figuras coloridas poderão ser aceitas desde que o autor se responsabilize pelo custo das páginas respectivas.

FIGURA Nº XX

9. As referências bibliográficas deverão ser indicadas no texto pelo sobrenome do(s) autor(es), em maiúsculas, data e página, quando for o caso (SILVA, 1995, p. 43). Se um mesmo autor citado tiver mais de uma publicação no mesmo ano, identificar cada uma delas por letras (SILVA, 1995^a, p. 35).
10. Solicita-se evitar ao máximo notas de rodapé.
11. As referências bibliográficas (**somente as citadas no texto**) completas deverão constar ao final do texto, por ordem alfabética, obedecendo a seguinte seqüência e estilo (para maiores detalhes, consultar a NBR 6023:2000 da ABNT).

Livro

SOBRENOME, Nomes. **Título do Livro**. Local de Edição: Editora, ano da publicação.

Artigo

SOBRENOME, nomes. “Título do Artigo”. **Nome da Revista**. Local de Edição, v. volume, n. número, p. página inicial – página final, período, ano da publicação.

Capítulo de livro

SOBRENOME, Nomes (do autor do capítulo). “Título do capítulo”. In SOBRENOME, Nomes (do editor ou organizador do livro). **Título do Livro**. Local de Edição: Editora, ano de publicação. Número do Capítulo, p. página inicial – página final do capítulo.

12. É responsabilidade do autor a correção ortográfica e sintática, bem como a revisão da digitação do texto, que será publicado exatamente conforme enviado.

